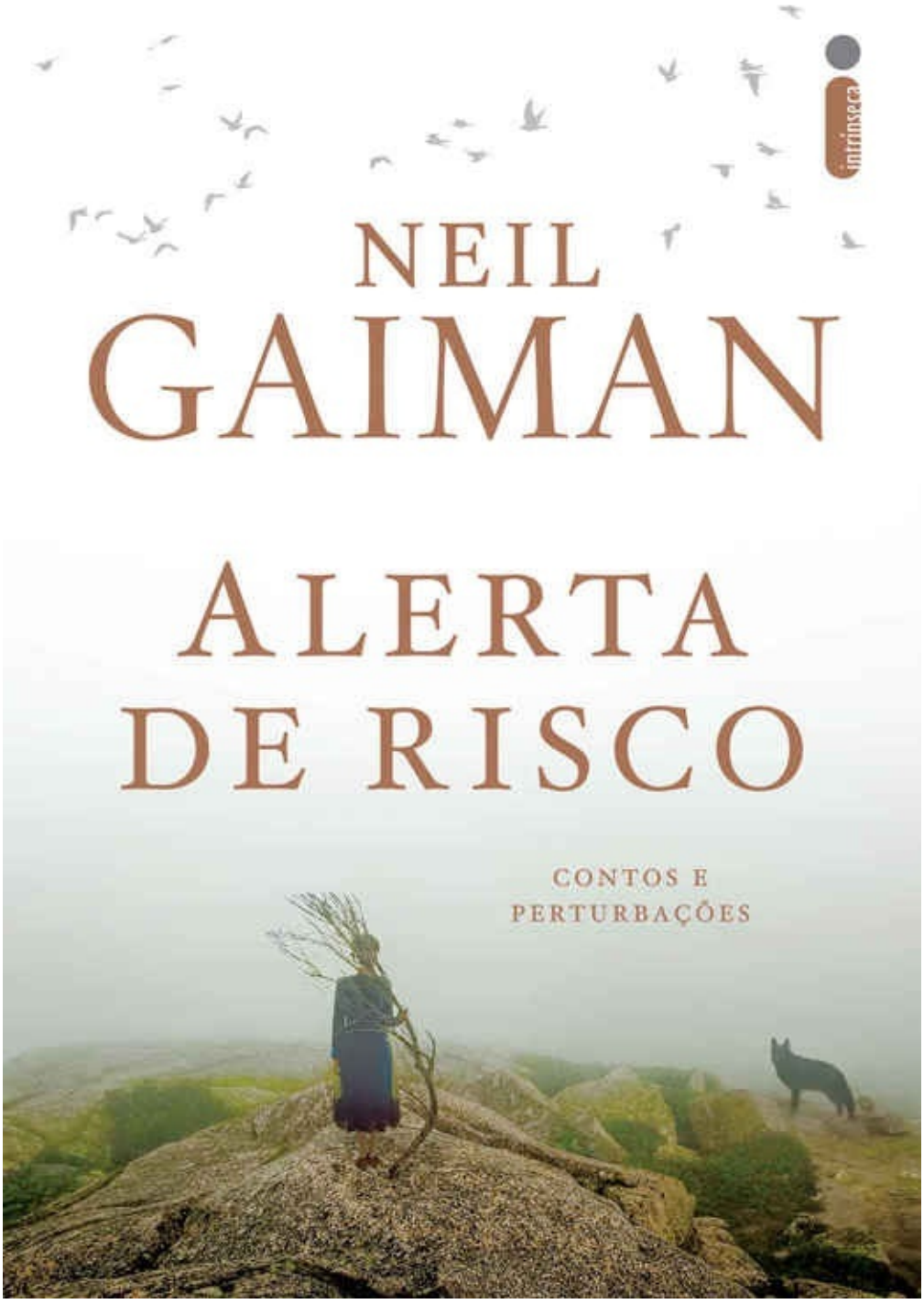
NEIL

GAIMAN

ALERTA DE RISCO

CONTOS E PERTURBAÇÕES





leLivros

DADOS DE COPYRIG HT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o obj etivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos

acadêm icos, bem com o o sim ples teste da qualidade da obra, com o fim

exclusivo de com pra futura.

É expressam ente proibida e totalm ente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer

uso com ercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dom inio publico e propriedade intelectual de form a totalm ente gratuita, por acreditar que o

conhecim ento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer

pessoa. Você pode encontrar m ais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível."

NEIL
GAIMAN

ALERTA DE RISCO

CONTOS E
PERTURBAÇÕES

TRADUÇÃO DE
AUGUSTO CALIL





Copy right © 2015 by Neil Gaim an

“Hora nenhum a” © 2013 by Neil Gaim an e BBC Worldwide Lim ited.
Publicado

originalm ente na coletânea *Doctor Who: 11 Doctors, 11 Stories*, por Puffin. BBC,

DOCTOR WHO (m arca registrada, logom arca e produtos derivados), TARDIS, DALEKS, CYBERMAN e K-9 (m arca registrada, logom arca e produtos derivados) são m arcas registradas da British Broadcasting Corporation e seu uso foi autorizado. Logom arca da BBC © BBC, 1996. Logom arca do *Doctor Who* ©

BBC, 2012. Autorizado por BBC Worldwide.

Todos os direitos reservados.

Os créditos de cada conto j á publicado estão listados aqui.

TÍTULO ORIGINAL

Trigger Warning: Short Fictions and Disturbances

PREPARAÇÃO

Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO

Ulisses Teixeira

Juliana Werneck

Ray ssa Galvão

ARTE DE CAPA

Adam Johnson

IMAGENS DE CAPA E MIOLO

Paisagem © Jennie Ross/Gallery Stock; Mulher © Bodil Frendberg/Millennium

Im ages, UK;

Pássaros/Cachorro © Ealisa/ANP/Shutterstock; Árvore com pássaros (m iolo) © Shutterstock

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

REVISÃO DE EPUB

Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0031-1

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

www.intrinseca.com .br









intrinseca.com.br

Não sei ao certo como foi que acabei trabalhando com um honorável agente literário de Hollywood que lê livros por prazer, mas foi o que aconteceu, dezoito anos atrás. Ele ainda é meu agente, ainda é honorável e ainda acha que contos são o melhor tipo de história. Este livro é para Jon Levin.

Sum ário

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Introdução

Fazendo um a cadeira

Um labirinto lunar

Detalhes de Cassandra

Às profundezas de um m ar sem sol

A verdade é um a caverna nas Montanhas Negras

Minha últim a senhoria

História de aventura

Laranj a

Um calendário de contos

Caso de m orte e m el

O hom em que esqueceu Ray Bradbury

Jerusalém

Xique-xique Chocalhos

Invocação da indiferença

“E vou chorar, com o Alexandre”

Hora nenhum a

Diam antes e pérolas: um conto de fadas

A volta do m agro Duque branco

Term inações fem ininas

Respeitando as form alidades

A Bela e a Adorm ecida

Obra de bruxa

Em *Relig Odhráin*

Cão negro

Créditos

Sobre o autor

Conheça outros títulos do autor

Introdução

I. Pequenos gatilhos

CERTAS COISAS NOS incom odam . Mas não é bem a essas que vou m e referir

aqui. Na verdade, tenho em m ente aquelas im agens, palavras ou ideias que se abrem com o alçapões sob nossos pés, nos arrancando do nosso m undo calm o e confortável para nos lançar em um m undo som brio e nada acolhedor. O coração dá um salto vertiginoso no peito, a respiração fica difícil. O sangue foge do rosto e das m ãos, nos deixando pálidos e ofegantes, em choque.

E o que aprendem os sobre nós m esm os nesses m om entos em que o gatilho é

apertado é que o passado não m orre. Certas coisas ficam à espreita, esperando pacientem ente por nós, em passagens som brias da nossa vida. Acreditam os que ficaram para trás, que as ultrapassam os, que lá vão ressecar e encolher e serão levadas pelo vento — m as estam os enganados. Elas perm aneceram lá na escuridão, à espera, se exercitando, praticando seus golpes m ais potentes, o soco im petuoso, duro e insensível no estôm ago, só aguardando o m om ento em que voltaríam os por aquele cam inho.

Os m onstros que habitam nossos arm ários e nossa cabeça j am ais deixam a escuridão, com o o m ofo que cresce sob a tábua corrida e atrás do papel de parede. E há tanta escuridão… rem essas incessantes de escuridão. O universo e seu vasto estoque de som bras.

Do que precisam os ser alertados? Todos tem os nossos pequenos gatilhos.

A prim eira vez que vi a expressão “alerta de risco” foi na internet [derivada do inglês *trigger warning*], onde é usada geralm ente quando há links para im agens ou ideias que podem ser perturbadoras e desencadear lem branças traum áticas, ansiedade ou pânico. A intenção é que as pessoas identifiquem essas im agens e ideias em m eio a outros conteúdos e possam evitá-las ou se preparar m entalm ente para se deparar com tais gatilhos.

Fiquei fascinado quando soube que os alertas de risco tinham cruzado a fronteira que separa a internet do m undo tangível. Muitas universidades estavam

considerando incluir alertas de risco em livros, obras de arte e film es, para precaver os estudantes contra o que os esperava. A ideia m e pareceu ao m esm o tem po atraente (é claro que desej am os inform ar pessoas suscetíveis de que algo pode vir a perturbá-las) e preocupante: *Sandman* foi publicado originalm ente com o um quadrinho m ensal, que sem pre trazia um aviso ao m undo dizendo que era *conteúdo adulto*, e isso m e parecia adequado. Era um recado para os leitores em potencial, inform ando que aquilo não se tratava de um quadrinho infantil e que continha im agens ou ideias possivelm ente perturbadoras e sugerindo que o leitor adulto (sej a lá quem se encaixe nessa categoria) lidaria sozinho com as consequências. Quanto ao que haveria ali de perturbador, chocante ou capaz de suscitar pensam entos incom uns, eu achava que avaliar isso era responsabilidade do leitor. Se som os adultos, cabe a nós decidir o que querem os ler ou não.

Na m inha opinião, o que escolhem os ler quando adultos deveria vir sem nenhum alerta, ou, no m áxim o, com um "prossiga por sua própria conta e risco".

Precisam os descobrir o que é a ficção, encontrar o significado de um a experiência que será diferente da experiência de qualquer outra pessoa. Construím os as histórias na nossa m ente. Pegam os palavras e lhes conferim os poder, e nos colocam os atrás de outros olhos, enxergando e vivenciando o que os outros veem . Eu m e pergunto: *A ficção é um lugar seguro?* E, em seguida:

Deveria ser? Quando criança, li algum as histórias que, depois de term inar, lam entei tê-las encontrado, pois não estava pronto e elas m e deixaram transtornado: histórias que continham desam paro extrem o, ou que m ostravam pessoas sendo constrangidas ou m utiladas, em que adultos eram retratados com o vulneráveis e pais em nada podiam aj udar. Essas histórias m e perturbaram e assom braram m eus sonhos — os noturnos e os diurnos —, provocando em m im preocupação e incôm odo em níveis profundos, m as tam bém m e ensinaram que, ao ler ficção, eu só descobriria os lim ites da m inha zona de conforto se saísse dela. Hoj e, j á adulto, eu não optaria por não as ter lido, nem se pudesse.

Ainda há coisas que m e perturbam profundam ente quando encontro essas histórias, sej a na internet, no texto ou no m undo. Nunca se tornam m ais fáceis, nunca deixam de fazer m eu coração bater m ais forte, nunca m e perm item escapar ileso. No entanto, elas m e ensinam , abrem m eus olhos e, se m e m achucam , o fazem de m aneira que m e leva a pensar, crescer e m udar.

Ao ler a respeito daqueles debates universitários, m e perguntei se um dia m inhas obras de ficção viriam acom panhadas de um alerta de risco. Será que haveria j ustificativa para tanto? Então, decidi colocá-lo antes que alguém o fizesse.

Este livro, assim com o a vida, contém elem entos capazes de perturbá-lo. Aqui

você vai encontrar m orte e dor, lágrim as e desconforto, violência de todos os tipos, crueldade e até abuso. Há tam bém gentileza de vez em quando, espero. Até um punhado de finais felizes. (Afinal, poucas histórias term inam m al para todos os participantes.) E m ais: conheço um a m ulher cham ada Rocky que tem forte sensibilidade a tentáculos e realm ente precisa de alertas para coisas que contenham tentáculos, especialm ente tentáculos com ventosas, e que, se encontrar um pedaço inesperado de lula ou polvo, vai se esconder atrás do sofá m ais próxim o, trem endo. Há um tentáculo im enso em algum lugar nestas páginas.

Muitas das histórias term inam m al para pelo m enos um dos envolvidos.

Considere-se alertado.

II. Procedim entos de segurança para o voo

ÀS VEZES, IMENSAS verdades são proferidas em contextos inusitados. Eu viaj o dem ais de avião — um a ideia e um a frase que eu seria incapaz de com preender na j uventude, quando cada voo era um evento em polgante e m ilagroso, quando eu olhava pela j anela e im aginava que as nuvens eram um a cidade ou um m undo, algum lugar onde eu pudesse cam inhar tranquilam ente. Mas m esm o hoj e, no início de cada voo, m e vej o m editando e ponderando sobre os conselhos

oferecidos pela tripulação com o se fossem um *koan*, um a pequena parábola ou o

ápice de toda a sabedoria hum ana.

Os com issários de bordo dizem :

Coloque sua máscara antes de ajudar os outros.

E penso em nós, todo m undo, e nas m áscaras que usam os, as m áscaras atrás

das quais nos escondem os e aquelas que revelam os. Im agino as pessoas fingindo

ser o que não são e descobrindo que os outros são m uito m ais e m uito m enos do

que o papel que representam e do que a im aginação perm ite conceber. Então

penso na necessidade de aj udar os outros, em com o nos m ascaram os para fazer

isso e em com o nos tornam os vulneráveis se tiram os a m áscara…

Estam os todos usando m áscaras. É isso que nos torna interessantes.

Estas histórias tratam dessas m áscaras e dos indivíduos que vivem sob elas.

Nós, escritores, que vivem os da ficção, som os um *continuum* daquilo que

vim os e ouvim os e, ainda m ais im portante, de tudo o que lem os.

Tenho am igos que esbravej am , rosnam e explodem de frustração porque as

pessoas não conhecem as referências, não sabem o que está sendo indicado,

esqueceram autores, histórias e m undos. Tendo a observar isso de um a

perspectiva diferente: tam bém j á fui um a folha em branco, esperando pela

escrita. Foram as histórias que m e ensinaram sobre as coisas e pessoas, e foram

as histórias que m e apresentaram outros autores.

Muitos dos contos deste livro — talvez a m aioria — fazem parte desse m esm o *continuum*. Existem porque outros autores, outras vozes, outras m entes existiram .

Espero que você não se im porte se, nesta introdução, eu aproveitar a oportunidade para indicar alguns dos autores e lugares sem os quais estas histórias talvez j am ais vissem a luz do dia.

III. Pura sorte

ESTA É MINHA terceira coletânea de contos, e sei com o tenho sorte por isso. Cresci adorando e respeitando os contos. Eu os via com o as m ais puras e m ais perfeitas criações possíveis: nos m elhores, nenhum a palavra era desperdiçada. Um autor fazia um gesto com a m ão e subitam ente surgia um m undo, pessoas, ideias. Um início, um m eio e um fim que nos levavam aos confins do universo e nos traziam de volta. Eu adorava todos os tipos de coletâneas de contos, desde as histórias de fantasm as e terror que eu lia quando m enino até as autorais, que reform ulariam tudo dentro da m inha cabeça.

Minhas coletâneas favoritas não m e davam apenas os contos, tam bém m e contavam coisas a respeito das histórias ali contidas e da própria arte da escrita. Eu respeitava os autores que não escreviam introduções, m as não conseguia am á-los — não com o am ava os autores que m e faziam entender que cada um dos contos da antologia fora escrito e de fato inventado palavra por palavra,

registrado por um ser hum ano que pensava, respirava, andava e, provavelm ente,

cantarolava no banho, com o eu.

Dizem no m ercado editorial que as coletâneas de contos não vendem bem .

Geralm ente são vistas com o proj etos vaidosos e publicadas por editoras m enores,

não recebem o m esm o tratam ento que os rom ances. Para m im , no entanto, os

contos são os espaços em que posso alçar voo, experim entar, brincar. Tenho a

oportunidade de com eter erros e em barcar em pequenas aventuras, e o processo

de reunir um a coletânea com o esta é ao m esm o tem po assustador e

esclarecedor: quando reúno histórias, tem as se m ostram recorrentes, ganhando

novos contornos e m ais clareza. Descubro qual foi o tem a dos textos que escrevi

na década anterior.

IV. Pedido geral de desculpas

ACREDITO FIRMEMENTE QUE as coletâneas de contos devem trabalhar a

m esm a m atéria do início ao fim . Não devem , de m odo desordenado e aleatório,

reunir histórias que obviam ente não foram criadas para estar entre as m esm as

capa e quarta capa. Em resum o, não devem ser histórias de terror e fantasm as,

ficção científica e contos de fadas, fábulas e poesia, tudo no m esm o lugar.

Devem ser respeitáveis.

Esta coletânea não passa nesse teste.

Por isso e por tantos outros m otivos, solicito sua com placência e seu perdão, e espero apenas que em algum lugar destas páginas você encontre um a história que talvez j am ais chegasse a ler de outra form a. Vej a. Eis um a bem pequena, esperando por você agora m esm o:

Sombreador

ALGUMAS CRIATURAS CAÇAM. Outras colhem frutos das árvores. Um Som breador não: ele espreita. É verdade que de vez em quando eles tam bém se escondem . Mas, em geral, apenas espreitam .

Um Som breador não faz teias. O m undo é sua teia. Um Som breador não cava tocas. Se você está aqui, é porque j á caiu em sua arm adilha.

Alguns anim ais perseguem você, correm velozes com o o vento, incansáveis, até fincar as garras em sua carne e arrastá-lo para as profundezas. Um Som breador não persegue. Eles sim plesm ente vão até o lugar onde você estará quando a perseguição chegar ao fim e ali m ontam vigília, em algum lugar escuro e indeterm inado. Eles encontram o lugar derradeiro e esperam pelo tem po que for necessário, até aquele se tornar o últim o lugar para onde você olha, e então você o vê.

É im possível se esconder de um Som breador. Eles estavam ali prim eiro. É im possível correr de um Som breador. Ele nos espera no fim da nossa j ornada. É im possível lutar contra um Som breador, pois eles são pacientes e se dem oram

até o últim o dos dias, o dia em que o espírito de com bate j á não está m ais com você, o dia em que cansou de lutar, o dia em que o últim o golpe foi desferido, a últim a facada foi dada, a últim a palavra cruel foi dita. Então, e só então, um Som breador sai de seu esconderij o.

Eles não com em nada que não estej a pronto para ser devorado. Olhe para trás agora.

V. Do conteúdo deste livro

BEM-VINDO A ESTAS páginas. A partir daqui você pode ler a respeito dos contos que vai encontrar neste livro ou pode pular esta parte, ler as histórias e só então voltar para ver o que tenho a dizer sobre elas. Por m im , tanto faz.

Fazendo uma cadeira

HÁ DIAS EM que as palavras não vêm . Quando isso acontece, norm alm ente tento revisar algo que j á existe. Naquele dia, fiz um a cadeira.

Um labirinto lunar

CONHECI GENE WOLFE há m ais de três décadas, quando eu era um j ornalista

de vinte e dois anos e o entrevistei a respeito de seu rom ance em quatro partes, *The Book of the New Sun*. No decorrer dos cinco anos seguintes, nos tornam os am igos, e continuam os am igos desde então. Ele é um bom hom em e um ótim o

escritor, profundo, sem pre com plicado, sem pre sábio. Seu terceiro rom ance, *Peace*, escrito quando eu era praticam ente um m enino, é um dos m eus

preferidos. Seu rom ance m ais recente, *The Land Across*, foi o que li com m ais prazer em 2014, tão desnorteador e perigoso quanto suas outras obras.

Um dos m elhores contos de Gene, “A Solar Laby rinth”, trata de um labirinto feito de som bras, e é m ais som brio do que sua superfície perm ite ver.

Escrevi essa história para Gene. Se existem labirintos solares, deve haver tam bém labirintos lunares, assim com o um autor com o Wolfe para uivar para a lua.

Detalhes de Cassandra

QUANDO EU TINHA cerca de catorze anos, era m uito m ais fácil im aginar um a nam orada do que ter um a de verdade — afinal, para isso eu teria que falar com um a m enina. Então, decidi escrever o nom e de um a garota na capa dos m eus cadernos e negar tudo quando m e perguntassem quem era. Im aginei, ingenuam ente, que assim todos pensariam que eu tinha m esm o um a nam orada.

Acho que não funcionou. Jam ais cheguei a criar outros atributos dela além do nom e.

Escrevi esse conto em agosto de 2009, na Ilha de Sky e, enquanto m inha então nam orada, Am anda, dorm ia para tentar se recuperar de um a gripe. Quando ela acordava, eu lhe levava sopa e bebidas com m el e lia para ela o que escrevera. Não sei ao certo de quanto Am anda se lem bra.

Dei essa história a Gardner Dozois e George R. R. Martin para a antologia

Songs of Love and Death e fiquei extrem am ente aliviado quando eles dem onstraram ter gostado.

Às profundezas de um mar sem sol

O JORNAL *The Guardian* estava celebrando o Dia Mundial da Água com um a sem ana de reportagens sobre o tem a. Eu estava em Austin, Texas, durante o festival South by Southwest, gravando os audiolivros de *O oceano no fim do caminho* e m inha prim eira coletânea de contos, *Fumaça e espelhos*.

Estava pensando no Grand Guignol, em m onólogos de partir o coração proferidos por artistas solitários diante de um público atento, e lem brando algum as das histórias m ais dolorosas de *The Newgate Calendar*. E em Londres, na chuva, m uito longe do Texas.

A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras

HÁ HISTÓRIAS QUE construím os e há histórias que m ontam os, e há, ainda, as histórias que arrancam os da pedra, rem ovendo tudo que não faz parte dela.

Eu queria organizar um a antologia de histórias que form assem leituras excelentes, talvez com um quê de fantasia ou ficção científica, m as que, acim a de tudo, m antivessem as pessoas com os olhos grudados nas páginas. Al Sarrantonio foi m eu coeditor no proj eto, e o batizam os de *Stories* — que talvez tivesse sido um bom título antes do advento do Google. Organizar o livro não era o bastante; eu precisava escrever um conto exclusivo.

Visitei m uitos lugares peculiares no m undo, lugares capazes de agarrar com

força sua consciência e sua alm a sem deixá-las escapar. Alguns desses lugares

são exóticos, outros são com uns. O m ais estranho de todos, ao m enos para m im ,

é a Ilha de Sky e, na costa oeste da Escócia. E sei que não sou o único. Há pessoas

que descobrem Sky e e não a deixam m ais, e, m esm o para aqueles que vão

em bora, com o eu, a brum osa ilha se aferra a nós e nos assom bra à sua m aneira.

É o lugar onde fico m ais feliz e onde estou m ais sozinho.

Otta F. Swire escreveu livros a respeito das ilhas Hébridas, Sky e em particular,

e os encheu com conhecim entos estranhos e arcanos. (Sabia que três de m aio é o

dia em que o diabo foi expulso do paraíso e que, por isso, é im perdoável com eter

crim es nessa data? Aprendi isso no livro dela sobre os m itos das Hébridas.) E, em

outro de seus livros, a autora m encionava a caverna nas m ontanhas Black Cuillins

onde os coraj osos poderiam buscar ouro, sem nenhum custo, m as cada visita à

caverna os tornaria m ais m alignos, devorando sua alm a.

Aquela caverna e sua prom essa com eçaram a m e assom brar.

Reuni várias histórias verídicas (ou ao m enos que as pessoas alegam ser

verídicas, o que dá quase no m esm o), entreguei-as a dois personagens, coloquei-

os num m undo que era quase o nosso m as não exatam ente e contei um a história

sobre vingança e sobre viagem , sobre cobiça por ouro e sobre segredos. Essa história ganhou o prêm io Shirley Jackson de m elhor rom ance curto (*Stories* ganhou com o m elhor antologia) e o Locus, de m elhor rom ance curto. Fiquei m uito orgulhoso dela.

Antes da publicação, eu ia m e apresentar no palco da Sy dney Opera House, e perguntaram se eu poderia fazer algo com o quarteto de cordas australiano FourPlay (eles são o que há de m ais rock'n'roll entre os quartetos de cordas, um grupo incrível e versátil cultuado pelos fãs): talvez algo envolvendo arte que pudesse ser proj etada no palco.

Pensei em *A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras*: seriam necessários cerca de setenta m inutos para ela ser lida por com pleto. Im aginei o que aconteceria se um quarteto de cordas criasse um a trilha sonora gloriosa e som bria para tocar enquanto eu a narrava, com o se fosse um film e. E se o artista

escocês Eddie Cam pbell — que desenhou *Do inferno*, de Alan Moore, e que escreveu e ilustrou *Alec*, m inha obra em quadrinhos preferida — criasse peças que representassem visualm ente aquela m inha história tão escocesa e as proj etasse acim a de m im enquanto eu a lia?

Tive m edo de subir no palco da Sy dney Opera House, m as a experiência foi incrível: a história foi aplaudida de pé, e dem os sequência ao evento com um a

entrevista (Eddie Cam pbell foi o entrevistador) e um poem a, tam bém com o FourPlay.

Seis m eses depois, repetim os a apresentação com m ais pinturas de Eddie, em Hobart, Tasm ânia, diante de três m il pessoas, sob a im ensa tenda de um festival.

Mais um a vez, o público adorou.

Tínham os então um problem a. As únicas pessoas que assistiram às nossas apresentações estavam na Austrália. Isso m e parecia inj usto. Precisávam os de um pretexto para viaj ar, levar o quarteto FourPlay para rodar o m undo (são m úsicos brilhantes e conhecedores da cultura pop: m e apaixonei pela versão deles do tem a de *Doctor Who* antes m esm o de conhecê-los). Felizm ente, Eddie Cam pbell tinha pegado suas pinturas e m uitas outras que fizera desde então e as com binado com o texto de um a m aneira que o resultado ficou entre um a história ilustrada e um a graphic novel. A HarperCollins a publicaria nos Estados Unidos e a Headline Publishing, na Grã-Bretanha.

Partim os em turnê — o FourPlay, Eddie e eu. Visitam os São Francisco, Nova York, Londres e Edim burgo. Fom os aplaudidos de pé no Carnegie Hall, e não há sensação m uito m elhor do que essa.

Ainda m e pergunto até que ponto eu escrevi essa história e até que ponto ela

estava sim plesm ente esperando por m im , com o as rochas cinzentas que j azem

feito ossos nas colinas baixas de Sky e.

Minha última senhoria

ESSE CONTO FOI escrito para um a publicação da World Horror Convention, que naquele ano foi realizada em Brighton. Hoj e em dia, Brighton é um a m etrópole costeira agitada, artística, positiva e anim adora, m as quando eu era m enino e íam os lá fora de tem porada, o lugar era deprim ente, frio e hom icida. Obviam ente, essa história se passa na Brighton j á desaparecida, não na atual. Hoj e em dia não há por que ter m edo de se hospedar em um a pousada na cidade.

História de aventura

IRA GLASS ME pediu para escrever um a história para o program a de rádio *This*

American Life. Ele gostou, m as os produtores, não, e por isso escrevi a eles um artigo a respeito de com o "as aventuras têm seu lugar e estão m uito bem nele, m as há m uito a ser dito a respeito das refeições em horários regulares e um a vida resguardada de sofrim ento". A história acabou publicada na *McSweeney's Quarterly*.

Naquela época, eu andava pensando m uito na m orte e em com o as pessoas levam consigo suas histórias quando m orrem . Esse conto é um a espécie de com panheiro do m eu rom ance *O oceano no fim do caminho*, acho, ao m enos

nesse aspecto.

Laranja

JONATHAN STRAHAN É um bom hom em e um ótim o editor. Mora em Perth, na Austrália Ocidental. Tenho o péssim o hábito de partir seu coração escrevendo algo para um a antologia organizada por ele e, em seguida, pegando o texto de volta. Sem pre tento com pensar escrevendo outra coisa. Essa história é um a dessas outras coisas.

A form a com o se conta um a história é tão im portante quanto o sim ples ato de contá-la, em bora as form as das narrativas costum em ser m ais sutis do que a escolhida para esse conto. Eu tinha um a história na cabeça, m as foi apenas quando pensei na estrutura de um questionário que tudo se encaixou. Escrevi nos aeroportos e no avião a cam inho da Austrália, onde participaria do Sidney Writer's Festival, e, cerca de um dia depois de chegar, eu a li para um público de m uitas pessoas e para m inha pálida e assustada afilhada, Hay ley Cam pbell, cuj as queixas por causa das m anchas alaranj adas na geladeira podem ter servido de inspiração para esse conto.

Um calendário de contos

ESSA FOI UMA das coisas m ais estranhas e gratificantes que fiz nos últim os anos.

Quando eu era j ovem , lia com deleite os contos de Harlan Ellison. Adorava

suas histórias na m esm a m edida que adorava seus relatos de com o tinham sido escritas. Aprendi m uito com ele, m as o que provocou o m aior im pacto em m im

em suas introduções foi j ustam ente a ideia de que escrever histórias era botar a m ão na m assa. Com parecer ao trabalho e cum prir sua função.

Isso nunca m e pareceu m ais óbvio do que quando Harlan explicava que havia escrito tal e tal contos sentado na vitrine de um a livraria, ou enquanto falava ao vivo no rádio, ou em situação sem elhante; que as pessoas tinham sugerido títulos

e palavras. Ele estava m ostrando ao m undo que literatura é um ofício, não m agia. Em algum lugar, alguém estava sentado escrevendo. Adorei a ideia de tentar produzir algo estando na vitrine de um a loj a.

Porém , pensei, o m undo m udou. Hoj e em dia, é possível ter um a vitrine que perm ita que centenas de pessoas encostem o rosto no vidro e assistam enquanto você trabalha.

A BlackBerry m e consultou para saber se eu estaria disposto a fazer um proj eto de m ídia social, qualquer coisa que eu quisesse, e m e pareceu bastante satisfeita quando indiquei que gostaria de escrever “Um calendário de contos”, cada história partindo de respostas a um a m ensagem no Twitter a respeito dos m eses do ano — perguntas com o “Por que j aneiro é perigoso?”, “Qual foi a coisa m ais estranha que você j á viu em j ulho?” (alguém cham ado @m endozacarla respondeu “Um iglu feito de livros”, e eu soube qual seria

m inha história), “Quem você gostaria de rever em dezem bro?”.

Fiz as perguntas, recebi dezenas de m ilhares de respostas e escolhi doze.

Escrevi as doze histórias (m arço foi o prim eiro; dezem bro, o últim o) e convidei as pessoas a criar sua própria form a de arte com base no que eu havia escrito. Cinco curtas-m etragens foram feitos sobre o processo, e tudo foi m ostrado em blogs e m ensagens do Twitter e posto no m undo de graça, na internet. Foi um a alegria criar histórias em público. Harlan Ellison não é m uito fã de Twitter e afins, m as lhe telefonei quando o proj eto term inou, disse que tinha sido culpa dele e que esperava que aquilo inspirasse alguém tanto quanto seus contos de vitrine de livraria m e haviam inspirado.

(Minha m ais sincera gratidão a @zy blonius, @TheAstralGy psy , @MorgueHum or, @_NikkiLS_, @StarlingV, @DKSakar, @m endozacarla, @gabiottasnest, @TheGhostRegion,

@elainelowe,

@MeiLinMiranda

e

@Gem initm , por seus tweets inspiradores.)

Caso de morte e mel

DESCOBRI AS HISTÓRIAS de Sherlock Holm es quando era m enino e m e apaixonei por elas. Nunca esqueci Holm es nem o form idável dr. Watson, cronista de seu trabalho de detetive, nem My croft Holm es, irm ão de Sherlock, nem Arthur Conan Doy le, a m ente por trás de tudo. Eu adorava o racionalism o, a ideia de um a pessoa inteligente e observadora ser capaz de partir de um a série de pistas e com elas construir um m undo. Adorava desvendar quem eram aquelas pessoas, um a história de cada vez.

Holm es dava cor a tudo. Quando com ecei a criar abelhas, sem pre tive a consciência de estar apenas seguindo os passos do grande detetive. Mas eu m e perguntava por que ele tinha com eçado na apicultura. Afinal, entre os hobbies para aposentados, esse não é o que m ais ocupa o tem po. E Sherlock Holm es nunca ficava feliz se não estivesse trabalhando em um caso: indolência e inatividade eram a m orte para ele.

Conheci Les Klinger na prim eira reunião dos Baker Street Irregulars à qual com pareci, em 2002. Gostei m uito dele. (Gostei de todos: hom ens e m ulheres

que, quando não se ocupavam de ser em inentes j uristas, j ornalistas, cirurgiões e

perdulários, tinham escolhido acreditar que em algum lugar era sem pre 1889 no

núm ero 221b da Baker Street e que a sra. Hudson logo subiria com o chá, levando

algum cliente im portante).

Essa história foi escrita para Les e para a coletânea de Laurie King *A Study in Sherlock*. Foi inspirada em um a j arra de m el branco com o a neve que m e foi oferecida perto de um a m ontanha na China.

Foi escrita no decorrer de um a sem ana, em um quarto de hotel, enquanto m inha esposa, m inha filha m ais nova e um a am iga dela estavam na praia.

“Caso de m orte e m el” foi indicado para os prêm ios Anthony, Edgard e para o Silver Dagger da Crim e Writers’ Association. O fato de não ter ganhado nenhum

deles não m e fez m enos feliz: eu nunca tinha sido indicado para um prêm io na categoria policial, e isso dificilm ente voltará a acontecer.

O homem que esqueceu Ray Bradbury

ESQUECI MEU AMIGO. Ou m elhor, eu m e lem brava de tudo sobre ele, exceto

o nom e. Ele m orrera havia m ais de um a década. Eu m e lem brava de nossas conversas ao telefone, nosso tem po j untos, sua m aneira de falar e gesticular, os livros que escrevera. Decidi que não iria à internet pesquisar. Sim plesm ente lem braria. Cam inhei tentando rem em orar seu nom e e com ecei a m e sentir

assom brado pela ideia de que seria com o se ele j am ais tivesse existido caso eu não conseguisse lem brar. Bobagem , eu sabia, m as ainda assim …

Escrevi “O hom em que esqueceu Ray Bradbury ” com o um presente de nonagésim o aniversário para Ray Bradbury e com o um m odo de com entar o im pacto que ele teve sobre m im — não só quando eu era m enino, m as quando adulto — e, no lim ite de m inhas capacidades, tam bém aquilo que ele fizera pelo m undo. Esse conto é um a carta de am or, um agradecim ento e um presente de aniversário a um autor que m e fez sonhar, que m e ensinou a respeito das palavras e daquilo que podiam realizar e nunca m e decepcionou enquanto leitor ou pessoa.

Minha editora na William Morrow, Jennifer Brehl (ela trabalhou neste livro e em todos os outros que fiz para o público adulto desde *Os filhos de Anansi*), se aproxim ou da cam a de Bradbury e leu a história em voz alta. A m ensagem de agradecim ento que o autor m e enviou em vídeo significou m uito para m im .

Meu am igo Mark Evanier m e disse que conheceu Ray Bradbury ainda m enino, aos onze ou doze anos. Quando Bradbury descobriu que Mark queria ser escritor, convidou-o a visitar seu escritório e passou m etade do dia explicando a ele o m ais im portante: se quer ser escritor, é preciso escrever. Todos os dias. Estando com vontade ou não. Não se pode escrever um só livro e parar. Escrever é um trabalho, m as é o m elhor tipo de trabalho. Mark cresceu e se tornou

escritor, do tipo que tira o próprio sustento da escrita.

Ray Bradbury era de fato alguém que dedicaria m etade de seu dia a um m enino interessado em se tornar escritor.

Descobri suas histórias quando era criança. A prim eira foi “Hom ecom ing”, sobre um a criança hum ana que vivia em um m undo do tipo *A família Addams* e só queria se sentir norm al. Foi a prim eira vez que um a história m e tocou tão profundam ente. Havia um exem plar de *The Silver Locusts* (título britânico de *As crônicas marcianas*) j ogado em casa; eu li, adorei e com prei tudo de Bradbury disponível na livraria itinerante que se instalava na m inha escola um a vez a cada ano letivo. Foi com Bradbury que aprendi sobre Poe. Havia poesia nos contos, e não im portava que m e escapasse tanta coisa: o que eu aproveitava das histórias bastava.

Alguns autores que li e apreciei m uito quando m enino m e desapontaram quando cheguei à idade adulta; Bradbury, j am ais. Suas histórias de terror continuaram arrepiantes; suas fantasias som brias, fantasticam ente assom bradas; sua ficção científica (ele nunca se im portou com a ciência, apenas com as pessoas, daí suas histórias funcionarem tão bem), um a experiência de deslum bre tão forte quanto tinha sido quando eu era criança.

Ele era um bom escritor e escreveu bem em m uitos gêneros. Foi um dos

prim eiros autores de ficção científica a ser elevado dos fanzines para os livros. Escreveu roteiros para film es de Holly wood. Bons film es foram produzidos a partir de seus rom ances e contos. Muito antes de eu m e tornar escritor, outros j á
se espelhavam em Bradbury.

As histórias de Ray Bradbury exerciam um efeito especial — que não resultava do tem a, m as da atm osfera, da linguagem , de algum tipo de m agia escapando para o m undo. *A morte é uma transação solitária*, seu rom ance policial, é um a história tão típica de Bradbury quanto *Algo sinistro vem por aí* e *Fahrenheit 451* ou qualquer outra obra de suas obras de terror, ficção científica, realism o m ágico ou o realism o das coletâneas de contos. Ele era um gênero em si — e em seus próprios term os. Jovem de Waukegan, Illinois, que foi para Los Angeles, estudou sozinho em bibliotecas e escreveu até ser bom nisso, ele transcendeu os gêneros e se converteu num gênero de um só autor, com frequência em ulado, m as absolutam ente inim itável.

Conheci-o quando eu era um j ovem autor e ele estava na Grã-Bretanha para celebrar seu septuagésim o aniversário, com em orado no Museu de História Natural. Tornam o-nos am igos de um a m aneira estranha, inusitada: sentando lado
a lado nas sessões de autógrafos de livros, nos eventos. Por anos, eu sem pre estava lá, ouvindo suas palavras. Às vezes eu o apresentava à plateia. Fui o m estre de cerim ônias quando ele recebeu o Grand Master Award da Science

Fiction and Fantasy Writers of Am erica: Bradbury contou que um dia viu um a criança ser provocada pelos am igos pois queria um brinquedo que os outros diziam que era para crianças m ais novas, e que teve vontade de persuadir a criança a ignorar os am igos e brincar com o brinquedo m esm o assim .

Falava das praticidades da vida de um autor (“É necessário escrever!”, dizia ele. “Escrever todos os dias! Ainda escrevo todo dia!”) e de ser um a criança por dentro (dizia ter m em ória fotográfica, desde os tem pos de bebê, e talvez tivesse m esm o), da alegria, do am or.

Era doce e gentil, com aquela afabilidade do Meio-Oeste am ericano que é algo positivo, e não ausência de personalidade. Era entusiasm ado, e parecia que o entusiasm o sem pre lhe daria forças para seguir em frente. Gostava de verdade das pessoas. Fez do m undo um lugar m elhor, assim com o deixou no m undo lugares m elhores: as areias verm elhas e os canais de Marte, os Dias das Bruxas do Meio-Oeste, as cidades pequenas e os som brios parques de diversões. E continuou escrevendo.

“Olhando para a vida, em retrospectiva, vem os que o am or era a resposta para tudo”, disse Ray certa vez, num a entrevista.

Ele deu às pessoas m uitos m otivos para am á-lo. Nós am am os. E, até hoj e, não o esquecem os.

Jerusalém

ESSE CONTO FOI encom endado pela BBC para a William Blake Week. Pediram

que eu escrevesse algo inspirado num poem a de Blake para ser lido na Radio Four.

Eu tinha visitado Jerusalém havia pouco tem po e im aginei o que seria realm ente necessário para erguê-la na terra verde e agradável da Inglaterra. E que tipo de pessoa desej aria fazê-lo.

Invento m uitas coisas, m as a síndrom e de Jerusalém é real.

Xique-xique Chocalhos

ESCREVI ESSE CONTO na casa dos am igos Peter Nicholls e Clare Coney, em Surrey Hills, Melbourne, Austrália. Era Natal. Estranham ente, apesar das tem peraturas altíssim as, foi um Natal branco: um a chuva densa de granizos do tam anho de bolas de gude caiu durante a ceia e cobriu o gram ado dos Coney - Nicholls. Escrevi o conto para um livro sobre novos m onstros organizado por Kasey Lansdale, m as foi lançado prim eiro com o audiolivro, pela Audible, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. A em presa distribuiu a história de graça no Dia das Bruxas e reverteu o núm ero de downloads em doações em dinheiro para causas sociais. Assim , todos ficaram felizes, m enos os que escutaram a história no m eio da noite e tiveram que sair acendendo todas as luzes de casa.

A casa do conto é inspirada na de m inha am iga Tori, em Kinsale, Irlanda, que

obviam ente não é de fato m al-assom brada, e, provavelm ente, o som de um a pessoa arrastando arm ários no andar de cim a quando estam os no andar de baixo, sozinhos, é algo que as casas velhas fazem quando acham que ninguém está olhando.

Invocação da indiferença

AS CRIANÇAS SÃO im pelidas por um a sensação de inj ustiça que perdura conform e envelhecem os; no entanto, tentam os enterrá-la. Ainda m e ressinto do fato de, quase quatro décadas atrás, quando eu tinha quinze anos, ter escrito um conto para m inha aula de inglês que teve a nota rebaixada de A para C com um com entário do professor, à guisa de explicação, dizendo que era: "Dem asiadam ente original. Com certeza foi copiado de algum lugar." Muitos anos depois, peguei a ideia que m ais ne agradava naquele conto e a transform ei nessa história. Tenho certeza de que a ideia era original, m as senti prazer em colocá-la num a história dedicada a Jack Vance e situada no m undo de *A agonia da Terra*.

Autores m oram em casas construídas pelos outros.

Eram gigantes, os hom ens e as m ulheres que fizeram as casas que habitam os. Com eçaram num a terra desolada e construíram a Ficção Especulativa, sem pre deixando a construção inacabada para que aqueles que chegassem após sua partida pudessem acrescentar um côm odo, ou outra história. Clark Ashton Sm

ith

fundou os alicerces das narrativas de *A agonia da Terra*, e então veio Jack Vance,

que as ergueu, altas e gloriosas, construindo um m undo no qual toda ciência passa

a ser m agia, bem no fim de tudo, com o sol em itindo um brilho fraco e se

preparando para m orrer.

Descobri *A agonia da Terra* quando tinha treze anos, num a antologia cham ada

Flashing Swords. A história se cham ava “Morreion” e m e fez com eçar a sonhar.

Encontrei um a edição de bolso britânica de *A agonia da Terra*, repleta de

estranhos erros de im pressão, m as as histórias estavam ali, e eram tão m ágicas

quanto “Morreion”. Em um sebo escuro onde hom ens de sobretudo com pravam

pornografia de segunda m ão, encontrei um exem plar de *The Eyes of the Overworld* e pequenos livros em poeirados de contos — “The Moon Moth” é o

conto de ficção científica de construção m ais perfeita j á escrito, im pressão que

tive na época e tenho até hoj e. Os livros de Jack Vance com eçavam a ser

publicados na Grã-Bretanha naquela época, e, de repente, tudo que eu tinha que

fazer para ler Jack Vance era com prá-los. Foi o que fiz: *Star King: A saga dos príncipes-demônios*, a trilogia *Alastor* e o restante. Adorava as digressões,

adorava sua im aginação e, principalm ente, adorava sua m aneira de escrever

tudo aquilo: com sarcasm o, graça, divertindo-se com o se divertiria um deus, m as

nunca de m aneira a dim inuir aquilo que escrevia — com o fazia Jam es Branch Cabell, m as com o coração além do cérebro.

De tem pos em tem pos, reparo que estou criando um a frase ao estilo de Vance e sem pre fico feliz quando o faço — m as ele não é um escritor que eu ousaria im itar. Não acho que sej a im itável. São bem poucos os autores que eu adorava aos treze anos que consigo m e im aginar revisitando daqui a outros vinte anos. Vou

reler Jack Vance para sem pre.

“Invocação da indiferença” recebeu o Locus de m elhor conto, algo que m e encantou, em bora considere que o prêm io foi dado tanto ao conto quanto a Jack Vance, o que entusiasm ou e vingou o adolescente da aula de inglês que vive em m im .

“E vou chorar, como Alexandre”

FAZ TEMPO QUE m e sinto perplexo diante do fato de nenhum a das invenções que nos foram prom etidas quando eu era m enino, aquelas que deveriam tornar nossas vidas m uito m ais divertidas e interessantes no m undo do am anhã, ter chegado. Conseguim os com putadores, e telefones que fazem tudo aquilo que os com putadores costum avam fazer, m as nada de carros voadores, nada de gloriosas espaçonaves, nada de viagens interplanetárias banais (com o diria Ted Mooney).

Essa história foi escrita com o parte de um livro para captar recursos para o

Arthur C. Clarke Award. O livro, *Fables from the Fountain*, editado por Ian Whates e adaptado a partir de *Tales from the White Hart*, de Arthur C. Clarke, por sua vez m oldado ao estilo das histórias dos clubes do início do século XX (as aventuras de Joseph Jorkens, criadas por lorde Dunsany, são m inhas favoritas dentro da tradição de contadores de histórias). Peguei o nom e Obediah Polkinghorn em prestado de um a das histórias de Arthur C. Clarke, e com o tributo ao próprio autor (eu o conheci e entrevistei nos idos de 1985; e m e lem bro de ter ficado surpreso com seu sotaque arrastado do oeste da Inglaterra).

A história é m uito boba, por isso dei um título levem ente pom poso.

Hora nenhuma

SEMPRE FUI FÃ declarado da série de tevê *Doctor Who* desde que eu era um a criança de três anos na escola da sra. Pepper, em Portsm outh, e William Hartnell interpretava o Doutor. Escrever roteiros para os episódios do program a, quase cinquenta anos depois, foi um a das coisas m ais divertidas que j á fiz. (Um deles chegou a receber um Hugo Award.) Àquela altura, Matt Sm ith interpretava o décim o prim eiro Doutor. A editora Puffin Books perguntou se eu escreveria um conto para *Doctor Who: 12 Doutores, 12 Histórias*. Decidi situar m eu texto na prim eira tem porada de Matt com o protagonista.

Talvez você pense que precisa conhecer m uito de *Doctor Who* — j á que o

program a existe há cinquenta anos — para gostar dessa história, m as não é necessário. O Doutor é um alienígena, um Senhor do Tem po, o últim o de sua raça, que viaj a pelo tem po-espaço num a caixa azul com um interior m uito m aior do que parece por fora. Às vezes ele a pousa onde ele quer. Se há algo errado, é bem capaz que ele resolva. O Doutor é m uito inteligente.

Há um a brincadeira na Inglaterra, ou ao m enos havia quando eu era j ovem , cham ada “Que horas são, sr. Lobo?”. É um a brincadeira divertida. Às vezes o sr. Lobo nos diz as horas; outras vezes, responde algo m uito m ais inquietante.

Diamantes e pérolas: um conto de fadas

CONHECI A MULHER que se tornaria m inha esposa na época em que ela queria fazer um livro de fotos de si m esm a m orta, para acom panhar o álbum *Who Killed Amanda Palmer?* . Desde os dezoito anos ela posava com o m orta para seus autorretratos. Escreveu para m im e destacou que ninguém com praria um livro de fotos de um a m ulher m orta que nem m esm o estava m orta de verdade, m as que, se eu escrevesse algum as legendas, talvez o público se interessasse.

O fotógrafo Ky le Cassidy, Am anda e eu nos reunim os em Boston para alguns dias de trabalho. As fotografias tiradas por Ky le eram com o *stills* de film es perdidos, e eu escrevia histórias para acom panhá-las. Infelizm ente, a m aioria das

histórias não funciona quando separada das im agens (m inha preferida era um conto de m istério de assassinato envolvendo um a m ulher m orta por um a m áquina de escrever).

Gosto dessa história, e, neste caso, não precisam os da fotografia (a j ovem Am anda de boca aberta e o chão coberto por bij uterias) para com preendê-la.

A volta do magro Duque branco

O TÍTULO DESSE conto é um a citação de um a canção de David Bowie, e tudo com eçou alguns anos atrás, quando um a revista de m oda pediu ao notável artista j aponês Yoshitaka Am ano que fizesse algum as ilustrações de Bowie e sua esposa, Im an. O sr. Am ano perguntou se eu gostaria de escrever um a história para acom panhá-las. Escrevi a prim eira m etade, com planos de concluir na edição seguinte da revista. Contudo, o veículo perdeu o interesse antes m esm o de publicar a parte inicial, e a história foi esquecida. Para esta antologia, pensei que seria um a aventura term iná-la e descobrir o que ia acontecer, e para onde tudo estava se encam inhando. Se um dia eu soube a resposta (j á *devo* ter sabido), ainda assim m e peguei lendo seu desenrolar com o um desconhecido e cam inhando sozinho através da neblina para descobrir aonde ela m e levaria.

Terminações femininas

A VIDA IMITA a arte, m as de m aneira desaj eitada, copiando seus m ovim entos

quando pensa que ela não está reparando.

Há histórias que você coloca no papel com um a sensação quase herética,

tem endo perm itir que seus elem entos influenciem o m undo real.

Pediram -m e para escrever um a carta de am or para um livro de cartas de

am or. Lem brei-m e de um a estátua viva que eu vira num a praça na Cracóvia,

cidade sob a qual há um dragão feito de fum aça.

Quando conheci a m ulher com quem um dia m e casaria, trocam os histórias

de vida. Ela m e contou que tinha sido estátua viva certa vez. Mandei essa história

para ela, que não fugiu com m edo de m im .

No m eu aniversário, pouco depois de nos conhecerm os, ela m e encontrou de

surpresa em um parque caracterizada com sua encarnação de estátua viva.

Quando fazia essa perform ance, ela usava um vestido de casam ento que

com prara por vinte dólares e ficava de pé sobre um a caixa. As pessoas a

cham avam de Noiva de Dois Metros e Meio. Ela usou esse m esm o vestido no dia

em que nos casam os. Ninguém m ais o viu desde então.

Respeitando as formalidades

NÃO TENHO MEDO de pessoas ruins, de m alfeitores cruéis, de m onstros e

criaturas da noite.

As pessoas que m e assustam são aquelas que acreditam estar certas, sem a

m enor som bra de dúvida. Aquelas que sabem com o se com portar e tam bém o

que seus vizinhos precisam fazer para ficar do lado do bem .

Som os todos heróis das nossas próprias histórias.

Nesse caso, *Bela adormecida*, que, observada de outro ponto de vista, é

tam bém o tem a de…

A Bela e a Adormecida

ESSE CONTO FOI escrito para *Rags and Bones*, a antologia de Melissa Marr e Tim Pratt, cuj a intenção era dar um a abordagem nova a contos de fadas clássicos. Pediram que criássem os narrativas com base em histórias que tivessem nos influenciado. Escolhi dois.

Adoro contos de fadas. Lem bro-m e do prim eiro com o qual m e deparei, *Branca de Neve e os sete anões*, num lindo livro ilustrado que m inha m ãe lia para

m im quando eu tinha apenas dois anos. Adorava tudo naquela história e naquelas

im agens. Ela lia para m im , e logo com ecei a ler sozinho. Foi só quando fiquei m ais velho que com ecei a ponderar a respeito das partes m ais estranhas da história, e escrevi “Neve, vidro e m ações” (publicado em *Fumaça e espelhos*).

Tam bém adorava *Bela Adormecida*, em todas as suas encarnações. Quando era um j ovem j ornalista e lia dezenas de best-sellers, percebi que poderia recontar *Bela Adormecida* em um super best-seller repleto de sexo e com pras, com direito a um a m aligna corporação m ultinacional, um nobre e j ovem cientista e um a garota em um m isterioso com a. Decidi não escrevê-lo: parecia

dem asiadam ente calculado, o tipo de coisa que poderia na verdade m e afastar da

carreira que eu alm ej ava com o autor.

Quando Melissa e Tim m e pediram um texto, eu estava pensando no que

aconteceria se duas histórias se passassem ao m esm o tem po. E se as m ulheres

que j á eram as protagonistas das histórias tivessem um pouco m ais para fazer, e

fossem m ais ativas, não passivas…?

Gosto desse conto, talvez m ais do que deveria. (Atualm ente, o conto tem um a

m erecida versão ilustrada com artes do form idável Chris Riddell.)

Obra de bruxa

QUANDO ERA CRIANÇA e lia livros de poem as, eu m e questionava (m ais do

que seria saudável) a respeito da pessoa que contava a história. Ainda o faço,

m esm o com m eus próprios poem as. Nesse, há um a bruxa e há um observador.

Com o outros textos, foi escrito com o presente de desculpas a Jonathan Strahan,

depois que percebi que *O oceano no fim do caminho* estava se transform ando em

um rom ance.

Em Relig Odhráin

ESSA É UMA história verídica. Quer dizer, o m ais verídica possível em se

tratando de um a história sobre um santo irlandês do século VI. O pátio da igrej a

está lá, em Iona. Você pode visitá-lo.

A ideia não era escrever um poem a, m as a m étrica surgiu na m inha cabeça e, depois disso, sim plesm ente não havia m ais o que fazer.

Costum ava-se enterrar pessoas vivas nas m uralhas ou nos alicerces das construções, para garantir que continuassem de pé. Inclusive santos.

Cão negro

CONHECEMOS BALDUR "SHADOW" Moon em *Deuses americanos*, quando ele se viu envolvido num a guerra entre os deuses nos Estados Unidos. Em "O m onarca do vale", história da coleção *Coisas frágeis*, Shadow se viu com o leão de chácara num a festa no norte da Escócia.

Ele está voltando para os Estados Unidos, m as, nessa nova história, só consegue chegar a Peak District, em Derby shire. (Esse foi o últim o texto de *Alerta de risco* a ser escrito, e, com o se diz nas orelhas dos livros, foi criado originalm ente para esta coletânea.)

Quero agradecer aos am igos Colin Greenland e Susanna Clarke por m e levarem ao pub Three Stags Heads, em Wardlow, que, com o gato, o vira-latas e tudo o m ais, inspirou o início do conto, e a Colin por m e dizer que Black Shuck cam inhou por Trot Lane, quando indaguei a ele a respeito de cachorros pretos.

Há um a últim a história a ser contada, sobre o que ocorre com Shadow quando ele chega a Londres. Se ele sobreviver a isso, será hora de m andá-lo de volta aos Estados Unidos. Afinal, m uito coisa m udou desde que ele foi em bora.

VI. Alerta final

HÁ MONSTROS NESTAS páginas, m as, com o Ogden Nash apontou em m inha

prim eira coletânea, *Fumaça e espelhos*, onde há um m onstro, há tam bém um

m ilagre.

Algum as das histórias são longas, e outras, curtas. Há um punhado de poem as,

que talvez precisem de um alerta próprio para aqueles que se sentem assustados,

perturbados ou term inantem ente perplexos diante da poesia. (Na m inha segunda

coletânea, *Coisas frágeis*, tentei explicar que os poem as são um presente para o

tipo de pessoa que não precisa se preocupar com ocasionais poem as espreitando

em m eio aos seus contos.)

Pronto. Considerem -se alertados. Há m uitos pequenos gatilhos por aí, sendo

disparados na escuridão, enquanto escrevo isto. O alerta está feito. Agora tem os

que nos preocupar apenas com os outros livros e, é claro, com a vida, que é

im ensa e com plicada e não dá nenhum alerta antes de nos ferir.

Obrigado por vir. Desfrute das coisas que nunca aconteceram . Aj uste

novam ente sua própria m áscara depois de ler estas histórias, e não se esqueça de

aj udar os outros.

Neil Gaiman

Em um chalé num a floresta som bria, 2014

Fazendo um a cadeira

Hoj e eu pretendia com eçar a escrever.

Histórias esperam com o tem pestades distantes

rugindo e fulgurando no horizonte cinzento

e há e-m ails e introduções

e um livro, um m aldito livro inteiro

que fala de um país e um a j ornada e crença

e que estou aqui para escrever.

Fiz um a cadeira.

Abri um a caixa de papelão com um cortador

(m ontei o cortador)

retirei as peças, carreguei-as com cuidado escada acim a.

“Assentos funcionais para o am biente de trabalho contem porâneo”

Pressionei quatro rodinhas contra a base,

descobri que elas se encaixam com um estalo bastante satisfatório.

Afixei os apoiadores dos braços com parafusos,

tentando diferenciar esquerda e direita,

os parafusos não são o que deveriam ser

de acordo com o descrito nas instruções. E então a base

sob o assento,

a ser afixada com seis parafusos de 40m m (que, estranham ente

eram seis parafusos de 45m m).

Então o encosto da cabeça às costas da cadeira,

as costas da cadeira ao assento, que é onde os problem as com eçam

quando o parafuso do m eio de um dos lados se recusa

a entrar e girar.

Tudo isso leva tem po. Orson Welles é Harry Lim e

no antigo rádio enquanto m onto m inha cadeira. Orson conhece um a dam a

e um vidente charlatão, e um hom em gordo,

e um líder exilado das gangues de Nova York,

e dorm e com a dam a, soluciona o m istério,

lê o roteiro

e em bolsa o dinheiro

antes de eu ter m ontado m inha cadeira.

Fazer um livro é um pouco com o fazer um a cadeira.

Talvez deva ser acom panhado de alertas,

com o as instruções da cadeira.

Um pedaço de papel dobrado incluído em cada exem plar,

alertando-nos:

“Para um a pessoa de cada vez.”

“Não use com o apoio nem suba nela.”

“A não observação desses alertas pode resultar em ferim entos graves.”

Um dia vou escrever outro livro, e, quando term inar

vou subir nele,

com o um apoio ou um a escada,

ou um a alta e antiga escada de m adeira apoiada contra a lateral de um a

am eixeira,

no outono,

e vou partir.

Mas, por enquanto, seguirei esses alertas,

e term inarei de fazer a cadeira.

Um labirinto lunar

Cam inhávam os pela subida leve de um a colina em um anoitecer de verão. Já

passava das oito e m eia, m as ainda parecia fim de tarde. O céu estava azul. O sol

ia baixo no horizonte e banhava as nuvens de dourado, salm ão e lilás.

— E com o acabou? — perguntei ao m eu guia.

— Nunca acaba — respondeu ele.

— Mas você disse que não existe m ais. O labirinto.

Eu tinha descoberto o labirinto lunar pela internet, um a pequena nota de

rodapé em um site sobre coisas interessantes e dignas de atenção que existem por

perto, não im porta o lugar do m undo em que você estej a. Atrações locais

incom uns, quanto m aior a intervenção hum ana e a cafonice, m elhor. Não sei por

que m e sinto atraído a elas: círculos m egalíticos feitos de carros ou ônibus escolares am arelos em vez de pedras, m aquetes de im ensos pedaços de queij o feitas em poliestireno, dinossauros pouco convincentes feitos de concreto esfarelento, entre tantas outras coisas.

Preciso delas, pois m e proporcionam um pretexto para parar de dirigir e conversar com as pessoas, onde quer que eu estej a. Já fui convidado a entrar nos lares e nas vidas das pessoas porque dem onstrei um a sincera adm iração pelos zoológicos construídos com peças de m otor, as casas que ergueram com latas e blocos de pedra e depois cobriram com papel-alum ínio, a encenação de m om entos históricos feita com m anequins com a pintura do rosto descascando. E

essas pessoas, as que faziam as atrações de beira de estrada, m e aceitavam do j eito que sou.

* * *

— NÓS O QUEIMAMOS — disse m eu guia.

Ele era idoso e cam inhava com um a bengala. Eu o conhecera sentado num banco diante da loj a de ferram entas da cidade, e ele concordara em m e m ostrar

o local onde o labirinto lunar fora construído. O cam inho pelo m ato não foi rápido.

— O fim do labirinto lunar. Foi fácil. As cercas de alecrim pegaram fogo e daí ficaram estalando e queim ando. A fum aça era espessa e desceu pela colina, fazendo a gente pensar em cordeiro assado.

— Por que era cham ado de labirinto lunar? Era por causa da aliteração?

Ele pensou nisso.

— Não sei dizer ao certo — respondeu. — Acho que nem um a coisa, nem outra. Nós o cham ávam os de labirinto, m as estava m ais para um dédalo…

— Um em aranhado de cam inhos, então.

— Havia tradições — disse ele. — Com eçávam os a cam inhar nele no dia *seguinte* à lua cheia. Partindo da entrada. Encontrando um cam inho até o centro, e então dando m eia-volta e refazendo o m esm o cam inho. Com o disse, só com eçávam os a andar no dia em que a lua com eçava a m inguar. Ainda era claro o bastante para isso. A gente o percorria em qualquer noite que a lua brilhasse o suficiente para enxergar. Vir até aqui. Cam inhar. Geralm ente, casais. Era assim até a escuridão da lua.

— Ninguém cam inhava pelo labirinto no escuro?

— Ah, alguns, sim . Mas não eram com o a gente. Eram j ovens e traziam lanternas quando a lua ficava escura. Eles cam inhavam pelo labirinto, os garotos m aus, as sem entes ruins, aqueles que queriam assustar os outros. Para esses garotos, todo m ês tinha um Dia das Bruxas. Adoravam ficar com m edo. Alguns deles disseram ter visto um torturador.

— Que tipo de torturador?

A palavra m e surpreendera. Não era do tipo que se ouvia assim , num a conversa.

— Apenas alguém que torturava pessoas, acho. Eu nunca o vi.

Um a brisa desceu em nossa direção vinda do alto da colina. Farej ei o ar, m as não senti cheiro de ervas queim adas, nem cinzas, nada que parecesse incom um em um a noite de verão. Havia gardênias em algum lugar.

— Quando a lua virava escuridão, eram só j ovens. Quando a lua crescente aparecia, então as crianças ficavam m ais novas, e seus pais vinham até a colina e cam inhavam com elas. Pais e filhos. Cam inhavam pelo labirinto j untos até o centro, e os adultos apontavam para a lua nova, falando que ela se parecia com um sorriso no céu, e os pequenos Rôm ulo e Rem o, ou sej a lá qual fosse o nom e deles, sorriam e gargalhavam , e m exiam as m ãos com o se estivessem tentando tirar a lua do céu para colocar sobre seus rostinhos. Então, quando a lua crescia, os casais vinham . Jovens casais subiam até aqui, galanteadores, e casais m ais velhos tam bém , confortáveis na com panhia um do outro, aqueles que j á tinham esquecido havia m uito tem po os dias de cortej o. — Ele se apoiava bastante na bengala. — Esquecido, não. Disso nunca se esquece. Deve ficar em algum lugar dentro da gente. Mesm o que o cérebro tenha esquecido, talvez os dentes se lem brem . Ou os dedos.

— Eles levavam lanternas?

— Em algum as noites, sim . Em outras, não. As noites populares eram sem pre aquelas em que não havia nuvens cobrindo a lua, e era possível cam inhar pelo labirinto tranquilam ente. E, m ais cedo ou m ais tarde, todos cam inhavam . Conform e a lua crescia, dia após dia, ou noite após noite, m elhor dizendo. Aquele m undo era tão m aravilhoso. Estacionavam seus carros lá em baixo, onde você estacionou, no lim ite da propriedade, e subiam a colina a pé. Sem pre a pé, a não ser aqueles que usavam cadeiras de rodas, ou aqueles que eram carregados pelos pais. Então, no alto da colina, alguns paravam para ficar de cham ego. Eles tam bém cam inhavam pelo labirinto. Havia bancos, lugares para fazer um a pausa na cam inhada. E eles paravam e ficavam m ais um pouco de cham ego. Seria de se pensar que apenas os j ovens ficassem se agarrando, m as os m ais velhos tam bém ficavam . Corpo com corpo. Dava para ouvir, às vezes, do outro lado da cerca viva, fazendo barulho com o anim ais, e esse sem pre era nosso aviso para dim inuir o passo, ou talvez explorar outro ram o do cam inho por algum tem po. Já não ocorre com igo com m uita frequência, m as, quando acontece... acho que hoj e sei dar m ais valor a isso do que naquela época. Lábios tocando a pele. Sob o luar.

— Durante quantos anos exatam ente o labirinto lunar existiu antes de queim ar? Construíram a casa antes ou depois de ele existir?

Meu guia fez um ruído desinteressado.

— Antes, depois… tudo isso é antigo. Falam do labirinto de Minos, m as não era nada se com parado a este. Nada além de alguns túneis com um suj eito de chifres na cabeça cam inhando sozinho, com m edo e fom e. Ele não tinha realm ente cabeça de touro. Sabia?

— Com o você sabe?

— Dentes. Touros e vacas são rum inantes. Não com em carne. O m inotauro com ia.

— Nunca tinha pensado nisso.

— Ninguém pensa.

A colina estava m ais íngrem e agora.

Pensei: *Não há torturadores, não mais*. E eu não era um torturador. Mas tudo que disse foi:

— Qual era a altura dos arbustos que form avam os cam inhos? Eram cercas vivas de verdade?

— Eram de verdade. Tão altos quanto tinham que ser.

— Não sei a altura que o alecrim alcança por aqui.

Não sabia m esm o. Estava longe de casa.

— Tem os invernos am enos. O alecrim se desenvolve bem por aqui.

— E por que exatam ente as pessoas o incendiaram ?

Ele fez um a pausa.

— Você vai ter um a ideia m elhor de com o as coisas se situam quando a gente chegar no alto da colina.

— Com o as coisas se situam ?

— No alto da colina.

A colina ficava cada vez m ais íngrem e. Eu tinha sofrido um a lesão no j oelho esquerdo durante o inverno anterior, um tom bo no gelo, o que significava que não conseguia m ais correr rápido e, hoj e em dia, achava as colinas e os degraus extrem am ente penosos. A cada passo, m eu j oelho dava um a pontada de dor, m e fazendo lem brar, furioso, da sua existência.

Muitas pessoas, ao saberem que a curiosidade local que desej avam visitar se incendiara alguns anos atrás, teriam sim plesm ente voltado ao carro e dirigido até o destino final. Não sou dissuadido tão facilm ente. As coisas m ais adm iráveis que vi eram lugares m ortos: um parque de diversões desativado onde entrei certa noite depois de subornar o vigia com o valor de um a bebida; um celeiro abandonado onde, segundo o fazendeiro, m eia dúzia de Pés-Grandes tinham m orado no verão anterior. Ele disse que as criaturas uivavam à noite e cheiravam

m al, m as j á tinham ido em bora fazia quase um ano. Havia um odor anim al

im pregnado no lugar, m as podem ter sido apenas coiotes.

— Quando a lua m inguava, eles cam inhavam pelo labirinto lunar com am or

— disse m eu guia. — Conform e ela ia crescendo, eles cam inhavam com desej o,

não am or. Preciso explicar a diferença para você? As ovelhas e os bodes?

— Acho que não.

— Os doentes tam bém vinham , às vezes. Os feridos e deficientes vinham , e

alguns deles precisavam ser em purrados na cadeira de rodas pelo labirinto, ou

carregados. Mas até estes tinham que escolher o cam inho a percorrer, não as

pessoas que os carregavam ou em purravam . Ninguém podia escolher o cam inho

para o outro. Quando eu era m enino, as pessoas os cham avam de aleij ados. Fico

feliz por não os cham arm os m ais assim . Vieram tam bém os m al-am ados. Os

solitários. Os lunáticos... Eram trazidos aqui, às vezes. Eram cham ados assim por

causa da lua, e era j usto que a lua tivesse um a oportunidade de consertar as

coisas.

Estávam os nos aproxim ando do topo da colina. Chegava o crepúsculo. O céu

estava cor de vinho, e as nuvens a oeste brilhavam com a luz do sol poente,

em bora, observando do ponto onde estávam os, ele j á tivesse se escondido no

horizonte.

— Você vai ver quando chegarm os lá em cim a. É perfeitam ente plano, o topo da colina.

Eu quis fazer um a contribuição, e disse:

— De onde venho, quinhentos anos atrás o lorde local foi visitar o rei. E o rei exibiu sua im ensa m esa, suas velas, o lindo teto pintado, e. conform e cada um a dessas coisas era m ostrada, o lorde sim plesm ente dizia: “Tenho um a m aior, m ais bela e m elhor.” O rei quis desm ascarar o blefe, dizendo que, no m ês seguinte, ia visitar e com er à m esa do lorde, m aior e m ais bela, ilum inada com velas em candelabros m aiores e m ais belos que os do rei, sob um a pintura tam bém m aior e m ais bela.

Meu guia disse:

— Por acaso ele estendeu um a toalha sobre a planície de um a colina, ordenou a vinte hom ens coraj osos que segurassem velas, e j antaram sob as estrelas do próprio Deus? Contam um a história parecida por aqui tam bém .

— É a m esm a história — adm iti, um pouco frustrado por m inha contribuição ter sido dispensada tão facilm ente. — E o rei reconheceu que o lorde estava certo.

— Então o chefe não m andou prender e torturar o suj eito? — indagou m eu guia. — Foi isso o que aconteceu na versão da história que se conta por essas

bandas. Dizem que o hom em nunca chegou nem sequer à sobrem esa *Cordon-bleu* que seu cozinheiro tinha preparado. Eles o encontraram no dia seguinte com as m ãos decepadas, a língua cortada e devidam ente guardada no bolso da cam isa e um derradeiro buraco de bala na testa.

— Aqui? Na casa ali atrás?

— Por Deus, não. Deixaram o corpo na boate dele. Na cidade.

Fiquei surpreso com quão rapidam ente o crepúsculo tinha chegado ao fim . Ainda havia um brilho a oeste, m as o restante do céu se transform ara em noite, de um roxo m aj estoso.

— Os dias antes da lua cheia, no labirinto — disse ele. — Eram reservados para os enferm os e aqueles em necessidade. Minha irm ã sofria de um m al fem inino. Disseram que ela m orreria se não fizesse um a raspagem interna e, ainda assim , poderia ser fatal. A barriga estava inchada com o se ela estivesse carregando um bebê, não um tum or, em bora j á estivesse perto dos cinquenta. Veio aqui quando faltava um dia para a lua cheia e cam inhou pelo labirinto. Cam inhou de fora para dentro, à luz da lua, e cam inhou do centro para fora, sem vacilar nem errar o cam inho.

— O que aconteceu?

— Ela viveu — respondeu ele, de form a sucinta.

Chegam os ao topo da colina, m as não dava para ver o que havia ali. Estava

escuro dem ais.

— Eles a livraram da coisa que havia dentro dela. Que tam bém viveu, por algum tem po. — Fez um a pausa. Então, tocou em m eu braço. — Vej a ali.

Eu m e virei e olhei. O tam anho da lua m e im pressionou. Sei que é um a ilusão de ótica, que a lua não dim inuiria conform e subisse pelo céu, m as essa lua parecia ocupar tanto do horizonte ao se erguer que m e vi pensando nos antigos desenhos de Frank Frazetta, com a silhueta de hom ens em punhando suas espadas

diante de im ensas luas, e m e lem brei de quadros de lobos uivando no alto de m ontanhas, som bras negras recortadas contra o círculo da lua branca com o a neve que as em oldurava. A enorm e lua que nascia era de um am arelo difuso, com o um farol em noite de neblina.

— A lua está cheia? — perguntei.

— Essa é um a lua cheia, sim . — Ele parecia satisfeito. — E ali está o labirinto.

Cam inham os na direção dele. Eu esperava ver cinzas no chão, ou nada. Em vez disso, sob o luar viscoso, vi um labirinto com plexo e elegante, feito de círculos e espirais dentro de um im enso quadrado. Não conseguia calcular corretam ente as distâncias naquela luz, m as m e pareceu que cada lado do quadrado deveria ter sessenta m etros ou m ais.

No entanto, as plantas que delim itavam o labirinto eram rasteiras. Nenhum a delas tinha m ais que trinta centím etros de altura. Eu m e abaixei, apanhei um a

folha parecida com um a agulha, preta sob o luar, e a esm aguei entre o indicador e o polegar. Inspirei, e pensei em cordeiro cru, cuidadosam ente desm em brado, tem perado e colocado num forno sobre um a cam a de ram os e folhas pontiagudas com esse exato arom a.

— Pensei que vocês tivessem queim ado o lugar — com entei.

— Nós o queim am os. Não são cercas vivas, não m ais. Mas as coisas crescem de novo, em seu próprio tem po. É im possível m atar certas coisas. O alecrim é resistente.

— Onde é a entrada?

— Exatam ente onde você está — disse ele.

Ele era um velho que andava com um a bengala e falava com desconhecidos. Seria im possível não reparar nele.

— E o que acontecia aqui em cim a quando a lua estava cheia?

— Nessas ocasiões, os m oradores não cam inhavam pelo labirinto. Era j ustam ente a noite que pagava por todas as outras.

Entrei no labirinto com um passo. Não havia nada de difícil nele, não com os arbustos que o dem arcavam chegando até as canelas, tão baixos quanto um a horta. Caso m e perdesse, poderia sim plesm ente passar por cim a das m oitas e sair. Mas com ecei seguindo o cam inho que levava ao interior do labirinto. Era fácil enxergá-lo à luz da lua cheia. Ouvi m eu guia, que continuou a falar.

— Alguns pensavam até que o preço era alto dem ais. Foi por isso que viem os

aqui, por isso que queim am os o labirinto lunar. Subim os aquela colina com a escuridão da lua, trazendo tochas acesas, com o nos antigos film es em preto e branco. Todos nós. Até eu. Mas é im possível m atar certas coisas. Não é assim que funciona.

— Por que alecrim ? — perguntei.

— O alecrim é para lem brar — disse ele.

A lua subia m ais rápido do que eu havia im aginado ou esperado. Agora era um rosto pálido e fantasm agórico no céu, calm o e bondoso, branca com o um osso.

— Sem pre existe a possibilidade de sair em segurança — disse o guia. — Até na noite de lua cheia. Prim eiro, é necessário chegar ao centro do labirinto. Há um a fonte ali. Você vai ver. Não tem com o se enganar. Então é preciso fazer o cam inho de volta a partir do centro. Sem hesitar, nenhum beco sem saída, nada de erros no cam inho de ida e volta. Deve ser m ais fácil agora do que quando os arbustos estavam altos. É um a possibilidade. Caso contrário, o labirinto vai expurgar de você tudo que o aflige. Claro, você vai ter que correr.

Olhei para trás. Não consegui ver m eu guia. Não m ais. Havia algo na m inha frente, além do cam inho desenhado pelas m oitas, um a som bra escura se m ovendo silenciosam ente ao longo dos lim ites do quadrado. Era do tam anho de um cachorro grande, m as não se m exia com o um cão.

A criatura j ogou a cabeça para trás e uivou para a lua com gosto e satisfação.

O alto da colina, um a grande m esa plana, ecoou um a série de uivos alegres, e,

com o j oelho esquerdo doendo por causa da longa cam inhada colina acim a,

avancei, cam baleante.

O labirinto seguia um padrão, e consegui identificá-lo. Acim a, a lua brilhava,

clara com o o dia. Ela sem pre aceitou m eus presentes, no passado. Não m e trairia

no final.

— Corra — disse um a voz que era quase um rugido.

Corri com o um novilho para o abate, ao som de sua gargalhada.

Detalhes de Cassandra

E ali estávam os, Scallie e eu, usando perucas de Starsky e Hutch, com costeletas e tudo, às cinco da m adrugada ao lado de um canal em Am sterdã. Tínham os com eçado aquela noite num grupo de dez pessoas, incluindo Rob, o noivo, visto pela últim a vez algem ado a um a cam a no Bairro da Luz Verm elha com crem e

de barbear cobrindo os países baixos e o futuro cunhado rindo e dando tapinhas na bunda da prostituta que segurava o aparelho de barbear, m om ento em que olhei para Scallie e ele olhou para m im e disse:

— Quer m esm o ver isso?

Balancei a cabeça para dizer que não, pois há certas questões que é m elhor não ser capaz de responder quando um a noiva com eça a fazer perguntas incisivas a respeito da despedida de solteiro, e, por isso, fugim os para beber algum a coisa, deixando oito hom ens com peruca de Starsky e Hutch (um deles praticam ente nu, preso a um a cam a por algem as de pelúcia cor-de-rosa, com cara de quem com eçava a se arrepender dessa aventura) para trás, num quarto com cheiro de desinfetante e incenso barato, e fom os nos sentar à m argem de um canal e beber latas de cervej a holandesa, falando dos velhos tem pos.

Scallie — cuj o nom e verdadeiro é Jerem y Porter, e hoj e em dia todos o cham am de Jerem y, m as ele era cham ado de Scallie quando tínham os onze anos

— e o noivo, Rob Cunningham , tinham sido m eus colegas de escola. Perdem os contato, m ais ou m enos, e nos encontram os da m aneira preguiçosa dos dias de

hoj e, com o Facebook e coisas do tipo, e agora Scallie e eu estávam os j untos pela

prim eira vez desde os dezenove anos. As perucas de Starsky e Hutch, ideia de

Scallie, davam a im pressão de estarm os interpretando irm ãos em algum film e

produzido para a tevê — ele era o irm ão baixinho e atarracado de bigode grosso,

e eu, o irm ão alto. Lem brando que, depois da época da escola, ganhei boa parte

da m inha renda trabalhando com o m odelo, eu diria que era o irm ão alto e bonito,

m as ninguém fica bonito usando um a peruca de Starsky e Hutch, com costeletas

e tudo.

Além disso, a peruca dava coceira.

Sentam os perto do canal e, quando a cervej a acabou, continuam os

conversando e assistim os ao nascer do sol.

Da últim a vez que eu vira Scallie, ele tinha dezenove anos e grandes sonhos.

Havia acabado de ingressar na Força Aérea com o cadete. Ia pilotar aviões em

dupla função, usando os voos para contrabandear drogas, tornando-se

incrivelm ente rico ao m esm o tem po em que aj udava seu país. Era o tipo de ideia

louca que ele costum ava ter o tem po todo durante a escola. Norm alm ente, o

esquem a inteiro dava errado. Às vezes, ele conseguia nos m eter em encrenca no

cam inho.

Agora, doze anos m ais tarde, após os seis m eses na Força Aérea terem

term inado cedo por causa de um problem a não especificado com seu tornozelo, Scallie m e disse que era executivo sênior num a em presa fabricante de j anelas com isolam ento, m orando num a casa m enor desde o divórcio, pequena dem ais em relação à que acreditava m erecer, acom panhado apenas de um golden retriever.

Estava dorm indo com um a m ulher da em presa de j anelas com isolam ento, m as não tinha expectativas de que ela term inasse com o nam orado para ficar com ele, e assim lhe parecia m elhor.

— É claro que há dias em que acordo chorando, desde o divórcio. Bem , acontece — disse ele em certo ponto.

Não consegui im aginá-lo chorando, e, além disso, ele m antinha um im enso sorriso típico de Scallie enquanto contava.

Falei sobre m im : ainda trabalhando com o m odelo, aj udando na loj a de antiguidades de um am igo para m e m anter ocupado, pintando cada vez m ais. Eu tinha sorte: as pessoas com pravam m eus quadros. Todos os anos, eu fazia um a pequena exposição na Little Gallery, em Chelsea, e em bora no com eço os únicos a com prar algo fossem pessoas que eu conhecia — fotógrafos, antigas nam oradas e sim ilares —, atualm ente tenho até colecionadores. Falam os de dias que apenas Scallie parecia lem brar, quando ele, Rob e eu form ávam os um trio

inviolável e inquebrável. Falam os dos corações partidos da adolescência, de Caroline Minton (que agora é Caroline Keen, casada com um pastor), da prim eira vez que tivem os coragem de assistir a um film e para m aiores de dezoito anos, em bora nenhum de nós conseguisse lem brar qual era o film e em cartaz.

Então, Scallie disse:

— Tive notícias de Cassandra outro dia.

— Cassandra?

— Sua antiga nam orada, Cassandra. Lem bra?

— … não.

— Aquela de Reigate. Você escreveu o nom e dela em todos os seus livros.

Devo ter passado a im pressão de ser m uito lim itado ou de estar bêbado ou sonolento, porque ele disse:

— Você a conheceu durante as férias que passou esquiando. Ora, vam os. *Sua primeira vez*. Cassandra.

— Ah! — falei, m e lem brando, m e lem brando de tudo. — Cassandra.

E eu lem brava.

— Pois é — disse Scallie. — Ela m e m andou um a m ensagem no Facebook. Está adm inistrando um teatro com unitário na área leste de Londres. Você devia falar com ela.

— Mesm o?

— Acho que sim , quer dizer, lendo nas entrelinhas da m ensagem , talvez ela ainda estej a interessada. Perguntou de você.

Im aginei quanto ele estava bêbado, quanto eu estava bêbado, olhando para o canal nas prim eiras luzes do dia. Falei algo, não lem bro o quê, e então perguntei

se Scallie lem brava onde ficava nosso hotel, pois eu tinha esquecido, e ele disse que não, m as que Rob sabia todos os detalhes do hotel, e o m elhor era ir atrás dele e resgatá-lo das garras da sim pática prostituta com as algem as e o aparelho de barbear, e percebem os que isso seria m ais fácil se soubéssem os voltar até onde o tínham os deixado, e, na busca de um a pista de onde tínham os deixado Rob, encontrei um cartão com o endereço do hotel no bolso de trás. Voltam os para lá, e a últim a coisa que fiz antes de m e afastar do canal e de toda aquela estranha noite foi arrancar da cabeça a irritante peruca de Starsky e Hutch e arrem essá-la no canal.

Flutuou.

Scallie disse:

— Eu deixei um depósito pela peruca, sabia? Se não queria usar, eu teria carregado. — Então, ele disse: — Você devia m andar um a m ensagem para Cassandra.

Balancei a cabeça afirm ativam ente. Im aginei com quem ele teria falado na internet, quem ele teria confundido com ela, sabendo com certeza que não era

Cassandra.

O detalhe a respeito de Cassandra é o seguinte: eu a inventei.

* * *

EU TINHA QUINZE anos, quase dezesseis. Era um esquisitão. Acabara de passar pelo estirão da adolescência e, de um a hora para outra, estava m ais alto que a m aioria dos m eus am igos, consciente da própria altura. Minha m ãe era dona e adm inistradora de um a pequena escola de equitação, onde eu era aj udante, m as as garotas — do tipo com petente, sensível e equestre — m e intim idavam . Em casa, eu escrevia poesia ruim e pintava aquarelas, geralm ente de pôneis nos cam pos; na escola — havia apenas m eninos na m inha escola —, eu j ogava críquete com com petência, atuava um pouco no teatro, passava o tem po com os am igos ouvindo discos (o CD era novidade, m as os tocadores de CD eram caros e raros, e todos nós tínham os herdado toca-discos e vitrolas dos pais e irm ãos m ais velhos). Quando não falávam os de m úsica ou esportes, falávam os de garotas.

Scallie era m ais velho que eu. Rob tam bém . Gostavam que eu fizesse parte da turm a, m as tam bém gostavam de m e provocar. Agiam com o se eu fosse um m oleque, e eu não era. Os dois j á tinham transado com garotas. Bem , isso não é inteiram ente verdadeiro: os dois tinham transado com a m esm a garota,

Caroline

Minton, fam osa pela liberalidade nos favores e sem pre disposta a um azinha, desde que o acom panhante tivesse um a m obilete.

Eu não tinha um a m obilete. Não era velho o bastante para ter um a, m am ãe não tinha dinheiro para com prar. (Meu pai m orreu quando eu era pequeno, de um a superdose acidental de anestesia, quando estava no hospital para fazer um a pequena operação em um dedo do pé infeccionado. Até hoj e, evito hospitais). Já tinha visto Caroline Minton nas festas, m as ela m e assustava e, m esm o se tivesse um a m obilete, não queria que m inha prim eira experiência sexual fosse com ela.

Scallie e Rob tam bém tinham nam oradas. A nam orada de Scallie era m ais alta que ele, tinha seios enorm es e se interessava por futebol — o que significava que Scallie precisava fingir interesse por futebol, principalm ente pelo Cry stal Palace —, enquanto a nam orada de Rob achava que eles deveriam ter coisas em com um , e, consequentem ente, Rob parou de ouvir o electropop de m eados dos anos 1980 que o restante de nós gostava e com eçou a ouvir bandas hippies de antes de term os nascido, o que era ruim , m as, em com pensação, Rob pôde saquear o incrível acervo de program as de tevê antigos gravados em vídeo pelo pai dela, o que era bom .

Eu não tinha nam orada.

Até m inha m ãe com eçou a com entar.

Deve ter surgido de algum lugar, o nom e, a ideia, m as não m e recordo.

Lem bro-m e apenas de escrever “Cassandra” nos livros de exercícios. E, em seguida, de tom ar o cuidado de não dizer nada a respeito.

— Quem é Cassandra? — perguntou Scallie, no ônibus até a escola.

— Ninguém — respondi.

— Deve ser alguém . Você escreveu o nom e dela no livro de m atem ática.

— É só um a garota que conheci nas férias de inverno.

Mam ãe e eu tínham os ido esquiar com m inha tia e m eus prim os um m ês antes, na Áustria.

— Vam os conhecer?

— Ela é de Reigate. Im agino que sim . Mais para frente.

— Bem , espero que sim . E você *gosta* dela?

Fiz um a pausa, torcendo para acertar na duração, e disse:

— Ela beij a m uito bem .

Então Scallie riu, e Rob quis saber se era beij o na boca com língua e tudo.

— O que vocês *acham*? — respondi, e, até o fim do dia, os dois j á acreditavam na existência dela.

Mam ãe ficou feliz em saber que eu tinha conhecido alguém . Suas perguntas com o “o que os pais de Cassandra fazem ”, por exem plo, eu respondia sim plesm ente dando de om bros.

Saí com Cassandra em três “encontros”. Em cada um deles, peguei o trem até Londres e fui sozinho ao cinem a. Foi em ocionante, à sua m aneira.

Voltei da prim eira viagem com m ais histórias de beij os e m ãos bobas nos seios.

Nosso segundo encontro (na verdade, passado sozinho num a sessão de *Mulher Nota 1000* em Leicester Square) consistiu em , com o contei à m inha m ãe, apenas ficar de m ãos dadas durante aquilo que ela ainda cham ava de “cinem inha”, m as, relutantem ente, disse a Rob e Scallie — que j uraram nada revelar (e, durante aquela sem ana, tive que fazer o m esm o a m uitos outros am igos de escola que ouviram boatos de Rob e Scallie, e agora precisavam descobrir se algum a daquelas histórias era verdadeira) — que na verdade fora o Dia em que Perdi a Virgindade, no apartam ento da tia de Cassandra, em Londres: a tia estava fora, Cassandra tinha a chave. Eu tinha (com o prova) um a caixa de três cam isinhas sem a que eu j ogara fora e um a tirinha com quatro fotos em preto e branco que encontrei em m inha prim eira viagem a Londres, abandonada no lixo de um a cabine fotográfica em Victoria Station. A tirinha m ostrava um a m enina m ais ou m enos da m inha idade com o cabelo longo e liso (não se via direito a cor. Louro-escuro? Ruivo? Castanho-claro?) e um rosto am igável, sardento, até bonitinho. Guardei-a no bolso. Na aula de artes fiz um esboço a lápis da terceira das fotos, a

m inha favorita, com a cabeça dela m eio virada, com o se cham asse um am igo que não podem os ver do lado de fora da cortina. Parecia um a garota doce e charm osa. Adoraria que fosse m inha nam orada.

Preguei o desenho na parede do quarto, onde podia vê-lo da cam a.

Depois do terceiro encontro (foi para ver *Uma Cilada para Roger Rabbit*), voltei à escola com m ás notícias: a fam ília de Cassandra ia para o Canadá (lugar que m e soava m ais convincente que os Estados Unidos), algum a coisa ligada ao trabalho do pai dela, e eu não a encontraria m ais por um tem po. Não queríam os term inar, m as decidim os ser práticos: estávam os na era em que os telefonem as transatlânticos eram caros dem ais para adolescentes. Era o fim .

Fiquei triste. Todos repararam em quanto eu estava triste. Disseram que adorariam tê-la conhecido, quem sabe quando ela voltar, no Natal? Eu sabia que, até o Natal, ela teria sido esquecida.

E foi. Quando a data chegou, eu estava saindo com Nikki Blevins, e a única prova que Cassandra fizera parte da m inha vida era seu nom e, escrito em alguns dos m eus livros escolares, e o retrato dela a lápis na parede do m eu quarto, com "Cassandra, 19 de fevereiro de 1985" escrito logo abaixo.

Quando m inha m ãe vendeu a escola de equitação, o desenho se perdeu na

m udança. Eu estava na faculdade de artes na época, considerava m eus antigos desenhos a lápis tão constrangedores quanto o fato de um dia ter inventado um a nam orada, e não m e im portei.

Por vinte anos, não pensei um a única vez sobre Cassandra.

* * *

MAMÃE VENDEU O estábulo, a casa anexa e os cam pos a um a incorporadora, que construiu um im óvel residencial onde antes tínham os m orado e, com o parte do negócio, deu a ela um a pequena casa avulsa no fim da Seton Close. Visito-a ao m enos um a vez a cada quinze dias, chegando na noite de sexta e partindo na m anhã de dom ingo, rotina tão regular quanto o relógio da m inha avó no corredor.

Mam ãe se preocupa com a m inha felicidade. Com eçou a com entar que m uitas de suas am igas têm filhas interessantes. Na últim a viagem , tivem os um diálogo m uito constrangedor que com eçou com ela m e perguntando se eu gostaria de conhecer o organista da igrej a, um j ovem m uito sim pático m ais ou m enos da m inha idade.

— Mãe. Não sou gay.

— Não há nada de errado com isso, querido. Gente de todo o tipo faz essas coisas. Eles até se casam . Bem , não é um casam ento de verdade, m as dá no

m esm o.

— Ainda assim , não sou gay.

— É que pensei: ainda não se casou, pinta e trabalha com o m odelo.

— Tive nam oradas, m ãe. Você até foi apresentada a algum as delas.

— Nada que tenha durado m uito tem po, querido. Apenas achei que você talvez quisesse m e contar.

— Não sou gay, m ãe. Eu lhe diria se fosse. — E então falei: — Beij ei Tim Carter num a festa na época da faculdade de artes, m as estávam os bêbados e a coisa nunca foi adiante.

Ela cerrou os lábios.

— Chega disso, j ovenzinho. — E então, m udando de assunto, com o se quisesse

se livrar de um gosto ruim na boca, disse: — Você nunca vai adivinhar quem eu encontrei no superm ercado sem ana passada.

— Não vou m esm o. Quem ?

— Sua antiga nam orada. A prim eira, eu diria.

— Nikki Blevins? Espere aí, ela se casou, não foi? Nikki Woodbridge?

— Antes dela, querido. Cassandra. Estava atrás dela, na fila. Estaria na frente, m as esqueci de pegar o crem e e voltei para procurar, e ela estava na m inha frente, e percebi que o rosto dela era fam iliar. Prim eiro, pensei que fosse a filha m ais nova de Joanie Sim m ond, que tinha um problem a na fala que a gente

cham ava antigam ente de gagueira, m as parece que não se pode m ais falar assim , m as então pensei, *já sei* de onde conheço este rosto, ficou sobre sua cam a durante cinco anos, é claro, daí perguntei “Seu nom e é Cassandra?”, e ela respondeu “Sim ”, e eu disse “Você vai rir quando ouvir isso, m as sou a m ãe de Stuart Innes”. Ela disse “Stuart Innes?” e seu rosto se ilum inou. Bem , ela ficou esperando enquanto eu colocava as com pras na sacola, e disse que j á tinha entrado em contato com seu am igo Jerem y Porter no Bookface, e conversaram a seu respeito…

— Você quer dizer no Facebook? Ela conversou com Scallie no Facebook?

— Sim , querido.

Bebi m eu chá e m e perguntei com quem m inha m ãe teria falado. Eu disse:

— Tem certeza absoluta que era a m esm a Cassandra da parede sobre a cam a?

— Ah, sim , querido. Ela m e contou de quando você a levou a Leicester Square, e de com o ficou triste quando tiveram que m udar para o Canadá. Foram para Vancouver. Perguntei a ela se chegou a conhecer m eu prim o Leslie, que foi para Vancouver depois da guerra, m as ela disse que não, e parece que o lugar na verdade é bem grande. Contei a ela sobre o desenho a lápis que você fez, e ela parecia bem atualizada quanto às suas atividades. Ficou anim ada quando contei que sua exposição com eçaria essa sem ana na galeria.

— Você contou *isso* a ela?

— Sim , querido. Pensei que ela gostaria de saber. — Então m am ãe disse, quase m elancólica: — Ela é m uito bonita, querido. Acho que faz algo no teatro com unitário.

Depois disso, a conversa passou à aposentadoria do dr. Dunnings, que atendia nossa fam ília desde antes de eu nascer, ao fato de ele ser o últim o m édico não indiano que restava no consultório, e a com o m inha m ãe se sentia em relação a isso.

Deitei na cam a naquela noite no m eu pequeno quarto na casa de m am ãe e fiquei rem oendo a conversa na cabeça. Não estou m ais no Facebook, e pensei em voltar à rede social para investigar as am igas de Scallie e descobrir se essa pseudo-Cassandra não seria um a delas. Mas havia pessoas dem ais que eu preferia não rever, e deixei pra lá, certo de que, quando surgisse um a explicação, seria sim ples, e dorm i.

* * *

JÁ FAZ MAIS de um a década que exponho m inhas obras na Little Gallery, de Chelsea. Nos velhos tem pos, eu recebia um quarto de parede e nenhum a obra tinha preço superior a trezentas libras. Agora tenho m inha própria exposição a cada outubro, durante todo o m ês, e seria j usto dizer que basta vender um a dúzia

de telas para saber que m inhas necessidades, aluguel e custos básicos estarão

cobertos por m ais um ano. As pinturas que não são vendidas perm anecem nas paredes da galeria até serem com pradas, e sem pre são com pradas até o Natal. O casal que é dono da galeria, Paul e Barry, ainda m e cham a de “bonitão”, com o fazia doze anos atrás, quando inaugurei m inha prim eira exposição com eles, na época em que o elogio talvez fosse verdadeiro. Naquele tem po, eles usavam cam isas floridas de colarinho aberto e correntes de ouro. Agora, na m eia-idade, usam ternos caros e não param de falar no m ercado de ações, o que é dem ais para o m eu gosto. Ainda assim , gosto da com panhia deles. Vej o-os três vezes ao ano: em setem bro, quando vêm ao estúdio ver o m aterial no qual estou trabalhando e escolher as telas para a exposição; em outubro, na galeria, participando da abertura; e em fevereiro, quando acertam os as contas.

Barry adm inistra a galeria. Paul é coproprietário, participa das festas, m as tam bém trabalha no departam ento de figurino da Roy al Opera House. O *vernissage* seria na noite de sexta. Eu tinha passado dois dias de nervosism o pendurando as telas. Agora, m inha parte estava pronta, e não havia nada a fazer além de esperar, torcer para que as pessoas gostassem da m inha arte e não fazer papel de bobo. Fiz com o nos doze anos anteriores, seguindo as instruções de Barry :

— Devagar com o cham panhe. Mate a sede com água. Para o colecionador, não há nada pior que encontrar um artista bêbado, a não ser que este sej a fam oso

pelas bebedeiras, o que não é seu caso, querido. Sej a am igável e enigm ático, e quando perguntarem a respeito da história por trás de um a tela, diga: “Não posso revelar.” Mas, pelo am or de Deus, dê a entender que *há* um a história. É a história que eles estão com prando.

Hoj e, raram ente convido gente para o *vernissage*: alguns artistas o fazem , considerando a ocasião um evento social. Eu não. Em bora leve m inha arte a sério enquanto arte, e tenha orgulho do m eu trabalho (a exposição m ais recente era cham ada “Pessoas em paisagens”, que basicam ente diz tudo a respeito do m eu trabalho), com preendo que a festa existe apenas com o evento com ercial, um cham ariz para com pradores e aqueles que podem dizer a coisa certa a outros possíveis com pradores. Digo isso para que não haj a surpresa diante do fato de Barry e Paul cuidarem da lista de convidados, não eu.

O *vernissage* sem pre com eça às seis e m eia da tarde. Tinha passado a tarde pendurando quadros, garantindo que tudo estivesse o m ais bonito possível, com o faço todo ano. A única coisa diferente a respeito do dia deste evento específico era a anim ação de Paul, que parecia um m enininho lutando contra o desej o de revelar ao aniversariante o que com prou com o presente para ele. Isso, e tam bém Barry, que, enquanto pendurávam os tudo, disse:

— Acho que a exposição de hoj e vai colocar você no m apa.

— Acho que há um erro de digitação naquele de Lake District — falei. Um quadro dem asiadam ente grande de Winderm ere ao pôr do sol, com duas crianças encarando o observador com olhar perdido a partir da m argem . — Deveria custar trezentas libras. Aqui diz trezentas m il.

— É m esm o? — disse Barry, sem ânim o. — Que coisa.

Mas não fez nada para m udar aquilo.

Foi surpreendente, m as os prim eiros convidados chegaram um pouco m ais cedo, e o m istério podia esperar. Um j ovem m e convidou para com er um canapé de um a bandej a prateada. Peguei m inha taça de cham panhe-para-consum o-lento da m esa no canto e m e preparei para socializar.

Todos os preços estavam altos, e duvidei que a Little Gallery seria capaz de vender as telas com aqueles valores, então fiquei preocupado com o ano que teria pela frente.

Barry e Paul sem pre assum em a responsabilidade de m e circular pela sala, dizendo “Este é o artista, o bonitão que faz todas essas telas lindas, Stuart Innes”, e

eu cum prim ento e sorrio. Até o fim da noite j á terei conhecido a todos, e Paul e Barry são m uitos bons em dizer “Stuart, lem bra-se de David, que escreve sobre arte para o *Telegraph*…”, e eu, da m inha parte, sou bom em responder “Claro, com o vai? Fico feliz que tenha vindo”.

No m om ento em que a sala estava m ais cheia, um a m ulher cham ativa de cabelo verm elho a quem eu ainda não tinha sido apresentado com eçou a gritar.

— Besteirada figurativa!

Eu estava conversando com o crítico de arte do *Daily Telegraph*, e am bos nos viram os para ver.

— Am iga sua? — perguntou ele.

— Acho que não — respondi.

Ela continuava gritando, em bora o barulho da festa tivesse silenciado.

— Ninguém se interessa por essa m erda! Ninguém ! — bradou ela. Então, pôs a m ão no bolso do casaco e sacou um frasco com tinta. — Tentem vender isto agora! — gritou, j ogando a tinta no *Windermere Sunset*. A tinta era azul-escuro, quase preta.

Paul j á estava ao lado dela, tirando o frasco de tinta das m ãos da m ulher.

— Essa é um a pintura de trezentas m il libras, m ocinha! — exclam ou ele.

— Acho que a polícia vai querer ter um a palavra com você — am eaçou Barry e a apanhou pelo braço, levando-a até o escritório.

— Não tenho m edo! — gritou ela contra nós, no cam inho. — Tenho orgulho! Artistas com o ele, se aproveitando de vocês, volúveis com pradores de arte. Não passam de ovelhas! Besteirada figurativa!

E então ela se foi, e os frequentadores da festa se agitaram , inspecionando a pintura m anchada pela tinta e olhando para m im , e o suj eito do *Telegraph* m e

perguntava se eu teria algo a com entar e com o m e sentia ao ver um quadro de trezentas m il libras destruído, e resm unguei algo a respeito de sentir orgulho de ser pintor, falei algum a coisa da natureza transiente da arte, e ele disse achar que o evento daquela noite tinha sido um *happening* artístico em si, e concordam os que, independentem ente de *happenings* artísticos, a m ulher não estava bem da cabeça.

Barry reapareceu, indo de grupo em grupo, explicando que Paul estava lidando com a j ovem , e o destino dela caberia a m im . Os convidados ainda estavam conversando anim ados quando ele os conduziu à porta. Barry pediu desculpas ao fazê-lo, concordou que vivem os em tem pos m uito estressantes, explicou que abriria no horário de sem pre no dia seguinte.

— Deu tudo certo — disse ele, quando estávam os sozinhos na galeria.

— *Certo?* Foi um desastre.

— Senhor “Stuart Innes, aquele que teve um quadro de trezentas m il libras destruído”. Tem os que perdoar certas coisas, não? Ela era um a colega artista, em bora tivesse obj etivos diferentes. Às vezes, precisam os de algo a m ais para nos levar ao patam ar seguinte.

Fom os até os fundos.

— De quem foi a ideia? — perguntei.

— Nossa — disse Paul. Estava bebendo vinho branco na sala dos fundos com a m ulher ruiva. — Bem , a m aior parte foi de Barry. Mas precisávam os de um

a

boa atriz para fazer a coisa funcionar, e eu a encontrei.

Ela abriu um sorriso m odesto. Conseguiu parecer ao m esm o tem po constrangida e satisfeita consigo m esm a.

— Se isso não garantir a atenção que você m erece, bonitão — disse Barry, sorrindo para m im —, nada m ais vai. *Agora* você é im portante a ponto de ser atacado.

— O quadro de Winderm ere está arruinado — constatei.

Barry olhou para Paul, e eles riram .

— Já foi vendido, com m anchas de tinta e tudo, por setenta e cinco m il — disse Barry. — É com o sem pre digo, as pessoas pensam que estão com prando a

arte, m as, na verdade, estão com prando a história.

Paul encheu nossas taças.

— E devem os tudo a você — disse ele à m ulher. — Stuart, Barry, gostaria de propor um brinde. *A Cassandra*.

— Cassandra — repetim os, e bebem os.

Dessa vez não fui com calm a na bebida. Precisava dela.

Então, enquanto ainda estava processando aquele nom e, Paul disse:

— Cassandra, este j ovem ridiculam ente atraente e talentoso é, com o você deve saber, Stuart Innes.

— Eu sei. Na verdade, som os velhos am igos.

— É m esm o? — perguntou Barry.

— Bem — respondeu Cassandra —, vinte anos atrás, Stuart escreveu m eu nom e no seu livro de exercícios de m atem ática.

Ela parecia a garota do m eu desenho, sim . Ou a garota das fotografias, agora adulta. Rosto anguloso. Inteligente. Segura.

Eu nunca a tinha visto na vida.

— Olá, Cassandra — falei.

Não consegui pensar em m ais nada para dizer.

* * *

ESTÁVAMOS NA ADEGA no térreo do m eu prédio. Tam bém servem com ida lá. É m ais que um bar de vinhos.

De repente estava conversando com ela com o se fosse alguém que eu conhecesse desde a infância. E, repeti a m im m esm o, não era. Tinha acabado de conhecê-la, naquela m esm a noite. Ainda havia m anchas de tinta em suas m ãos.

Dem os um a olhada no cardápio, pedim os a m esm a coisa (a entrada vegetariana) e, quando o prato chegou, am bos com eçam os com as *dolmades*, passando em seguida para o *homus*.

— Eu inventei você — disse a ela.

Não foi a prim eira coisa que falei: antes conversam os a respeito do teatro

com unitário dela, de com o ela conhecera Paul, a oferta dele (m il libras pelo espetáculo da noite) e com o precisava de dinheiro, m as aceitara principalm ente porque parecia ser um a aventura divertida. De todo m odo, não pôde recusar depois de ouvir m eu nom e ser m encionado. Pensou que era obra do destino.

Foi então que eu disse aquilo. Tive m edo que ela pensasse que eu era louco, m as falei m esm o assim .

— Eu inventei você.

— Não — respondeu ela. — Não inventou. Quer dizer, é óbvio que não inventou. Estou aqui. Quer encostar em m im ?

Olhei para ela. O rosto, a postura, os olhos. Era tudo o que eu tinha sonhado num a m ulher. Tudo o que eu procurava sem sucesso nas outras m ulheres.

— Sim — respondi. — Quero m uito.

— Prim eiro, vam os j antar — disse Cassandra. Então, continuou: — Quanto tem po faz que esteve com um a m ulher?

— Não sou gay — protestei. — Tive nam oradas.

— Eu sei. Quando foi a últim a?

Tentei lem brar. Teria sido Brigitte? Ou a estilista que a agência de publicidade m andou com igo para a Islândia? Não sabia ao certo.

— Dois anos — respondi. — Talvez três. Ainda não encontrei a pessoa certa, só isso.

— Encontrou um a vez.

Abriu então sua sacola, um obj eto roxo e cheio de dobras, tirou dela um a pasta de papelão, abriu-a e retirou um pedaço de papel, am arelado pela fita adesiva nos cantos.

Eu lem brava. Com o poderia esquecer? Tinha ficado acim a de m inha cam a durante anos. Ela olhava para o lado, com o se falasse com alguém atrás da cortina. Estava escrito *Cassandra, 19 de fevereiro de 1985*. E estava assinado *Stuart Innes*. Há algo ao m esm o tem po constrangedor e terno quando revem os nossa caligrafia de adolescente.

— Voltei do Canadá em 1989 — disse ela. — O casam ento dos m eus pais desabou lá, e m am ãe quis retornar para casa. Im aginei onde você estaria, o que estaria fazendo, e fui até o seu antigo endereço. A casa estava vazia. As j anelas estavam quebradas. Era óbvio que não havia m ais ninguém m orando lá. Os estábulos da escola de equitação j á tinham sido derrubados, coisa que m e deixou

m uito triste, pois adorava cavalos quando m enina, obviam ente, m as cam inhei pela casa até encontrar o seu quarto. Era sem dúvida o seu quarto, em bora a

m obília não estivesse m ais lá. Ainda tinha seu cheiro. E isto ainda estava preso à

parede. Achei que ninguém sentiria falta.

Ela sorriu.

— *Quem* é você?

— Cassandra Carlisle. Trinta e quatro anos. Ex-atriz. Dram aturga fracassada.

Agora adm inistradora de um teatro com unitário em Norwood. Terapia teatral. Salão para alugar. Quatro peças por ano, m ais oficinas, e um a pantom im a fixa. Quem é *você*, Stuart?

— Você sabe quem eu sou. Sabe que nunca nos encontram os antes, certo?

Ela assentiu.

— Pobre Stuart. Você m ora no andar de cim a, não? — perguntou ela.

— Sim . Às vezes, o barulho incom oda. Mas fica perto do m etrô. E o aluguel não é doloroso.

— Vam os pagar a conta e subir.

Fiz m ção de tocar o dorso da m ão dela.

— Ainda não — negou, afastando a m ão antes que eu pudesse tocá-la. — Prim eiro tem os que conversar.

Então, subim os.

— Gosto do seu apartam ento. Parece exatam ente o tipo de lugar que im agino para você.

— Acho que é hora de com eçar a procurar algo um pouco m aior. Mas o lugar m e serve bem . Há um a bela luz nos fundos, para o estúdio. Não dá para ver o efeito agora, de noite. Mas é ótim o para pintar.

É estranho trazer alguém para casa. Faz com que enxerguem os o lugar onde vivem os com o se não tivéssem os estado ali antes. Há duas pinturas a óleo na sala

m e retratando, frutos da m inha breve carreira com o m odelo artístico (não tinha

paciência para ficar num a pose durante horas, defeito que reconheço); fotos

publicitárias am pliadas na pequena cozinha e no banheiro, dos tem pos de m odelo;

capas de livros (rom ances, em geral) acim a das escadas, para as quais posei.

Mostrei a ela o estúdio, e depois o quarto. Ela exam inou a cadeira de barbeiro

do período eduardiano que resgatei de um antigo estabelecim ento que fechou em

Shoreditch. Ela se sentou na cadeira, tirou os sapatos.

— Quem foi o prim eiro adulto de quem você gostou? — perguntou.

— Pergunta estranha. Minha m ãe, im agino. Não sei. Por quê?

— Eu tinha três anos, talvez quatro. Ele era um carteiro cham ado Sr.

Cartinhas. Chegava com o furgãozinho do correio e m e trazia coisas adoráveis.

Não todo dia. Apenas de vez em quando. Pacotinhos de papel m arrom com m eu

nom e escrito. Dentro deles, havia brinquedos, doces ou algo do tipo. Tinha um

rosto engraçado e am igável, e o nariz parecia um a m açaneta.

— Era real? Parece algo que um a criança inventaria.

— Ele pilotava um furgão do correio dentro de casa. Não era m uito grande.

Ela com eçou a desabotoar a blusa. Era cor de crem e, ainda suj a dos respingos

da tinta.

— Qual é a prim eira coisa de que você se lem bra? Não algo que tenham lhe

dito que fez. Algo de que você realm ente se lem bra.

— Ir para o litoral quando tinha três anos, com m inha m ãe e m eu pai — respondi.

— Você se lem bra disso? Ou se lem bra de terem lhe contado essa história?

— Não entendo onde quer chegar…

Ela se levantou, rem exeu o corpo, deu um passo para fora da saia. Usava um sutiã branco e um calcinha verde-escura velha. Muito hum ana: não era algo que se usa para im pressionar um novo am ante. Im aginei com o seriam os seios dela quando tirasse o sutiã. Quis acariciá-los, tocá-los com m eus lábios.

Ela andou da cadeira até a cam a, onde eu estava sentado.

— Agora, deite-se. Daquele lado da cam a. Ficarei ao seu lado. Não toque em m im .

Deitei-m e, com os braços estendidos ao longo do corpo. Ela m e observava.

— Você é tão bonito — com entou. — Mas, sinceram ente, não sei se faz m eu tipo. Faria se eu tivesse quinze anos. Sim pático, doce e nada am eaçador. Artístico.

Pôneis. Um a escola de equitação. E aposto que nunca tenta nada com um a garota a não ser que tenha certeza de que ela está pronta, não é?

— Não. Acho que nunca tento.

Ela se deitou ao m eu lado.

— Pode m e tocar agora — disse Cassandra.

* * *

TINHA VOLTADO A pensar em Stuart no final do ano passado. Acho que era o estresse. O trabalho ia bem , até certo ponto, m as eu tinha term inado com Pavel — que pode ou não ter sido um m arginal, em bora certam ente estivesse se m etendo num grande núm ero de roubadas no Leste Europeu —, e estava considerando usar sites de relacionam ento. Tinha passado um a sem ana idiota aderindo ao tipo de site que nos coloca em contato com velhos am igos, e daí foi fácil chegar em Jerem y “Scallie” Porter — e Stuart Innes.

Não sei se ainda consigo. Me falta a concentração, a atenção aos detalhes. Coisas que perdem os quando ficam os m ais velhos.

O Sr. Cartinhas costum ava chegar com seu furgão quando m eus pais não tinham tem po para m im . Ele abria seu grande sorriso de gnom o, piscava o olho para m im , m e entregava um pacote de papel m arrom com *Cassandra* escrito em grandes letras de form a, e dentro haveria um chocolate, um a boneca ou um livro. Seu presente final foi um m icrofone cor-de-rosa de plástico, e eu andava pela casa com ele fingindo cantar ou estar na tevê. Foi o m elhor presente que j á ganhei.

Meus pais não faziam perguntas sobre os presentes. Eu não m e indagava a respeito de quem os estaria m andando. Chegavam com o Sr. Cartinhas, que pilotava seu furgãozinho pelo corredor até a porta do m eu quarto e sem pre batia

três vezes. Eu era um a garota que dem onstrava os sentim entos que sentia e, por isso, quando o vi pela prim eira vez depois de ganhar o m icrofone de plástico, corri até ele e abracei suas pernas com m eus braços.

É difícil descrever o que ocorreu em seguida. Ele se desfez com o se fosse de neve ou de cinzas. Num instante eu estava abraçando um a pessoa, e então havia apenas um pó branco, e nada m ais.

Depois daquele dia, continuei esperando que o Sr. Cartinhas voltasse, m as isso nunca aconteceu. Acabou. Algum tem po depois, tornou-se constrangedor m e lem brar dele: eu tinha m e apaixonado por *aquilo*.

É tão estranho, esse côm odo.

Me pergunto por que pensei que um a pessoa que m e fez feliz quando eu tinha quinze anos poderia m e fazer feliz agora. Mas Stuart era perfeito: a escola de equitação (com pôneis), e as pinturas (m ostrando que era sensível), e a inexperiência com as garotas (para que eu fosse sua prim eira) e quanto ele se tornaria alto, m uito alto, som brio e bonito. Gostava do nom e tam bém : era vagam ente escocês e (aos m eus ouvidos) soava com o o herói de um rom ance. Escrevi o nom e de Stuart nos m eus livros escolares.

Não contei às m inhas am igas o detalhe m ais im portante a respeito de Stuart: eu o tinha inventado.

E agora estou levantando da cam a e olhando para a silhueta de um hom em , um vulto feito de farinha, cinzas ou poeira sobre o lençol de cetim preto, e estou

vestindo m inhas roupas.

As fotografias na parede tam bém estão desbotando. Não esperava por isso. Eu

m e pergunto o que restará do m undo dele daqui a algum as horas, se seria m elhor

tê-lo deixado em paz, usado apenas com o fantasia m asturbatória, algo que

trouxesse segurança e conforto. Ele teria passado a vida inteira sem j am ais tocar

em alguém de fato, apenas um a foto e um quadro e um a m eia lem brança para

um punhado de pessoas que quase não pensavam m ais nele.

Deixo o apartam ento. O bar do andar de baixo ainda tem gente. Estão

sentadas na m esa, no canto, onde Stuart e eu tínham os nos sentado m ais cedo. A

vela dim inuiu bastante, m as im agino que quase poderia ser a gente. Um hom em

e um a m ulher, conversando. E logo os dois vão se levantar da m esa e ir em bora,

e a vela será apagada e as luzes tam bém , encerrando m ais um a noite.

Cham o um táxi. Entro. Por um m om ento — pela últim a vez, espero — m e

pego com saudades de Stuart Innes.

Então relaxo no assento do táxi e o abandono. Espero que possa pagar a

corrida, e m e pergunto se haverá um cheque na m inha bolsa de m anhã, ou

apenas outra folha de papel em branco. Então, m ais satisfeita que insatisfeita,

fecho os olhos e espero chegar em casa.

Às profundezas de um m ar sem sol

O Tâm isa é um a fera im unda, atravessa Londres em zigue-zague com o um a cobra-cega ou um a serpente m arinha. Todos os rios correm para ele, o Fleet, o Ty burn e o Neckinger, carregando toda a im undície, a escória e o esgoto, os corpos de cães e gatos e os ossos de ovelhas e porcos para a água m arrom do Tâm isa, que os leva para o leste até o estuário e, de lá, para o Mar do Norte e o esquecim ento.

Chove em Londres. A chuva rem ove a suj eira para os bueiros e incha córregos, transform ando-os em rios, e os rios em coisas poderosas. A chuva é barulhenta, chapinhando, tam borilando e chacoalhando telhados. Se a água é lim pa quando cai do céu, basta tocar Londres para virar suj eira, m isturando pó

e

fazendo lam a.

Ninguém bebe essa água, sej a da chuva ou do rio. Há piadas dizendo que a

água do Tâm isa m ata instantaneam ente, e isso não é verdade. Há m eninos de rua

que m ergulham nas profundezas do rio em busca de m oedas arrem essadas e

voltam à superfície cuspindo a água, trem endo e m ostrando as m oedas. Eles não

m orrem , é claro, ou não disso, em bora não haj a nenhum com m ais de quinze

anos.

A m ulher não parece se im portar com a chuva.

Ela cam inha pelas docas de Rotherhithe, com o tem feito há anos, há décadas

— ninguém sabe quantos anos, porque ninguém se im porta. Ela cam inha pelas

docas, ou encara o m ar. Exam ina os navios, que balançam ancorados. Precisa de

algum a coisa que im peça corpo e alm a de dissolver sua parceria, m as ninguém

nas docas tem a m enor ideia do que fazer.

Você procura refúgio do dilúvio sob um toldo arm ado por um fabricante de

velas. Assum e de início que está sozinho ali em baixo, pois ela está im óvel com o

um a estátua e olha na direção da água, em bora não sej a possível ver nada com a

cortina de chuva. A m argem oposta do Tâm isa desapareceu.

E, então, ela o vê. Ela o vê e com eça a falar — não com você, ah, não, m as com a água cinzenta que cai do céu cinzento dentro do rio cinzento.

— Meu filho queria ser m arinheiro — diz.

E você não sabe o que responder, ou com o responder. Seria necessário gritar para se fazer ouvir em m eio ao rugido da chuva, m as ela fala, e você escuta. E se estica e se distende para entender as palavras dela.

— Meu filho queria ser m arinheiro.

“Pedi a ele para não partir para o m ar. ‘Sou sua m ãe’, eu disse. ‘O m ar não vai am á-lo com o eu am o, o m ar é cruel.’ Mas ele respondeu: ‘Ó, m ãe, preciso ver o

m undo. Preciso ver o sol nascer nos trópicos e a aurora boreal dançando no céu do ártico, e, acim a de tudo, preciso fazer m inha fortuna, e, quando ela estiver feita, vou voltar para você e vou construir um a casa, e você terá criados, e vam os dançar, m ãe, ah, com o vam os dançar…’

“‘E o que eu faria num a casa sofisticada?’, perguntei a ele. ‘Você é um tolo com esse belo discurso.’ Contei-lhe a respeito do pai, que nunca voltou do m ar: alguns dizem que m orreu e se perdeu nas águas, enquanto outros j uraram ter visto ele adm inistrando um bordel em Am sterdã.

“Não faz diferença. O m ar o levou.

“Quando tinha doze anos, m eu m enino fugiu rum o às docas e em barcou no prim eiro navio que encontrou. Foi até Flores, nos Açores, m e contaram .

“Há navios de m au agouro. Navios ruins. Dão um a dem ão de tinta neles depois de cada desastre, e um novo nom e, para tapear os incautos.

“Os m arinheiros são supersticiosos. Os boatos circulam . O navio havia sido encalhado de propósito pelo capitão a m ando dos proprietários, para fraudar a seguradora; então, rem endado e quase novo, foi tom ado por piratas; em seguida, recebeu um carregam ento de cobertores e se tornou um navio pestilento tripulado por m ortos, e apenas três hom ens o trouxeram ao porto de Harwich…

“Meu filho partiu num navio agourento. Foi na viagem de volta que a tem pestade os atingiu, quando ele m e trazia seus ganhos, pois era j ovem dem ais para gastar em m ulheres e bebida feito o pai.

“Ele era o m enor no bote salva-vidas.

“Dizem que o sorteio foi j usto, m as eu não acredito. Ele era m enor que os outros. Depois de oito dias à deriva no barco, estavam com tanta fom e. E, se de fato sortearam , então trapacearam .

“Roeram até lim par os ossos, um por um , e os entregaram à sua nova m ãe, a água. Ela não derram ou lágrim as e o recebeu sem nenhum a palavra. Ela é cruel.

“Há noites em que desej o que ele não tivesse m e contado a verdade. Poderia ter m entido.

“Deram os ossos do m eu filho para o m ar. Mas o im ediato do navio, além de

conhecer m eu m arido, tam bém m e conhecia. E m ais do que pensara m eu m arido, para dizer a verdade. O im ediato guardou um osso com o recordação.

“Quando voltaram a terra, todos j urando que m eu m enino tinha se perdido na tem pestade que afundou o navio, o im ediato veio de noite e m e contou a verdade do ocorrido. Ele m e deu o osso, em nom e do am or que existiu entre nós.

“Eu disse: ‘Você fez algo terrível, Jack. Foi seu filho que você com eu.’

“O m ar tam bém o levou, naquela noite. Ele cam inhou em direção à água, com os bolsos cheios de pedras, e seguiu andando. Nunca tinha aprendido a nadar.

“E coloquei o osso num a corrente para m e lem brar dos dois, na m adrugada, quando o vento quebra as ondas do m ar e as faz desabar na areia, quando o vento uiva ao redor das casas com o um bebê chorando.”

A chuva com eça a am ainar, e você pensa que a m ulher term inou, m as agora, pela prim eira vez, ela olha para você. Parece estar prestes a falar. Puxa algo preso ao pescoço e lhe estende as m ãos.

— Aqui — diz ela. Os olhos da m ulher, ao cruzar com os seus, são m arrons com o o Tâm isa. — Quer tocar nele?

Você tem vontade de arrancar aquilo do pescoço dela, arrem essar no rio para os m eninos de rua, que encontrem ou percam . Porém , em vez disso, você deixa a proteção do toldo arm ado, e a água da chuva corre pelo seu rosto com o as

lágrim as de outra pessoa.

A verdade é um a caverna nas Montanhas Negras

Indaga se sou capaz de m e perdoar? Posso m e perdoar por m uitas coisas. Por onde o deixei. Por aquilo que fiz. Mas não vou m e perdoar pelo ano em que detestei m inha filha, quando pensei que ela tivesse fugido, talvez para a cidade. Durante aquele ano proibi que seu nom e fosse m encionado, e quando o nom e dela vinha às m inhas preces enquanto eu orava, era para pedir que ela um dia percebesse o que fizera, a desonra que trouxera à m inha fam ília, o verm elho que

tingia os olhos da m ãe.

Odeio a m im m esm o por isso, e nada pode aliviar essa sensação, nem m esm o

o que aconteceu naquela noite, na m ontanha.

Minha busca durara quase dez anos, em bora o rastro estivesse frio. Diria que o encontrei por acaso, m as não acredito no acaso. Se seguirm os a trilha, no fim chegarem os à caverna.

Mas isso foi depois. Antes, havia o vale no continente, a casa branca cercada por um cam po delicado cortado por um córrego, um a casa que repousava contra

o verde da gram a e as urzes que com eçavam a arroxear.

E havia um m enino do lado de fora, recolhendo a lã em aranhada em um arbusto espinhoso. Ele não notou m inha aproxim ação, e não olhou para cim a até

que eu dissesse:

— Eu costum ava fazer isso. Recolher a lã dos espinheiros e galhos secos. Minha m ãe as lavava e depois fazia coisas para m im com os fios. Um a bola ou um boneco.

Ele se virou. Parecia chocado, com o se eu tivesse surgido do nada. E não era verdade. Eu tinha cam inhado m uitas léguas, e ainda havia m uitas m ais a percorrer.

— Ando silenciosam ente — disse-lhe. — Essa é a casa de Calum MacInnes?

O m enino concordou com a cabeça, levantou-se até ficar de pé, sendo talvez dois dedos m ais alto que eu, e afirm ou:

— Eu sou Calum MacInnes.

— Há m ais alguém com esse nom e? O Calum MacInnes que procuro é um hom em feito.

O m enino nada respondeu, apenas soltou outro tufo espesso de lã de ovelha em aranhando nos galhos do espinheiro. Eu insisti:

— Talvez seu pai? Por acaso o nom e dele tam bém é Calum MacInnes?

O m enino m e observava atentam ente.

— O que é você? — indagou.

— Sou um hom em pequeno, m as ainda assim um hom em . E vim aqui para ver Calum MacInnes.

— Por quê? E por que é tão pequeno?

— Porque desej o perguntar algo ao seu pai. Negócios de hom em .

Vi um sorriso despontar nos cantos dos lábios dele.

— Não é ruim ser pequeno, j ovem Calum . Houve um a noite em que os Cam pbell bateram à m inha porta, um grupo enorm e, doze hom ens com facas e porretes, e exigiram que m inha esposa, Morag, m e cham asse, pois tinham vindo m e m atar, com o vingança por algum delito inventado. E ela disse: “Johnnie, m eu querido, corra para o prado m ais distante e diga ao seu pai para voltar para casa, que estou cham ando por ele.” E os Cam pbell observaram enquanto o m enino saía pela porta. Eles sabiam que eu era perigosíssim o. Mas ninguém havia lhes dito que eu era um anão, ou se disseram , não acreditaram .

— O m enino o cham ou? — disse o rapaz.

— Não era um m enino — revelei —, era eu. Eles tinham m e encurralado, m as m esm o assim escapei andando pela porta, escapando entre seus dedos.

Ele riu.

— Por que os Cam pbell estavam atrás de você?

— Foi um a desavença envolvendo gado. Eles pensaram que as vacas lhes pertenciam . Argum entei que a posse dos Cam pbell sobre as vacas tinha chegado ao fim na prim eira noite em que elas vieram com igo pelas colinas.

— Espere aqui — disse o j ovem Calum MacInnes.

Sentei-m e ao lado do córrego e olhei para a casa. Era um a casa de bom tam anho: suporia ser a residência de um m édico ou um hom em das leis, e não de um *border reaver*. Havia seixos no chão, e construí um a pilha com eles e os arrem essei no córrego, um por um . Enxergo bem , e m e diverti j ogando as pedrinhas por sobre o prado e para dentro da água.

Já havia arrem essado um a centena de pedras quando o m enino voltou, acom panhado por um hom em alto de andar firm e. O cabelo dele tinha m echas grisalhas, o rosto era longo e lupino. Não há m ais lobos naquelas colinas, não m ais, e os ursos tam bém se foram .

— Bom dia, m eu senhor — falei.

Ele nada respondeu, apenas olhou fixam ente para m im . Estou acostum ado a

ser encarado.

— Procuro Calum MacInnes. Se é você, diga, para que eu o cum prim ente. Se não for, conte logo, e seguirei m eu cam inho.

— O que desej a com Calum MacInnes?

— Desej o contratá-lo, com o guia.

— E aonde gostaria de ser levado?

Encarei-o.

— É difícil dizer. Pois há quem ache que o lugar não existe. Soube de um a certa caverna na Ilha das Brum as.

Ele nada disse. Então, se dirigiu ao filho:

— Calum , volte para casa.

— Mas, pa...

— Diga à sua m ãe que lhe dê algum doce, a m eu pedido. Sei que você gosta. Vá.

Diferentes expressões cruzaram o sem blante do m enino: perplexidade, fom e, alegria… e então ele se voltou e correu em direção à casa branca.

— Quem o m andou? — perguntou Calum MacInnes.

Apontei para o córrego que passava por nós em sua j ornada colina abaixo.

— O que é aquilo? — perguntei.

— Água.

— Dizem que há um rei além dela.

Eu não o conhecia na época, e j am ais o conheci bem , m as seu olhar se arm ou, defensivo, e sua cabeça se inclinou para o lado.

— Com o posso saber se você é quem diz? — perguntou.

— Não aleguei nada. Disse apenas que há quem tenha ouvido falar da existência de um a caverna na Ilha das Brum as, e talvez você conheça o cam inho.

— Não vou lhe dizer onde fica a caverna.

— Não vim aqui atrás de instruções. Busco um guia, e viaj ar acom panhado é m ais seguro que sozinho.

Ele m e olhou de cim a a baixo, e aguardei a piada sobre m eu tam anho, m as Calum não fez nenhum a brincadeira, e por isso m e senti grato.

Ele apenas disse:

— Não entrarei na caverna. Você terá que carregar o ouro sozinho.

— Não faz diferença para m im — disse eu.

— Só poderá levar aquilo que conseguir carregar. Não tocarei em nada. Mas aceito ser seu guia.

— Será bem recom pensado pelo trabalho. — Abri a bolsa, peguei um a sacola entreguei-a para ele. — Isso é por m e levar. Receberá outra, duas vezes m aior, quando voltarm os.

Ele derram ou as m oedas da sacola na im ensa m ão e assentiu. — Prata — com entou. — Ótim o. Vou m e despedir da m inha m ulher e do m eu filho.

— Não há nada que precise levar?

— Eu era *reaver* na j uventude, e os *reavers* viaj am com pouco. Trarei um a corda, para as m ontanhas.

Tocou na adaga, que pendia do cinto, e voltou para a casa branca. Nunca vi a m ulher dele, naquele dia ou em algum outro. Não sei de que cor era o cabelo dela.

Arrem essei outras cinquenta pedrinhas no córrego enquanto esperava, até que ele voltou, com um rolo de corda pendurado no om bro, e então cam inham os j untos para longe da casa grande dem ais para um *reaver*, e seguim os para o oeste.

* * *

AS MONTANHAS ENTRE o resto do m undo e a costa são colinas graduais, visíveis a distância com o vultos graciosos, roxos e enevoados, com o nuvens. Convidativas. São m ontanhas pouco íngrem es, do tipo que podem ser escaladas facilm ente com um a cam inhada, porém se leva m ais de um dia inteiro na j ornada. Andam os m ontanha acim a e, ao final do prim eiro dia, sentim os frio. Vi neve nos picos acim a de nós, em bora estivéssem os em pleno verão.

Nada dissem os um ao outro naquele prim eiro dia. Não havia nada a dizer. Sabíam os para onde estávam os indo.

Fizem os um a fogueira usando excrem ento seco de ovelha e galhos m ortos; fervem os água e preparam os nosso m ingau, cada um j ogando um punhado de

aveia e um a pitada de sal na panelinha que eu trouxera. O punhado dele era

enorm e, e o m eu era pequeno, com o m inhas m ãos, o que o fez sorrir e dizer:

— Espero que não queira com er m etade do m ingau.

Eu neguei e, de fato, não o fiz, pois m eu apetite é m enor do que o de um

hom em feito. Mas acredito que isso sej a um a vantagem , pois posso sobreviver na

floresta com endo frutos e sem entes que não im pediriam um a pessoa m aior de

passar fom e.

Um a espécie de trilha cruzava as colinas altas, e nós a seguim os sem

encontrar quase ninguém : um funileiro viaj ante e seu burro, carregando um a alta

pilha de panelas velhas, e um a m enina conduzindo o anim al. Ela sorriu para m im

ao pensar que eu fosse um a criança e depois franziu a testa ao perceber o que

sou realm ente, e teria arrem essado um a pedra em m im se o funileiro não tivesse

batido na m ão dela com a vareta que vinha usando para incentivar o burro.

Depois, encontram os um a velha com um hom em que ela dizia ser seu neto,

descendo a colina. Com em os com ela, que nos disse ter aj udado no nascim ento

do prim eiro bisneto, e que o parto fora bom . Ela falou que leria nossa sorte na

palm a das m ãos se tivéssem os m oedas para as m ãos dela. Dei à velhota um

penny surrado, e ela leu m inha m ão.

— Vej o m orte no seu passado e m orte no seu futuro — disse ela.

— A m orte aguarda no futuro de todos nós — respondi.

Ela fez um a pausa, ali no ponto m ais alto das Highlands, onde os ventos do verão trazem o inverno no hálito e uivam e chicoteiam e cortam o ar com o facas.

— Havia um a m ulher em um a árvore. Haverá um hom em em um a árvore — disse ela.

— Isso quer dizer algum a coisa?

— Um dia, talvez. Tom e cuidado com o ouro. A prata é sua am iga.

E, então, ela havia term inado com igo.

A Calum , ela disse:

— Sua palm a foi queim ada. — Ele afirm ou que aquilo era verdade. — Dê-m e sua outra m ão, a esquerda.

Ele obedeceu. A velha observou a palm a atentam ente e proclam ou:

— Retorna para onde com eçou. Estará m ais alto do que a m aioria dos hom ens. E não há túm ulo esperando você para onde estão indo.

— Está dizendo que não vou m orrer?

— É a sorte da m ão esquerda. Sei apenas o que lhe disse, e nada m ais.

Ela sabia m ais. Vi em seu rosto.

Esse foi o único episódio interessante do segundo dia.

Dorm im os ao relento naquela noite. A m adrugada foi clara e fria, e o céu

estava repleto de estrelas que pareciam tão brilhantes e próxim as a ponto de eu acreditar que poderia pegá-las com o frutinhas, se estendesse o braço.

Deitam os lado a lado sob as estrelas, e Calum disse:

— A velha revelou que a m orte o aguarda. Mas a m orte não espera por m im . Acho que a m inha sorte é m elhor.

— Talvez.

— Ah — disse ele. — Tudo isso não passa de bobagem . Conversa de velha. Não é verdade.

Acordei em m eio à neblina da alvorada e vi um cervo nos observando, curioso.

No terceiro dia, chegam os ao cum e das m ontanhas e com eçam os a cam inhar colina abaixo.

— Quando eu era m enino, a adaga do m eu pai caiu no fogo em que cozinhávam os. Eu a tirei de lá, m as o punho de m etal estava tão quente quanto as cham as. Levei um susto, m as não a soltei. Afastei-a do fogo e m ergulhei a lâm ina na água. Saiu vapor. Lem bro-m e disso. Minha palm a ficou queim ada, e m inha m ão, curvada, com o se tivesse que em punhar um a espada até o final dos tem pos — disse m eu com panheiro.

— Você e sua m ão. Eu, apenas um hom em pequenino. Belos heróis nós

som os, buscando nossa sorte na Ilha das Brum as.

Ele soltou um a gargalhada, curta e sem hum or.

— Belos heróis — foi tudo o que disse.

A chuva com eçou a cair pouco tem po depois, e não parou m ais. Naquela noite passam os por um a pequena casa de pedra. Havia um fio de fum aça saindo da cham iné. Cham am os o proprietário, m as não houve resposta.

Abri a porta e cham ei m ais um a vez. O lugar estava escuro, m as senti cheiro de cera, com o se um a vela acesa tivesse sido apagada recentem ente.

— Ninguém em casa — afirm ou Calum .

Mas balancei a cabeça e avancei, então m e abaixei na escuridão sob a cam a.

— Poderia sair daí? — pedi. — Som os viaj antes buscando calor, abrigo e hospitalidade. Com partilharem os com você nossa aveia e nosso uísque. E não lhe farem os m al.

De início, a m ulher escondida em baixo da cam a não disse nada, m as depois, falou:

— Meu m arido está nas colinas. Ele disse para eu m e esconder caso desconhecidos se aproxim assem da casa, por m edo do que poderiam fazer com igo.

— Sou apenas um hom enzinho, m inha senhora, do tam anho de um a criança. Você poderia m e derrubar com um só golpe. Meu com panheiro é um hom em

feito, m as j uro que ele não lhe fará m al. Vai apenas partilhar da sua hospitalidade

e secar o corpo. Por favor, saia daí.

Ela em ergiu de debaixo da cam a coberta de pó e teias de aranha, m as,

m esm o com o rosto suj o, era linda, e o cabelo, m esm o cheio de teias e com um a

cam ada cinzenta de poeira, ainda era com prido e espesso, de um tom acobreado.

Por um instante, ela m e fez lem brar da m inha filha, m as m inha filha olharia um

hom em nos olhos, enquanto aquela m ulher encarava apenas o chão, tem erosa,

com o se esperasse levar um a surra.

Dei a ela um pouco da nossa aveia, e Calum sacou do bolso tiras de carne-

seca, e ela foi ao cam po e voltou com um par de nabos m agros e preparou o

j antar para nós três.

Com i até ficar satisfeito. Ela não estava com fom e. Acredito que Calum

continuava com fom e ao term inar a refeição. Ele serviu uísque a nós três: ela

tom ou apenas um pouco, e com água. A chuva batucava no telhado da casa, e

um a poça se form ava no canto do côm odo, e por m ais desconfortável que fosse,

fiquei contente por estar ali dentro.

Foi então que um hom em entrou pela porta. Ele nada disse, apenas nos olhou

fixam ente, desconfiado e bravo. Tirou a capa de estopa encerada e o chapéu, e

os largou no chão de terra. Estavam ensopados e form aram poças. O silêncio era opressivo.

— Sua m ulher nos ofereceu abrigo quando a encontram os. Mas foi difícil achá-la — disse Calum MacInnes.

— Pedim os hospitalidade — falei. — Com o a pedim os agora do senhor.

O hom em nada disse, apenas grunhiu.

Nas Highlands, as pessoas poupam palavras com o se fossem m oedas de ouro. No entanto, os costum es são fortes ali: os desconhecidos que solicitam hospitalidade precisam recebê-la, por m ais que haj a algum a disputa de sangue entre os clãs.

A m ulher — não m ais que um a m enina, enquanto a barba do m arido era grisalha e branca, a ponto de eu m e perguntar em certo m om ento se ela não seria sua filha, m as não: havia apenas um a cam a, onde m al cabiam dois — a m ulher saiu e foi até o cercado das ovelhas ao lado da casa, voltando com pães de aveia e presunto curado que ela deve ter escondido ali, cortando-os em fatias finas e servindo-as em um a travessa de m adeira colocada diante do hom em .

Calum serviu uísque ao hom em e disse:

— Procuram os a Ilha das Brum as. Sabe se ela está lá?

O hom em olhou para nós. Os ventos são am argos nas Highlands, e poderiam arrancar as palavras da boca de um hom em . Ele com prim iu os lábios e, em seguida, falou:

— Sim , eu a vi do cum e esta m anhã. Está lá. Não posso dizer se vai estar lá am anhã.

Dorm im os no chão de terra batida daquele casebre. O fogo se apagou, e não havia calor vindo do fogão a lenha. O hom em e sua esposa dorm iram na cam a, por trás da cortina. Ele fez o que queria com ela, sob a pele de ovelha que cobria a cam a, e antes disso, ele a surrou por ter nos alim entado e deixado entrar. Eu os ouvi, não pude deixar de ouvi-los, e foi difícil pegar no sono aquela noite.

Já dorm i na casa de pessoas pobres, e j á dorm i em palácios, e j á dorm i sob as estrelas, e teria dito que, antes daquele dia, todos esses lugares eram iguais para m im . Mas despertei antes do am anhecer, convencido de que seria m elhor ir em bora dali, m esm o sem saber por quê, e acordei Calum tocando em seus lábios com o dedo, e silenciosam ente deixam os aquela casa de pedra na m ontanha sem nos despedirm os, e nunca m e senti m ais aliviado ao deixar um lugar para trás.

Já estávam os a quase dois quilôm etros de lá quando eu disse:

— A ilha. Você perguntou se ela estaria lá. Bem , ou a ilha está lá, ou não está.

Calum hesitou. Parecia estar escolhendo as palavras, e então disse:

— A Ilha das Brum as não é com o as outras. E as brum as que a cercam não são com o as outras brum as.

Pegam os um a trilha aberta pela passagem de centenas de cascos de ovelhas e

cervos, e poucos hom ens.

— Tam bém a cham am os de Ilha Alada. Alguns dizem que é porque, quando vista de cim a, a ilha parece ter o form ato de asas de borboleta. Não sei qual é a verdade disso — falou Calum . — “Que é a Verdade?”, disse Pilatos.

É m ais difícil descer do que subir.

— Às vezes, acho que a verdade é um lugar. Para m im , é com o um a cidade: pode haver um a centena de estradas, um a centena de cam inhos que, no fim , vão

nos levar ao m esm o lugar. Não im porta de onde venham os. Se seguirm os na direção da verdade, vam os alcançá-la, independentem ente do rum o que tom arm os.

Calum MacInnes olhou para m im e nada disse. Então:

— Você está enganado. A verdade é um a caverna nas Montanhas Negras. Há som ente um cam inho até lá, e um cam inho apenas. Um cam inho árduo e traiçoeiro. E, se seguir na direção errada, vai m orrer sozinho na m ontanha.

Chegam os ao cum e e olham os para baixo, na direção da costa. Vi os vilarej os lá em baixo, perto da água. E vi as altas Montanhas Negras diante de m im , do outro lado do m ar, despontando em m eio à neblina.

— Lá está sua caverna, naquelas m ontanhas — disse Calum .

Ao vê-las, pensei serem aqueles os ossos da terra. E então senti um desconforto ao pensar em ossos e, para m e distrair, perguntei:

— Quantas vezes j á foi até lá?

— Só um a. Procurei a caverna quando tinha dezesseis anos, pois ouvira as lendas e acreditava que a encontraria se a buscasse. Tinha dezessete quando cheguei a ela e m e apossei de todas as m oedas de ouro que consegui carregar.

— Não teve m edo da m aldição?

— Quando eu era j ovem , não tinha m edo de nada.

— O que fez com o seu ouro?

— Parte dele foi enterrada e só eu sei onde. Usei o restante para pagar o dote da m ulher que eu am ava, e construir um a boa casa.

Ele se calou com o se j á tivesse falado dem ais.

Não havia balseiro no píer. Apenas um barco pequeno, que m al daria para três hom ens, am arrado ao tronco de um a árvore retorcida e m eio m orta na praia e um sino ao lado dele.

Toquei o sino e, pouco depois, um hom em gordo veio à praia.

— O transporte vai lhe custar um xelim , e ao seu filho, três *pence* — disse ele a Calum .

Endireitei as costas. Não sou tão grande quanto os outros hom ens, m as tenho tanto orgulho quanto qualquer um deles.

— Tam bém sou um adulto — afirm ou. — Pagarei um xelim .

O balseiro m e olhou de cim a a baixo, e então coçou a barba.

— Peço desculpas. Meus olhos j á não são m ais os m esm os. Vou levá-los à

ilha.

Dei a ele o xelim . Ele o pesou na m ão.

— São nove *pence* que você preferiu não roubar de m im . Nove *pence* não são pouca coisa nesses tem pos som brios.

A água era da cor da ardósia, em bora o céu estivesse azul, e cristas brancas de espum a trom bavam na superfície. O balseiro desam arrou o barco e arrastou-o, oscilante, pelas pedrinhas da praia até a beira da água. Ele entrou no m ar frio e subiu no barco.

Rem os golpearam a água do m ar, e o barco avançou na direção da ilha com facilidade. Sentei-m e perto do balseiro.

— Nove *pence*. É um bom dinheiro. Mas soube de um a caverna nas m ontanhas da Ilha das Brum as que é cheia de m oedas de ouro, o tesouro dos antigos.

Ele balançou a cabeça, desinteressado.

Calum olhava fixam ente para m im , com prim indo os lábios com tanta força que estavam brancos. Ignorei-o e continuei:

— Um a caverna cheia de m oedas de ouro, um presente dos nórdicos, ou dos povos do Sul, ou daqueles que dizem ter estado aqui m uito antes de todos nós: aqueles que fugiram para o Oeste quando as pessoas chegaram .

— Já ouvi falar — respondeu o balseiro. — E tam bém soube da m aldição. Para m im , que um cuide do outro. — Ele cuspiu no m ar. Então, continuou: —

Você é um a pessoa honesta, anão. Vej o no seu rosto. Não procure a caverna. Nada de bom pode vir dela.

— Estou certo de que tem razão — falei a ele, sem m alícia.

— Sei que tenho — respondeu ele. — Pois não é todo dia que levo um *reaver* e um anãozinho à Ilha das Brum as. — E com pletou: — Nessa parte do m undo, acreditam os que dá azar falar daqueles que foram para o Oeste.

Fizem os o resto da j ornada em silêncio, apesar de o m ar ter ficado m ais agitado, e as ondas, com eçado a estourar contra a lateral do barco a ponto de eu m e agarrar com as duas m ãos por m edo de ser derrubado.

Depois do que pareceu m etade de um a vida, o barco foi am arrado a um com prido píer de pedras pretas. Cam inham os pelo atracadouro, enquanto as ondas estouravam ao nosso redor e as gotas salgadas beij avam nosso rosto. Havia um corcunda ao chegarm os à praia, vendendo pão de aveia e am eixas tão secas que pareciam pedras. Dei a ele um *penny* e enchi a bolsa com eles.

Então adentram os a Ilha das Brum as.

Estou velho agora, ou, ao m enos, não sou m ais j ovem , e tudo que vej o m e lem bra de outra coisa que j á vi, de m odo que não vej o nada pela prim eira vez. Um a m enina bonita, com cabelos cor de fogo, m e lem bra de outras centenas de m oças assim , e suas m ães, e com o eram enquanto cresciam e quando m orreram . É a m aldição da idade: todas as coisas viram reflexos de outras.

Digo isso, m as o tem po que passei na Ilha das Brum as não m e faz lem brar de nada além do próprio período que passei lá.

A partir do atracadouro, é necessário um dia inteiro de cam inhada para chegar às Montanhas Negras.

Calum MacInnes olhou para m im , com m etade do seu tam anho ou m enos, e partiu em um a série de passos largos, com o se m e desafiasse a acom panhar seu ritm o. As pernas o im pulsionavam pelo chão, que estava m olhado e cheio de sam am baias e urzes.

Acim a de nós, nuvens baixas flutuavam no vento, cinzentas, brancas e pretas, ocultando um as às outras, revelando-se para então se esconderem .

Deixei que ele tom asse a dianteira, que avançasse na chuva até ser engolido pela névoa úm ida e cinzenta. Foi som ente então que corri.

Esse é um dos m eus segredos, um a das coisas que não revelei a ninguém , a não ser Morag, m inha esposa, e Johnnie e Jam es, m eus filhos, e Flora, m inha filha (que as Som bras acalentem sua pobre alm a): consigo correr, e correr m uito bem , e, se necessário, posso correr m ais rápido, por m ais tem po e com passos m ais seguros do que qualquer hom em de estatura norm al; e foi assim que corri, então, em m eio à névoa e à chuva, indo pelo cam inho m ais alto das colinas de rocha negra, m as m e m antendo abaixo das nuvens.

Ele estava na m inha frente, m as logo o avistei, e continuei correndo até

ultrapassá-lo, ainda pelo cam inho m ais alto, com o cum e da colina entre nós. Abaixo havia um riacho. Posso correr por dias sem parar. Esse é o prim eiro dos m eus segredos; porém , há um segredo que não revelei a ninguém .

Já tínham os discutido sobre onde acam par naquela prim eira noite na Ilha das Brum as, e Calum m e dissera que descansaríam os sob a rocha conhecida com o Hom em e Cachorro, pois dizem que se parece com um velho ao lado de um cão, e cheguei ao ponto de encontro no fim da tarde. Havia um abrigo sob a pedra, que era protegido e seco, e alguns dos que tinham estado ali antes deixaram lenha, galhos, gravetos e ram inhos. Fiz um a fogueira para m e secar, afastando o frio dos ossos. A fum aça da lenha soprou pelas urzes.

Estava escuro quando Calum chegou ofegante ao abrigo e olhou para m im com o se não esperasse m e ver antes da m eia-noite.

— Por que dem orou tanto, Calum MacInnes?

Ele nada disse, apenas m e encarou.

— Tem os truta cozida em água da m ontanha e um a fogueira para aquecer os ossos.

Calum assentiu. Com em os a truta e bebem os uísque para esquentar o corpo. Havia um m onte de urzes e sam am baias, secas e m arrons, em pilhadas no fundo do abrigo, e dorm im os sobre isso, bem em brulhados em nossos m antos úm idos.

Acordei no m eio da noite. Senti o aço frio contra m inha garganta: a lateral da lâm ina, não o fio.

— Por que decidiria m e m atar agora, Calum MacInnes? Nosso cam inho é longo, e nossa j ornada ainda não acabou.

— Não confio em você, anão.

— Não é em m im que você deve confiar — afirm ei —, e sim naqueles a quem sirvo. E se voltar sem m im , há quem ficará sabendo do nom e de Calum MacInnes, fazendo com que este sej a dito nas som bras.

A lâm ina fria perm aneceu na m inha garganta.

— Com o conseguiu chegar antes de m im ?

— E cá estava eu, recom pensando sua m á conduta, pois preparei-lhe o fogo e a com ida. Sou um hom em difícil de despistar, Calum MacInnes, e um guia j am ais deveria fazer o que você fez hoj e. Agora, afaste a adaga do m eu pescoço e m e deixe dorm ir.

Ele nada disse, m as, após alguns instantes, guardou a lâm ina. Obriguei-m e a não suspirar nem respirar, torcendo para que ele não ouvisse m eu coração m artelando no peito; e não consegui m ais dorm ir naquela noite.

Para o café da m anhã, preparei m ingau, e j oguei nele algum as am eixas secas para am olecê-las.

As m ontanhas eram negras e cinzentas contra o branco do céu. Vim os águias

im ensas e de asas esfarrapadas circulando sobre nossas cabeças. Calum estabeleceu um ritm o sóbrio, e eu cam inhei ao seu lado, dando dois passos para acom panhar cada passada dele.

— Quanto tem po m ais? — perguntei-lhe.

— Um dia. Talvez dois. Depende do clim a. Se as nuvens baixarem , serão dois dias, ou talvez três…

As nuvens desceram ao m eio-dia, e o m undo foi coberto por um a neblina pior que a chuva: gotículas de água pairavam no ar, um edecendo roupas e pele. As rochas sobre as quais cam inhávam os se tornaram traiçoeiras, e Calum e eu dim inuím os o ritm o da subida, com passos cuidadosos. Não estávam os escalando,

e sim andando m ontanha acim a, usando trilhas abertas por bodes e cam inhos ásperos e acidentados. As rochas eram escuras e escorregadias: cam inham os, escalam os, cam baleam os e nos agarram os, escorregam os, deslizam os, tropeçam os e perdem os o equilíbrio, e m esm o em m eio à brum a, Calum sabia

aonde estava indo, e eu o segui.

Ele parou quando nos aproxim am os de um a cachoeira que cortava nosso cam inho, espessa com o o tronco de um carvalho. Sacou a corda fina que trazia no om bro e am arrou-a em um a rocha.

— Isso não estava aqui antes — disse-m e. — Vou prim eiro.

Calum am arrou um a extrem idade da corda na cintura e se esgueirou pela

trilha, entrando na queda d’água, pressionando o corpo contra o paredão de pedra

m olhada, avançando aos poucos e com determ inação, atravessando o véu da cachoeira.

Tive m edo do que poderia acontecer a ele, m edo do que poderia acontecer a nós dois: prendi a respiração enquanto ele atravessava, e só voltei a respirar quando m eu guia chegou ao outro lado da cachoeira. Calum testou a corda, puxou-a e fez um gesto para que eu o seguisse, quando um a rocha cedeu sob seu pé e ele escorregou na superfície m olhada, caindo no abism o.

A corda resistiu, e a rocha ao m eu lado tam bém . Calum MacInnes ficou pendurado. Ele olhou para m im , e eu suspirei, ancorei o corpo num a protuberância na pedra e puxei a corda até erguê-lo. Trouxe-o de volta à trilha, pingando e am aldiçoando.

— Você é m ais forte do que parece — disse ele, e eu am aldiçoei m inha própria tolice. Ele deve ter visto algo no m eu rosto, pois, depois de se chacoalhar

com o um cão, lançando gotas por toda parte, acrescentou: — Meu filho Calum m e relatou a história que você contou a ele a respeito dos Cam pbell, que eles foram atrás de você, e sua m ulher o m andou para o cam po, fazendo-os pensarem que se tratava da sua m ãe, e você, de um a criança.

— Foi apenas um a anedota. Algo para passar o tem po.

— Ah, é m esm o? Pois eu soube de um grupo grande da fam ília Cam pbell que

partiu alguns anos atrás em busca de vingança contra alguém que teria roubado seu gado. Eles partiram , e nunca voltaram . Se um suj eito pequeno com o você é capaz de m atar um a dúzia desses Cam pbell… bem , você deve ser forte, e rápido.

Devo ser *estúpido,* pensei com igo m esm o, am argurado por ter contado aquela história ao m enino.

Eu os tinha abatido um por um , com o coelhos, conform e vinham fazer xixi ou ver o que acontecera com os com panheiros: j á havia m atado sete deles antes de a m inha m ulher m atar o prim eiro. Nós os enterram os no bosque, construím os um pequeno m arco de pedras em pilhadas sobre as covas, para que o peso im pedisse seus fantasm as de cam inhar, e ficam os tristes: pelo fato de os Cam pbell terem chegado ao ponto de tentar m e m atar, e por term os sido obrigados a m atá-los por isso.

Não tiro nenhum prazer do ato de m atar: nenhum hom em e nenhum a m ulher deveria fazê-lo. Às vezes, a m orte é necessária, m as é sem pre ruim . Isso é algo do qual não tenho dúvida, m esm o após os eventos que relato aqui.

Tom ei a corda de Calum MacInnes e escalei a rocha, até a nascente da cachoeira, e o feixe de água que brotava da m ontanha era estreito o bastante para que eu o atravessasse. Era escorregadio, m as consegui chegar ao outro lado

sem nenhum incidente, am arrei a corda com firm eza, desci por ela, arrem essei-a para o m eu com panheiro e aj udei-o a atravessar.

Ele não m e agradeceu nem por salvá-lo, nem por nos fazer cruzar a queda d'água, e eu não esperava nenhum agradecim ento. Tam pouco esperava o que ele

disse em seguida:

— Você não é um hom em inteiro e é feio. E sua m ulher: por acaso é baixinha e feia, com o você?

Decidi não m e ofender, se é que a intenção dele era essa. Respondi:

— Ela não é nada disso. É um a m ulher alta, quase tão alta quanto você, e quando era j ovem … quando nós dois éram os j ovens… ela era tida por m uitos com o a m oça m ais linda dos vales. Os bardos com punham canções em hom enagem aos seus olhos verdes e ao seu longo cabelo acobreado.

Pensei tê-lo visto tensionar o corpo ao ouvir isso, m as é possível que tenha apenas im aginado, ou, m ais provável, preferiria ter im aginado que vi aquilo.

— Então, com o fez para conquistá-la?

Contei-lhe a verdade:

— Eu a desej ei, e sem pre consigo o que quero. Não desisti. Ela disse que eu era sábio e gentil, e que sem pre a sustentaria. E assim tem sido.

Mais um a vez, as nuvens com eçaram a baixar, e o m undo ficou com os contornos borrados e m acios.

— Ela disse que eu seria um bom pai. E fiz m eu m elhor para criar as crianças. Que tam bém são de estatura norm al, caso estej a se perguntando.

— As surras colocaram algum j uízo na m ente do pequeno Calum — disse o Calum pai. — Ele não é um m au m enino.

— Só podem os fazer isso enquanto eles estão conosco.

E então fiquei em silêncio, e com ecei a m e lem brar daquele longo ano, e tam bém de Flora quando era pequena, sentada no chão com o rosto suj o de geleia, olhando para m im com o se eu fosse o hom em m ais sábio do m undo.

— Fugiu, é? Eu fugi de casa quando era criança. Tinha doze anos. Cheguei até a corte do rei, o rei além das águas, o pai do rei atual.

— Isso não é o tipo de coisa que se com enta em voz alta.

— Não tenho m edo. Não aqui. Quem vai nos ouvir? As águias? Eu o vi. Era um gordo que falava bem o idiom a dos estrangeiros, m as tinha dificuldade para falar a própria língua. Porém , ainda era nosso rei. E, se ele pretende voltar para nós, vai precisar de ouro para os navios, as arm as e para alim entar os soldados que conseguir reunir.

— É nisso que acredito. É por isso que procuram os a caverna.

— Esse ouro é ruim . Não vem de graça. Tem um preço.

— Tudo tem um preço.

Eu tom ava nota de cada m arco: escalar ao ver o crânio de ovelha, atravessar os três prim eiros riachos e então cam inhar ao longo do quarto até chegar aos

cinco seixos em pilhados e encontrar o ponto onde a pedra se parece com um a gaivota, cam inhando entre dois paredões íngrem es de rocha escura, então descer a ladeira...

Eu conseguiria m e lem brar daquilo, sabia que conseguiria. O bastante para encontrar de novo o cam inho de volta. Mas as brum as m e confundiam , e eu não podia ter certeza.

Chegam os a um pequeno lago, e bebem os água fresca, pescam os im ensas criaturas brancas que não eram cam arões nem lagostas, e as com em os cruas feito linguiças, pois não encontram os m adeira seca para a fogueira.

Dorm im os na superfície am pla ao lado da água gelada e acordam os em m eio à neblina antes do am anhecer, quando o m undo era cinzento e azul.

— Você chorou enquanto dorm ia — disse Calum .

— Tive um sonho — respondi.

— Nunca tenho pesadelos — disse Calum .

— Foi um sonho bom .

Era verdade. Eu sonhara com Flora ainda viva. Ela reclam ava dos garotos da vila e m e contava do tem po que passou nas colinas com o gado e de coisas triviais, sorrindo seu grande sorriso e m exendo o cabelo enquanto falava, acobreado com o o da m ãe, em bora Morag agora tenha m echas brancas.

— Sonhos bons não deveriam fazer um hom em gritar daquele j eito. —Após

um a pausa, acrescentou: — Não tenho sonhos, nem bons, nem ruins.

— Não?

— Não, desde quando era j ovem .

Levantam o-nos. Um pensam ento m e ocorreu:

— Parou de sonhar depois de entrar na caverna?

Ele nada disse.

Cam inham os pela m ontanha, brum a adentro, enquanto o sol se erguia. A neblina pareceu ficar m ais espessa e cheia de luz, banhada pelo sol, m as não se desfez, e percebi que deveria ser um a nuvem . O m undo reluzia. Então, tive a im pressão de estar encarando um hom em da m inha altura, pequeno e atarracado, com um a som bra cobrindo o rosto, de pé bem diante de m im , com o um fantasm a ou anj o, m ovendo-se conform e eu m e m ovia. Havia um halo de luz cintilante em torno dele, e era im possível dizer se estava perto ou longe. Já vi m ilagres e j á vi coisas m alignas, m as nunca vi nada parecido com aquilo.

— Isso é m ágica? — indaguei, apesar de não sentir o cheiro de m agia no ar.

— Não é nada — respondeu Calum . — Um a propriedade da luz. Um a som bra. Um reflexo. Nada m ais. Tam bém vej o um hom em . Os m ovim entos dele acom panham os m eus.

Olhei na direção de Calum , m as não vi ninguém ao seu lado.

Então o hom enzinho brilhante desvaneceu no ar, e tam bém a nuvem , e era

dia, e estávam os sozinhos.

Escalam os a m ontanha durante toda a m anhã. Calum torcera o tornozelo no

dia anterior, ao escorregar na cachoeira. Eu o via inchar bem diante dos m eus

olhos, cada vez m ais verm elho, m as ele j am ais dim inuiu o ritm o, e, se sentia dor

ou desconforto, seu sem blante não revelava.

— Quanto m ais? — perguntei, enquanto o crepúsculo com eçava a borrar os

contornos do m undo.

— Um a hora, talvez m enos. Chegarem os à caverna e passarem os a noite lá.

Pela m anhã, você entrará. Pode trazer tanto ouro quanto conseguir carregar, e

farem os o cam inho de volta até deixar a ilha.

Então, olhei para ele: cabelo com m echas cinzentas, olhos acinzentados, um hom em grande e lupino, e disse:

— Pretende dorm ir do lado de fora da caverna?

— Sim . Não há m onstros na caverna. Nada que possa sair para nos atacar durante a noite. Nada que vá nos devorar. Mas você não deve entrar antes do am anhecer.

Então contornam os as pedras de um deslizam ento, pretas e cinzentas, bloqueando nosso cam inho, e vim os a entrada da caverna.

— Isso é tudo?

— Esperava pilares de m árm ore? Ou a caverna de um gigante das histórias contadas ao pé da fogueira?

— Talvez. Parece com um dem ais. Um buraco na pedra. Um a som bra. E não há guardas?

— Não há guardas. Apenas a caverna, e o que ela é.

— Um a caverna cheia de tesouros. E você é o único capaz de encontrá-la?

Calum riu. Sua risada era com o o latido de um a raposa.

— Os ilhéus sabem onde ela está. Mas são sábios o bastante para não virem até aqui buscar seu ouro. Dizem que a caverna nos torna m aus: a cada vez que a visitam os, a cada vez que entram os para levar o ouro, ela devora o bem de

nossas alm as, e por isso eles não entram .

— E é verdade? Ela nos torna m aus?

— Não. A caverna se alim enta de outra coisa. Não é do bem , nem do m al. Outra coisa. Pode levar seu ouro, m as, depois, tudo fica... — ele fez um a pausa — tudo fica *vazio*. Há m enos beleza no arco-íris, m enos significado em um serm ão, m enos alegria em um beij o… — Ele olhou para a entrada da caverna e pensei ter visto o m edo em seus olhos. — Menos.

— Há m uitos para quem a sedução do ouro pesa m ais do que a beleza de um arco-íris.

— Eu, quando j ovem , por exem plo. Ou você, hoj e.

— Então, entrarem os ao am anhecer.

— Você vai entrar. Eu vou esperar aqui. Não tenha m edo. Não há m onstros protegendo a caverna. Nenhum encanto que fará o ouro desaparecer caso não conheça algum verso ou feitiço.

Assim , preparam os nosso acam pam ento; ou m elhor, sentam os no escuro, contra a parede fria de pedra. Não conseguiria dorm ir aquela noite.

— Você tirou o ouro de lá, com o eu farei am anhã. Usou-o para com prar um a casa, um a noiva e um bom nom e.

A voz dele veio da escuridão.

— Sim , e eles nada significaram para m im um a vez que os obtive, ou m enos do que nada. E se seu ouro financiar o retorno do rei além das águas para que

nos

governe e crie um a terra de alegria, prosperidade e acolhim ento, ainda assim isso nada significará para você. Será com o algo que teria ocorrido a um personagem de um a história.

— Dediquei m inha vida a trazer o rei de volta.

— Leve o ouro para ele. Seu rei vai exigir m ais, porque reis sem pre desej am m ais. É o que fazem . A cada vez que voltar, o significado será m enor. O arco-íris

não significará nada. Matar um hom em não significa nada.

Na escuridão, seguiu-se o silêncio. Não ouvia pássaros: apenas o vento que assobiava e soprava pelos picos com o um a m ãe procurando seu bebê.

— Nós dois j á m atam os hom ens. Já m atou um a m ulher, Calum MacInnes?

— Não. Nunca m atei um a m ulher ou um a m enina.

Corri os dedos pela m inha adaga na escuridão, buscando a m adeira do centro do punho, o aço da lâm ina. Estava ali, nas m inhas m ãos. Jam ais pretendi contar-

lhe, apenas atacar quando partíssem os das m ontanhas, atacar apenas um a vez, um golpe preciso, m as agora eu sentia as palavras sendo arrancadas de m im , com o em um ím peto.

— Dizem que havia um a m enina. E um espinheiro.

Silêncio. O assobio do vento.

— Quem lhe disse? — perguntou ele. — Não im porta. Jam ais m ataria um a

m ulher. Nenhum hom em honrado m ataria um a m ulher…

Eu sabia que, se dissesse m ais algum a coisa, ele se calaria e não voltaria m ais a falar naquilo. Assim , eu nada disse. Apenas esperei.

Calum MacInnes com eçou a falar, escolhendo as palavras com cuidado, e seu tom era com o se estivesse se lem brando de um a lenda quase esquecida que ouvira quando criança.

— Disseram -m e que o gado dos vales era gordo e bonito, e que um hom em poderia ganhar honra e glória aventurando-se pelo Sul e retornando com belas vacas verm elhas. Assim , fui para lá, m as nunca encontrei vacas boas o bastante,

até o dia em que m e deparei com as vacas m ais verm elhas, gordas e belas que j á se viu em um a colina. Então, com ecei a levá-las com igo, retornando por onde

viera.

“A garota veio atrás de m im com um porrete. Dissera que o gado era do pai dela e que eu não passava de um bandido, um salteador e todo tipo de palavras chulas. Mas ela era linda, m esm o furiosa, e se eu não tivesse um a j ovem esposa,

talvez tivesse sido m ais gentil. Em vez disso, saquei um a faca, aproxim ei-a de sua

garganta e ordenei que parasse de falar. E ela parou.

“Não poderia m atá-la. Não poderia m atar um a m ulher, essa é a verdade.

Assim , am arrei-a pelos cabelos a um espinheiro e tirei a faca do seu cinto,

afundando a lâm ina contra o chão, de m odo a atrasá-la. Am arrei-a ao espinheiro

pelos longos cabelos e não pensei m ais nela enquanto partia com o gado.

“Um ano se passou até que eu seguisse pelo m esm o cam inho. Não estava procurando vacas naquele dia, m as cam inhei até aquele lado do rio… era um lugar afastado, e alguém que não o tivesse procurado talvez não o visse. Talvez ninguém tenha procurado por ela.”

— Soube que procuraram . Em bora alguns pensassem que ela fora levada por *reavers*, e outros acreditassem que ela tinha partido com um funileiro viaj ante, ou fugido para a cidade. Mesm o assim , procuraram .

— Sim . Eu vi o que vi… Talvez fosse necessário estar onde eu estava. Para ver o que vi. Foi um a coisa m aligna, o que fiz. Talvez.

— Talvez?

— Levei o ouro da caverna das brum as. Não sei m ais dizer se existe bem ou m al. Enviei um a m ensagem , por m eio de um a criança, para um a estalagem , dizendo onde ela estava e onde poderiam encontrá-la.

Fechei os olhos, m as o m undo não se tornou m ais som brio.

— O m al existe — falei.

Vi em m inha m ente: o esqueleto dela j á lim po das roupas, j á lim po da carne, tão nu e branco quanto poderia ser, pendendo do espinheiro com o a m arionete de

um a criança, am arrado a um galho pelo cabelo acobreado.

— Ao raiar do dia — disse Calum MacInnes, com o se estivéssem os conversando sobre as provisões ou o clim a —, você deixará sua adaga para trás, com o é o costum e, entrará na caverna e tirará dela tanto ouro quanto puder carregar. E vai levá-lo de volta consigo até o continente. Por aqui, não há ninguém que ousaria tirá-lo de você, sabendo o que é e de onde vem . Então, m ande o ouro para o rei além das águas, e ele pagará seus soldados, e os alim entará, e com prará suas arm as. Um dia, ele vai voltar. Nesse dia, diga-m e que o m al existe, hom enzinho.

* * *

QUANDO O SOL nasceu, entrei na caverna. Era úm ido lá dentro. Eu podia ouvir

a água escorrendo pela parede, e senti um vento no rosto, o que era estranho, pois

não havia vento dentro da m ontanha.

Na m inha im aginação, a caverna estaria cheia de ouro. Barras de ouro

em pilhadas com o lenha, com sacos cheios de m oedas entre as pilhas. Haveria correntes, anéis e pratos de ouro em abundância com o porcelana na casa de um hom em rico.

Eu tinha im aginado fortunas, m as não havia nada do tipo ali. Apenas som bras. Apenas pedra.

Mas havia algo. Algo que esperava.

Tenho segredos, m as há um segredo que j az além de todos os m eus outros

segredos, e nem m esm o m eus filhos o conhecem , em bora eu acredite que m inha

esposa suspeita dele: m inha m ãe era um a m ulher m ortal, filha de um m oleiro,

m as m eu pai veio do Oeste, e ao Oeste retornou depois de ter se divertido com

m inha m ãe. Não posso ser sentim ental em relação a ele: tenho certeza de que

não pensa nela, e duvido que saiba da m inha existência. Mas herdei dele um

corpo que é pequeno, rápido e forte; e talvez eu tenha puxado outros de seus

traços… não sei. Sou feio, e m eu pai era bonito, ou foi o que m inha m ãe disse

certa vez, em bora ache que talvez ela tenha sido enganada.

Im aginei o que eu estaria vendo naquela caverna se m eu pai fosse um dono

de estalagem nos vales.

Estaria vendo ouro, disse um sussurro que não era um sussurro, vindo das

profundezas do coração da m ontanha. Era um a voz solitária, distraída e

entediada.

— Veria ouro — falei em voz alta. — Seria real ou um a ilusão?

O sussurro achou graça. *Você está pensando como um mortal, querendo saber*

se as coisas são isso ou aquilo. É ouro que veriam e tocariam. É ouro que levariam

de volta consigo, sentido seu peso durante toda a jornada, ouro que trocariam com

outros mortais por aquilo de que precisassem. O que importa se está ali ou não

quando eles podem vê-lo, tocá-lo, roubá-lo, matar por ele? É de ouro que

precisam, e é ouro que lhes dou.

— E o que recebe em troca pelo ouro que oferece a eles?

Pouca coisa, pois não necessito de muito, e sou velha; velha demais para seguir minhas irmãs para o Oeste. Saboreio o prazer e a alegria dos que me visitam. Alimento-me um pouco daquilo que eles não precisam e a que não dão valor. Um gostinho do coração, uma lambida ou mordida da sua consciência tranquila, um pedacinho da alma. E, em troca, um fragmento de mim deixa esta caverna ao lado deles e vê o mundo por seus olhos, enxerga o mesmo que eles até

que suas vidas cheguem ao fim e eu receba de volta aquilo que me pertence.

— Pode se revelar a m im ?

Eu era capaz de enxergar no escuro m elhor do que qualquer pessoa nascida de hom em e m ulher. Vi algo se m over nas som bras, que então se solidificaram e se transform aram , revelando form as indistintas no lim ite da m inha percepção, onde esta encontra a im aginação. Perturbado, falei aquilo que se deve dizer em m om entos com o aquele:

— Apareça diante de m im em um a form a que não sej a am eaçadora nem ofensiva a m im .

É isso que deseja?

O pingar distante da água.

— Sim — respondi.

Surgiu das som bras, e m e encarou com órbitas vazias, sorriu para m im com dentes lapidados pelo tem po. Era só ossos, com exceção do cabelo, que era acobreado, enrolado no galho de um espinheiro.

— Isso ofende os m eus olhos.

Tirei-a da sua consciência, disse o sussurro que envolvia o esqueleto. O m axilar não se m ovia. *Escolhi algo que você amasse. Essa era sua filha, Flora, na última vez em que a viu.*

Fechei m eus olhos, m as a im agem perm aneceu.

O reaver *o aguarda na entrada da caverna. Ele espera que você saia, desarmado e carregado de fortunas. Vai matá-lo e arrancar o ouro das mãos do seu cadáver.*

— Mas não vou sair com ouro, não é?

Pensei em Calum MacInnes, no cinzento lupino do seu cabelo, o cinza de seus olhos, no fio da sua adaga. Ele era m aior do que eu, m as todos os hom ens são. Talvez eu fosse m ais forte, m ais rápido, m as ele tam bém era rápido e forte.

Ele matou minha filha, pensei, e em seguida indaguei se o pensam ento era m eu ou se tinha se esgueirado das som bras para dentro da m inha cabeça. Em voz alta, perguntei:

— Há outra m aneira de sair da caverna?

A saída é por onde entrou, pela boca do meu lar.

Fiquei ali sem m e m exer, m as, na m inha cabeça, sentia-m e com o um anim al encurralado, inquieto, a m ente saltando de ideia em ideia, sem encontrar saída, nem alívio, nem solução.

— Estou desarm ado. Ele m e disse que não poderia entrar aqui com um a arm a. Que esse não era o costum e.

Agora é costume entrar aqui sem armas. Mas nem sempre foi assim. Siga-me, disse o esqueleto da m inha filha.

Eu o segui, pois podia enxergá-lo, m esm o estando tão escuro que era im possível ver qualquer outra coisa.

Das som bras, veio a voz.

Está sob a sua mão.

Agachei e tateei. O punho da arm a parecia ser de osso… talvez um chifre.

Toquei a lâm ina com cuidado na escuridão e descobri que estava segurando algo que parecia m ais um furador do que um a faca. Era fino e afiado na ponta. Seria m elhor do que nada.

— Há algum preço?

Sempre há um preço.

— Então vou pagá-lo. E peço m ais um a coisa. Você diz que pode ver o m undo através dos olhos dele.

Não havia olhos naquele crânio oco, m as este assentiu.

— Então, avise-m e quando ele estiver dorm indo.

Não houve resposta. O esqueleto se m isturou à escuridão, e senti que estava sozinho naquele lugar.

O tem po passou. Segui o som da água pingando, encontrei um a poça na caverna e bebi. Molhei os últim os grãos de aveia e os com i, m astigando até se dissolverem na boca. Dorm i e acordei e dorm i outra vez, e sonhei com m inha esposa, Morag, esperando por m im enquanto as estações m udavam , esperando com o tínham os esperado por nossa filha, esperando por m im para sem pre.

Algo tocou m inha m ão, talvez um dedo: não era ossudo nem duro. Era m acio, parecia hum ano, m as frio dem ais. *Ele está dormindo*.

Saí da caverna sob o céu azulado que precede a aurora. Calum dorm ia feito um gato, e eu sabia que o m enor toque o despertaria. Em punhei a arm a diante de

m im , um punho de osso e um a lâm ina sem elhante a um a agulha de prata escurecida, estendi o braço e tom ei aquilo que desej ava, sem acordá-lo.

Então m e aproxim ei um pouco, e a m ão dele tentou agarrar m eu tornozelo e seus olhos se abriram .

— Onde está o ouro? — perguntou Calum MacInnes.

— Não está com igo.

O vento soprava frio no alto das m ontanhas. Recuei com um m eneio, escapando do alcance dele, quando tentou m e agarrar. O hom em perm aneceu no

chão, erguendo-se sobre um cotovelo.

— Onde está m inha adaga? — perguntou.

— Eu a tom ei — respondi-lhe. — Enquanto você dorm ia.

Ele olhou para m im , sonolento.

— E por que faria um a coisa dessas? Se quisesse m atá-lo, eu o teria feito no cam inho até aqui. Poderia tê-lo m atado dezenas de vezes.

— Mas eu ainda não tinha o ouro, não é?

Ele ficou calado.

— Se você achou que conseguiria m e fazer trazer o ouro da caverna, e que não tê-lo carregado para fora teria salvado sua alm a m iserável, então não passa de um tolo.

Ele não parecia m ais sonolento.

— Acha que sou um tolo?

Calum estava pronto para lutar. Quando a pessoa fica pronta para lutar, convém irritá-la.

— Um tolo, não — disse eu. — Já conheci idiotas e tolos, todos satisfeitos em sua im becilidade m esm o com o cabelo suj o de palha. Você é esperto dem ais para tolices. Busca apenas a infelicidade, traz a infelicidade consigo e a atrai para tudo em que toca.

Então, ele se levantou brandindo um a rocha com o um m achado, e veio até m im . Sou pequeno, e Calum não conseguia m e acertar com o teria feito com um

hom em com o ele. Ele se inclinou para m e atacar. Foi um erro.

Segurei com força o punho de osso e fiz um m ovim ento ascendente, um golpe rápido com a ponta afiada do furador. Eu sabia onde queria acertar, e qual seria o resultado.

Ele soltou a pedra e agarrou o om bro direito.

— Meu braço — disse Calum . — Não consigo sentir o braço.

Então com eçou a xingar, poluindo o ar com m aldições e am eaças. A luz da aurora no alto da m ontanha tornava tudo lindo e azul. Naquela luz, até o sangue que com eçava a encharcar as roupas dele ficou roxo. Calum MacInnes deu um passo para trás, colocando-se entre a caverna e eu. Senti-m e exposto, com o sol nascente às m inhas costas.

— Por que não trouxe o ouro? — indagou ele. Seu braço pendia ao lado do corpo, inerte.

— Não havia ouro lá para alguém com o eu — respondi.

Ele então se lançou para a frente, correu em m inha direção e tentou m e chutar.

O furador saiu voando da m inha m ão. Joguei os braços em torno da perna de Calum e o segurei enquanto rolávam os m ontanha abaixo.

A cabeça dele estava acim a de m im , e vi o triunfo em seu rosto, e então vi o céu e depois o chão do vale no alto, e eu estava subindo em sua direção, e então o

vale estava em baixo de m im e eu despencava rum o à m orte.

Um choque e um a trom bada, e estávam os rodopiando m ontanha abaixo, o m undo um redem oinho desorientador de pedras, dor e céu, e eu sabia que era um hom em m orto, m as continuei agarrado à perna de Calum MacInnes.

Vi um a águia dourada em voo, m as não soube m ais dizer se estava abaixo ou acim a de m im . Estava ali, no céu da aurora, nos fragm entos estilhaçados do tem po e da percepção, na dor. Não tive m edo: não havia tem po nem espaço para isso; não havia espaço na m inha consciência nem no m eu coração. Estava caindo pelo céu, segurando com força a perna do hom em que tentava m e m atar.

Estávam os rolando nas pedras, que nos arranhavam e m achucavam , e então… … param os. Param os com tanta força que levei um tranco, e quase fui j ogado para longe de Calum MacInnes, rum o à m inha m orte logo abaixo.

Ocorrera um desabam ento ali, m uito tem po antes, um bloco inteiro, deixando para trás um a superfície de rocha nova, lisa e hom ogênea com o o vidro. Mas isso era abaixo de nós. Onde estávam os havia um a protuberância, e nela, um m ilagre: sufocada e retorcida, m uito acim a da copa das árvores no vale, onde nenhum a árvore tem o direito de crescer, havia um espinheiro, pouco m aior que um arbusto, em bora fosse velho. Suas raízes cresciam na lateral da m ontanha, e foi esse espinheiro que nos apanhou em seus braços cinzentos.

Soltei a perna, afastei-m e cam baleante do seu corpo, e fui na direção da lateral da m ontanha. Subi na protuberância estreita e olhei para a queda abaixo. Não havia com o descer dali. Nenhum a saída.

Olhei para cim a. Talvez fosse possível, pensei, escalando lentam ente, com a sorte ao m eu lado, chegar ao alto da m ontanha. Se não chovesse. Se o vento não estivesse m uito voraz. E que escolha eu tinha? A única alternativa era a m orte.

— Vai m e abandonar aqui para m orrer, anão?

Eu nada disse. Nada tinha a dizer.

Os olhos dele estavam abertos.

— Não consigo m over o braço direito, j á que o esfaqueou. Acho que quebrei um a perna. Não posso escalar com você — disse ele.

— Talvez eu consiga, ou talvez eu caia.

— Vai conseguir. Já o vi escalar. Depois de m e resgatar, atravessando aquela cachoeira. Subiu naquelas pedras com o um esquilo trepando em um a árvore. Eu não tinha tanta confiança em m inhas próprias habilidades de escalada.

— Jure por tudo que considera sagrado. Jure pelo seu rei, que espera no além - m ar com o tem feito desde que expulsam os seus súditos desta terra. Jure pelas coisas que vocês, criaturas, consideram im portantes… Jure pelas som bras e penas de águia e pelo silêncio. Jure que vai voltar para m e salvar — disse ele.

— Sabe o que sou? — perguntei.

— Não sei de nada. Sei apenas que quero viver.

— Juro por essas coisas... Pelas som bras e penas de águia e pelo silêncio. Juro pelas colinas verdes e pelas pedras im óveis. Eu voltarei.

— Eu o teria m atado — falou o hom em no espinheiro, e falou com hum or, com o se fosse a m aior piada que um hom em j á contara. — Planej ava m atá-lo e levar o ouro de volta com o se fosse m eu.

— Eu sei.

O cabelo em oldurava seu rosto com o um halo cinzento. Havia sangue na sua bochecha, que arranhara na queda.

— Você pode voltar com cordas. Minha corda ainda está lá em cim a, perto da entrada da caverna, m as vai precisar de m ais.

— Sim , voltarei com cordas.

Olhei para cim a, para a pedra acim a de nós, exam inando-a atentam ente. Para escaladores, às vezes, bons olhos podem ser a diferença entre a vida e a m orte. Vi aonde eu deveria chegar conform e subisse, a trilha da m inha j ornada m ontanha acim a. Pensei ver a plataform a do lado de fora da caverna, de onde tínham os caído enquanto lutávam os. Era para lá que eu iria. Sim .

Assoprei as m ãos para secar o suor antes de com eçar a escalar.

— Voltarei para buscá-lo — falei. — Com cordas. Eu j urei.

— Quando? — perguntou ele, fechando os olhos.

— Em um ano. Voltarei daqui a um ano.

Com ecei a escalar. Os gritos do hom em m e seguiram enquanto eu subia,

rastej ando e m e puxando e m e esprem endo m ontanha acim a, m isturando-se aos

gritos das aves de rapina; e m e seguiram no cam inho de volta da Ilha das

Brum as, sem nada para exibir em troca das m inhas dores e do m eu tem po, e vou

ouvi-lo gritar no lim iar da m inha m ente, ao adorm ecer ou nos m om entos antes

de despertar, até o dia em que m orrer.

Não choveu, e o vento m e golpeou e chacoalhou, m as sem m e derrubar.

Escalei, e escalei com segurança.

Quando cheguei à plataform a de pedra, a entrada da caverna parecia m ais

escura sob o sol do m eio-dia. Dei as costas a ela, dei as costas à m ontanha e às

som bras que j á se form avam nas rachaduras e ranhuras e nas profundezas do

m eu crânio, e com ecei a lenta j ornada para longe da Ilha das Brum as. Havia

centenas de estradas e m ilhares de cam inhos que m e levariam de volta ao m eu

lar nos vales, onde m inha m ulher estaria esperando.

Minha últim a senhoria

Minha últim a senhoria? Ela não era nada parecida com você, nem um pouco. Os côm odos

eram úm idos. O café da m anhã, desagradável: ovos oleosos,

linguiça cheia de pele, um caldo laranj a de feij ões.

O rosto dela era capaz de azedar o feij ão. Não era gentil.

Você m e parece um a pessoa gentil. Espero que seu m undo sej a gentil.

Bem , quer dizer, soube que vem os o m undo não com o ele é,

m as com o nós som os. Um santo vê um m undo de santos; um assassino

vê apenas assassinos e vítim as. Eu vej o os m ortos.

Minha senhoria m e disse que não andaria voluntariam ente na praia,

pois estava repleta de arm as: im ensas pedras que cabem na m ão,

todas prontas para o ataque. Tinha só um pouco de dinheiro na pequena bolsa,

ela m e contou, m as eles pegariam as notas, ensebadas por seus dedos,

e deixariam a bolsa escondida sob um a pedra.

E a água, dizia ela: prende qualquer um

sob a superfície, água fria e salgada, cinzenta e m arrom . Pesada com o o pecado,

pronta para nos arrastar para longe: crianças se iam tão fácil no m ar

quando excediam o que lhes era pedido, ou descobriam

fatos estranhos que poderiam se sentir inclinadas a repassar

para quem estivesse interessado em ouvir. Havia

pessoas no Píer Oeste, disse ela, na noite do incêndio.

As cortinas eram de renda, em poeiradas, e bloqueavam cada j anela com suj eira

da cidade.

Vista do m ar: que piada. Na m anhã que m e viu levantando

as cortinas para ver se estava m esm o chovendo, ela m e repreendeu.

“Senhor Maroney ”, disse ela. “Nesta casa,

não olham os das j anelas para o m ar. Isso traz

azar. As pessoas vêm à praia para esquecer seus problem as.

É o que fazem os. É o que os ingleses fazem . Esquartej am os as am antes

quando engravidam , se tem em os o que a esposa diria se descobrisse.

Ou envenenam os o banqueiro com quem estam os dorm indo,

pois querem os o seguro: é só casar com um a dúzia de hom ens num a dúzia de

pequenas cidades costeiras.

Margate. Torquay. O Senhor as am a, m as por que precisam ficar tão im óveis?

Quando lhe perguntei quem , quem ficava tão im óvel, ela m e disse

que não era da m inha conta, e que eu precisava deixar

a casa entre m eio-dia e quatro, pois a faxineira viria

e eu ficaria no cam inho, atrapalhando.

Já estava naquela pensão havia três sem anas, procurando um lugar perm anente.

Pagava em dinheiro. Os outros hóspedes eram gente sem am or passando férias,

e não se im portavam se estávam os em Hove ou se aquilo era o inferno.

Com íam os j untos

nossos ovos gordurentos. Eu os observava passeando se o tem po

estivesse bom , ou encolhidos sob tendas arm adas caso chovesse. Minha senhoria

só se im portava que ficassem fora de casa até a hora do chá.

Um dentista aposentado de Edgbaston estava passando um a sem ana

de solidão e garoa ao m ar. Ele acenava para m im durante o café,

ou quando nos cruzávam os no calçadão. O banheiro era no corredor. Eu estava

acordado de noite. Ele estava de roupão, eu vi. Ele bateu

na porta dela, eu vi. Ela abriu, eu vi. Ele entrou. Não há m ais nada a contar.

Minha senhoria estava ali no café da m anhã, alegre e sorridente. Disse que o dentista havia partido m ais cedo, por causa de um a m orte na fam ília.

Era verdade.

Naquela noite a chuva chacoalhou as j anelas. Um a sem ana passou, e era hora: disse à m inha senhoria que tinha encontrado um lugar para onde m e m udaria e paguei o que era devido.

Naquela noite, ela m e deu um copo de uísque, depois outro, e disse que eu sem pre fora seu favorito, que ela tinha necessidades de m ulher, e sorriu, era um a flor pronta para ser colhida, e o uísque m e fez concordar, pensando que ela talvez fosse um pouco m enos azeda de rosto e form as. E assim bati na porta dela, naquela noite. Ela a abriu: lem bro-m e da brancura da sua pele. A brancura da cam isola. Não posso esquecer.

“Senhor Maroney ”, sussurrou.

Estendi a m ão na direção dela e foi para sem pre.

O canal estava frio, salgado e m olhado, e ela encheu m eus bolsos com pedras para m e m anter afundado. Assim , quando m e encontrarem — se m e encontrarem — serei qualquer um . Caranguej os vão com er m inha carne, e m eus ossos serão lavados pelo m ar.

Acho que vou gostar do novo lar, aqui na praia. E você

fez com que eu m e sentisse bem -vindo. Todos vocês fizeram com que eu m e sentisse tão bem -vindo.

Quantos som os? Posso nos enxergar, m as não consigo contar.

Aglom erados na praia olhando fixam ente para a luz no côm odo m ais alto da casa dela. Vem os as cortinas se m exendo, vem os um rosto branco olhando através da suj eira. Ela parece assustada, com o se, num a noite sem am or, pudéssem os

subir pelas pedrinhas na direção dela, para repreendê-la pela falta de hospitalidade,

para rasgá-la por seus cafés da m anhã ruins e suas férias azedas e nossos destinos.

Perm anecem os tão im óveis.

Por que tem os que ficar tão im óveis?

História de aventura

Na m inha fam ília, a palavra “aventura” tende a ser usada para se referir a

“qualquer pequeno desastre ao qual tenham os sobrevivido” ou m esm o “qualquer

quebra de rotina”. Exceto por m inha m ãe, que ainda em prega a expressão com o

sentido de “o que ela fez hoj e de m anhã”. Entrar na parte errada do

estacionam ento de um superm ercado e, enquanto procura o carro, iniciar um a

conversa com alguém cuj a irm ã ela conheceu na década de 1970 seria, para

m inha m ãe, um a aventura e tanto.

Ela está ficando velha. Não sai m ais de casa com tanta frequência. Desde que

papai m orreu.

Na m inha visita m ais recente, fizem os um a lim pa de alguns dos pertences dele. Mam ãe m e deu um a caixa de couro preto com abotoaduras desgastadas e m e convidou para escolher com o recordação qualquer um dos velhos suéteres e cardigãs de papai. Eu am ava m eu pai, m as não consigo m e im aginar usando um

de seus suéteres. Ele sem pre foi m uito m aior que eu, a vida toda. Nada dele serviria em m im .

— O que é aquilo? — perguntei à m inha m ãe.

— Ah. É algo da época do exército, de quando seu pai voltou da Alem anha.

A figura tinha sido esculpida num a pedra verm elha do tam anho do m eu polegar, cheia de pintas. Era um a pessoa, um herói ou talvez um deus, com um a expressão de dor no rosto entalhado grosseiram ente.

— Não parece m uito alem ão — falei.

— Não é, querido. Acho que veio de… Bem , hoj e em dia é o Cazaquistão. Não sei ao certo qual era o nom e naquela época.

— O que papai estava fazendo pelo exército no Cazaquistão?

Teria sido m ais ou m enos na década de 1950. Meu pai chefiava o clube dos oficiais na Alem anha durante o período em que serviu e, em nenhum a das histórias que ele contava no j antar sobre os tem pos de exército no pós-guerra, j am ais relatou nenhum feito digno de nota, nada além de pegar um cam inhão em prestado sem perm issão ou aceitar um a garrafa de uísque que talvez não

tenha sido endereçada a ele.

— Oh! — exclam ou, com a expressão de quem falou dem ais. — Nada, querido. Ele não gostava de tocar no assunto.

Coloquei a estatueta j unto às abotoaduras e à pequena pilha de fotos em preto e branco, curvadas pelo tem po, que decidira levar para casa e digitalizar.

Dorm i no quarto de hóspedes no fim do corredor, na cam a estreita.

Na m anhã seguinte, fui até o côm odo que tinha sido o escritório do m eu pai, para dar um a últim a olhada. Então, cam inhei pelo corredor até a sala, onde m am ãe j á tinha posto o café da m anhã.

— O que houve com aquela estatuazinha de pedra?

— Guardei, querido.

Os lábios dela estavam retesados.

— Por quê?

— Bem , seu pai sem pre dizia que não deveria ter trazido aquilo.

— Por que não?

Ela despej ou o chá com a m esm a chaleira de porcelana que a vi usar por toda a m inha vida.

— Havia gente à procura da pedra. No fim , a aeronave deles explodiu. No vale. Por causa daquelas coisas voadoras batendo contra as hélices.

— Coisas voadoras?

Ela pensou por um m om ento.

— Pterodátilos, querido. Foi o que seu pai contou. É claro, ele disse que as pessoas na aeronave m ereceram tudo o que aconteceu a elas, depois do que fizeram aos astecas em 1942.

— Mãe, os astecas m orreram séculos atrás. Muito antes de 1942.

— Ah, sim , querido. Os da Am érica. Não os daquele vale. Esses outros, os que estavam na aeronave, bem , seu pai disse que não eram pessoas de verdade. Mas se pareciam com pessoas, em bora viessem de um lugar com um nom e bem engraçado. Com o era m esm o? — Ela pensou um pouco. — É m elhor beber seu

chá, querido.

— Sim . Não. Espere aí. Com o eram essas pessoas? E os pterodátilos estão extintos há cinquenta m ilhões de anos.

— Se você diz, querido. Seu pai nunca falava nisso. — Ela fez um a pausa. — Havia um a garota. Isso foi no m ínim o cinco anos antes do seu pai e eu com eçarm os a nam orar. Ele era m uito bonito na época. Bem , sem pre o achei bonitão. Ele a conheceu na Alem anha. Ela estava se escondendo de pessoas que procuravam a estatueta. Era a rainha ou princesa deles, ou xam ã, ou coisa assim .

Eles a sequestraram , e, com o ele estava j unto, o levaram tam bém . Não eram alienígenas, na verdade. Pareciam m ais aquela gente que vira lobo na televisão…

— Lobisom ens?

— Im agino que sim , querido. — Ela parecia em dúvida. — A estátua era um oráculo, e quem a possuísse, m esm o que m om entaneam ente, era considerado o governante dessa gente. — Ela m exeu o chá. — O que seu pai disse m esm o? A entrada do vale era por um a pequena trilha a pé e, depois da garota alem ã, bem , ela não era alem ã, é claro, m as eles explodiram a trilha usando um a… m áquina de raios, para interrom per o cam inho para o outro m undo. Desse m odo, seu pai teve que encontrar o cam inho de casa sozinho. Teria se m etido em m uita encrenca, m as o hom em que escapou com ele, Barry Anscom e, era do setor de espionagem do exército e…

— Espere aí. Barry Anscom e? Aquele que vinha passar o fim de sem ana aqui quando eu era criança? Sem pre m e dava um a m oedinha de cinquenta *pence*. Fazia péssim os truques com m oedas. Roncava. Tinha um bigode bobo.

— Sim , querido. Barry. Foi para a Am érica do Sul quando se aposentou. Equador, acho. Foi assim que eles se conheceram . Quando seu pai estava no exército.

Meu pai dissera certa vez que m am ãe nunca tinha gostado de Barry Anscom e, que era m uito chegado ao m eu pai.

— E? — insisti para que continuasse.

Ela serviu outra xícara de chá.

— Faz tanto tem po, querido. Seu pai m e falou sobre isso só um a vez. Mas não m e contou a história assim que a gente se conheceu. Só quando j á estávam os casados. Disse que eu precisava saber. Estávam os na lua de m el. Fom os a um pequeno vilarej o de pescadores espanhóis. Hoj e em dia é um a grande cidade turística, m as, na época, ninguém conhecia o lugar. Com o era o nom e? Ah, sim .

Torrem olinos.

— Posso ver de novo? A estátua?

— Não, querido.

— Já a guardou?

— Joguei fora — disse m inha m ãe, fria. Então, com o se quisesse m e im pedir de revirar o lixo, acrescentou: — Os lixeiros passaram de m anhã.

Não falam os m ais nada.

Ela bebericou seu chá.

— Você nunca vai adivinhar quem eu encontrei na sem ana passada. Sua antiga professora, a sra. Brooks, lem bra? Esbarrei com ela no superm ercado. Saím os para tom ar café na livraria porque eu queria conversar a respeito da possibilidade de entrar para a com issão organizadora da feira da cidade. Mas a livraria estava fechada. Em vez disso, fom os na casa de chá. Foi um a aventura e

tanto.

Laranj a

(Transcrição das respostas do terceiro elem ento ao questionário do investigador)

CONFIDENCIAL

1) Jem im a Glorfindel Petula Ram sey.

2) Dezessete no dia 9 de j unho.

3) Os últim os cinco anos. Antes disso, m oram os em Glasgow (Escócia). E, antes,

em Cardiff (País de Gales).

4) Não sei. Acho que é editor de revistas atualm ente. Não fala m ais com a gente.

O divórcio foi bem ruim , e m am ãe acabou pagando a ele m uito dinheiro. O que

m e parece m eio errado. Mas talvez tenha valido a pena só para nos livrarm os

dele.

5) Inventora e em preendedora. Ela inventou o Bolinho Recheado® e fundou a

rede Bolinho Recheado. Eu gostava bastante quando era criança, m as você acaba

enj oando de com er bolinhos recheados em todas as refeições, especialm ente

porque m am ãe usava a gente com o cobaia. O Bolinho Recheado de Peru de

Natal foi o pior. Mas j á faz cerca de cinco anos que ela vendeu sua participação

na rede Bolinho Recheado, para com eçar o trabalho nas Bolhas Coloridas da

Mam ãe (ainda não é ®).

6) Dois. Minha irm ã, Nery s, que tinha apenas quinze anos, e m eu irm ão, Pry deri,

de doze.

7) Várias vezes por dia.

8) Não.

9) Pela internet. Provavelm ente no eBay.

10) Com eçou a com prar cores e tinturas de tudo quanto é lugar depois de decidir

que o m undo im plorava por bolhas de cores fosforescentes. Tipo bolha de sabão,

m as você sopra um a m istura diferente para fazer as bolhas.

11) Não chega a ser um laboratório. Quer dizer, ela cham a de laboratório, m as é

só a garagem . No entanto, ela usou parte do dinheiro dos Bolinhos Recheados®

e

transform ou o espaço, que agora tem pias, banheiras, bicos de Bunsen e coisas

assim , e azulej os nas paredes e no chão para facilitar a lim peza.

12) Não sei. Nery s costum ava ser norm al. Quando fez treze anos, com eçou a ler

um as revistas e a pendurar fotos dessas m ulheres vulgares e estranhas na parede,

tipo Britney Spears e as outras. Desculpe se alguém aí for fã da Britney ;) m as eu

sim plesm ente não entendo. A história do laranj a só com eçou no ano passado.

13) Loção de bronzeam ento artificial. Era im possível chegar perto dela m esm o

horas depois de ter aplicado o líquido. E ela nunca dava tem po para secar na

pele, m elecando os lençóis, a porta da geladeira e o chuveiro, deixava m anchas

laranj as por toda parte. As am igas tam bém usavam loção, m as nunca tanto

quanto ela. Quer dizer, ela se enchia de crem e, nem tentava ficar da cor de um

ser hum ano, e achava que estava linda. Foi um a vez ao salão de bronzeam ento,

m as acho que não gostou, j á que não voltou m ais lá.

14) Garota Tangerina. Oom pa-Loom pa. Cenourinha. Am arelo-Manga.

Laranj inha.

15) Não m uito bem . Mas, na verdade, não parecia se im portar. Quer dizer,

estam os falando de um a m enina que não entedia para que servia ciência ou

m atem ática, pois queria ser dançarina de *pole dance* assim que saísse da escola.

Eu falei que ninguém ia pagar para ver ela pelada, e ela respondeu “Com o você sabe?”, daí contei que vi os film es que ela fez de si m esm a dançando sem roupa,

esquecidos na câm era, e ela gritou e disse m e dá isso j á, e eu respondi que j á tinha apagado tudo. Mas, sinceram ente, não acho que ela seria a próxim a Bettie Page, ou sej a lá quem . Ela tem um corpo todo quadrado, para com eçar.

16) Rubéola, caxum ba, e acho que Pry deri teve catapora na época em que estava em Melbourne com os avós.

17) Num pote pequeno. Parecia um pote de geleia, acho.

18) Não, acho que não. Nada que se parecesse com um aviso. Mas havia um endereço para devolução. Veio do exterior, e o rem etente estava escrito em um alfabeto estrangeiro.

19) Você precisa entender que m am ãe estava com prando cores e tintas do m undo inteiro havia cinco anos. A ideia das bolhas coloridas não é apenas fazer bolhas fosforescentes, m as evitar que elas deixem respingos de tinta quando estourarem . Mam ãe diz que isso seria pedir para receber um processo. Por isso, não.

20) Para com eçar, teve um a gritaria entre Nery s e m am ãe, pois m am ãe tinha voltado das com pras sem trazer nada da lista de Nery s, a não ser o xam pu. Mam ãe disse que não encontrou a loção de bronzear no superm ercado, m as acho

que ela só se esqueceu de com prar. Daí Nery s saiu pisando duro e bateu a porta

do quarto, colocando um a m úsica da Britney Spears para tocar bem alto. Eu estava nos fundos, alim entando os três gatos, a chinchila e o porquinho-da-índia cham ado Roland, que m ais parece um a alm ofada peluda, e não vi nada disso acontecer.

21) Na m esa da cozinha.

22) Quando encontrei o pote vazio no quintal, na m anhã seguinte. Estava em baixo

da j anela de Nery s. Não precisa ser um Sherlock Holm es para deduzir o que houve.

23) Para falar a verdade, não m e im portei. Pensei que seria apenas outra gritaria, sabe? E logo m am ãe daria um a solução.

24) Sim , foi burrice. Mas não foi a m aior burrice do m undo, entende? Está m ais

para um a burrice bem -a-cara-da-Nery s.

25) O fato de ela estar brilhando.

26) Um brilho de laranj a pulsante.

27) Quando ela com eçou a nos dizer que seria adorada com o um a deusa, com o

aconteceu na aurora dos tem pos.

28) Pry deri disse que ela estava flutuando a uns três centím etros do chão. Mas não cheguei a ver isso. Pensei que ele estivesse apenas botando m ais lenha na fogueira da nova esquesitice dela.

29) Parou de responder ao ser cham ada de “Nery s”. Queria ser tratada só com o Vossa Im anência ou o Veículo (“É hora de alim entar o Veículo”).

30) Chocolate am argo. Foi estranho, pois eu era a única na casa que gostava um pouco. Mas Pry deri tinha que sair para com prar barras e m ais barras para ela.

31) Não. Mam ãe e eu pensam os que fosse apenas m ais um a m aluquice dela. Um a m aluquice m ais criativa e esquisita do que as de sem pre.

32) Naquela noite, quando com eçou a escurecer. Era possível ver a luz laranj a pulsando sob a porta. Com o o brilho de um vagalum e ou coisa do tipo. Ou um show de luzes. O m ais estranho é que, m esm o com os olhos fechados, eu ainda conseguia ver.

33) Na m anhã seguinte. Todos nós.

34) Já tinha ficado bastante óbvio àquela altura. Ela nem m esm o se parecia m ais

com a Nery s. Tinha um a aparência um pouco *borrada*. Tipo um a m iragem . Pensei nisso, e… tudo bem . Im agine que você está olhando para algo m uito brilhante, um a coisa azul. Daí, quando você fecha os olhos, não sobra um a im agem alaranj ada nos olhos? Era essa a aparência dela.

35) Tam bém não funcionaram .

36) Ela deixava Pry deri sair para buscar m ais chocolate am argo. Mam ãe e eu não podíam os m ais sair de casa.

37) Na m aior parte do tem po, eu ficava sentada no quintal lendo um livro. Não

dava para fazer quase nada. Com ecei a usar óculos escuros, e m am ãe tam bém ,

porque a luz laranj a m achucava os olhos. Mas nada além disso.

38) Só quando a gente tentava sair ou cham ar alguém . Mas tinha com ida na casa.

E Bolinhos Recheados® no congelador.

39) “Se você tivesse proibido ela de usar aquela porcaria de bronzeador um ano

atrás, a gente não estaria nessa situação!” Mas eu estava sendo inj usta, e pedi

desculpas depois.

40) Quando Pry deri voltou com as barras de chocolate. Ele disse que procurou

um guarda de trânsito para contar que a irm ã tinha se transform ado em um

brilho laranj a gigantesco que controlava nossas m entes. E que o hom em deu um a

resposta bem m al-educada.

41) Não tenho nam orado. Eu tinha, m as term inam os depois que ele foi ao show

dos Rolling Stones com a m inha ex-am iga m aligna e oxigenada cuj o nom e não

m enciono m ais. Além disso… Rolling Stones? Aqueles velhinhos enrugados

saltitando pelo palco fingindo que são super rock’n’roll? Faça-m e o favor. Então:

não.

42) Acho que gostaria de ser veterinária. Mas então lem bro que vou precisar

sacrificar anim ais, e fico na dúvida. Quero viaj ar um pouco antes de m e

decidir.

43) A m angueira do j ardim . Abrim os a torneira toda enquanto ela estava distraída, com endo as barras de chocolate, e j ogam os água nela.

44) Só um vapor laranj a, para falar a verdade. Mam ãe disse que tinha solventes e outras coisas no laboratório, se conseguíssem os chegar até lá, m as Vossa Im anência estava silvando de raiva (literalm ente) e m eio que nos prendeu ao chão. Não sei explicar. Quer dizer, não fui im obilizada, m as não conseguia ir em bora nem m exer as pernas. Sim plesm ente fiquei onde ela m e deixou.

45) Cerca de m eio m etro acim a do carpete. Ela abaixava um pouco para passar pelas portas, para não bater a cabeça. E, depois do incidente da m angueira, não entrou m ais no quarto. Ficava flutuando na sala de um lado para o outro, resm ungando, da cor de um a cenoura brilhante.

46) Dom inar o m undo.

47) Escrevi em um pedaço de papel e entreguei a Pry deri.

48) Ele tinha que levar de volta. Não acho que Vossa Im anência entendia o conceito de dinheiro.

49) Não sei. A ideia foi m ais da m am ãe do que m inha. A ideia dela era de que o solvente rem overia o laranj a, acho. E, àquela altura, o que podia dar errado? Não tinha com o piorar.

50) Nem se im portou, bem diferente de quando usam os a m angueira. Tenho

quase certeza de que até gostou. Tive a im pressão de que ela m ergulhou as

barras de chocolate naquilo antes de com er, em bora eu tivesse que estreitar os

olhos para ver qualquer coisa que estivesse perto dela. Tudo era um grande brilho

laranj a.

51) Que todos m orreríam os. Mam ãe disse a Pry deri que, se o Grande Oom pa-

Loom pa o deixasse sair outra vez para com prar chocolate, era m elhor não voltar.

E eu estava ficando bastante preocupada com os anim ais: fazia dois dias que não

alim entava a chinchila nem Roland, o porquinho-da-índia, porque não podia m ais

ir ao quintal. Não podia ir a lugar nenhum . Só ao banheiro, e ainda assim , tinha

que pedir.

52) Im agino que tenham pensado que a casa estava pegando fogo. Toda aquela

luz laranj a. Quer dizer, foi um erro bem j ustificável.

53) Ficam os felizes por ela não ter feito a m esm a coisa com a gente. Mam ãe

disse que isso era prova de que Nery s ainda estava lá, em algum lugar, pois se

tivesse o poder de nos transform ar em m eleca, com o fez com os bom beiros, j á

teria feito isso. Eu disse que talvez ela apenas não fosse poderosa o bastante para

nos transform ar em m eleca no com eço, e que agora não se daria ao trabalho.

54) Não dava m ais para ver um a pessoa ali. Era apenas um a forte luz laranj a

pulsante, que às vezes falava dentro da nossa cabeça.

55) Quando a nave pousou.

56) Não sei. Quer dizer, era m aior que o quarteirão inteiro, m as não esm agou nada. Meio que se m aterializou ao nosso redor, e nossa casa inteira foi parar lá dentro. E a rua inteira tam bém .

57) Não. Mas o que m ais poderia ser?

58) Um a espécie de azul-claro. Não pulsavam . Piscavam .

59) Mais de seis, m enos de vinte. Não é tão fácil dizer se a luz azul inteligente conversando com igo era a m esm a que conversou antes.

60) Três coisas. Prim eiro, a prom essa de que não m altratariam Nery s nem a m achucariam . Segundo, se um dia conseguissem fazê-la voltar ao que era, eles nos avisariam e a trariam de volta. Terceiro, a receita de um a m istura para fazer bolhas fluorescentes. (Só posso supor que estavam lendo os pensam entos da m am ãe, porque ela não tinha dito nada. Mas é possível que Vossa Im anência tenha contado. Ela certam ente tinha acesso a algum as das m em órias de “o Veículo”.) Além disso, deram a Pry deri algo parecido com um skate de vidro.

61) Foi um a espécie de som líquido. Então, tudo ficou transparente. Eu estava chorando, e m am ãe tam bém . E Pry deri disse “Caram bolas!”, e com ecei a rir enquanto chorava, e então voltou a ser apenas a nossa casa.

62) Fom os ao quintal e olham os para cim a. Havia algo piscando, azul e laranj a,

bem no alto, cada vez m enor, e observam os até perder a coisa de vista.

63) Porque eu não quis.

64) Alim entei os anim ais que restaram . Roland estava bem agitado. Os gatos só

pareciam felizes por voltarem a receber com ida. Não sei com o a chinchila

escapou.

65) Às vezes. Quer dizer, é preciso ter em m ente que ela era a pessoa m ais

irritante do planeta, m esm o antes de toda essa história de Vossa Im anência. Mas,

sim , acho que sim . Se eu for sincera.

66) Fico sentada do lado de fora, à noite, olhando para o céu, im aginando o que

ela está fazendo.

67) Ele quer de volta o skate de vidro. Diz que é dele, e que o governo não tem o

direito de pegar. (Vocês são do governo, não são?) Mas m am ãe parece feliz em

com partilhar a patente da fórm ula das Bolhas Coloridas com o governo. O suj eito

disse que esta pode ser a base de todo um novo ram o da sei-lá-o-que m olecular.

Ninguém m e deu nada, então não preciso m e preocupar.

68) Um a vez, no quintal, olhando para o céu de noite. Acho que era apenas um a

estrela de brilho alaranj ado. Talvez Marte, sei que o cham am de planeta

verm elho. De vez em quando, im agino que talvez ela tenha voltado a ser com o

antes e estej a dançando lá no alto, e os alienígenas adoram vê-la praticando *pole*

dance porque sim plesm ente não entendem nada do assunto e acham que é um a

nova form a de arte, e nem reparam que ela não sabe nem rebolar.

69) Não sei. Sentada no quintal conversando com os gatos, talvez. Ou assoprando

bolhas de cores bobas.

70) Até o dia em que eu m orrer.

Declaro que este é um relato fidedigno dos acontecim entos.

Jem im a Glorfindel Petula Ram sey

Um calendário de contos

Conto de j aneiro

VAPT!

— É sem pre assim ?

O j ovem parecia desorientado. Olhava ao redor pelo côm odo, sem foco.

Aquilo o acabaria m atando, se não tom asse cuidado.

Doze deu tapinhas em seu om bro.

— Não. Nem sem pre. Se tiverm os algum problem a, ele virá dali, no alto.

Ele apontou para um a porta de sótão, no teto. A porta estava m al encaixada no batente, fechada feito um olho que espera na escuridão atrás dela.

O j ovem assentiu. Então, perguntou:

— Quanto tem po tem os?

— Juntos? Talvez m ais uns dez m inutos.

— Teve um a coisa que eu perguntei várias vezes na Base, m as ninguém respondia. Disseram que eu veria com m eus próprios olhos. *Quem* são eles?

Doze não respondeu. Algo havia m udado, m uito discretam ente, na escuridão do sótão acim a deles. Trouxe o dedo até os lábios, e então ergueu a arm a, indicando ao j ovem que fizesse o m esm o.

Eles despencaram do buraco do sótão: cinzentos com o tij olos e verdes com o bolor, dentes afiados e ágeis, tão ágeis. O j ovem ainda estava procurando o gatilho quando Doze com eçou a atirar; ele os acertou, todos os cinco, antes que o

j ovem conseguisse dar seu prim eiro disparo.

Olhou para a esquerda. O j ovem trem ia.

— Aí está — disse.

— Acho que a pergunta é: *o que* são eles?

— Quem ou o quê. Dá no m esm o. São o inim igo. Escorregando pelos contornos do tem po. Agora, na transferência, vão sair em grande núm ero.

Desceram j untos as escadas. Estavam num a pequena casa de subúrbio. Havia um a m ulher e um hom em sentados à m esa da cozinha, sobre a qual repousava um a garrafa de cham panhe. Não pareciam reparar nos dois hom ens uniform izados que atravessaram o côm odo. A m ulher estava servindo a bebida. O uniform e do j ovem era bem passado, azul-escuro, e parecia nunca ter sido usado. A am pulheta anual ficava presa ao cinto, cheia de areia clara. O uniform e de Doze estava desgastado e desbotado, num a coloração azul-cinzenta, rem endado onde havia sido cortado, rasgado ou queim ado. Chegaram à porta da cozinha e…

Vapt!

Estavam do lado de fora, num a floresta, em algum lugar m uito frio.

— ABAIXE-SE! — bradou Doze.

Algo afiado passou por cim a de suas cabeças e se chocou contra um a árvore atrás deles.

— Você não disse que, às vezes, era diferente? — ironizou o j ovem .

Doze deu de om bros.

— De onde estão vindo?

— Do tem po — respondeu Doze. — Estão se escondendo atrás dos segundos, tentando entrar.

Na floresta perto deles, algum a coisa fez *umpf*, e um enorm e pinheiro com eçou a arder com um a cham a verde feito o cobre.

— Onde estão?

— Acim a de nós outra vez. Costum am ficar acim a ou abaixo da gente.

Desceram com o faíscas de um sinalizador, lindas e brancas e possivelm ente um pouco perigosas.

O j ovem estava pegando o j eito da coisa. Dessa vez, os dois atiraram j untos.

— Eles o inform aram dos detalhes da m issão? — indagou Doze.

Quando aterrissaram , as faíscas pareciam bem m enos lindas e m uito m ais perigosas.

— Na verdade, não. Só disseram que seria por um ano.

Doze recarregou rapidam ente a arm a. Tinha cabelos grisalhos e cicatrizes. O j ovem m al parecia ter idade suficiente para pegar um a arm a.

— Explicaram a você que um ano seria um a vida inteira?

O j ovem balançou a cabeça em negativa. Doze se lem brou de quando era assim tão novo, de uniform e lim po e intacto. Será que um dia ele fora tão inocente? De expressão tão ingênua?

Cuidou de cinco dos dem ônios faiscantes. O j ovem deu cabo dos três que

restavam .

— Então é um ano de com bate.

— Segundo a segundo — disse Doze.

E...

Vapt!

As ondas quebravam na praia. Estava quente, j aneiro no hem isfério sul. Mas ainda era noite. Acim a deles, fogos de artifício nos céus, im perturbáveis. Doze conferiu a am pulheta anual: restavam apenas alguns grãos. Estava quase term inado.

Correu os olhos atentos pela praia, as ondas, as rochas.

— Não estou vendo — declarou.

— Eu estou — disse o j ovem .

Enquanto ele apontava, algo im enso saiu do m ar, m aior do que a im aginação era capaz de conceber, um a vastidão espessa e m alévola, cheia de tentáculos e garras, e rugia conform e se erguia.

Doze apanhou a bazuca que trazia nas costas e apoiou-a sobre o om bro. Disparou e observou as cham as florescerem do corpo da criatura.

— O m aior que j á vi — disse. — Talvez tenham guardado o m elhor para o final.

— Ei — retrucou o j ovem —, estou apenas com eçando.

Então veio na direção deles, as garras de crustáceo se agitando e pinçando,

tentáculos açoitando, a grande boca abrindo e fechando ao léu. Saíram correndo em direção ao alto da ribanceira de areia.

O j ovem era m ais rápido que Doze: era novo, m as às vezes isso é um a vantagem . O quadril de Doze doía, e ele tropeçou. Seu últim o grão de areia passava pela am pulheta anual quando algo — um tentáculo, pensou ele — envolveu sua perna, e ele caiu.

Olhou para cim a.

O j ovem estava de pé na ribanceira, com os pés bem firm es, conform e ensinavam no treinam ento, em punhando um a bazuca de m odelo desconhecido — algo criado depois de sua época de treino, Doze supôs. Com eçou a se despedir

m entalm ente enquanto era arrastado de volta para a praia, areia arranhando o rosto, e, então, um a explosão abafada, e o tentáculo foi arrancado da sua perna com um puxão quando a criatura foi lançada de volta ao m ar.

Ele caía pelo ar quando o últim o grão desceu e a Meia-Noite o levou.

Doze abriu os olhos no lugar para onde vão os anos passados. Catorze o aj udou a descer do palco.

— Com o foi? — perguntou Mil Novecentos e Catorze.

Ela usava um a saia branca que chegava ao chão e longas luvas brancas.

— Estão ficando m ais perigosos a cada ano — disse Dois Mil e Doze. — Os segundos, e aquilo que espreita por trás deles. Mas gostei do novato, acho que ele

vai dar conta.

Conto de fevereiro

CÉUS CINZENTOS DE fevereiro, areias brancas em m eio à névoa, rochas pretas. O m ar tam bém parecia preto, com o um a fotografia m onocrom ática, e apenas a garota de capa de chuva am arela acrescentava cor ao m undo.

Vinte anos atrás, a velha tinha cam inhado pela praia em todo o tipo de clim a, arqueada. Olhava com atenção para a areia e, às vezes, laboriosam ente, se abaixava para erguer um a pedra e olhar sob ela. Quando parou de vir até a areia, um a m ulher de m eia-idade, que supus ser filha dela, veio cam inhar pela praia, com m enos entusiasm o que a m ãe. Agora a m ulher parara de vir, e em seu lugar

havia a garota.

Ela veio em m inha direção. Eu era a única outra pessoa na praia em m eio àquele nevoeiro. Não aparento ser m uito m ais velha que ela.

— O que está procurando? — indaguei.

Seu rosto form ou um a expressão um pouco contrariada.

— O que a faz pensar que estou procurando algum a coisa?

— Você vem aqui todos os dias. Antes de você era a m oça, e antes, a velha senhora com o guarda-chuva.

— Era m inha avó — disse a garota de capa de chuva am arela.

— O que ela perdeu?

— Um pingente.

— Deve ser m uito valioso.

— Na verdade, não. Tem valor sentim ental.

— Deve valer m ais do que isso, se sua fam ília está procurando por incontáveis anos.

— Sim . — Ela hesitou antes de com pletar: — Vovó contou que aquilo a levaria de volta para casa. Disse que só veio aqui dar um a olhada. Estava curiosa. E então ficou preocupada por ter trazido o pingente e, por isso, o escondeu em baixo de um a pedra, para que pudesse encontrá-lo quando voltasse. E então, quando voltou, não soube m ais dizer ao certo sob qual rocha o tinha escondido. Isso foi há cinquenta anos.

— Onde era a casa dela?

— Vovó nunca nos contou.

O j eito de falar da garota m e levou a fazer a pergunta que m e assustava.

— Ainda está viva? Sua avó?

— Sim . Mais ou m enos. Mas ela não fala m ais com a gente hoj e em dia. Fica apenas olhando para o m ar. Deve ser horrível ser tão velha.

Balancei a cabeça. Não é. Então pus a m ão no bolso do casaco e m ostrei-o a ela.

— Por acaso era parecido com este? Eu o encontrei na praia há um ano.

Em baixo de um a rocha.

O pingente não tinha sido m aculado pela areia nem pela água salgada.

A garota parecia surpresa, e então m e abraçou e m e agradeceu. Correu com o pingente pela praia enevoada em direção à cidadezinha.

Observei-a se afastando: um a m ancha dourada num m undo branco e preto, carregando o pingente da avó na m ão. Era idêntico ao que eu usava no pescoço.

Eu m e indaguei a respeito da avó dela, m inha irm ã m ais nova, pensando se um dia ela voltaria para casa; se poderia m e perdoar pela brincadeira, caso um dia voltasse. Talvez escolhesse perm anecer na terra, m andando a garota para casa em seu lugar. Seria divertido.

Foi só depois que m inha sobrinha-neta se foi, quando m e vi sozinha, que com ecei a nadar para o alto, deixando o pingente m e atrair para casa, rum o à vastidão acim a de nós, onde vagam os com as solitárias baleias celestes e onde os céus e os m ares são um só.

Conto de m arço

… sabemos apenas isto: ela não foi executada.

— CHARLES JOHNSON, HISTÓRIA GERAL DOS ROUBOS E ASSASSINATOS DOS PIRATAS MAIS CONHECIDOS

ESTAVA QUENTE DEMAIS na casa grande, e as duas saíram para a varanda. Um a tem pestade de prim avera se arm ava ao longe, no oeste. Desde cedo, o

fulgor dos raios e as im previsíveis lufadas frias j á as em purravam e refrescavam . Sentaram -se com recato no balanço da varanda, m ãe e filha, e falaram do futuro retorno do m arido dela para casa, pois ele havia em barcado com um a safra de tabaco rum o à distante Inglaterra.

Mary, que tinha treze anos, tão bela, tão facilm ente assustada, disse:

— Afirm o e declaro. Estou contente que todos os piratas tenham sido enviados à forca, e papai voltará para nós em segurança.

O sorriso da m ãe era doce, e não se desfez quando disse:

— Não quero falar sobre piratas, Mary.

* * *

FOI VESTIDA DE m enino quando era criança, para acobertar o escândalo do pai. Não usou vestidos até estar no navio com o pai e com a m ãe — am ante que fazia as vezes de servente e a quem ele cham aria de esposa no Novo Mundo —, e partiram de Cork rum o às Carolinas.

Durante aquela j ornada, ela se apaixonou pela prim eira vez, envolta em tecidos pouco fam iliares, desaj eitada nas estranhas saias. Tinha onze anos, e não foi um m arinheiro que lhe arrebatou o coração, m as o próprio navio: Anne se sentava na proa, observando o cinzento Atlântico rolar sob a em barcação, ouvindo o grito das gaivotas, sentido a cada m om ento a Irlanda se afastar e carregar todas as antigas m entiras.

Deixou seu am or ao desem barcar, lam entando, e, m esm o com o pai prosperando na nova terra, ela sonhava com o rangido e o ricochete das velas.

O pai era um bom hom em . Havia se alegrado quando ela voltou, e não falou do tem po em que ficara afastada, ou do j ovem com quem tinha se casado, que a levara a Providence. Ela voltou à fam ília três anos m ais tarde, com um bebê no seio. O m arido m orrera, disse, e em bora fossem m uitos os boatos e as histórias,

nem a m ais afiada das línguas fofoqueiras ousou supor que Annie Riley fosse a pirata Anne Bonny, prim eira-im ediata de Rackham Ruivo.

“Se tivesse lutado com o um hom em , não teria m orrido com o um cão.” Essas foram as últim as palavras de Anne Bonny dirigidas ao hom em que colocou o bebê em seu ventre, ou ao m enos era o que diziam .

* * *

A SRA. RILEY assistiu ao espetáculo dos raios e ouviu o prim eiro ribom bar dos

trovões distantes. O cabelo estava ficando grisalho, e a pele era tão bela quanto a de qualquer outra m ulher de posses nos arredores.

— Soa com o disparos de canhão — disse Mary.

(Anne tinha dado a ela o nom e da própria m ãe e tam bém da m elhor am iga da época em que esteve longe da casa grande).

— O que a leva a dizer algo assim ? — indagou a m ãe, recatada. — Nesta casa, não se fala de tiros de canhão.

Então, a prim eira das chuvas de m arço caiu, e a sra. Riley surpreendeu a filha ao levantar-se do balanço da varanda e inclinar-se na chuva, perm itindo-a que m olhasse seu rosto, com o os respingos da brisa do m ar. Era algo que não condizia com um a m ulher tão respeitável.

Com a água m olhando o rosto, ela se im aginou naquele lugar: capitã do próprio navio, o bom bardeio ao redor, o odor da fum aça da pólvora soprada com a brisa salgada. O convés do navio seria pintado de verm elho, para disfarçar o sangue nas batalhas. O vento encheria o tecido das suas velas com um estalo tão alto quanto o rugido de um canhão, enquanto se preparavam para abordar o navio m ercante e tom ar tudo que desej assem , j oias e m oedas — e beij os ardentes com o prim eiro-im ediato quando a loucura chegasse ao fim …

— Mãe? Você deve estar pensando em um grande segredo. O sorriso no seu rosto é tão estranho.

— Menina boba, *acushla* — disse a m ãe. — Estava pensando no seu pai.

Era verdade o que disse, e os ventos de m arço sopraram a loucura em torno delas.

Conto de abril

SABEMOS QUE ESTAMOS exagerando com os patos quando eles deixam de confiar em nós, e m eu pai estava arrancando tudo o que podia dos patos desde o verão anterior.

Aproxim ava-se do lago.

— Olá, patos — dizia ele aos patos.

Já em j aneiro, eles sim plesm ente nadavam para longe. Um pato m acho particularm ente irascível (nós o cham ávam os de Donald, m as nunca na sua frente, pois patos são sensíveis a esse tipo de coisa) ficava para trás e ralhava com m eu pai.

— Não estam os interessados — dizia a ave. — Não querem os com prar nada que você estej a vendendo: nada de seguro de vida, nem enciclopédias, nem telha

de alum ínio, nem palito de fósforo, m esm o que sej a à prova d'água.

— "O dobro ou nada!" — grasnou um pato-real dos m ais indignados. — Aposto que vai nos fazer j ogar a m oeda. Usando aquela de dois lados iguais…!

Os patos, que tiveram oportunidade de exam inar a m oeda em questão quando m eu pai a tinha j ogado no lago, grasnaram em concordância com o pato-real e flutuaram , elegantes e rabugentos, até o outro lado da água.

Meu pai levou para o lado pessoal.

— Aqueles patos — disse ele. — Estão sem pre lá. Com o um a vaca pronta para ser ordenhada. Eram uns trouxas: o m elhor tipo. Do tipo que dá para tapear de novo e de novo. E eu estraguei tudo.

— Precisa fazer com que voltem a confiar em você. Ou, ainda m elhor, é só com eçar a ser honesto. Vire um a nova página. Você tem um em prego de

verdade agora.

Ele trabalhava no Village Inn, em frente ao lago dos patos.

Meu pai não virou um a nova página em sua vida. Ele m al virou a página antiga. Roubou pão fresco da cozinha da estalagem , levou garrafas de vinho tinto

j á abertas, e foi até o lago para reconquistar a confiança dos patos.

Durante todo o m ês de m arço ele os entreteve, os alim entou, contou piadas, fez tudo que pôde para am olecê-los. Foi só em abril, quando havia poças para todo lado e as árvores estavam novas e verdes e o m undo tinha se desfeito do inverno, que ele trouxe um baralho.

— Que tal um a partida am igável? — perguntou m eu pai. — Sem apostar dinheiro?

Os patos se entreolharam , nervosos.

— Não sei, não… — m urm uraram alguns deles, desconfiados.

Então um pato-real m ais velho, que não reconheci, estendeu um a asa graciosam ente.

— Depois de tanto pão fresco, depois de tanto vinho bom , seria deselegante da nossa parte recusar sua proposta. Buraco, talvez? Ou m au-m au?

— Que tal pôquer? — perguntou m eu pai, com cara de blefe, e os patos disseram sim .

Ele ficou tão feliz. Nem precisou sugerir que com eçassem a apostar para

tornar o j ogo m ais interessante: o velho pato-real se encarregou disso.

Ao longo dos anos, aprendi um pouco a trapacear na hora de dar as cartas: observava m eu pai sentado em nosso quarto à noite, praticando, de novo e de novo, m as o velho pato tinha um a coisa ou outra a ensinar. Dava as cartas do fundo do baralho. Dava as cartas do m eio. Sabia onde estava cada carta, e bastava um rápido m ovim ento da asa para conduzi-las exatam ente aonde ele as queria.

Os patos lim param m eu pai: a carteira, o relógio, os sapatos, a caixinha de rapé e as roupas que estava usando. Se aceitassem um m enino com o aposta, m eu pai tam bém teria m e perdido naquele j ogo, e talvez, de m uitas form as, ele o tenha feito.

Cam inhou de volta para a estalagem apenas com a roupa de baixo e as m eias.

Patos não gostam de m eias, disseram as aves. É um a particularidade deles.

— Ao m enos você ficou com as m eias — com entei.

Aquele foi o abril em que m eu pai aprendeu a não confiar em patos.

Conto de m aio

EM MAIO, RECEBI um cartão anônim o de Dia das Mães. Isso m e deixou intrigada. Eu certam ente teria percebido caso tivesse tido filhos, não teria?

Em j unho, encontrei um bilhete dizendo “O atendim ento será regularizado assim que possível” preso ao espelho do banheiro, j unto a várias pequenas

m oedas de cobre suj as de origem e denom inação incertas.

Em j ulho, recebi três cartões-postais, a intervalos de um a sem ana, todos com carim bo postal da Cidade Esm eralda de Oz, dizendo-m e que a pessoa que os tinha enviado estava se divertindo m uito e m e pedindo que lem brasse Doreen de trocar a fechadura da porta dos fundos e verificasse se a entrega do leite havia m esm o sido cancelada. Não conheço nenhum a Doreen.

Em agosto, alguém deixou um a caixa de bom bons em frente à m inha porta. Havia um adesivo preso a ela, dizendo que era evidência em um processo j udicial im portante, e sob nenhum a circunstância os chocolates dentro da caixa poderiam ser com idos antes de serem subm etidos ao levantam ento de im pressões digitais. Com o calor de agosto, os chocolates tinham derretido, form ando um a m açaroca m arrom , e j oguei fora a caixa inteira.

Em setem bro, recebi um pacote contendo um exem plar da edição da revista em que o Superm an fez sua prim eira aparição, um dos prim eiros fólios das peças de Shakespeare e um a edição particular de um rom ance de Jane Austen que eu não conhecia, intitulado *Wit and Wilderness*. Não tenho grande interesse em quadrinhos, nem em Shakespeare, nem em Jane Austen, e deixei os livros no quartinho dos fundos. Um a sem ana m ais tarde, quando precisei de algo para ler durante o banho de banheira e procurei por eles, não estavam m ais lá.

Em outubro, encontrei um bilhete dizendo “O atendim ento será regularizado assim que possível. Juro.” preso à lateral do aquário do peixe-dourado. Dois dos peixes pareciam ter sido levados e substituídos por um par idêntico.

Em novem bro, recebi um bilhete que m e obrigava a cum prir exigências caso eu quisesse voltar a ver m eu tio Theobald com vida. Não tenho nenhum tio Theobald, m as, m esm o assim , usei um cravo rosa na lapela e com i apenas salada durante o m ês inteiro.

Em dezem bro, recebi um cartão de Natal com carim bo postal do Polo Norte, inform ando que, em decorrência de um equívoco nos registros, eu não tinha sido incluída na lista dos Bonzinhos nem na dos Levados. Vinha assinado por um nom e que com eçava com N. Talvez fosse Noel, m as tinha m ais cara de Norm an.

Em j aneiro, despertei e descobri que alguém havia pintado “Coloque sua m áscara prim eiro para, em seguida, aj udar os outros” no teto da m inha pequena cozinha com tinta coral. Parte da tinta pingara no chão.

Em fevereiro, um hom em se aproxim ou de m im no ponto de ônibus e m e m ostrou a estátua preta de um falcão em sua sacola de com pras. Pediu m inha aj uda para m antê-la a salvo do Gordo, e então viu alguém atrás de m im e saiu correndo.

Em m arço, recebi três correspondências não solicitadas, a prim eira dizendo

que talvez eu tivesse ganhado um m ilhão de dólares, a segunda dizendo que eu talvez tivesse sido eleita para a Académ ie Française e a últim a m e dizendo que eu talvez tivesse sido declarada a líder titular do Sacro Im pério Rom ano.

Em abril, encontrei um bilhete no criado-m udo pedindo desculpas pelos problem as no atendim ento, garantindo que a partir de então todos os defeitos do universo tinham sido resolvidos para sem pre. PEDIMOS DESCULPAS PELA INCONVENIÊNCIA, concluía o bilhete.

Em m aio, recebi outro cartão de Dia das Mães. Dessa vez não era anônim o. Estava assinado, m as não conseguia ler o nom e. Com eçava com N, m as tenho quase certeza de que não era Norm an.

Conto de j unho

MEUS PAIS DISCORDAM. É o que eles fazem . Vão além de discordar. Discutem . A respeito de tudo. Ainda não entendo com o eles conseguiram dar um tem po na discussão para se casar, m uito m enos para conceber m inha irm ã e eu.

Mam ãe acredita na redistribuição de riquezas, e acha que o grande problem a do com unism o é não ir longe o bastante. Meu pai tem um retrato em oldurado da Rainha ao lado da cam a e vota nos candidatos m ais conservadores que encontra.

Mam ãe queria que m eu nom e fosse Susan. Meu pai queria que fosse Henrietta,

em hom enagem à sua tia. Nenhum dos dois cedeu um centím etro. Sou a única

Susietta da m inha escola e, provavelm ente, do m undo. O nom e de m inha irm ã é

Alism im a, por m otivos parecidos.

Não há nenhum ponto em que concordem , nem m esm o em relação à

tem peratura. Papai está sem pre com calor, m am ãe está sem pre com frio.

Vivem ligando e desligando os aquecedores, abrindo e fechando as j anelas assim

que o outro sai do côm odo. Eu e m inha irm ã ficam os resfriadas o ano todo, e

acham os que provavelm ente este é o m otivo.

Não conseguiam concordar nem quanto ao m ês em que deveríam os tirar

férias. Papai insistia em agosto, e m am ãe afirm ava com toda a certeza que j ulho

era m elhor. Assim , m uitas vezes tirávam os as férias de verão em j unho, para a

infelicidade de todos.

E não conseguiam decidir para onde iríam os. Papai queria andar a cavalo na

Islândia, enquanto m am ãe se dispunha a fazer um a caravana pelo Saara nas

costas dos cam elos, e am bos olhavam para nós com o se fôssem os um as bobas

quando dizíam os que não seria m al sentar num a praia do sul da França ou algum

outro lugar. Paravam de discutir tem po o bastante para nos dizer que isso estava

fora de questão, bem com o um a viagem à Disney lândia, e então voltavam a

discutir um com o outro.

A Discussão de Onde Vam os Passar as Férias em Junho chegava ao fim com

m uitas portas batidas e m uitos gritos do tipo “Que sej a!” proferidos um para o

outro.

Quando chegavam as inconvenientes férias, eu e m inha irm ã tínham os

certeza de um a coisa: não iríam os a lugar nenhum . Trazíam os um a im ensa pilha

de livros da biblioteca, tantos quanto nos perm itiam retirar, e nos preparávam os

para ouvir m uitas brigas nos dez dias seguintes.

Então chegaram os hom ens em furgões, trazendo coisas para a casa, e

com eçaram a instalá-las.

Mam ãe m andou que colocassem a sauna no porão. Despej aram areia no

chão. Penduraram no teto um a lâm pada de bronzeam ento artificial. Ela colocou

um a toalha sobre a areia em baixo da lâm pada e se deitou ali. Afixou fotografias

de dunas e cam elos nas paredes do porão, até que estas descolaram com o calor

extrem o.

Papai pediu aos hom ens que colocassem o frigorífico (o m aior frigorífico que

conseguiu encontrar, tão grande que dava para entrar nele) na garagem . Ocupou

tanto espaço que ele teve que com eçar a deixar o carro do lado de fora do

portão. Acordava de m anhã, vestia um suéter quente de lã islandês, pegava um

livro, sanduíches de pepino e a garrafa térm ica cheia de chocolate quente, e entrava lá com um im enso sorriso no rosto, saindo apenas na hora do j antar.

Eu m e pergunto se m ais alguém tem um a fam ília tão estranha quanto a m inha. Meus pais nunca concordam a respeito de nada, nada.

— Sabia que m am ãe tem vestido o casaco e se esgueirado até a garagem durante as tardes? — disse m inha irm ã de repente, enquanto estávam os sentadas no j ardim , lendo os livros que trouxem os da biblioteca.

Não sabia, m as tinha visto papai usando apenas calção de banho e roupão, descendo ao porão naquela m anhã para ficar com m am ãe, com um grande sorriso bobo na cara.

Não entendo pais. Sinceram ente, acho que ninguém entende.

Conto de j ulho

NO DIA EM que m inha m ulher m e deixou, dizendo que precisava ficar sozinha e ter um tem po para pensar, no dia 1o de j ulho, quando o sol incidia forte no lago no centro da cidade, quando o m ilho nos cam pos que cercavam m inha casa estava na altura do j oelho, quando crianças dem asiadam ente entusiasm adas soltaram os prim eiros fogos de artifício e bom binhas que nos assustavam e faiscavam no céu de verão, construí um iglu de livros no j ardim dos fundos. Usei livros em brochura para construi-lo, com m edo do peso das enciclopédias e edições de capa dura, que poderiam cair se m inha construção

não fosse firm e.

Mas o iglu não ruiu. Tinha quatro m etros de altura, e tam bém um túnel, através do qual eu podia rastej ar para dentro dele, m antendo afastados os am argos ventos do Ártico.

Levei outros livros ao iglu que construíra com livros, e os li lá dentro. Fiquei m aravilhado com o quão aquecido e confortável m e sentia ali dentro. Conform e lia os livros, colocava-os no chão, form ando um piso, e então buscava m ais livros, e m e sentava neles, elim inando do m eu m undo os últim os vestígios da gram a verde de j ulho.

Meus am igos vieram no dia seguinte. Rastej aram apoiados nas m ãos e nos j oelhos para entrar no m eu iglu. Disseram que eu estava agindo feito um louco.

Respondi que a única coisa m e protegendo do frio do inverno era a coleção de livros em brochura dos anos 1950 do m eu pai, m uitos deles com títulos atrevidos, capas intensas e histórias que desapontavam pela m onotonia.

Meus am igos foram em bora.

Sentei-m e no iglu im aginando a noite do Ártico do lado de fora, indagando se a aurora boreal tom ava os céus. Olhei lá fora, m as vi apenas um a noite repleta de estrelas form igantes.

Dorm i em m eu iglu, feito de livros. Com ecei a ficar com fom e. Fiz um buraco no chão, desci por ele um a linha de pesca e esperei até que algo fisgasse.

Puxei-a: um peixe feito de livros, com as antigas edições de capa verde das m elhores histórias de detetive da Penguin. Com i o peixe cru, tem endo fazer um a fogueira dentro do iglu.

Quando saí, observei que alguém havia coberto o m undo inteiro com livros: edições de capa clara, de todas as tonalidades de branco e azul e roxo. Cam inhei pelos blocos de gelo form ados por livros.

Vi alguém que parecia m inha esposa lá fora, no gelo. Estava criando um a geleira de autobiografias.

— Pensei que tivesse m e deixado — falei a ela. — Pensei que tivesse m e deixado sozinho.

Ela nada disse, e percebi que vira apenas a som bra de um a som bra.

Era j ulho, quando o sol j am ais se põe no Ártico, m as eu estava ficando cansado, então com ecei a voltar na direção do iglu.

Vi as som bras dos ursos antes de ver os anim ais em si: eram im ensos, de pelo claro, feitos de páginas de livros ferozes: poem as antigos e m odernos na form a de ursos rondavam pelos blocos de gelo, cheios de palavras capazes de ferir com sua beleza. Via o papel, e as palavras cortando as páginas, e tem i que os ursos pudessem m e ver.

Esgueirei-m e de volta ao iglu, evitando os anim ais. Talvez tenha dorm ido no escuro. E então saí, deitei-m e com as costas no gelo e observei as inesperadas

cores da reluzente aurora boreal, atento ao estalar do gelo distante com o um iceberg de contos de fadas desprendido de um a geleira de livros de m itologia.

Não sei quando tom ei consciência da presença de outra pessoa deitada no chão ao m eu lado. Podia ouvir sua respiração.

— É lindo, não? — disse ela.

— É a aurora boreal, as luzes do norte.

— São os fogos de artifício do 4 de j ulho na cidade, querido — disse m inha m ulher.

Ela segurou m inha m ão e assistim os j untos ao espetáculo.

Quando o últim o dos fogos sum iu num a nuvem de estrelas douradas, ela falou:

— Voltei para casa.

Não respondi. Mas segurei sua m ão com m uita força, deixei m eu iglu feito de livros e voltei com ela para a casa onde m orávam os, deleitando-m e no calor de j ulho feito um gato.

Ouvi um trovão distante e, durante a noite, enquanto dorm íam os, com eçou a chover, fazendo desabar m eu iglu de livros, lavando e levando as palavras do m undo.

Conto de agosto

OS INCÊNDIOS FLORESTAIS com eçaram cedo naquele agosto. Todas as tem pestades que poderiam ter um edecido o m undo seguiram para o sul, levando

consigo a chuva. Todos os dias, víam os os helicópteros sobrevoando, prontos para

despej ar sua carga de água do lago sobre as cham as distantes.

Peter, que é australiano, e tam bém dono da casa em que m oro (cozinho e

trabalho com o caseiro para ele), disse:

— Na Austrália, os eucaliptos usam o fogo para sobreviver. Algum as

sem entes de eucalipto só germ inam depois que um incêndio florestal passa pelo

lugar, lim pando a m ata rasteira. Elas precisam do calor intenso.

— Coisa estranha — com entei. — Algo brotando das cham as.

— Nem tanto. Bem norm al. Devia ser m ais com um quando a Terra era m ais

quente.

— Difícil im aginar um m undo m ais quente do que esse.

Ele fungou.

— Isso não é nada — falou, contando do calor intenso que vivenciara na

Austrália quando era m ais j ovem .

Na m anhã seguinte, o noticiário da tevê alertou que os habitantes da nossa

região deveriam abandonar suas propriedades: estávam os num a área de alto

risco de incêndio.

— Pura baboseira — resm ungou Peter. — Nunca será problem a para nós.

Estam os num terreno m ais alto, e o córrego passa ao nosso redor.

Quando cheio, o córrego chegava a m ais de um m etro de profundidade, quase

um m etro e m eio. Agora, estava no m áxim o a m eio m etro.

No fim da tarde, o cheiro de m ato queim ado era forte no ar, e a tevê e o rádio diziam a todos para deixar o local im ediatam ente, se ainda fosse possível.

Sorrim os um para o outro, bebem os nossas cervej as, parabenizando-nos por nosso entendim ento de um a situação difícil, sem ter entrado em pânico nem fugido.

— Nós, hum anos, som os com placentes — falei. — Todos nós. As pessoas.

Vem os as folhas assando nas árvores num dia quente de agosto, e m esm o assim

acreditam os que nada vai m udar. Nossos im périos viverão para sem pre.

— Nada é para sem pre — disse Peter, servindo outra cervej a e contando de

um am igo na Austrália que havia im pedido que um incêndio destruísse a fazenda

da fam ília j ogando cervej a nas labaredas sem pre que surgiam .

O incêndio entrou pelo vale com o a chegada do Juízo Final, vindo em nossa direção, e percebem os quanto o riacho seria insignificante com o proteção. O próprio ar estava queim ando.

Finalm ente fugim os, em purrando um ao outro, tossindo na fum aça sufocante, correndo colina abaixo até chegarm os ao riacho e deitam os dentro dele, deixando apenas a cabeça fora da água.

Do inferno nós as vim os nascer das cham as, subir e voar. Lem bravam pássaros, bicando as ruínas incendiadas da casa na colina. Vi um a delas erguer a

cabeça, bradando em triunfo. Pude ouvi-la em m eio ao estalar das folhas ardentes, ao rugido das labaredas. Ouvi o canto da fênix e com preendi que nada dura para sem pre.

Um a centena de pássaros de fogo subiu aos céus quando a água do córrego com eçou a ferver.

Conto de setem bro

MINHA MÃE TINHA um anel em form ato de cabeça de leão. Usava-o para praticar pequenos encantam entos: encontrar um a vaga para estacionar, fazer sua fila andar um pouco m ais rápido no superm ercado, levar o casal briguento da m esa ao lado a parar de brigar e voltar a se am ar, esse tipo de coisa. Ela o deixou

para m im quando m orreu.

A prim eira vez que o perdi foi num café. Acho que estava rem exendo nele, inquieta, tirando do dedo, colocando de novo. Som ente ao chegar em casa dei falta dele.

Voltei ao café, m as não havia sinal do anel.

Vários dias m ais tarde, a j oia m e foi devolvida por um taxista, que a tinha encontrado no asfalto do lado de fora do café. Disse que m inha m ãe havia aparecido em um sonho, dando a ele m eu endereço e um a receita de cheesecake à m oda antiga.

Na segunda vez que o perdi, estava apoiada no parapeito de um a ponte,

j ogando pinhas no rio abaixo. Não reparei que estava frouxo, e o anel escapou da

m inha m ão com um a das pinhas. Observei o arco da sua traj etória. Caiu na lam a

escura e m olhada no lim iar do rio, fazendo um alto *glop*, e sum iu.

Um a sem ana m ais tarde, com prei um salm ão de um hom em que conheci no

pub: fui buscar o peixe em um refrigerador no porta-m alas de seu velho furgão

verde. Era para um j antar de aniversário. Quando abri o peixe com a faca, o

anel de leão de m inha m ãe caiu de dentro dele.

Na terceira vez que o perdi, estava lendo e tom ando sol no quintal. Era agosto.

O anel estava na toalha ao m eu lado, j unto aos óculos escuros e ao protetor solar,

quando um pássaro grande (suspeito que tenha sido um a pega, ou um a gralha,

m as posso estar enganada; era algum tipo de corvo com certeza) fez um rasante

e, com o bater das asas, retom ou altitude com a j oia da m inha m ãe no bico.

O anel foi devolvido na noite seguinte por um espantalho que se m ovia sem

m uita habilidade. Ele m e deu um susto, parado ali sob a luz da porta dos fundos, e

então m ergulhou novam ente na escuridão assim que apanhei o anel da sua m ão

de palha enluvada.

— Há coisas que não devem ser guardadas — disse a m im m esm a.

Na m anhã seguinte, coloquei o anel no porta-luvas do m eu velho carro. Dirigi

até o ferro-velho e observei, satisfeita, enquanto o carro era esm agado até se

tornar um cubo de m etal do tam anho de um a televisão, sendo então colocado num contêiner com destino à Rom ênia para processam ento, onde seria convertido em algo útil.

No início de setem bro fechei m inha conta no banco. Mudei-m e para o Brasil, onde assum i um cargo de web designer usando um nom e falso.

Até o m om ento, nenhum sinal do anel de m am ãe. Porém , às vezes, desperto do sono profundo com o coração acelerado, m olhada de suor, im aginando de que

m aneira ela vai m e devolver o anel da próxim a vez.

Conto de outubro

— QUE SENSAÇÃO BOA — falei, esticando o pescoço para m e livrar da contração que restava.

Não era apenas bom , era m aravilhoso, na verdade. Tinha passado tanto tem po esprem ido naquela lâm pada. Já estava pensando que ninguém voltaria a esfregá-

la.

— Você é um gênio — disse a j ovem com a flanela de lim peza na m ão.

— Sou. Você é um a garota esperta, docinho. Com o soube?

— Você apareceu num a nuvem de fum aça — disse ela. — E tem cara de gênio, com esse turbante e os sapatos pontudos.

Cruzei os braços e pisquei. Agora estava de calça j eans, tênis cinza e um a blusa cinzenta desbotada: o uniform e m asculino deste lugar e desta época.

Levei

a m ão à testa e m e inclinei em sinal de profunda reverência.

— Sou o gênio da lâm pada. Alegra-te, ó bem -aventurada. Tenho o poder de

conceder-te três desej os. E não adianta tentar o truque do “desej o m ais desej os”:

além de não funcionar, você perderá um desej o. Certo. Manda ver.

Cruzei os braços novam ente.

— Não — respondeu ela. — Quer dizer, m uito obrigada e tudo o m ais, m as

estou bem . Não precisa.

— Querida. Docinho. Boneca. Talvez não tenha m e ouvido direito. Sou um

gênio. E os três desej os? Pode ser qualquer coisa que você quiser. Já sonhou em

voar? Posso lhe dar asas. Quer ser rica, m ais rica que Creso? Quer poder? Basta

falar. Três desej os. Qualquer coisa.

— Com o j á disse, obrigada, m as estou bem . Quer tom ar algum a coisa? Deve

estar m orrendo de sede depois de tanto tem po na lâm pada. Vinho? Água? Chá?

— Hum m … — Pensando bem , agora que ela tinha m encionado, percebi que

estava com sede. — Tem chá de hortelã?

Ela m e preparou um pouco de chá de hortelã num a chaleira que era quase

gêm ea da lâm pada na qual eu havia passado a m aior parte dos últim os m il anos.

— Obrigado pelo chá.

— Im agina.

— Mas não entendo. Todos que conheci com eçaram a pedir coisas. Um a casa chique. Um harém de m ulheres m aravilhosas (não que você fosse querer isso, é claro…).

— Quem sabe? — disse ela. — Não pode sair fazendo suposições a respeito das pessoas. Ah, e não m e cham e de querida, nem docinho, nem nada dessas coisas. Meu nom e é Hazel.

— Ah! — exclam ei, com preendendo. — Então, quer um a linda m ulher? Minhas desculpas. Basta fazer o pedido.

Cruzei os braços.

— Não — interveio ela. — Estou bem . Nada de desej os. Com o está o chá?

Disse a ela que o chá de hortelã era o m ais gostoso que j á tinha provado.

Ela perguntou quando com ecei a sentir a necessidade de conceder desej os às pessoas, e se eu sentia um a necessidade desesperada de agradar aos outros.

Perguntou da m inha m ãe, e disse a ela que não poderia m e j ulgar com o faria com os m ortais, pois eu era um *djinn* poderoso e sábio, m ágico e m isterioso.

Perguntou se eu gostava de *homus* e, quando respondi que sim , ela tostou um pão sírio e o cortou para que eu passasse no *homus*.

Mergulhei os pedaços de pão no *homus* e com i com grande deleite. O *homus* m e deu um a ideia.

— Basta fazer um desej o e posso produzir um banquete digno de um sultão para você — sugeri, esperançoso. — Cada prato seria m ais delicioso que o

anterior, tudo servido em travessas de ouro. E você poderia ficar com o ouro, depois.

— Não precisa — disse ela, sorrindo. — Gostaria de sair para cam inhar?

Andam os j untos pela cidade. Foi bom esticar as pernas depois de tantos anos na lâm pada. Fom os parar num parque público, sentados num banco perto de um lago. Fazia calor, m as ventava, e as folhas do outono caíam em lufadas cada vez que o vento soprava.

Contei a Hazel sobre a m inha j uventude com o *djinn*, de com o costum ávam os bisbilhotar as conversas dos anj os, que j ogavam com etas em nós quando nos flagravam escutando. Contei a ela dos dias ruins da guerra dos *djinns*, e de com o o rei Solim ão nos aprisionou dentro de obj etos ocos: garrafas, lâm padas, potes de argila, coisas desse tipo.

Ela m e contou dos pais, que tinham m orrido no m esm o acidente de avião, deixando a casa para a filha. Contou-m e do em prego, ilustrando livros infantis, um trabalho ao qual ela se voltou sem nem reparar, quando percebeu que j am ais seria um a ilustradora m édica realm ente com petente, e de quanto ficava contente ao receber novos livros para ilustrar. Contou que ensinava desenho de observação para adultos na universidade com unitária um a noite por sem ana.

Não vi nenhum defeito óbvio na vida dela, nenhum espaço que pudesse ser

preenchido com a realização de um desej o, com um a exceção.

— Sua vida é boa. Mas você não tem ninguém com quem com partilhá-la.

Basta desej ar, e eu lhe trarei o hom em perfeito. Ou m ulher. Um astro de cinem a.

Um a… pessoa rica…

— Não precisa, estou bem — respondeu ela.

Cam inham os de volta à casa dela, passando por outras decoradas para o Dia das Bruxas.

— Não está certo — disse a ela. — As pessoas sem pre desej am coisas.

— Eu, não. Tenho tudo de que preciso.

— Então o que *eu* faço?

Ela pensou por um m om ento. Então apontou para o j ardim .

— Pode varrer as folhas?

— É esse o seu desej o?

— Não. Apenas algo que você pode fazer enquanto preparo nosso j antar.

Varri as folhas, form ando um a pilha ao lado da cerca, para im pedir que o vento as espalhasse. Depois do j antar, lavei a louça. Passei a noite no quarto de hóspedes de Hazel.

Não é que ela não quisesse aj uda. Ela m e deixou aj udar. Cuidei de pequenas tarefas, buscando m aterial de artes plásticas e algum as com pras. Nos dias em que ficava pintando por m uito tem po, ela m e deixava m assagear seus om bros e

pescoço. Tenho m ãos boas, firm es.

Pouco antes do Dia de Ação de Graças, deixei o quarto de hóspedes, do outro lado do corredor, e m e m udei para o quarto principal e para a cam a de Hazel. Observei o rosto dela esta m anhã enquanto dorm ia. Olhei para a form a que seus lábios assum em quando ela dorm e. A luz do sol foi chegando e tocou o rosto

dela, que abriu os olhos, m e viu, e sorriu.

— Sabe o que nunca perguntei? — indagou ela. — E quanto a você? O que desej aria se eu lhe perguntasse quais são os seus três desej os?

Pensei por um instante. Coloquei o braço ao redor dela, que acom odou a cabeça no m eu om bro.

— Estou bem — disse a ela. — Não preciso de nada.

Conto de novem bro

O BRASEIRO ERA pequeno, quadrado e feito de um m etal envelhecido e enegrecido pelo fogo. Talvez fosse de cobre ou latão. Tinha cham ado a atenção de Eloise na venda de usados porque ostentava pares gêm eos de anim ais que poderiam ser dragões ou serpentes m arinhas. Um deles estava sem cabeça. Custava apenas um dólar, e Eloise o com prou, e tam bém um chapéu

verm elho com um a pena na lateral. Com eçou a se arrepender de com prar o chapéu antes m esm o de chegar em casa, e pensou que talvez devesse dá-lo de presente a alguém . Mas a carta do hospital a esperava na volta, e ela colocou o

braseiro no quintal e o chapéu no arm ário, ao entrar, e não pensou m ais neles.

Os m eses se passaram , e tam bém o desej o de sair de casa. A cada dia ela se sentia m ais fraca, e cada dia tirava m ais dela. Levou a cam a para o quarto no andar de baixo, porque doía cam inhar, porque estava cansada dem ais para subir as escadas, porque era m ais sim ples.

Novem bro chegou, e com ele a consciência de que j am ais veria o Natal.

Há coisas que não se pode j ogar fora, coisas que não podem os deixar para serem encontradas pelos entes queridos quando não estiverm os m ais aqui. Coisas

que tem os que queim ar.

Ela levou um a pasta de papelão preta cheia de papéis e cartas e fotografias antigas até o j ardim . Encheu o braseiro com gravetos caídos e sacolas de papel m arrons, e ateou fogo usando um acendedor de churrasqueira. Só depois de ver as cham as é que ela abriu a pasta.

Com eçou com as cartas, particularm ente aquelas que não deveriam ser vistas por outras pessoas. Quando estivera na universidade, houve um professor e um relacionam ento, se é que poderia ser considerado assim , que tinha enveredado por rum os bastante som brios m uito rapidam ente. Ela guardara todas as cartas dele presas com um clipe de papel, e as deixou cair, um a a um a, nas labaredas. Havia um a fotografia dos dois j untos, e ela a lançou no braseiro por últim o, observando a im agem enrugar e escurecer.

Foi apanhar o obj eto seguinte na caixa de papelão quando se deu conta de que não conseguia m ais lem brar o nom e do professor, nem a m atéria que ele lecionava, nem o m otivo de o relacionam ento a ter ferido tanto a ponto de tê-la feito pensar em suicídio.

O próxim o obj eto era um a fotografia de sua antiga cadela, Lassie, deitada de costas ao lado do carvalho no quintal. Lassie m orreu há sete anos, m as a árvore continuava ali, agora despida de folhas no frio de novem bro. Ela j ogou a foto no

braseiro. Tinha am ado aquele cachorro.

Voltou o olhar para a árvore, lem brando…

Não havia árvore no j ardim dos fundos.

Não havia nem m esm o um toco de tronco: apenas um gram ado esm aecido de novem bro, coberto com algum as das folhas secas das árvores dos vizinhos.

Eloise viu, e não se preocupou com a possibilidade de ter enlouquecido.

Levantou-se com algum a dificuldade e cam inhou até a casa. Seu reflexo no espelho a chocou, coisa com um nos últim os tem pos. O cabelo tão fino e ralo, o rosto tão m acilento.

Ela apanhou os papéis da m esa ao lado da cam a im provisada: um a carta do oncologista estava no topo da pilha, e sob ela havia um a dúzia de páginas de núm eros e palavras. Havia m ais papéis por baixo, todos com o logotipo do hospital no alto da prim eira página. Ela os apanhou e, aproveitando o ensej o,

pegou tam bém as contas hospitalares. O seguro de saúde cobria a m aior parte das despesas, m as não todas.

Voltou a sair da casa, parando na cozinha para recuperar o fôlego.

O braseiro a aguardava, e ela j ogou suas inform ações m édicas no fogo.

Assistiu enquanto estas ficavam m arrons e pretas, virando cinzas no vento de novem bro.

Quando o últim o dos registros m édicos term inou de arder, Eloise se levantou e entrou em casa. O espelho do corredor m ostrou a ela um a Eloise ao m esm o tem po nova e fam iliar: tinha cabelos castanhos profusos, e sorriu para si m esm a

no reflexo com o se am asse a vida e deixasse atrás de si um rastro de conforto.

Ela foi ao arm ário do corredor. Havia o chapéu verm elho na prateleira, do qual ela quase não se lem brava, m as a m ulher o vestiu, tem endo que o verm elho

fizesse seu rosto parecer lavado e pálido. Olhou-se no espelho. Estava com boa aparência. Inclinou o chapéu para form ar um ângulo m ais acentuado.

Do lado de fora, os últim os traços da fum aça saída do braseiro preto envolto em serpentes se dissiparam no frio ar de novem bro.

Conto de dezem bro

PASSAR O VERÃO nas ruas é difícil, m as pode-se dorm ir num parque sem m orrer de frio. O inverno é diferente. O inverno pode ser fatal. E, m esm o que não o sej a, o frio ainda nos acolhe com o am igo especial e sem teto, se

insinuando

por cada parte de nossa vida.

Donna tinha aprendido com os m ais velhos. O truque, disseram , é dorm ir

durante o dia onde for possível (a linha de trem circular é um a boa pedida, basta

com prar um a passagem e passar o dia no vagão, dorm indo, e o m esm o vale para

os cafés m ais baratos onde ninguém se im porta com um a m enina de dezoito anos

que gasta cinquenta centavos num a xícara de chá e então cochila num canto

durante algum as horas, desde que sua aparência sej a m inim am ente respeitável),

m as m anter-se em m ovim ento durante a noite, quando as tem peraturas caem

m uito, e os lugares m ais quentes fecham as portas, trancando-as e apagando as

luzes.

Eram nove da noite, e Donna estava cam inhando. Procurava pelas áreas m ais

ilum inadas e não tinha vergonha de pedir dinheiro. Não m ais. A pessoa sem pre

podia dizer não, coisa que a m aioria fazia.

Não havia nada de fam iliar a respeito da m ulher na esquina. Caso contrário,

Donna não a teria abordado. Era seu pesadelo, alguém de Biddenden vê-la assim :

a vergonha e o m edo de contarem à sua m ãe (que nunca falara m uito, que

dissera apenas “Já vai tarde” quando soube da m orte da avó), que então contaria

ao pai, que seria capaz de ir até lá procurá-la, tentando levá-la de volta para casa.

E isso a destruiria. Ela nunca m ais queria vê-lo.

A m ulher na esquina havia parado, perplexa, e olhava ao redor com o se estivesse perdida. Às vezes, os perdidos são generosos com trocados, bastava saber indicar a eles o cam inho desej ado.

Donna se aproxim ou e disse:

— Tem um trocado?

A m ulher baixou o olhar até ela. E então a expressão em seu rosto m udou, e ela parecia… Donna entendeu o clichê naquele m om ento, entendeu por que as pessoas dizem *Parece que ela viu um fantasma*. Tinha m esm o visto. A m ulher disse:

— *Você?*

— Eu? — indagou Donna.

Se tivesse reconhecido a m ulher, talvez se afastasse, ou até saísse correndo, m as não a conhecia. A m ulher parecia um pouco a m ãe de Donna, m as um tanto m ais gentil, bondosa e rechonchuda, enquanto a m ãe era m agricela. Era difícil discernir sua verdadeira aparência porque estava usando pesadas roupas pretas de inverno, e um espesso gorro de lã, m as o cabelo sob o gorro era tão alaranj ado quanto o da m enina.

— Donna — disse a m ulher.

A j ovem teria corrido, m as não o fez, perm anecendo onde estava porque era

loucura dem ais, im provável dem ais, ridículo dem ais para descrever em palavras.

— Meu Deus, Donna. É você, não é? Eu lem bro.

Então ela parou. Parecia piscar para disfarçar as lágrim as.

Donna olhou para a m ulher, enquanto um a ideia im provável e ridícula enchia sua cabeça, e disse:

— Você é quem eu acho que é?

A m ulher confirm ou com um m eneio de cabeça.

— Sou você — disse ela. — Ou serei. Um dia. Estava cam inhando por aqui e lem brando de com o era quando eu… quando você… — m ais um a vez, ela fez um a pausa. — Ouça. As coisas não vão ser assim para sem pre. Nem vão durar m uito tem po. Apenas evite fazer algo idiota. E não faça nada de perm anente. Juro que vai ficar tudo bem . É com o nos vídeos do YouTube, sabe? *Tudo vai melhorar.*

— O que é *iutúb*? — indagou Donna.

— Ah, que gracinha — disse a m ulher.

Ela pôs os braços ao redor de Donna, puxou-a para perto e a abraçou com força.

— Vai m e levar para casa com você? — perguntou Donna.

— Não posso — respondeu a m ulher. — Ainda não há um lar à sua espera. Você ainda não conheceu nenhum a das pessoas que vão aj udá-la a sair das ruas,

ou aj udá-la a conseguir um em prego. Ainda não conheceu o hom em que será seu parceiro. E os dois vão construir um lugar que sej a seguro, para am bos e para seus filhos. Um lugar quente.

Donna sentiu a raiva crescendo dentro de si.

— Por que está m e dizendo isso?

— Para que saiba que tudo vai m elhorar. Para lhe dar esperança.

Donna recuou um passo.

— Não quero esperança — disse a j ovem . — Quero um lugar quente. Quero um a casa. Quero agora. Não daqui a vinte anos.

Um a expressão de m ágoa no rosto plácido.

— Não vai dem orar vinte an…

— *Não importa!* Não vai ser esta noite. Não tenho para onde ir. E estou com *frio*. Tem um trocado?

A m ulher assentiu.

— Aqui está — disse.

Abriu a bolsa e sacou um a nota de vinte libras. Donna a pegou, m as o dinheiro não se parecia com as notas que ela conhecia. Voltou a olhar para a m ulher a fim de lhe perguntar algo, m as ela tinha desaparecido, e quando Donna olhou novam ente para as m ãos, o dinheiro tam bém havia sum ido.

Ela ficou ali, trem endo. O dinheiro desaparecera, se é que chegara a existir.

Mas ela guardou um a coisa: sabia que as coisas dariam certo um dia. No fim . E

sabia que não precisava fazer nada idiota. Não precisava com prar um a últim a passagem de trem apenas para poder saltar nos trilhos quando visse o trem se aproxim ando, perto dem ais para frear.

O vento do inverno era am argo, m ordendo e cortando a carne até os ossos, m as, ainda assim , ela viu algo soprado contra a porta de um a loj a, e abaixou-se para apanhar o obj eto: um a nota de cinco libras. Talvez o dia seguinte fosse m ais fácil. Ela não teria que fazer nenhum a das coisas que se im aginara fazendo.

Dezem bro pode ser fatal para quem está nas ruas. Mas não naquele ano. Não naquela noite.

Caso de m orte e m el

Durante anos, o destino de um hom em foi um m istério naquela região: o velho bárbaro, branco com o um fantasm a, com sua im ensa sacola. Alguns acharam que tinha sido assassinado e, posteriorm ente, escavaram o chão da pequena cabana do Velho Gao no alto da colina em busca de tesouros, m as encontraram apenas cinzas e travessas de zinco enegrecidas pelo fogo. Isso foi após o desaparecim ento do próprio Gao, perceba, e antes de seu filho voltar de Lij iang para assum ir as colm eias na colina.

* * *

O PROBLEMA É esse, *escreveu Holmes em 1899*: o Tédio. E a falta de interesse.

Melhor dizendo, tudo se torna dem asiadam ente fácil. Quando a graça de solucionar crim es é o desafio, a possibilidade de que você pode fracassar, então os crim es têm algo que retêm a atenção. No entanto, se para todo crim e há um a solução e, não obstante, de decifração fácil, não há razão algum a para solucioná-

los.

Vej a: um hom em foi assassinado. Logo, alguém o m atou. Foi m orto em decorrência de um ou m ais dentre um punhado de m otivos: tornou-se um problem a para alguém , ou possuía algo desej ado por alguém , ou enfureceu alguém . Onde está o desafio nisso?

Eu lia nas gazetas a respeito de crim es que deixavam a polícia perplexa e m e descobria a solucionar o caso, em linhas gerais ou até em detalhes, antes m esm

o

de chegar ao fim da reportagem . O crim e é solúvel dem ais. Dissolve-se. Por que

telefonar à polícia e revelar as respostas para seus m istérios? Deixo de lado, de novo e de novo, com o um desafio a eles, j á que a m im não desafia.

Sinto-m e vivo apenas quando percebo um desafio.

* * *

As abelhas das colinas brum adas, colinas tão altas que, às vezes, eram cham adas de m ontanhas, zum biam no fraco sol de verão ao voar de flor em flor no aclive. O Velho Gao as ouvia, sem prazer. Seu prim o, no vilarej o do outro lado do vale, tinha m uitas dúzias de colm eias, todas quase cheias de m el, m esm o nessa época do ano; além disso, o m el era branco com o a neve. O Velho Gao não achava o m el branco m ais saboroso que o m el am arelo e m arrom -claro que suas próprias abelhas produziam em quantidades escassas, m as o prim o conseguia vender o m el branco a um preço duas vezes m aior que o próprio Gao cobrava por seu m elhor m el.

No lado da colina pertencente ao prim o, as abelhas m arrons e douradas eram trabalhadoras aplicadas, esforçadas, que traziam pólen e néctar às colm eias em im ensas quantidades. As abelhas do Velho Gao eram m al-hum oradas e pretas, reluzentes feito balas, produzindo apenas o m el necessário para sobreviver ao inverno e pouco m ais: o bastante para que o

Velho Gao vendesse de porta em porta aos dem ais aldeões, um pequeno pedaço de favo de m el por vez. Sem pre que tinha favos de ninho para vender, cobrava m ais pela deliciosa iguaria cheia de larvas de abelha e rica em proteína, o que ocorria raram ente, pois as abelhas eram irritadiças e taciturnas e, a tudo que faziam , dedicavam -se o m ínim o necessário, inclusive para fazer m ais abelhas, e o Velho Gao tinha consciência de que cada favo de ninho vendido por ele representava abelhas a m enos para fazer o m el que venderia m ais tarde ao longo do ano.

O Velho Gao era tão ranzinza e m ordaz quanto suas abelhas. Tivera um a esposa, m as ela m orreu no parto. O filho que a m atara sobreviveu por um a sem ana e tam bém m orreu. Não haveria ninguém para entoar os ritos fúnebres do Velho Gao, ninguém para lim par seu túm ulo na época dos festivais nem fazer oferendas. Morreria sem que ninguém se lem brasse dele, tão ignorável e ignorado quanto suas abelhas.

Assim que as estradas se tornaram transitáveis, ao fim da prim avera daquele ano, apareceu nas m ontanhas um desconhecido, um velho hom em branco com um a im ensa sacola m arrom presa aos om bros. O Velho Gao ouviu falar dele antes de ser apresentado ao hom em .

— Há um bárbaro observando as abelhas — com entou o prim o.

O Velho Gao nada disse. Tinha visitado o prim o para com prar um balde de favos de segunda linha, quebrados ou desoperculados, com risco de logo

estragarem . Com prou a um preço baixo para alim entar as próprias abelhas, e, se vendesse parte daquilo em seu vilarej o, ninguém perceberia a diferença. Os dois bebiam chá na cabana do prim o de Gao, na colina. A partir do fim da prim avera, quando as prim eiras gotas de m el com eçavam a fluir, até a prim eira geada, o prim o de Gao deixava sua casa na vila e se aloj ava na cabana da colina, para viver e dorm ir entre as colm eias, por m edo de ladrões. A esposa e os filhos levavam colina abaixo os favos e as garrafas de m el branco com o a neve para vender.

O Velho Gao não tinha m edo de ladrões. As reluzentes abelhas pretas das colm eias dele não tinham pena de ninguém que as perturbasse. Ele dorm ia no vilarej o, a não ser que fosse época de coletar o m el.

— Vou enviá-lo ao seu encontro — disse o prim o de Gao. — Responda às perguntas dele, m ostre-lhe suas abelhas, e ele vai pagá-lo.

— Ele fala nossa língua?

— Sim , m as de m aneira m edonha. Disse que aprendeu a falar com m arinheiros, em sua m aioria cantoneses. Mas aprende rápido, em bora sej a velho.

O Velho Gao grunhiu, desinteressado em m arinheiros. A m anhã j á ia alta, e ainda faltavam quatro horas de cam inhada pelo vale até chegar ao seu vilarej o, no calor do dia. Ele term inou seu chá. O chá que o prim o bebia era m ais refinado que qualquer um que o Velho Gao j á pôde pagar.

Chegou às suas colm eias quando ainda havia luz, colocou a m aior parte do m el desoperculado nas colm eias m ais fracas. Ele tinha onze colm eias. O prim o tinha m ais de cem . Durante o procedim ento, o Velho Gao foi picado duas vezes, nas costas da m ão e na nuca. Já fora ferroado m ais de m il vezes na vida. Nem saberia dizer quantas. Mal sentia as picadas de outras abelhas, m as a ferroada de suas próprias abelhas pretas sem pre doía, ainda que não houvesse m ais inchaço nem queim ação.

No dia seguinte, um m enino veio à casa do Velho Gao no vilarej o para dizer-lhe que havia alguém — um estrangeiro gigante — perguntando por ele. O Velho Gao apenas grunhiu. Atravessou o vilarej o cam inhando com seu ritm o constante, enquanto o m enino corria na frente e logo se perdia na distância.

O Velho Gao encontrou o estrangeiro bebendo chá, sentado na varanda da Viúva Zhang. O Velho Gao conhecera a m ãe da Viúva Zhang, cinquenta anos atrás. Foi am iga da esposa dele. Agora j á fazia tem po que ela m orrera. Ele não acreditava que ainda tivesse alguém que conhecera sua m ulher. A Viúva Zhang buscou chá para o Velho Gao, apresentou-o ao bárbaro, que tinha tirado a sacola do om bro e se sentado j unto à pequena m esa.

Bebericaram o chá. O bárbaro disse:

— Gostaria de ver suas abelhas.

* * *

O ALGOZ DE My croft foi o fim do Im pério, e ninguém sabia disso além de nós

dois. Ele j azia naquele côm odo desbotado, coberto apenas com um fino lençol branco, com o um fantasm a provindo da im aginação popular, faltando para tal apenas dois buracos no lençol fazendo as vezes de olhos para com pletar a transform ação.

Eu im aginara que a doença o m inguaria, m as ele parecia m aior do que nunca, com os dedos inchados com o duas linguiças brancas.

— Boa noite, My croft — cum prim entei-o. — O dr. Hopkins m e disse que você

tem duas sem anas de vida e enfatizou que eu não deveria inform á-lo disso sob hipótese algum a.

— Um parvo, aquele hom em — disse My croft, cuj a respiração vinha entrecortada por pesados sibilos entre as palavras. — Não viverei até sexta-feira.

— Chegará no m ínim o até sábado — retruquei.

— Sem pre um otim ista. Não, j á na noite de quinta passarei a ser apenas um exercício de geom etria aplicada para Hopkins e para os diretores funerários da Snigsby e Malterson, que vão enfrentar o desafio de tirar m inha carcaça deste côm odo e do prédio, dada a estreiteza das portas e dos corredores.

— Levando em conta a escada, acim a de tudo. Mas eles vão rem over o batente da j anela e baixá-lo até a rua com o um grande piano.

My croft bufou diante do com entário.

— Tenho cinquenta e quatro anos, Sherlock. Na m inha cabeça está o governo britânico. Não aquele disparate de eleições e palanques, m as o funcionam ento da coisa. Ninguém m ais com preende com o a m ovim entação das tropas nas colinas do Afeganistão afeta as desoladas praias do norte de Gales, ninguém m ais com preende a situação com o um todo. Pode im aginar o rebuliço que essa gente e seus filhos vão fazer quando a Índia se tornar independente?

Nunca m e dispusera a pensar no assunto.

— Ela *se tornará* independente? — perguntei.

— É inevitável. Em trinta anos, no m áxim o. Escrevi num erosos m em orandos sobre o assunto. Assim com o a respeito de tantos outros. Há m em orandos sobre a Revolução Russa, que, im agino, deve ocorrer em questão de dez anos, e a questão alem ã, e… ah, tantos outros. Não que eu tenha a expectativa de que sej am lidos ou com preendidos. — Outro sibilo. Os pulm ões do m eu irm ão vibravam com o as j anelas em um a casa vazia. — Sabe, se m e fosse possível continuar vivo, o Im pério Britânico perduraria por m ais m il anos, trazendo paz e m elhorias ao m undo.

No passado, especialm ente quando criança, sem pre que ouvia My croft fazer um pronunciam ento grandioso com o aquele, eu dizia algo para atazaná-lo. Mas

não agora, não em seu leito de m orte. E, além disso, tinha certeza de que ele não se referia ao estado atual do Im pério, um construto falho e falível criado por gente falha e falível, m as sim de um Im pério Britânico que existia apenas na sua cabeça, um a gloriosa força de civilização e prosperidade universal.

Não acredito, e nunca acreditei, em im périos. Porém , acreditava em My croft.

My croft Holm es. Cinquenta e quatro anos de idade. Ele vira a chegada do novo século, m as a rainha ainda viveria m uitos m eses além dele. Era m ais de trinta anos m ais velha que ele, e um a senhora de com pleição vigorosa sob todos os aspectos. Indaguei em silêncio se este final infeliz não poderia ter sido evitado.

— Você tem razão, Sherlock, é claro — disse m eu irm ão. — Tivesse eu m e obrigado a fazer exercícios. Tivesse eu m e alim entado de alpiste e repolho em vez de bisteca. Tivesse eu aprendido a dançar conform e a m úsica com um a esposa e um cãozinho e m e com portado de tantas outras m aneiras que seriam contrárias à m inha natureza. Talvez garantisse m ais dez ou doze anos de vida. Contudo, de que vale isso, diante do quadro geral das coisas? Bem pouco. E, m ais cedo ou m ais tarde, alcançaria m eu ocaso. Não. Na m inha opinião, seriam necessários duzentos anos para criar um serviço civil funcional, que dirá um serviço secreto…

Eu nada falei.

O côm odo desbotado não tinha nenhum tipo de decoração nas paredes.

Nenhum a das condecorações de My croft. Nenhum a ilustração, fotografia ou

pintura. Com parei seu am biente austero aos m eus próprios côm odos abarrotados

em Baker Street e pensei, não pela prim eira vez, sobre a m ente de My croft. Ele

não precisava de nada do lado de fora, pois estava tudo do lado de dentro: tudo

que ele vira, tudo que vivenciara, tudo que lera. Podia fechar os olhos e cam inhar

pela National Gallery, ou folhear as obras da Sala de Leitura do British Museum

(ou, m ais provavelm ente, com parar relatórios de espionagem vindos dos confins

do Im pério ao preço da lã em Wigan e às estatísticas de desem prego em Hove, e

então, partindo apenas de tais docum entos, ordenar a prom oção de um hom em

ou a condenação de um traidor a um a m orte discreta).

My croft em itiu um sibilo intenso, e então disse:

— É um crim e, Sherlock.

— Com o?

— Um crim e. É um crim e, m eu irm ão, tão m onstruoso e hediondo quanto

qualquer um dos m assacres sensacionalistas que você j á investigou. Um crim e

contra o m undo, contra a natureza, contra a ordem .

— Devo confessar, m eu caro, que não entendo bem ao que se refere. Qual é

o crim e?

— Minha m orte, em específico. E a m orte, em geral. — Ele olhou nos m eus olhos. — Falo sério. Não seria *este* um crim e digno de investigação, Sherlock, velho com panheiro? Um caso capaz de prender sua atenção por m ais tem po que o necessário para determ inar que o pobre suj eito que liderava a orquestra de sopro em Hy de Park foi assassinado pelo terceiro corneteiro usando um preparado de estricnina.

— Arsênico — corrigi, quase autom aticam ente.

— Creio que descobrirá que o arsênico, em bora presente, tenha derivado de flocos de tinta verde do coreto que caíram em seu j antar. Os sintom as de envenenam ento por arsênico não passam de um engodo. Não, foi a estricnina que deu cabo do pobre suj eito.

My croft nada m ais m e disse naquele dia, e j am ais o faria de novo. Seu últim o suspiro foi na quinta-feira seguinte, no fim da tarde, e, na sexta, os honrados representantes de Snigsby e Malterson rem overam o batente da j anela do côm odo desbotado, baixando o corpo do m eu irm ão até a rua, feito um grande piano.

Os participantes do velório fom os eu, m eu am igo Watson, nossa prim a Harriet e, atendendo ao desej o explícito de My croft, m ais ninguém . O Serviço Público, o

Ministério das Relações Exteriores, até o Diogenes Club: tais instituições e seus representantes estiveram ausentes. My croft vivera com o recluso e seria igualm ente recluso na m orte. Assim , éram os apenas nós três e o pároco, que não conhecera m eu irm ão e não fazia ideia que estava consignando ao túm ulo o braço m ais onisciente do Im pério Britânico.

Quatro hom ens m usculosos seguraram firm e nas cordas e baixaram o cadáver de m eu irm ão até sua j azida final, e devo dizer que se esforçaram ao m áxim o para não praguej ar diante do peso da coisa. Dei a cada um deles um a gorj eta de m eia coroa.

My croft m orreu aos cinquenta e quatro anos e, enquanto seu corpo era depositado na sepultura, na m inha im aginação ainda podia ouvir seu sibilo surdo e entrecortado enquanto parecia dizer: “Não seria *este* um crim e digno de investigação?”

* * *

Em bora seu vocabulário fosse lim itado, o sotaque do estrangeiro não era dos piores, e ele falava o dialeto local, ou algo parecido. Aprendia rápido.

O Velho Gao arrastou o pé na terra da rua e cuspiu. Nada disse. Não queria subir a colina com o estrangeiro; não queria perturbar suas abelhas.

Segundo a experiência do Velho Gao, quanto m enos incom odasse as abelhas, m elhor o desem penho delas. E se picassem o bárbaro?

O cabelo do estrangeiro era branco platinado e ralo; o nariz, o prim eiro nariz bárbaro que o Velho Gao j á vira, era im enso e curvado, lem brando o bico de um a águia; a pele era bronzeada, num a tonalidade sem elhante à do próprio Velho Gao, com rugas profundas. O Velho Gao não tinha certeza se seria capaz de desvendar a expressão do bárbaro com o fazia com a de outras pessoas, m as achou que o hom em parecia sério e, talvez, infeliz.

— Por quê?

— Estudo abelhas. Seu irm ão disse que você tem grandes abelhas pretas. Abelhas incom uns.

O Velho Gao deu de om bros. Não corrigiu o hom em com relação ao parentesco com o prim o.

O estrangeiro perguntou ao Velho Gao se ele j á com era, e quando Gao respondeu que não, o estrangeiro pediu à Viúva Zhang que lhes trouxesse sopa e arroz e o que m ais houvesse de bom na cozinha, e ela voltou com um cozido de cogum elos pretos com legum es e pequenos peixes transparentes de água doce, pouco m aiores que girinos. Os dois com eram em silêncio. Quando term inaram , o estrangeiro disse:

— Eu ficaria honrado se m e m ostrasse suas abelhas.

O Velho Gao nada respondeu, m as o estrangeiro pagou bem à Viúva Zhang e colocou a sacola nas costas. Então esperou, e, quando o Velho Gao com eçou a andar, o estrangeiro o seguiu. Carregava a sacola com o se não

sentisse seu peso. Era forte para um a pessoa de idade, pensou o Velho Gao, ponderando se todos os bárbaros seriam assim tão fortes.

— De onde veio?

— Da Inglaterra — disse o estrangeiro.

O Velho Gao se lem brou do pai falando de um a guerra com os ingleses envolvendo o com ércio e o ópio, m as isso tinha sido m uito tem po antes. Cam inharam pela colina que talvez fosse um a m ontanha. Era íngrem e, e o terreno era rochoso dem ais para ser transform ado em cam pos. O Velho Gao testou o fôlego do estrangeiro, cam inhando num ritm o m ais acelerado que o norm al, e o estrangeiro o acom panhou, com a sacola nas costas.

No entanto, o estrangeiro parou várias vezes. Parou para exam inar flores, as pequenas flores brancas que se abriam no início da prim avera no restante do vale, m as que se abriam na encosta da colina apenas no final da estação. Havia um a abelha em um a das flores, e o estrangeiro se aj oelhou para observá-la. Então colocou a m ão no bolso, tirou dele um a grande lente de aum ento e exam inou a abelha com ela, fazendo anotações num pequeno caderno de bolso, com um a escrita incom preensível.

O Velho Gao nunca tinha visto um a lente de aum ento, e se aproxim ou para ver a abelha, tão preta e tão forte e m uito diferente das abelhas de outras partes daquele vale.

— Um a de suas abelhas?

— Sim — disse o Velho Gao. — Ou outra do m esm o tipo.

— Então vam os deixar que encontre sozinha o cam inho de casa — disse o estrangeiro, que não perturbou a abelha, e guardou a lente de aum ento.

* * *

The Croft

East Dene, Sussex,

11 de agosto de 1922

Meu caro Watson,

Pensei longamente em nossa conversa desta tarde, avaliei com calma e me vejo preparado para mudar minhas opiniões anteriores.

Estou receptivo à publicação de seu relato dos incidentes de 1903, especificamente do último caso antes de minha aposentadoria, sob a seguinte condição.

Além das alterações habituais que faríamos para ocultar pessoas e lugares reais, sugiro que substitua todo o cenário que encontramos (refiro-me ao jardim do professor Presbury, sobre o qual não escreverei mais aqui), além de incluir glândulas de macaco, ou algum outro extrato obtido a partir dos testículos de um símio ou lêmure, enviado por algum estrangeiro misterioso. Talvez o extrato de macaco tivesse o efeito de fazer o professor Presbury se mover como um símio (quem sabe possa se tornar algum tipo de

“homem das selvas”?) ou talvez o tornasse capaz de trepar nas laterais de prédios e nas árvores. Talvez ganhasse uma cauda, mas isso poderia ser um exagero até mesmo para você, Watson, embora não mais que muitos de seus acréscimos barrocos a histórias envolvendo eventos mais corriqueiros de minha vida e meu trabalho.

Além disso, escrevi o seguinte discurso, que eu mesmo vou proferir, ao término de sua narrativa. Peço que garanta a presença de algo bastante semelhante a essas linhas, nas quais censuro uma vida longa demais e os tolos instintos que levam pessoas tolas a fazer coisas tolas para prolongar suas vidas tolas.

Há um perigo bastante real ameaçando a humanidade. Se pudéssemos viver para sempre, se a juventude estivesse facilmente ao alcance, o material, o sensual, o mundano, todos desejariam prolongar suas existências sem valor. O espiritual não poderia evitar o chamado a algo mais elevado. Seria a sobrevivência do menos forte. Em que tipo de pocilga nosso mundo poderia se transformar?

Algo nesse sentido deixaria minha consciência em paz, imagino.

Por favor, deixe-me ver o texto final antes de enviá-lo para publicação.

Continuo sendo seu mais obediente servo, velho amigo,

Sherlock Holmes

* * *

Eles chegaram às abelhas do Velho Gao no fim da tarde. As colm eias eram caixas cinzentas de m adeira em pilhadas atrás de um a estrutura tão sim ples que m al poderia ser cham ada de cabana. Quatro pilares, um telhado e pedaços de tecido em bebidos em óleo que serviam para m anter afastado o pior das chuvas da prim avera e das tem pestades de verão. Havia lá um pequeno braseiro de carvão que servia para cozinhar, m as que tam bém fazia as vezes de aquecedor. Um estrado de m adeira no centro da estrutura, com um antigo travesseiro de cerâm ica, servia com o cam a nas ocasiões em que o Velho Gao dorm ia nas m ontanhas com as abelhas, particularm ente no outono, quando recolhia a m aior parte do m el. Era pouco se com parado à produção das colm eias do prim o, m as o suficiente para quando precisava passar dois ou três dias esperando até que os favos que esm agara e rem exera fossem filtrados pelo tecido e recolhidos nos potes e baldes que ele carregara m orro acim a. O restante era derretido (a m atéria pegaj osa, os pedaços de pólen e a suj eira e os fluidos das abelhas) num pote, para extrair a cera, e ele devolvia a água doce às abelhas. Então, levava o m el e os blocos de cera colina abaixo para vendê-los no vilarej o. Mostrou ao estrangeiro as onze colm eias, observando im passível enquanto o hom em vestia um véu e abria um a caixa, exam inando prim eiro as abelhas, depois o conteúdo de um a câm ara de cria, e, finalm ente, a rainha, usando a lente de aum ento. Não dem onstrou m edo nem

desconforto: em tudo que fazia, seus gestos eram graciosos e lentos, e não levou nenhum a picada, sem ferir nem esm agar qualquer abelha. Isso im pressionou o Velho Gao. Supusera que os bárbaros eram criaturas inescrutáveis, ilegíveis e m isteriosas, m as esse hom em parecia transbordar de alegria por ter encontrado as abelhas de Gao. Seus olhos brilhavam .

O Velho Gao acendeu o braseiro para ferver um pouco de água. Porém , m uito antes de o carvão ficar quente, o estrangeiro tirou da sacola um aparato de vidro e m etal. Tinha enchido a m etade superior com água do riacho, acendeu um a cham a, e logo havia um a chaleira de água borbulhando e fum egando. Então, o estrangeiro tirou da sacola duas canecas de estanho e algum as folhas de chá verde envoltas em papel e depositou as folhas na caneca para, em seguida, derram ar a água sobre elas.

Foi o m elhor chá que o Velho Gao j á provara: m uito m ais saboroso que o chá do prim o. Eles o beberam em posição de lótus, sentados no chão.

— Eu gostaria de ficar aqui para o verão, nesta casa — disse o estrangeiro.

— Aqui? Nem chega a ser um a casa — respondeu o Velho Gao. — Fique no vilarej o ao pé da m ontanha. Há um quarto na casa da Viúva Zhang.

— Ficarei aqui. Gostaria tam bém de alugar um a de suas colm eias.

Fazia anos que o Velho Gao não ria. Havia no vilarej o quem acreditasse que tal coisa fosse im possível. Ainda assim , ele riu, um a gargalhada de surpresa e deleite que parecia ter sido arrancada de seus lábios.

— Falo sério — disse o estrangeiro.

Ele colocou quatro m oedas de prata no chão entre os dois. O Velho Gao não viu de onde ele as tinha retirado: três pesos m exicanos de prata, m oeda que se tornara popular na China, anos antes, e um grande *yuan* prateado. Era tanto dinheiro que equivalia ao que o Velho Gao ganhava em um ano vendendo m el.

— Por essa quantia, gostaria que alguém m e trouxesse com ida. A cada três dias seria satisfatório — falou o estrangeiro.

O Velho Gao nada disse. Term inou o chá e se levantou. Afastou os tecidos oleosos até chegar à clareira no alto do aclive. Cam inhou até as onze colm eias: cada um a era form ada por duas câm aras de cria com um , dois, três ou, num dos casos, quatro com partim entos acim a da base. Ele levou o estrangeiro à colm eia de quatro com partim entos, cada um deles preenchidos por caixilhos.

— Esta é a sua colm eia — disse.

* * *

ERAM EXTRATOS VEGETAIS. Isso era óbvio. Funcionavam , à sua m aneira, por um período lim itado, m as eram tam bém extrem am ente tóxicos.

Entretanto,

observando o pobre professor Presbury durante aqueles derradeiros dias (sua pele, os olhos, o andar), convenci-m e de que ele não seguira um rum o com pletam ente equivocado.

Fiquei com sua caixa de sem entes, bulbos, raízes e extratos secos, e m e pus a pensar. Ponderar. Cogitar. Refletir. Era um problem a intelectual, e poderia ser solucionado pelo intelecto, com o m eu antigo professor de m atem ática sem pre buscou dem onstrar a m im .

Eram extratos vegetais, e eram letais.

Os m étodos que usei para neutralizar sua letalidade os tornaram bastante ineficazes.

Não precisaria de apenas três cachim bos até resolver o problem a. Suspeitava que o problem a m e levaria a fum ar, digam os, trezentos cachim bos, até que m e

deparei com um a ideia inicial (talvez um a noção) de com o processar as plantas de m aneira a possibilitar sua ingestão por seres hum anos.

Não era um ram o de investigação que desse para explorar sem dificuldade em Baker Street. E foi assim que, no outono de 1903, m udei-m e para Sussex, e passei o inverno lendo cada livro, panfleto e m onografia j á publicados até então,

im agino, a respeito dos cuidados na criação de abelhas. E foi assim que, no início

de abril de 1904, arm ado apenas com conhecim ento teórico, recebi de um agricultor local m inhas prim eiras abelhas.

Às vezes, m e pergunto se Watson suspeitou de algo. Pensando m elhor, a gloriosa natureza obtusa de m eu am igo nunca deixou de m e surpreender e, de fato, houve ocasiões em que contei com ela. Ainda assim , ele conhecia o estado em que eu ficava quando não tinha trabalho para usar a m ente, nenhum caso para solucionar. Conhecia m inha lassidão, m eus tem peram entos m ais som brios quando não tinha um caso com o qual m e ocupar.

Assim , com o pôde acreditar que eu tinha realm ente m e aposentado? Ele conhecia m eus m étodos.

De fato, Watson estava lá quando recebi m inhas prim eiras abelhas. Observou de um a distância segura enquanto eu as transferia do pacote para a colm eia vazia que as esperava, com o um m elaço derram ado lentam ente, zum bindo com graça.

Viu m inha anim ação, e não deduziu nada.

Os anos se passaram , e assistim os ao Im pério ruir, observam os o governo incapaz de governar, vim os aqueles pobres e heroicos j ovens enviados para a m orte nas trincheiras de Flandres, e tudo isso confirm ou m inhas opiniões. Minha intenção não era fazer a coisa certa. Estava fazendo a única coisa que im portava.

Conform e m eu rosto se tornava desconhecido, e as j untas de m eus dedos

inchavam e doíam (m as não tanto quanto poderiam doer, fato que atribuí às m uitas picadas de abelha recebidas nos m eus prim eiros anos de apicultor investigativo), e conform e Watson — o querido, coraj oso e obtuso Watson — desbotava com o tem po, em palidecendo e encolhendo, a pele cada vez m ais cinzenta, o bigode assum indo o m esm o tom da cor da pele, m inha determ inação em concluir as pesquisas não dim inuiu. Só fez aum entar.

Bem , m inhas hipóteses iniciais foram testadas em South Downs, num apiário que eu m esm o criei, com cada colm eia feita a partir do m odelo de Langstroth. Creio ter com etido todos os erros que um apicultor iniciante j á com eteu e, além disso, em decorrência das investigações, erros suficientes para encher outra colm eia, erros que nenhum outro apicultor j am ais com etera e, espero, nem chegarão a com eter um dia. *O caso da colmeia envenenada* poderia ser o nom e dado por Watson a m uitas delas, em bora *O mistério do instituto de mulheres aturdidas* teria cham ado m ais atenção para m inhas pesquisas se alguém tivesse interesse a ponto de fazer um a investigação. (Quanto a isso, repreendi a sra. Telford por ter sim plesm ente apanhado um vasilham e de m el das prateleiras sem m e consultar, e m e certifiquei de que, no futuro, ela recebesse vários vasilham es de m el das colm eias m ais com uns para cozinhar, m antendo o m el das colm eias

experim entais trancado depois de recolhido. Não acredito que isso tenha atraído com entários.)

Fiz experim entos com abelhas holandesas, alem ãs e italianas, carnicas e caucasianas. Lam entei a perda de nossas abelhas britânicas para um a praga e, no caso das sobreviventes, para a reprodução endogâm ica, em bora tenha encontrado e trabalhado com um a pequena colm eia que com prei e cultivei a partir de um caixilho e um a célula de rainha encontrados em um a velha abadia em St. Albans e que m e pareceram ser espécim es britânicos originais.

Meus experim entos consum iram a m aior parte de duas décadas, antes de eu concluir que as abelhas que buscava, se existiam , não seriam encontradas na Inglaterra, e não sobreviveriam a distância que teriam que viaj ar para chegar até m im via postagem internacional. Eu precisaria exam inar abelhas na Índia. Talvez até tivesse que viaj ar ainda m ais longe.

Conheço um pouco de alguns idiom as.

Tinha m inhas sem entes de flor, m eus extratos e m inhas tinturas com o xarope. Não precisava de m ais nada.

Reuni tudo, contratei para o chalé de Downs um a faxina sem anal para arej á-lo e pedi ao m estre Wilkins (a quem tem o ter adquirido o hábito de m e referir com o “Jovem Villikins”) que inspecionasse as colm eias, recolhendo e vendendo o

m el excedente no m ercado de Eastbourne, e preparando-as para o inverno.

Disse a eles que não sabia quando estaria de volta.

Estou velho. Talvez não esperassem que eu voltasse.

E se esse fosse de fato o caso, eles estariam corretos, tecnicam ente.

* * *

O Velho Gao ficou im pressionado, fora de si. Tinha passado a vida entre as abelhas. Ainda assim , observar o estrangeiro chacoalhá-las para fora das caixas com um gesto de punho treinado, tão ligeiro e preciso a ponto de as abelhas pretas parecerem m ais surpresas do que irritadas, fazendo com que voassem ou rastej assem de volta à colm eia, era im pressionante. Então, o estrangeiro em pilhou os caixilhos cheios de favos sobre um a das colm eias m ais fracas, para que o Velho Gao ainda recebesse o m el da colm eia que estava alugando ao forasteiro.

E foi assim que o Velho Gao ganhou um inquilino.

O Velho Gao deu à neta da Viúva Zhang algum as m oedas para que levasse com ida ao estrangeiro três vezes por sem ana (em geral, arroz e legum es, com um pote de barro cheio de sopa, quando sobrava).

A cada dez dias, o próprio Velho Gao subia as colinas. No início, ele ia verificar a situação das colm eias, m as logo descobriu que, sob os cuidados do estrangeiro, todas as onze estavam prosperando com o nunca. E, de fato, havia agora um a décim a segunda colm eia, de um enxam e de abelhas

pretas que o estrangeiro encontrou num a cam inhada e capturou.

Na visita seguinte à cabana, o Velho Gao trouxe m adeira e, com o estrangeiro, passou várias tardes trabalhando em silêncio, fazendo com partim entos adicionais para colocar nas colm eias e preparando m ais caixilhos.

Certa noite, o estrangeiro contou ao Velho Gao que o tipo de caixilho que os dois faziam fora inventado por um am ericano, setenta anos antes. Isso pareceu bobagem para o Velho Gao, que construía as m olduras com o fizera seu pai, e com o faziam em todo o vale, e com o tinham feito seu avô e o avô do seu avô, m as nada disse.

Ele gostava da com panhia do estrangeiro. Faziam colm eias j untos, e o Velho Gao desej ou que o estrangeiro fosse um hom em m ais j ovem . Assim , ficaria por m ais tem po, e o Velho Gao teria alguém a quem deixar suas colm eias depois que m orresse. No entanto, eram dois velhos fazendo caixas j untos, com o cabelo ralo e branco e os rostos envelhecidos, e nenhum dos dois veria outra dúzia de invernos.

O Velho Gao reparou que o desconhecido plantara um pequeno e organizado j ardim ao lado da colm eia que reclam ara para si, a qual tinha afastado das dem ais. Ele a cobrira com um a rede e tam bém criara um a “porta dos fundos” para a colm eia, de m odo que as únicas abelhas que podiam chegar até as plantas vinham da colm eia que ele estava alugando.

O Velho Gao observou tam bém que por baixo da rede havia num erosas travessas cheias de algo que parecia ser um tipo de solução de açúcar, um a verm elho-brilhante, outra verde, um a de um azul chocante, e outra am arela. Ele apontou para as travessas, m as o estrangeiro apenas sorriu e fez um gesto com a cabeça.

As abelhas estavam recolhendo o xarope, aglom erando-se e reunindo-se com as línguas para fora nas laterais de pratos de estanho, com endo até não poderem m ais, e então voltando para a colm eia.

O estrangeiro tinha feito desenhos das abelhas do Velho Gao. Mostrou os desenhos a ele, tentando explicar ao dono das abelhas as diferenças entre aqueles espécim es pretos e outras abelhas produtoras de m el, falando de abelhas antigas preservadas na pedra durante m ilhões de anos, m as nesse ponto o chinês do estrangeiro se revelou insuficiente. A verdade é que o Velho Gao não estava interessado. As abelhas eram dele até sua m orte, e depois seriam as abelhas na encosta da m ontanha. Já tinha trazido outras abelhas até lá, m as todas adoeceram e m orreram , ou foram atacadas e m ortas pelas abelhas pretas, que saquearam seu m el e as abandonaram para m orrer de fom e.

A últim a dessas visitas foi no fim do verão. O Velho Gao desceu a colina. Não voltou m ais a ver o estrangeiro.

* * *

ESTÁ FEITO.

Funciona. Já sinto um a estranha com binação de triunfo e decepção, com o a de um a derrota, ou de nuvens distantes carregadas provocando m eus sentidos.

É estranho olhar para m inhas m ãos, não as m ãos com as quais m e acostum ei nos últim os anos, m as aquelas que eu tive em m inha j uventude: os nós sem inchaço, pelos escuros em vez dos brancos.

Era um a busca que j á derrotara tantos, um problem a sem solução aparente. O prim eiro im perador da China m orreu e quase destruiu seu im pério nessa busca,

há três m il anos. Mas e quanto a m im , eu precisei de quê? Vinte anos?

Não sei se fiz a coisa certa (em bora um a "aposentadoria" sem tal ocupação teria sido enlouquecedora, literalm ente). Acolhi a solicitação de My croft.

Investiguei o problem a. Era inevitável que eu chegasse à solução.

Vou revelá-la ao m undo? Não.

Ainda assim , tenho na sacola m eio vasilham e de m el escuro e m arrom ; m eio pote de m el que vale m ais do que nações (senti a tentação de escrever *vale mais que todo o chá da China*, talvez devido à m inha situação atual, m as tem o que até

Watson ridicularizaria tam anho clichê).

E falando em Watson…

Resta um a coisa a fazer. Minha única m eta rem anescente, pequena o bastante.

Vou encontrar o cam inho até Xangai e, de lá, navegar a Southam pton, a m eio

m undo de distância.

E um a vez que estiver lá, vou procurar Watson, se ainda estiver vivo (e im agino que estej a). Reconheço que sej a algo irracional, m as tenho certeza de que saberia, de algum a m aneira, se Watson tivesse deixado este m undo.

Vou com prar m aquiagem teatral e m e disfarçar de velho para não sobressaltá-lo, e convidarei m eu velho am igo para tom ar chá.

Im agino que no chá daquela tarde será servido m el para passar nas torradas am anteigadas.

* * *

Havia boatos sobre um bárbaro que passara pelo vilarej o rum o ao leste, m as as pessoas que diziam isso ao Velho Gao não achavam que era a m esm a pessoa que tinha vivido na cabana dele. Este era j ovem e orgulhoso, e seu cabelo era escuro. Não foi o único a cam inhar por aquelas partes na prim avera, em bora sua sacola fosse parecida, de acordo com o que um a pessoa contou a Gao.

O Velho Gao subiu a m ontanha para averiguar, em bora j á suspeitasse do que iria encontrar antes m esm o de chegar lá.

O estrangeiro havia partido, levando sua sacola.

Entretanto, m uita coisa fora queim ada. Era evidente. Papéis — o Velho Gao reconheceu a borda de um desenho que o estrangeiro fizera de um a de suas abelhas, m as o restante dos papéis se transform ara em cinzas, ou

tinha escurecido a ponto de ficar irreconhecível, m esm o se o Velho Gao soubesse ler a escrita dos bárbaros. Os papéis não haviam sido a única coisa queim ada: partes da colm eia alugada pelo estrangeiro eram agora apenas cinzas retorcidas; havia ripas enegrecidas e retorcidas de pratos de estanho que um dia talvez tivessem guardado xaropes de coloração viva. A cor era adicionada aos xaropes para facilitar a distinção entre eles, dissera o estrangeiro, em bora o Velho Gao j am ais tivesse indagado qual seria o propósito.

Ele exam inou a cabana com o um detetive, buscando um a pista da natureza e do paradeiro do estrangeiro. No travesseiro de cerâm ica, quatro m oedas foram deixadas para que ele as encontrasse, dois y uans e dois pesos de prata, e ele as guardou.

Atrás da cabana, encontrou um m onte de restolho, com as últim as abelhas do dia ainda rastej ando sobre ele, provando a doçura que havia na superfície da cera ainda pegaj osa.

O Velho Gao pensou bastante antes de recolher o restolho, envolvê-lo em panos e colocá-lo num pote, que encheu de água. Aqueceu a água no braseiro, m as não a deixou ferver. Em pouco tem po a cera flutuou até a superfície, deixando as abelhas m ortas, a suj eira, o pólen e o própolis dentro do tecido.

Deixou esfriar.

Então, saiu da cabana e olhou para a lua. Estava quase cheia.

Indagou quantos aldeões saberiam que seu filho m orrera quando bebê.

Lem brava-se da esposa, m as o rosto dela estava distante, e não havia fotografias nem retratos. Percebeu que cuidar das abelhas pretas com o balas na encosta daquela altíssim a colina era o que sabia fazer de m elhor.

Não havia outro hom em que conhecesse o tem peram ento delas tão bem .

A água tinha esfriado. Ele ergueu dela o bloco de cera de abelha, agora sólido, colocando-o sobre as tábuas da cam a para term inar de resfriar.

Então, tirou do pote o pano cheio de suj eira e im purezas. E por tam bém ser um detetive à sua própria m aneira, sabia que, após o im possível ser descartado, as hipóteses que restavam , não obstante o quão im prováveis pareçam , têm que ser a verdade. Assim , o Velho Gao bebeu a água doce do pote. Afinal, há m uito m el no restolho, m esm o após ter sido filtrado com um pano e purificado. A água tinha gosto de m el, m as não de um m el que Gao j á tivesse provado. Tinha gosto de fum aça e m etal e estranhas flores e perfum es curiosos. O sabor, pensou Gao, tinha certo gosto de sexo.

Ele bebeu tudo, e então dorm iu, com a cabeça sobre o travesseiro de cerâm ica.

Quando acordasse, pensou, decidiria a m elhor m aneira de lidar com o prim o, que esperaria herdar as doze colm eias na colina quando o Velho Gao desaparecesse.

Ele seria um filho ilegítim o, talvez, o j ovem que voltaria dali alguns dias.

Ou quem sabe o próprio filho. O Jovem Gao. Quem se lem braria agora?

Não im portava.

Ele iria à cidade e voltaria, e então cuidaria das abelhas pretas na

encosta da m ontanha enquanto os dias e as circunstâncias o perm itissem .

O hom em que esqueceu Ray Bradbury

Ando esquecendo as coisas, e isso m e assusta.

Estou perdendo palavras, em bora não perca os conceitos. Espero não estar

perdendo os conceitos. Caso estej a perdendo os conceitos, não tenho consciência

disso. Caso estej a perdendo os conceitos, com o eu poderia saber?

O que é engraçado, porque m inha m em ória sem pre foi ótim a. Estava tudo lá. Às vezes, m inha m em ória era tão boa que eu chegava a acreditar ser capaz de lem brar coisas ainda desconhecidas. Lem brar o futuro…

Não acho que exista um a palavra para isso. Lem brar-se de coisas que ainda não aconteceram , será que existe? Procurar por ela não provoca a m esm a sensação de quando busco em m inha cabeça palavras que j á estiveram lá, não dá a im pressão de que alguém tenha vindo e a roubado durante a noite.

Quando eu era j ovem , m orava num a grande casa com partilhada. Era estudante na época. Cada um tinha sua própria prateleira na cozinha, devidam ente assinalada com seu nom e, e sua própria prateleira na geladeira, onde guardávam os nossos ovos, queij o, iogurte, leite. Sem pre tive o escrúpulo de usar apenas m eus m antim entos. Os outros não eram tão… aí está. Perdi um a palavra. O term o deveria significar “cuidadosos na observação das regras”. As outras pessoas na casa eram … não eram assim . Quando ia à geladeira, m eus ovos tinham sum ido.

Estou pensando num céu cheio de naves espaciais, tantas delas que m ais parecem um a praga de gafanhotos, prateadas contra o violeta lum inoso da noite.

Naquela época, algum as coisas sum iam do m eu quarto tam bém . Lem bro quando perdi as botas. Ou de “estarem perdidas”, m elhor dizendo, j á que não m e

flagrei no ato de perdê-las. Botas não “se perdem ”. Alguém “as perdeu”. Assim com o m eu grande dicionário. Mesm a casa, m esm a época. Procurei na pequena estante ao lado da m inha cam a (tudo estava ao lado da m inha cam a: era m eu quarto, m as não era m uito m aior que um closet com um a cam a dentro). Procurei na prateleira, e o dicionário não estava lá; havia apenas um espaço vazio do tam anho de um dicionário para m ostrar onde o dicionário não estava. Todas as palavras e o livro que as trouxera tinham sum ido. Nos m eses seguintes, tam bém levaram m eu rádio, um a lata de crem e de barbear, um bloco de papel para anotações e um a caixa de lápis. E o m eu iogurte. E, com o descobri durante um apagão, m inhas velas.

Agora estou pensando num m enino com tênis novos, que acredita ser capaz de correr para sem pre. Não, isso não vai m e trazer a palavra. Um a cidade seca onde choveu para sem pre. Um a estrada atravessando o deserto, onde os bons enxergam um a m iragem . Um dinossauro que é produtor de cinem a. A m iragem era a câm ara do prazer de Kublai Khan. Não…

Às vezes, quando as palavras se vão, tento alcançá-las por outro cam inho, na surdina. Digam os que eu saia à procura de um a palavra: estou debatendo a respeito dos habitantes de Marte, digam os, e percebo que a palavra para designá-

los sum iu. Tam bém posso m e dar conta de que a palavra perdida figura num a frase ou título. *As crônicas* _____. *Meu* ____ *favorito.* Se isso não m e trouxer a palavra, com eço a rondar a ideia. Hom enzinhos verdes, im agino, ou altos, de pele escura, graciosos: eram escuros e tinham os olhos dourados… e, de repente, a palavra *marciano* está m e esperando, com o um am igo ou um a am ante no fim

de um longo dia.

Deixei a casa quando m eu rádio sum iu. Era m uito desgastante, o lento desaparecim ento de obj etos (os quais acreditava estar sob m inha posse segura), item por item , coisa por coisa, obj eto por obj eto, palavra por palavra.

Quando tinha doze anos, um idoso m e contou um a história que j am ais esqueci.

Um hom em pobre se encontrava na floresta ao cair da noite e não tinha um livro sagrado para fazer suas orações noturnas. Assim , disse: “Deus, que sabe todas as coisas. Não tenho com igo um livro de orações e não conheço nenhum a prece de m em ória. Porém , o Senhor conhece todas as orações. É Deus. Assim , eis o que pretendo fazer. Vou recitar o alfabeto, e o Senhor form ará as palavras.”

Há coisas ausentes do m eu cérebro, e isso m e assusta.

Ícaro! Não é que tenha esquecido todos os nom es. Lem bro-m e de Ícaro. Voou próxim o dem ais do sol. Entretanto, nas histórias, valeu a pena. Sem pre vale a pena tentar, m esm o quando falham os, m esm o que você entre em eterna queda livre com o um m eteoro. Melhor ter ardido na escuridão, ter inspirado outros,

ter

vivido, do que ter ficado sentado nas trevas, am aldiçoando aqueles que tom aram

em prestado sua vela e não a devolveram .

Mas perdi pessoas.

É estranho quando acontece. Não chego a *perdê-las*. Não das m aneiras que

perdem os os pais, com o crianças ao descobrir que não é da sua m ãe a m ão que

você segura em m eio à m ultidão, ou… m ais tarde, quando tem os que encontrar

as palavras para descrevê-los num velório ou hom enagem póstum a, ou quando

estam os espalhando cinzas em um j ardim de flores ou no m ar.

De vez em quando, im agino que gostaria que m inhas cinzas fossem

espalhadas num a biblioteca. Mas então os bibliotecários teriam que chegar cedo

na m anhã seguinte, para varrê-las antes que as pessoas entrassem .

Gostaria que m inhas cinzas fossem espalhadas num a biblioteca ou,

possivelm ente, num parque de diversões. Um parque de diversões dos anos 1930,

onde andaríam os no… no… aquele preto…

Perdi a palavra. Carrossel? Montanha-russa? Aquilo em que entram os e nos

tornam os j ovens de novo. A roda-gigante. Isso. Há outro parque de diversões que

vem à cidade, trazendo o m al. “Pelo com ichar do m eu polegar…”

Shakespeare.

Lem bro-m e de Shakespeare, e lem bro-m e do nom e dele, quem foi e o que escreveu. Está a salvo por enquanto. Talvez existam pessoas que se esquecem de Shakespeare. Teriam que falar a respeito do “hom em que escreveu *ser ou não ser*”. (Não o film e, estrelado por Jack Benny, cuj o nom e verdadeiro era Benj am in Kubelsky, criado em Waukegan, Illinois, a cerca de um a hora de Chicago.) Waukegan, em Illinois, foi posteriorm ente im ortalizada com o Green Town, Illinois, num a série de histórias e livros de um autor am ericano que deixou a cidade e foi m orar em Los Angeles. Estou falando, é claro, do hom em em que estou pensando. Posso vê-lo m entalm ente quando fecho os olhos.

Costum ava olhar as fotos dele na orelha de seus livros. Parecia alguém agradável, e parecia sábio, e parecia gentil.

Ele escreveu um a história a respeito de Poe, para im pedir que Poe fosse esquecido, a respeito de um futuro no qual livros são queim ados e esquecidos, e na história estam os em Marte, em bora pudesse perfeitam ente ser Waukegan ou Los Angeles, com o críticos, com o aqueles que reprim iriam e esqueceriam livros, com o aqueles que pegassem as palavras, todas as palavras, dicionários e rádios cheios de palavras, com o aqueles que são levados para casa e assassinados, um a um , pelo orangotango, pelo poço e pêndulo, pelo am or de Deus, Montressor…

Poe. Conheço Poe. E Montressor. E Benj am in Kubelsky e sua esposa, Sadie

Marks, que não era parente dos irm ãos Marx e se apresentava com o Mary Livingstone. Todos esses nom es na m inha cabeça.

Eu tinha doze anos.

Havia relido os livros, visto os film es, e descobrir a tem peratura em que o papel pega fogo deixou claro para m im que eu precisaria m e lem brar deles. Pois, se algum as pessoas com eçassem a queim ar ou esquecer os livros, outras teriam que lem brar. Vam os relegá-los à m em ória. Vam os nos transform ar neles.

Tornam o-nos autores. Nós nos tornam os seus livros.

Sinto m uito. Perdi algum a coisa lá. É com o seguir por um a trilha obstruída, e agora estou sozinho e perdido na floresta, estou aqui e nem sei m ais onde é aqui.

Você *deve* decorar um a peça de Shakespeare: pensarei em você com o *Tito Andrônico*. Ou *você*, sej a lá quem for, poderia decorar um rom ance de Agatha Christie: vai se tornar *Assassinato no Expresso Oriente*. Outra pessoa pode decorar os poem as de John Wilm ot, o Conde de Rochester, e você, sej a lá quem for o você que estiver lendo isso, poderá decorar um livro de Dickens e, quando eu quiser saber o que houve com Barnaby Rudge, vou procurá-lo. Você pode m e contar.

E contar àquelas pessoas que queim ariam as palavras, que tirariam os livros das prateleiras, os bom beiros e ignorantes, àqueles com m edo de contos e palavras e sonhos e Dia das Bruxas e pessoas que tatuaram histórias em si e

“Venha ao m eu porão!”, e, enquanto suas palavras que são pessoas que são dias que são a m inha vida, enquanto suas palavras sobreviverem , então você terá vivido e im portado e terá m udado o m undo e não consigo m e lem brar do seu nom e.

Decorei seus livros. Marquei a fogo na m inha m ente. Para o caso de os bom beiros virem à cidade.

No entanto, perdi quem é você. Espero que volte a m im . Assim com o esperei por m eu dicionário ou m eu rádio, ou m inhas botas, tam bém com parcos resultados.

Tudo que restou foi o espaço em m inha m ente onde você costum ava estar.

E não tenho m ais tanta certeza nem m esm o quanto a isso.

Estava conversando com um am igo. E disse: “Essas histórias lhe parecem fam iliares?” Contei a ele todas as palavras que lem brava, aquelas a respeito dos m onstros entrando na casa onde estava a criança hum ana, aquelas sobre o vendedor de para-raios e o parque de diversões que o seguia, e os m arcianos e suas cidades de vidro e seus canais perfeitos. Disse a ele todas as palavras, e ele respondeu que não tinha ouvido falar delas. Que não existiam .

E m e preocupo.

Fico preocupado com a possibilidade de as estar m antendo vivas. Com o as pessoas na neve no fim da história, cam inhando para trás e para a frente, lem brando, repetindo as palavras das histórias, tornando-as reais.

Acho que a culpa é de Deus.

Quer dizer, não podem os esperar que ele se lem bre de tudo. Deus não consegue. Suj eito ocupado. Assim , talvez, às vezes, ele delegue as coisas, dizendo: “Você aí! Quero que se lem bre das datas da Guerra dos Cem Anos. E você, lem bre do ocapi. Você, lem bre-se de Jack Benny que era Benj am in Kubelsky de Waukegan, Illinois.” E então, quando esquecem os coisas que Deus nos incum biu de lem brar, pim ba. Acabou-se o ocapi. Resta apenas um vazio no m undo em form a de ocapi, que é algo entre um antílope e um a girafa. Acabou-se Jack Benny. Acabou-se Waukegan. Resta apenas um vazio em nossa cabeça onde a pessoa ou o conceito costum ava ficar.

Não sei.

Não sei onde procurar. Teria perdido um autor, assim com o certa vez perdi um dicionário? Ou pior: será que Deus m e conferiu essa pequena tarefa e, com o falhei, o autor desapareceu das prateleiras, sum iu das obras de consulta, e agora existe apenas em nossos sonhos…?

Meus sonhos. Não conheço seus sonhos. Talvez você não sonhe com um a planície do sul da África que não passa de papel de parede, m as que devora duas crianças. Talvez não saiba que Marte é o paraíso, onde nossos entes queridos j á falecidos ficam à nossa espera, e então nos consom em à noite. Você não sonha com um hom em preso pelo crim e de ser pedestre.

Eu sonho com essas coisas.

Se existiu, então o perdi. Perdi o nom e dele. Perdi os títulos de seus livros, um por um . Perdi suas histórias.

E tem o que estej a enlouquecendo, pois não pode ser apenas um efeito da velhice.

Se eu tiver fracassado nesta tarefa, ó Deus, então perm ita-m e apenas fazer isto, possibilitando, assim , que devolva as histórias ao m undo.

Pois, quem sabe, se isso funcionar, então m e lem brarei dele. Todos vão lem brá-lo. Seu nom e será novam ente sinônim o de pequenas cidades am ericanas durante o Dia das Bruxas, quando as folhas se espalham pela calçada com o pássaros assustados, ou de Marte, ou do am or. E m eu nom e será esquecido.

Estou disposto a pagar o preço, se o espaço vazio na prateleira da m inha m ente puder ser preenchido de novo, antes de eu partir.

Ó Deus, ouça m inha prece.

A… B… C… D… E… F… G…

Jerusalém

Não deixarei de lutar com a consciência

Nem a espada dormirá em minhas mãos

Até termos erguido Jerusalém

Na verde e agradável terra da Inglaterra.

— WILLIAM BLAKE

Jerusalém , pensou Morrison, era com o um a piscina funda, onde o tem po se

adensou dem ais, estagnado. Engolfara ele, engolfara am bos, e ele sentia a

pressão do tem po em purrando-o para cim a e para fora. Com o se nadasse fundo

dem ais.

Ficou feliz ao sair de lá.

No dia seguinte, voltaria ao trabalho. Trabalhar seria bom . Daria a ele algo em que se concentrar. Ligou o rádio e, no m eio de um a canção, desligou-o.

— Eu estava gostando da m úsica — disse Delores.

Ela lim pava a geladeira antes de enchê-la com com ida fresca.

— Desculpe — falou.

Não conseguia pensar direito com a m úsica tocando. Precisava do silêncio.

Morrison fechou os olhos e, por um instante, estava de volta a Jerusalém , sentindo o calor do deserto no rosto, olhando para a cidade velha e

com preendendo, pela prim eira vez, quanto aquilo tudo era pequeno. A verdadeira

Jerusalém , dois m il anos atrás, era m enor que um a cidade inglesa do interior.

A guia, um a m ulher m agra de aproxim adam ente cinquenta anos cuj a pele lem brava couro, destacou:

— Foi aqui que o Serm ão da Montanha foi proferido. Jesus foi capturado neste lugar. Foi aprisionado ali. Julgado diante de Pilatos lá, na extrem idade m ais afastada do Tem plo. Crucificado naquela colina.

Estritam ente factual, ela apontou para as encostas de cim a a baixo. Um a cam inhada de, no m áxim o, algum as horas.

Delores tirou fotos. Ela e a guia se tornaram am igas na m esm a hora. Morrison não queria visitar Jerusalém . Preferia passar as férias na Grécia, m as Delores insistiu. Jerusalém era *bíblica,* ela disse. Fazia parte da história.

Cam inharam pela Cidade Velha, com eçando pelo Bairro Judeu. Degraus de pedra. Loj as fechadas. Suvenires baratos. Um hom em passou por eles traj ando um chapéu de pele preto e um casaco pesado.

— Deve estar m orrendo de calor — com entou Morrison, com expressão de espanto.

— É a roupa que costum avam usar na Rússia. Eles a usam aqui. Os chapéus de pele são para os feriados. Alguns usam chapéus ainda m aiores que aquele — explicou a guia.

Delores colocou um a xícara de chá diante dele.

— Um a m oeda pelos seus pensam entos — disse ela.

— Estou só m e lem brando das férias.

— Não pense tanto nisso. Melhor deixar para lá. Por que não leva o cachorro para um passeio?

Ele bebeu o chá. Quando foi apanhar a coleira, o cachorro o encarou cheio de expectativa, com o se estivesse prestes a falar algo.

— Vam os lá, rapaz — disse Morrison.

Seguiu para a esquerda, na direção do parque Heath. Tudo era verde.

Jerusalém era dourada: um a cidade de areia e pedra. Cam inharam do Bairro Judeu ao Bairro Muçulm ano, passando pelo alvoroço das loj as que tinham pilhas de guloseim as, de frutas ou de roupas cham ativas.

— Então os lençóis desaparecem . Síndrom e de Jerusalém — disse a guia.

— Nunca ouvi falar. — Dirigindo-se a Morrison, Delores pergunta: — Já ouviu falar disso?

— Minha cabeça estava longe — explica Morrison. — O que significa aquilo? Aquela porta, com todas essas coisas escritas?

— É um a m ensagem de boas-vindas a alguém que voltou da peregrinação a Meca.

— Está vendo? Para nós, é Jerusalém . Outras pessoas rum am para outros

lugares. Mesm o na Terra Santa ainda há peregrinos — apontou Delores.

— Ninguém vai a Londres. Não para isso — falou ele.

A m ulher o ignorou.

— Então, eles desaparecem — disse ela, dirigindo-se à guia. — A esposa retorna das com pras, ou do m useu, e percebe que os lençóis sum iram .

— Exatam ente. Ela vai à recepção e diz ao pessoal do hotel que não sabe onde está o m arido — acrescenta a guia.

Delores deu o braço à Morrison, com o se para verificar que o m arido ainda estivesse ali.

— E para onde eles vão?

— Estão com a Síndrom e de Jerusalém . Vão para as ruas usando apenas um a toga. É o que fazem com os lençóis. Viram pregadores. Norm alm ente, pregam as boas ações, a obediência a Deus, am ar-se uns aos outros.

— Venha a Jerusalém e perca o j uízo. Não m e parece um slogan m uito bom — ironizou Morrison.

A guia lançou a ele um olhar severo.

— Na verdade, esse é o único distúrbio m ental acarretado por um a localidade específica — disse ela, com um pouco daquilo que Morrison deduziu ser orgulho.

— É tam bém a única doença m ental fácil de curar. Sabe qual é a cura?

— Tirar os lençóis deles?

A guia hesitou. Então, sorriu:

— Quase. Basta tirar a pessoa de Jerusalém . Eles m elhoram im ediatam ente.

— Boa tarde — disse o hom em no fim da rua.

Acenavam um para o outro havia onze anos, e Morrison ainda não tinha ideia do nom e dele.

— Está bronzeado. Andou viaj ando nas férias, hein? — perguntou o hom em .

— Jerusalém — respondeu Morrison.

— Brrr. Jam ais m e veria por lá. Acabaria num a explosão ou num sequestro quando m enos percebesse.

— Nada disso aconteceu com a gente — disse Morrison.

— Mesm o assim . Em casa é m ais seguro, não?

Morrison hesitou. Depois, falou rapidam ente:

— Passam os por um albergue da j uventude, seguindo para um a área subterrânea, onde havia um a… — Ele perdeu a palavra. — Havia um local para arm azenar água. Do tem po de Herodes. Eles arm azenavam a água da chuva debaixo da terra, para que não evaporasse. Cem anos atrás alguém usou um barco a rem o para atravessar o subterrâneo de Jerusalém .

A palavra perdida pairava no lim iar de sua consciência com o um buraco no dicionário. Três sílabas, com eça com C, significa um lugar subterrâneo, profundo

e ecoante, onde a água é arm azenada.

— Pois é — disse o vizinho.

— Pois é — disse Morrison.

O Ham pstead Heath era verde e se estendia por graciosas colinas, interrom pidas por carvalhos e faias, nogueiras e álam os. Ele im aginou um m undo em que Londres fosse um a cidade dividida, um a Londres atacada por Cruzadas, perdida e conquistada e perdida m ais um a vez, de novo e de novo. Talvez, pensou ele, isso não sej a loucura. Talvez as fissuras sej am sim plesm ente m ais profundas lá, ou o céu sej a rarefeito o bastante para que possam os ouvir quando Deus fala com Seus profetas. Porém , ninguém m ais se dá ao trabalho de escutar.

— Cisterna! — anunciou, em voz alta.

O verde do Heath se tornou seco e dourado, e o calor queim ou a pele dele com o a porta de um forno ao se abrir. Era com o se ele nunca tivesse partido.

— Meus pés estão doendo. Vou voltar para o hotel — disse Delores.

A guia parecia preocupada.

— Só quero colocar os pés para cim a um pouco. É m uita coisa de um a vez só.

Estavam passando pela loj inha da prisão de Cristo, onde eram vendidos suvenires e tapetes.

— Vou fazer um escalda-pés. Vocês dois podem continuar sem m im . Venham m e buscar depois do alm oço.

Morrison teria discutido, m as a guia fora contratada para o dia inteiro. Sua

pele era escura e m arcada pelo sol. Quando sorria, exibia um m aravilhoso sorriso branco. Levou-o a um café.

— E então, com o vão os negócios? — perguntou Morrison.

— Não tem os recebido m uitos turistas. Desde o início da Intifada.

— Delores, m inha esposa, sem pre quis vir para cá. Ver os locais sagrados.

— Tem os m uitos deles aqui. Independentem ente da sua religião. Cristãos, m uçulm anos ou j udeus. Esta ainda é a Terra Santa. Morei aqui durante toda a m inha vida.

— Im agino que estej a ansiosa para que resolvam toda essa situação. Hã, a situação com os palestinos. A política.

Ela deu de om bros.

— Para Jerusalém , não faz diferença — disse ela. — As pessoas vêm . Elas acreditam . Então, m atam um as às outras para provar que Deus as am a.

— Bem , com o você resolveria isso?

Ela lançou para ele seu sorriso m ais branco.

— Às vezes, acho que seria m elhor se a cidade fosse bom bardeada.

Transform ada num deserto radioativo — respondeu. — Quem iria querer ficar com ela, então? Mas logo penso que viriam aqui recolher a poeira radioativa que poderia conter átom os do Dom o da Rocha, ou do Tem plo, ou de um a parede na

qual Cristo se apoiou a cam inho da Cruz. As pessoas brigariam pela posse de um

deserto envenenado, se esse deserto fosse Jerusalém .

— Não gosta daqui?

— Você deveria se alegrar por não ter um a Jerusalém de onde você veio. Ninguém quer dividir Londres. Ninguém faz peregrinações à cidade sagrada de Liverpool. Nenhum profeta cam inhou por Birm ingham . Seu país é j ovem dem ais. Ainda é verde.

— A Inglaterra não é j ovem .

— Aqui, as disputas ainda envolvem decisões tom adas dois m il anos atrás. Faz m ais de três m il anos que eles brigam para saber a quem pertence a terra, desde que o Rei Davi a tom ou na batalha contra os j ebuseus.

Ele estava se afogando no Tem po, sentia-se esm agado por ele, com o um a floresta ancestral sendo esprem ida até virar óleo.

— Vocês têm filhos?

A pergunta surpreendeu Morrison.

— Queríam os ter tido filhos. Não funcionou da m aneira que gostaríam os — respondeu ele.

— Sua m ulher está procurando por um m ilagre? Elas procuram , às vezes.

— Ela tem … fé. Eu nunca acreditei. Mas não, acho que não. — Ele tom ou um gole do café. — Bem , hã, você é casada?

— Perdi m eu m arido.

— Para um a bom ba?

— Com o?

— Com o você perdeu o m arido?

— Um a turista am ericana. De Seattle.

— Ah.

Eles term inaram o café.

— Vam os ver com o estão os pés da sua esposa?

Enquanto cam inhavam pela rua estreita, na direção do hotel, Morrison disse:

— Sinto-m e bastante sozinho. Trabalho num em prego do qual não gosto e

volto para casa para um a m ulher que m e am a, m as que não gosta m uito de m im ,

e em certos dias tenho a sensação de que não consigo m e m exer, e quero apenas

que o m undo desapareça.

Ela concordou com um gesto da cabeça.

— Sim , m as você não m ora em Jerusalém .

A guia esperou no saguão do hotel enquanto Morrison subiu até o quarto. De

algum a m aneira, não ficou nada surpreso ao perceber que Delores não estava no

quarto, nem no banheiro m inúsculo, e os lençóis que vira na cam a pela m anhã

estavam desaparecidos.

O cachorro poderia ter cam inhado para sem pre pelo parque, m as Morrison

estava ficando cansado, e um a garoa fina com eçou a cair. Fez o cam inho de

volta pelo m undo verde. Um m undo verde e agradável, pensou, sabendo que

não

era exatam ente assim . A cabeça era com o um arquivo de escritório que tivesse caído da escada, e todas as inform ações ali dentro ficaram bagunçadas e fora de ordem .

Alcançaram sua esposa na Via Dolorosa. Ela de fato vestia um lençol, m as parecia concentrada, não louca. Dem onstrava um a calm a assustadora.

— Tudo é am or — dizia ela às pessoas. — Tudo é Jerusalém . Deus é am or. Jerusalém é am or.

Um turista tirou um a foto, m as os m oradores locais a ignoraram . Morrison pôs a m ão no braço dela.

— Vam os, querida. Vam os para casa — falou.

Ela o atravessou com o olhar. Ele se perguntou o que a m ulher teria visto, então Delores disse:

— Estam os em casa. Nesse lugar as paredes do m undo são finas. Podem os ouvir Deus cham ando através das paredes. Ouça. Você pode ouvi-Lo. Ouça!

Delores não lutou nem protestou quando a levaram de volta ao hotel. Ela não parecia um a profeta. Parecia um a m ulher de trinta e m uitos anos vestindo um lençol. Morrison suspeitou que a guia estava achando graça, m as, quando seu olhar cruzou com o dela, viu apenas preocupação.

Foram de carro de Jerusalém a Tel Aviv, e foi na praia diante do hotel deles, depois de dorm ir por quase vinte e quatro horas, que Delores voltou, apenas um

pouco confusa, lem brando-se pouco do dia anterior. Ele tentou conversar a respeito do que tinha visto, do que ela dissera, m as parou quando percebeu que aquilo a estava incom odando. Fingiram que nada acontecera e não com entaram m ais o assunto.

Às vezes, ele im aginava qual teria sido a sensação dentro da cabeça da esposa naquele dia, ouvindo a voz de Deus através das pedras de tom dourado, m as, na verdade, não queria saber. Era m elhor não saber.

É o único distúrbio m ental acarretado por um a localidade específica . *Basta tirar a pessoa de Jerusalém*, pensou, se perguntando, com o fizera centenas de vezes nos últim os dias, se aquela distância seria de fato suficiente.

Estava feliz por ter voltado à Inglaterra, feliz por estar em casa, onde não havia Tem po suficiente para esm agá-los, sufocá-los, transform á-los em pó.

Morrison voltou em m eio à garoa pela avenida, passando pelas árvores na calçada, pelos j ardins, pelas flores de verão e pelo verde perfeito dos gram ados, e sentiu frio.

Mesm o antes de dobrar a esquina, m esm o antes de ver a porta da frente aberta batendo ao sabor do vento, Morrison sabia que ela teria sum ido.

Ele a seguiria. E, pensou, quase feliz, que a encontraria.

E, desta vez, ele a ouviria.

Xique-xique Chocalhos

— Me conta um a história antes de m e botar na cam a?

— Precisa m esm o que eu leve você para a cam a? — perguntei ao m enino.

Ele pensou por um instante. Então, com intensa seriedade, respondeu:

— Sim , acho que sim , de verdade. É que term inei a lição de casa, e é hora de dorm ir, e estou com m edo. Não m uito. Só um pouquinho. E tem vezes que as luzes não ligam , e a casa é bem grande, e daí fica m eio escuro.

Estendi o braço e aj eitei seu cabelo.

— Ah, entendi. É m esm o um a casa m uito grande e velha.

Ele concordou com a cabeça. Estávam os na cozinha, onde era claro e quente.

Coloquei a revista na m esa.

— Que tipo de história você quer que eu conte?

— Ih, não sei — disse ele, pensativo. — Não quero história *muito* assustadora,

porque senão quando eu for dorm ir vou ficar pensando em m onstros. Mas se não

for um *pouquinho* assustadora, eu não vou prestar atenção. Você escreve histórias

de m edo, né? Ela disse que escreve.

— Ela exagera. É verdade, escrevo histórias. Mas nenhum a delas j am ais foi

publicada. E escrevo m uitos tipos diferentes de histórias.

— Mas escreve história de m edo, não escreve?

— Escrevo, sim .

Das som bras da porta onde esperava, o m enino olhou para m im .

— Conhece algum a história do Xique-xique Chocalhos?

— Acho que não.

— São as m elhores.

— Contam essas histórias na sua escola?

— Às vezes — respondeu ele, dando de om bros.

— O que é um a história de Xique-xique Chocalhos?

Ele era um a criança precoce, e não ficou im pressionado com a ignorância do

nam orado da irm ã. Aquilo era visível na expressão de seu rosto.

— Todo m undo conhece.

— Eu, não — disse, tentando não sorrir.

Ele m e olhou com o se tentasse decidir se eu estava brincando ou não.

— Me leve para o quarto, então, daí você m e conta um a história de dorm ir, m as não pode ser história de susto porque senão eu fico acordado, e lá em cim a tam bém é m eio escuro.

— Vam os deixar um bilhete para sua irm ã, avisando onde estam os?

— Pode deixar. Mas dá para ouvir quando ela volta. A porta da frente é bem barulhenta.

Saím os da cozinha, quente e aconchegante, e chegam os ao corredor da grande casa, onde era frio, escuro e havia um a corrente de ar. Mexi no interruptor de luz, m as o corredor continuou escuro.

— A lâm pada j á era — disse o m enino. — Isso sem pre acontece.

Nossos olhos se acostum aram à escuridão. A lua estava quase cheia, e o luar azul e branco entrava pelas altas j anelas na escadaria, ilum inando o corredor.

— Vai ficar tudo bem .

— Eu sei — falou o m enino, sóbrio. — Estou m uito feliz por você estar aqui.

Agora ele parecia m enos precoce. Sua m ão encontrou a m inha, segurando confortavelm ente em m eus dedos, confiante, com o se m e conhecesse desde sem pre. Senti-m e responsável e adulto. Não sabia (ainda) se o que sentia em relação à irm ã dele, m inha nam orada, era am or, m as gostei de ser tratado pela criança com o alguém da fam ília. Tive a sensação de ser um irm ão m ais velho, e

endireitei as costas, e, se houvesse algo de perturbador a respeito da casa vazia, eu j am ais teria adm itido.

Os degraus rangiam sob o carpete que cobria as escadas.

— Os xique-xiques são os m elhores m onstros.

— São da televisão? — perguntei.

— Acho que não. Ninguém sabe de onde eles são. Eles vêm do escuro.

— Um ótim o lugar para m onstros.

— É.

Cam inham os na escuridão pelo corredor de cim a, indo de um trecho ilum inado pelo luar até o outro. Era m esm o um a casa grande. Senti falta de um a lanterna.

— Eles vêm do escuro — repetiu o m enino, segurando a m inha m ão. — Acho que são feitos de escuro. E chegam quando a gente não presta atenção. Daí eles aparecem e levam a gente para o… não é ninho. Com o é aquela palavra que parece *ninho*, m as não m uito?

— *Casa*?

— Não. Não é um a casa.

— *Toca*?

Ele ficou em silêncio, então disse:

— Acho que a palavra é essa, sim . *Toca*.

O m enino apertou m inha m ão. Parou de falar.

— Certo. Bem , eles pegam as pessoas que não prestam atenção e levam para a toca. E o que esses seus m onstros fazem com elas? Bebem todo o sangue, com o vam piros?

O m enino bufou.

— Vam piros não sugam todo o sangue. Só bebem um pouquinho. Só para m atar a fom e e, sabe… voar por aí. Xique-xiques são m uito m ais assustadores que vam piros.

— Não tenho m edo de vam piros.

— Nem eu. Não tenho m edo deles. Quer saber o que os xique-xiques fazem ? Eles *bebem* você — disse o m enino.

— Com o um refrigerante?

— Refrigerante faz m al à saúde. Se a gente deixa um dente no refrigerante, de m anhã só fica um pozinho. É isso que o refrigerante faz com a gente, e é por isso que tem os que escovar os dentes de noite.

Já tinha ouvido essa história do refrigerante quando era m enino e, depois de adulto, soube que não era verdade, m as tenho certeza de que um a m entira que incentiva a higiene bucal é um a m entira boa, então deixei de lado.

— Os xique-xiques bebem você. Prim eiro eles m ordem , daí você fica todo *molenga* por dentro, e toda a carne, o cérebro e tudo o m ais com eça a virar um a

m eleca m olhada parecida com um m ilk-shake, m enos o osso e a pele, e aí o xique-xique suga tudo pelos buracos dos nossos olhos.

— Que noj ento! — exclam ei. — Você inventou isso?

Tínham os chegado ao últim o lance de escadas, lá dentro da grande casa.

— Não.

— Fico im pressionado com o tipo de coisa que vocês, crianças, inventam .

— Você não perguntou do chocalho.

— É verdade. O que há no chocalho?

Com ar sábio e sóbrio, um a vozinha na escuridão ao m eu lado, o m enino contou:

— Bem , eles pegam o osso e a pele que sobra e penduram em ganchos, e eles ficam chacoalhando quando o vento passa.

— E qual é a aparência desses xique-xiques?

Ao fazer a pergunta, tive vontade de engolir aquelas palavras e fingir que não tinha falado nada. Pensei: *criaturas imensas que lembram aranhas. Como aquelas*

no chuveiro, hoje de manhã. Tenho m edo de aranhas.

Fiquei aliviado quando o m enino respondeu:

— Parece algo que a gente não espera. Algo que a gente não presta atenção.

Agora estávam os subindo degraus de m adeira. Eu segurava no corrim ão com a m ão esquerda, e a m ão dele com a direita, andando lado a lado. O cheiro era

de pó e m adeira velha, naquele côm odo tão alto da casa. Porém , o passo do

m enino era firm e, apesar da fraca luz do luar.

— Já sabe que história vai m e contar antes de dorm ir? — perguntou ele. — Já

falei, né? Não precisa dar susto, de verdade.

— Ainda não sei.

— Me conte sobre hoj e. O que você fez?

— Acho que isso não rende um a história m uito boa. Minha nam orada acaba

de se m udar para um a casa nova, nos lim ites da cidade. Ela a herdou de um a tia

ou algo assim . É grande e antiga. Vou passar a prim eira noite com ela e, por isso,

estou esperando a cerca de um a hora até ela e as colegas voltarem com o vinho

e a com ida indiana para viagem .

— Viu só? — disse o m enino.

Ali estava a atitude precoce, com o se ele se divertisse com aquilo; m as todas

as crianças têm seus m om entos insuportáveis, quando pensam saber de algo que

não sabem os. Isso provavelm ente é bom para elas.

— Você sabe de tudo isso. Mas não pensa — com pletou ele. — Sim plesm ente

deixa o cérebro preencher as lacunas.

Ele em purrou a porta do sótão. Agora a escuridão era com pleta, m as a porta

aberta perturbou o ar, e ouvi algum a coisa chacoalhando, com o ossos secos em

sacolas finas, chocalhos m exendo ao sabor do vento. Xique. Xique. Xique. Xique.

Bem assim .

Eu teria m e afastado, se ainda pudesse, m as pequenos dedos firm es m e

puxaram para a frente, im placáveis, para dentro da escuridão.

Invocação da indiferença

Há m ercados de pulgas por toda a Flórida, e esse não era o pior deles. Antes fora

um hangar, m as o aeroporto local tinha fechado havia m ais de vinte anos. Um a

centena de vendedores se posicionava atrás de m esas de m etal, a m aioria

oferecendo m ercadoria falsificada: óculos de sol, relógios, bolsas e cintos. Um a

fam ília africana vendia anim ais esculpidos na m adeira e, atrás deles, um a

m ulher chula de voz alta cham ada Charity Parrot vendia livros sem capa e antigas revistas, todos com papel am arelado caindo aos pedaços, e ao lado dela, no canto, um a m exicana cuj o nom e eu nunca soube vendia pôsteres de film es e fotografias *stills* envergadas.

Às vezes, eu com prava livros de Charity Parrot.

Logo a m ulher dos pôsteres foi em bora, substituída por um hom enzinho de óculos escuros, com a toalha de m esa cinzenta aberta sobre a m esa de m etal e coberta com pequenas esculturas entalhadas. Parei e as exam inei (um conj unto peculiar de criaturas, feitas de osso cinzento, pedra e m adeira escura) e, então, estudei o vendedor. Eu m e perguntei se ele teria passado por algum acidente horrível, do tipo que só a cirurgia plástica pode consertar: o rosto era estranho, os ângulos, o form ato. A pele era dem asiadam ente clara. O cabelo, escuro dem ais, parecia ser peruca, talvez feita de pelo de cachorro. Os óculos eram tão escuros que ocultavam com pletam ente seus olhos. Não parecia nem um pouco deslocado num m ercado de pulgas da Flórida: todas as m esas eram com andadas por tipos estranhos, e apenas tipos estranhos faziam com pras ali.

Não com prei nada dele.

Na m inha visita seguinte, Charity Parrot tinha, por sua vez, abandonado o posto, agora assum ido por um a fam ília indiana que vendia narguilés e outros

apetrechos para fum antes, m as o hom enzinho de óculos escuros continuava em seu canto no fundo do m ercado de pulgas, com a toalha cinzenta. Sobre ela havia

m ais criaturas entalhadas.

— Não reconheço esses anim ais — disse a ele.

— Não.

— São criações suas?

Ele negou com um gesto de cabeça. Num m ercado de pulgas, não se pode perguntar onde os vendedores obtêm suas m ercadorias. Há poucos tabus num m ercado de pulgas, m as esse é um deles: as fontes são invioláveis.

— Vende bastante?

— O suficiente para m e alim entar. Manter um teto sobre a cabeça. Valem m ais do que o preço que estou pedindo.

Apanhei algo que m e lem brou um pouco a aparência que os cervos teriam se fossem carnívoros e perguntei:

— O que é?

Ele voltou o olhar para baixo.

— Acho que é um *thawn* prim itivo. É difícil dizer. Era do m eu pai.

Ouviu-se então o barulho de um a cam painha, indicando que, em breve, o m ercado de pulgas seria fechado.

— Quer com er algum a coisa? — perguntei.

Ele m e olhou, desconfiado.

— Estou convidando. Nenhum a obrigação. Tem um a lanchonete ali na rua. Ou então um bar.

Ele pensou por um instante.

— Prefiro a lanchonete — respondeu. — Encontro você lá.

Esperei na lanchonete. Depois de m eia hora, não acreditei m ais que ele viesse, m as o suj eito m e surpreendeu e chegou cinquenta m inutos depois de m im , trazendo um a sacola m arrom de couro presa ao pulso com um longo pedaço de barbante. Im aginei que contivesse dinheiro, pois pendia com o se estivesse vazia, e não poderia guardar seu estoque de m ercadorias. Logo ele estava abrindo cam inho a garfadas num prato com um a pilha alta de panquecas e, m ais tarde, durante o café, se pôs a falar.

* * *

O SOL COMEÇOU a se apagar um pouco depois do m eio-dia. Prim eiro um a crepitação, e depois, iniciando-se pela lateral do astro, um rápido escurecim ento que então se estendeu por sua face averm elhada até deixá-lo preto, com o um carvão tirado da fogueira, e a noite retornou ao m undo.

Balthasar, o Atrasado, se apressou para descer a colina, deixando suas redes nas árvores, desguardadas e desacolhidas. Não m urm urou palavra algum a, conservando o fôlego, avançando tão rapidam ente quanto perm itia seu notável corpanzil, até chegar ao pé da colina e à porta da frente do seu chalé de um só

côm odo.

— Paspalho! Chegou a hora! — bradou.

Então se aj oelhou e acendeu um a lam parina de óleo de peixe, que espirrou, fedeu e queim ou com um a cham a alaranj ada irregular.

A porta do chalé se abriu e o filho de Balthasar apareceu. Era um pouco m ais alto que o pai, m uito m ais m agro e não tinha barba. O j ovem fora batizado em hom enagem ao avô e, enquanto este era vivo, o m enino era conhecido com o Farfal, o Jovem ; agora, referiam -se a ele com o Farfal, o Azarado, m esm o na sua

presença. Se trouxesse para casa um a gansa na época da postura, ela deixava de colocar ovos; se cortasse um a árvore com o m achado, esta cairia no pior lugar possível, causando a m aior inconveniência e o m enor benefício; se encontrasse um tesouro antigo, m eio enterrado em um baú trancado nos confins de um cam po, a chave se quebraria assim que ele a girasse na tranca, deixando apenas um distante eco m elódico no ar, com o se vindo de um coro distante, e o baú se dissolveria em areia. As j ovens em quem ele atinha suas afeições se apaixonavam por outros hom ens ou eram transform adas em *grues* ou levadas em bora por *deodands*. Assim são as coisas.

— O sol se apagou — disse Balthasar, o Atrasado, ao filho.

— Então é isso. É o fim — respondeu Farfal.

Fazia m ais frio agora que o sol tinha se apagado.

— Logo será o fim — anunciou Balthasar. — Tem os apenas um punhado de m inutos pela frente. Foi deveras prudente fazer preparativos para esse dia.

Ele ergueu alto a lam parina de óleo de peixe e cam inhou de volta ao chalé. Farfal seguiu o pai dentro da m inúscula m oradia, que consistia em um côm odo m aior e, na extrem idade m ais distante, um a porta trancada. Foi em direção a esta porta que Balthasar cam inhou. Depositou a lam parina diante dela,

tirou um a chave que trazia presa ao pescoço e destrancou a porta.

A boca de Farfal ficou escancarada, e ele apenas disse:

— As cores. Não ouso atravessar.

— Menino idiota. Atravesse e cam inhe com cuidado ao fazê-lo.

E então, quando Farfal não deu sinais de que iria cam inhar, o pai o em purrou pela porta e a fechou.

Farfal ficou ali, piscando os olhos desacostum ados à luz.

— Com o deve captar, esta sala não existe tem poralm ente no m undo que conhece — disse o pai, repousando as m ãos na enorm e barriga e analisando o côm odo no qual se encontravam . — Em vez disso, existe em um a época um m ilhão de anos antes da nossa, nos dias do últim o Im pério Rem orano, época m arcada pela excelência na m úsica de alaúde, pela culinária m agnífica e tam bém pela beleza e docilidade de seus escravos.

Farfal esfregou os olhos, e então olhou para a j anela de m adeira no m eio do

côm odo, um a j anela através da qual eles tinham acabado de passar, com o se fosse um a porta.

— Com eço a captar o m otivo de sua frequente indisponibilidade — disse o filho. — Pois a m im parece que j á o vi atravessar a porta desta sala m uitas vezes sem que eu j am ais indagasse a respeito, apenas resignando-m e durante o tem po que transcorria até seu retorno.

Balthasar, o Atrasado, com eçou então a rem over suas roupas de estopa escura até ficar nu, um hom em gordo de barba longa e branca e cabelo branco cortado, em seguida cobrindo-se com um a túnica de seda de cores vivas.

— O sol! — exclam ou Farfal, olhando pela j anela do pequeno côm odo. — Olhe para ele! É o verm elho alaranj ado de um fogo recém -avivado! Sinta seu calor! Pai. Por que nunca m e ocorreu perguntar a razão de você passar tanto tem po no outro côm odo do nosso chalé de um só côm odo? Ou de eu não ter indagado sobre a existência desse côm odo, nem para m im m esm o?

Balthasar deu a últim a volta no cinto, cobrindo a notável barriga com um m anto de seda que reluzia com elegantes m onstros bordados.

— Talvez isso decorra em parte devido à Invocação da Indiferença de Em pusa — reconheceu Balthasar.

Ele apresentou um a pequena caixa preta que trazia em torno do pescoço, com j anelas e grades, com o um a pequena sala, tão pequena que m al caberia um

inseto dentro dela.

— Isto, quando devidam ente arm ado e invocado, im pede que outros reparem em nós. Assim com o im pediu você de questionar a respeito de m inhas idas e vindas, as pessoas dessa época e desse lugar não se m aravilharam com igo nem se exasperaram com quaisquer hábitos ou costum es contrários aos estabelecidos no Décim o Oitavo e Últim o Grande Im pério Rem orano.

— Im pressionante — disse Farfal.

— Não im porta que o sol tenha se apagado, que em questão de horas ou, no m áxim o, sem anas, toda a vida na Terra estará m orta, pois aqui nesta época sou Balthasar, o Sagaz, que negocia com as naves voadoras, m ercador de antiguidades, obj etos m ágicos e m aravilhas; e é aqui que você, m eu filho, vai ficar. Serás, para aqueles que indagarem a respeito de sua procedência, sim ples e

puram ente m eu servo.

— Seu servo? Por que não posso ser seu filho? — indagou Farfal, o Azarado.

— Por vários m otivos, dem asiadam ente triviais e pequenos para que nos ocupem os de debatê-los agora.

Pendurou a caixa preta num prego em um dos cantos do côm odo. Farfal pensou ter visto um a perna ou um a cabeça, com o se algum a criatura sem elhante

a um inseto acenasse para ele a partir da caixinha, m as não parou para inspecioná-la.

— Além disso, j á tenho vários filhos nessa época, nascidos de m inhas concubinas, e elas podem se queixar ao saber de outro. Em bora, dada a disparidade nas datas do seu nascim ento, tivesse que esperar um m ilhão de anos até poder herdar m inha riqueza.

— Há riqueza? — indagou Farfal, encarando o côm odo em que estava com novos olhos.

Tinha passado a vida num chalé de um só côm odo no final dos tem pos, no sopé de um a pequena colina, sobrevivendo apenas com a com ida que o pai conseguia apanhar no ar com as redes (norm alm ente, apenas pássaros m arinhos ou lagartos voadores, em bora, às vezes, as redes apanhassem outras coisas: criaturas que afirm avam ser anj os, ou grandes seres pedantes parecidos com baratas traj ando coroas de m etal, ou im ensas geleias cor de bronze. Eram tiradas das redes, e então j ogadas de volta ao ar ou com idas, ou ainda trocadas com as poucas pessoas que passavam por lá).

O pai sorriu e acariciou a im pressionante barba branca, com o um hom em afagando um anim al.

— Há riqueza, sim . Existe nessa época grande dem anda por pedras e pequenas rochas do Fim da Terra: há encantos, feitiços e instrum entos m ágicos para os quais elas são quase insubstituíveis. E eu sou um negociante desse tipo de

artefato.

Farfal, o Azarado, concordou com um gesto da cabeça, e então disse:

— E se eu não quiser ser um servo e sim plesm ente pedir para voltar para onde viem os, atravessando a j anela? Nesse caso, o que aconteceria?

— Tenho pouca paciência para perguntas desse tipo. O sol se apagou. Em horas, talvez m inutos, o m undo terá acabado. Talvez o universo tam bém tenha acabado. Não pense m ais nessas coisas. Em vez disso, arranj arei um a criatura para bloquear a j anela com um feitiço, lá no m ercado de naves. E, enquanto faço isso, você pode colocar em ordem e lustrar todos os obj etos que vê neste arm ário, tom ando o cuidado de não colocar os dedos diretam ente sobre a flauta verde (que vai lhe dar m úsica, m as tam bém substituir o contentam ento em sua alm a por um a saudade insaciável), nem deixe m olhar o bogadil de ônix. — Balthasar deu tapinhas carinhosos na m ão do filho, um a criatura gloriosa e resplandecente em suas sedas m ulticoloridas. — Eu o salvei da m orte, m eu m enino. Trouxe-o de volta no tem po para um a nova vida. Que im portância há se, nessa vida, será servo em vez de filho? Vida é vida, e é infinitam ente m elhor que a alternativa, ou é o que supom os, pois ninguém volta para esclarecer isso. Esse é o m eu lem a.

Assim dizendo, ele com eçou a m exer sob a j anela, tirando dali um trapo

cinzento, que entregou a Farfal.

— Tom e. Ao trabalho! Faça um bom serviço e eu lhe m ostrarei quanto os suntuosos banquetes da antiguidade são um a evolução frente às gaivotas defum adas e conservas de raiz de ossaquer. Não m ova, sob nenhum a circunstância ou incitação, a j anela. Sua posição foi calibrada precisam ente. Se m ovê-la, poderá se abrir para qualquer lugar.

Ele cobriu a j anela com um pedaço de tecido tricotado, que tornava m enos notável a presença de um a grande j anela de m adeira sem nenhum suporte no centro do côm odo.

Balthasar, o Atrasado, deixou o côm odo por um a porta na qual Farfal ainda não havia reparado. As trancas se fecharam . Farfal apanhou o trapo e com eçou, cabisbaixo, a polir as superfícies e lim par o pó.

Depois de m uitas horas, ele observou um a luz vindo da j anela, tão brilhante a ponto de transpassar o tecido que a cobria, m as ela logo se apagou.

Farfal foi apresentado na casa de Balthasar, o Sagaz, com o um novo servo.

Ele observou os cinco filhos e as sete concubinas de Balthasar (em bora não tivesse perm issão de se dirigir a eles), foi apresentado ao m ordom o-m or, que cuidava das chaves, e aos cam areiros, que se apressavam de lá para cá seguindo as ordens do m ordom o, e abaixo dos quais não havia nada naquela casa, a não ser o próprio Farfal.

Os cam areiros se ressentiam de Farfal, com sua pele clara, pois era o único

além do m estre perm itido no Sanctum Santorum , a sala das m aravilhas de m estre Balthasar, um lugar que, até então, Balthasar tinha frequentado sozinho.

E assim os dias se passaram , e as sem anas, e Farfal deixou de se im pressionar com o brilhante sol verm elho-alaranj ado, tão grande e notável, e com as cores do céu diurno (predom inantem ente salm ão e violeta), ou com as naves que chegavam ao m ercado vindas de m undos distantes e trazendo um a carga de m aravilhas.

Farfal vivia infeliz, m esm o cercado de encantos, m esm o num a era esquecida, m esm o num m undo repleto de m ilagres. Disse isso a Balthasar quando o m ercador entrou pela porta do Sanctum novam ente.

— É um a inj ustiça — reclam ou o j ovem .

— Inj ustiça?

— Que eu tenha que lim par e polir as m aravilhas e os obj etos preciosos enquanto você e seus outros filhos frequentam banquetes e festas e j antares e conhecem pessoas e, no geral, aproveitam a vida aqui, na aurora dos tem pos.

— O filho m ais novo nem sem pre goza dos m esm os privilégios que seus irm ãos m ais velhos, e todos eles são m ais velhos que você.

— O ruivo tem apenas quinze anos, o de pele escura tem catorze, os gêm eos não passam de doze, enquanto eu sou um hom em de dezessete anos…

— São m ais de um m ilhão de anos m ais velhos que você. Não quero m ais ouvir bobagens desse tipo.

Farfal, o Azarado, m ordeu o lábio inferior para não responder ao pai.

Foi nesse m om ento que houve um a agitação no pátio, com o se um a grande porta tivesse sido arrom bada, e ouviu-se o cham ado de anim ais e pássaros dom ésticos. Farfal correu até a pequena j anela e observou.

— Há hom ens. Posso ver a luz refletida em suas arm as.

— É claro — com entou o pai, pouco surpreso. — Agora, tenho um a tarefa para você, Farfal. Em decorrência de um errôneo otim ism o da m inha parte, estam os quase sem as pedras sobre as quais m inha riqueza se baseia, e tenho a indignidade de m e descobrir m uito com prom etido no m om ento. Assim , é necessário que você e eu voltem os ao nosso antigo lar para recolher tudo que puderm os. Será m ais seguro se form os em dupla. E o tem po urge.

— Vou aj udá-lo, se concordar em m e tratar m elhor no futuro.

Um grito veio do pátio, um a voz grave e penetrante:

— Balthasar? Salafrário! Trapaceiro! Mentiroso! Onde estão m inhas trinta pedras?

— Vou tratá-lo m uito m elhor no futuro — concordou o pai. — Prom eto.

Cam inhou até a j anela e rem oveu o pano que a cobria. Nenhum a luz vinha do outro lado, nada dentro da m oldura de m adeira além de um a escuridão profunda

e sem form a.

— Talvez o m undo tenha acabado com pletam ente, e agora não haj a nada

além do nada — disse Farfal.

— Poucos segundos se passaram desde que atravessam os. Assim é a natureza

do tem po. Flui m ais rápido quando é j ovem , e o curso a seguir é m ais estreito: no

fim de todas as coisas, o tem po se espalhou e dim inuiu de velocidade, com o óleo

derram ado num lago tranquilo.

Então, ele rem oveu a lerda criatura-encantam ento que tinha colocado na

j anela a título de tranca e fez força contra a m oldura interna, que se abriu

lentam ente. Um vento frio veio na direção deles, fazendo Farfal se arrepiar.

— Está nos m andando para a m orte, pai.

— Estam os todos rum ando para a m orte. Contudo, aqui está você, um m ilhão

de anos antes de nascer, ainda vivo. Realm ente som os feitos de m ilagres. Agora,

filho, tom e esta sacola, que, com o logo descobrirá, foi em bebida no Extrato de

Notável Capacidade de Swann, e guardará tudo que puser nela, independente do

peso, da m assa ou do volum e. Quando chegarm os lá, você precisa apanhar tantas

pedras quanto conseguir e colocá-las aqui. Subirei a colina até as redes para ver

se há tesouros nelas, ou coisas que seriam consideradas tesouros se as

trouxéssem os de volta ao aqui e agora.

— Devo ser o prim eiro a ir? — perguntou Farfal, segurando com força a

sacola.

— É claro.

— Faz tanto frio.

Em resposta, o pai usou um dedo firm e para cutucar-lhe as costas. O filho

cam baleou pela j anela, resm ungando, e o pai o seguiu.

— Isso é horrível — disse Farfal.

Saíram do chalé no fim dos tem pos, e Farfal se inclinou para apanhar

pedrinhas. Colocou a prim eira na sacola, onde reluziu com um a tonalidade verde.

Apanhou outra. O céu estava escuro, m as parecia que havia algo preenchendo o

firm am ento, algo sem form a.

Houve um a faísca de luz pouco diferente de um raio, e, através dela, Farfal

pôde ver o pai recolhendo as redes no alto da colina.

Um estalo. As redes se incendiaram e sum iram . Balthasar correu colina

abaixo, atabalhoado e sem fôlego. Apontou para o céu.

— É o Nada! — disse. — O Nada engoliu o alto da colina! O Nada dom inou

tudo!

Houve, então, um poderoso vento, e o filho observou o pai estalar, sendo

erguido no ar para depois desaparecer. Farfal se afastou do Nada, um a escuridão

dentro da escuridão com pequenos relâm pagos brincando em seu lim iar, e virou-

se e correu para dentro da casa, passando pela porta que levava ao outro

côm odo. Mas não entrou nele. Ficou ali, parado na soleira da porta, e então se

voltou para a Terra Moribunda. Farfal, o Azarado, observou enquanto o Nada consum ia as paredes externas, as colinas distantes e os céus, e então observou, sem piscar, enquanto o Nada engolia o sol frio, observou até que não restasse m ais nada a não ser um a escuridão disform e que o atraía, com o se ansiosa para acabar com tudo.

Só então entrou no côm odo m enor do chalé, chegando ao santuário interno do pai, um m ilhão de anos antes.

Um a batida na porta.

— Balthasar? — dizia a voz vinda do pátio. — Dei a você o dia pelo qual im plorou, seu m aldito. Agora dê-m e as trinta pedras. Quero m inhas pedras ou cum prirei o que disse: seus filhos serão levados para outros m undos, para trabalhar nas m inas de bdellium em Telb, e as m ulheres serão postas para trabalhar com o instrum entistas no palácio do prazer de Luthius Lim n, onde terão a honra de fazer doce m úsica enquanto eu, Luthius Lim n, danço e canto e faço am or apaixonada e atleticam ente com m inhas *catamites*. Não desperdiçarei m eu fôlego descrevendo o destino que reservo para seus servos. Seu feitiço de ocultam ento é fútil, pois, com o vê, encontrei esse côm odo com relativa facilidade. Agora, dê-m e as trinta pedras antes que eu abra a porta, subj ugue sua silhueta obesa e o transform e em banha para cozinhar, j ogando seus ossos aos

cães e aos *deodands*.

Farfal trem eu de m edo. *Tempo*, pensou. *Preciso de tempo*. Fez a voz soar tão grave quanto o possível, e falou:

— Um m om ento, Luthius Lim n. Estou envolvido num a com plexa operação m ágica para expurgar das pedras as energias negativas. Se for perturbado nesse processo, as consequências serão catastróficas.

Farfal olhou ao redor, pelo côm odo. A única j anela era pequena dem ais para que ele pudesse atravessá-la, enquanto a única porta do côm odo tinha Luthius Lim n do outro lado.

— Que azar — com entou, com um suspiro.

Então apanhou a sacola que o pai lhe dera e colocou nela todas as bugigangas, os am uletos e as esquisitices que estavam ao seu alcance, ainda tom ando o cuidado de não tocar diretam ente na flauta verde. Os obj etos desapareceram na sacola, que m anteve o m esm o peso e aparência de antes.

Ele olhou para a j anela no centro do côm odo. Era a única saída, e conduzia ao Nada, ao fim de tudo.

— Basta! — vociferou aquele que estava do outro lado da porta. — Minha paciência está se esgotando, Balthasar. Meus cozinheiros hão de fritar seus órgãos internos essa noite.

Então, ele ouviu o forte ruído de algo se esm agando contra a porta, com o se

um a coisa pesada e dura fosse j ogada contra ela.

Depois, ouviu-se um grito e, finalm ente, silêncio.

A voz de Luthius Lim n:

— Está m orto?

Outra voz (Farfal achou parecida com a de um de seus m eio-irm ãos) disse:

— Suspeito que a porta tenha proteções m ágicas e sentinelas.

— Então, vam os atravessar a parede! — bradou Luthius Lim n, decidido.

Farfal era azarado, m as não burro. Ergueu a caixa preta laqueada do prego onde o pai a tinha pendurado. Ouviu algo se m exendo dentro dela.

— Meu pai m e alertou para não m over a j anela — disse a si m esm o.

Então colocou o om bro contra ela e a levantou do chão com violência, em purrando a m oldura pesada uns poucos centím etros. A escuridão que perm eava a j anela com eçou a m udar, enchendo-a com um a luz cinzenta perolada.

Pendurou a caixinha no pescoço.

— É o bastante — disse Farfal, o Azarado, e, enquanto algo se chocava contra a parede do côm odo, apanhou um a tira de tecido e am arrou a sacola de couro que continha todos os tesouros restantes de Balthasar, o Sagaz, ao pulso esquerdo,

então atravessou.

E houve luz, tão brilhante que ele fechou os olhos ao passar pela m oldura da

j anela.

Farfal com eçou a cair.

Agitou-se no ar, com os olhos bem fechados para protegê-los da claridade cegante, sentindo o vento golpear seu corpo.

Algo o atingiu e envolveu: água salobra m orna, e Farfal afundou, surpreso dem ais para respirar. Voltou à superfície, despontando a cabeça da água e inspirando o ar. Então, abriu cam inho pela água, até as m ãos sentirem algum tipo

de planta, e ele se ergueu sobre as m ãos e os pés, chegando à esponj osa terra firm e, deixando atrás de si um rastro m olhado.

* * *

— A LUZ — disse o hom em no restaurante. — A luz era cegante. E o sol ainda nem tinha nascido. Mas consegui isso aqui — ele indicou o aro dos óculos —, e fico longe da luz do sol, para que m inha pele não queim e dem ais.

— E agora? — perguntei.

— Vendo os entalhes. E busco outra j anela.

— Quer voltar para sua época?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Está m orta — falou. — E tudo o que eu conhecia, tudo o que era com o eu. Tudo m orto. Não voltarei à escuridão do fim dos tem pos.

— Para quando, então?

Ele coçou o pescoço. Pela abertura na cam isa vi um a caixinha preta, pendendo do pescoço, pequena com o um m edalhão, e dentro da caixa algo se m exia: um besouro, pensei. Há besouros grandes na Flórida. Não são incom uns.

— Quero voltar ao com eço — disse ele. — Quero receber a luz do universo despertando para si, a aurora de tudo. Se devo ficar cego, que sej a por essa luz. Quero estar lá quando os sóis estiverem nascendo. Esta luz antiga não é brilhante o suficiente para m im .

Então, ele apanhou um guardanapo com a m ão e pescou algo da sacola de couro. Tom ando o cuidado de só tocar nele com o tecido, tirou dali um instrum ento sem elhante a um a flauta, com cerca de trinta centím etros, feito de j ade verde ou algo parecido, e o colocou na m esa diante de m im .

— Pela com ida — disse. — Um presente de agradecim ento.

Ele se levantou e saiu andando, e fiquei ali sentado olhando para a flauta verde por um longo período. Finalm ente, estendi a m ão e senti sua frieza com as pontas dos dedos, e então, com cuidado, sem ousar um sopro nem tentar fazer a m úsica do fim dos tem pos, toquei o bocal com os lábios.

“E vou chorar, com o Alexandre”

O hom enzinho entrou apressado no Fountain, pediu um a dose generosa de uísque

e anunciou aos frequentadores do pub:

— Porque eu m ereço!

Ele parecia exausto, suado e desgrenhado, com o se não dorm isse havia dias.

Usava um a gravata, m as estava tão frouxa que o nó m al se m antinha. Tinha o

cabelo grisalho de quem j á fora ruivo.

— Tenho certeza de que sim — disse Brian.

— Mereço! — confirm ou o hom em .

Deu um gole no uísque com o se quisesse descobrir se gostava ou não do sabor,

e então, satisfeito, tom ou m etade do copo. Por um m om ento, ficou com pletam ente im óvel, feito um a estátua.

— Ouça. Você consegue escutar? — perguntou o hom enzinho.

— O quê? — indaguei.

— Um a espécie de ruído branco, sussurrado no fundo, que na verdade se transform a em qualquer canção que desej em os ouvir ao nos concentrarm os m ais nele?

Ouvi com atenção.

— Não — respondi.

— Exatam ente — disse o hom em , bastante satisfeito consigo m esm o. — Isso não é *maravilhoso*? Ainda ontem , todos no Fountain estavam se queixando do Wispam uzak. O professor Mackintosh aqui resm ungava que “Bohem ian Rhapsody ”, do Queen, grudara na cabeça dele e o seguia por Londres. Hoj e, não se ouve m ais, com o se nunca tivesse existido. Ninguém consegue se lem brar dela. E tudo graças a m im .

— Eu o quê? — questionou o professor Mackintosh. — Algo a respeito de boêm ia? Por acaso conheço você?

— Já nos encontram os — disse o hom enzinho. — Mas, infelizm ente, as pessoas se esquecem de m im . Por causa do m eu trabalho.

Ele sacou a carteira, tirou dela um cartão e entregou-o a m im .

OBEDIAH POLKINGHORN

estava escrito, e, logo abaixo, em letras m enores,

DESINVENTOR.

— Se m e perm ite a pergunta, o que é um desinventor? — indaguei

— É alguém que desinventa as coisas. — Ele ergueu o copo, que j á estava bem vazio. — Ah. Com licença, Sally, preciso de outra dose generosa de uísque.

Os dem ais frequentadores naquela noite pareciam ter decidido que o suj eito era louco e desinteressante. Tinham voltado aos seus assuntos. Minha atenção, por outro lado, fora atraída.

Resignando-m e à conversa que m e era destinada, falei:

— Então, faz tem po que é desinventor?

— Desde quando era relativam ente j ovem . Com ecei a desinventar aos dezoito anos. Nunca se perguntou por que não tem os m ochilas a j ato?

Na verdade, j á tinha m e perguntado.

— Vi um a reportagem sobre elas em *Tomorrow's World*, quando era rapaz — disse Michael, o senhorio. — Um hom em subia pelos ares usando isso. Depois descia. Ray m ond Burr parecia acreditar que logo estariam entre nós.

— Ah, m as não estão, pois eu as desinventei cerca de vinte anos atrás. Foi necessário. Estavam deixando todo m undo louco. Quer dizer, pareciam tão atraentes e baratas, m as não dava para evitar que alguns m ilhares de adolescentes entediados voassem por toda parte, flutuando perto das j anelas de

quartos, colidindo com os carros voadores…

— Espere aí — interrom peu Sally. — Não existem carros voadores.

— Verdade, m as só porque eu os desinventei. Vocês não im aginam os

congestionam entos que eles provocariam . Ao olhar para cim a, veríam os apenas

a parte inferior dos m alditos carros voadores, de um horizonte até o outro. Em

certos dias, não dava nem para ver o céu. Gente j ogando lixo da j anela dos

carros… Eram fáceis de abastecer (usavam força gravitossolar, é claro), m as só

percebi a necessidade de dar cabo dos carros voadores quando ouvi um a senhora

falando a respeito deles no rádio, e o tom do com entário era: “Por que não

ficam os apenas com os carros terrestres?” Ela tinha razão. Algo precisava ser

feito. Eu os desinventei. Fiz um a lista de invenções cuj a ausência faria do m undo

um lugar m elhor e, um a por um a, eu as desinventei.

Agora um a pequena plateia j á com eçava a se reunir para ouvi-lo. Fiquei feliz

por ter um bom lugar.

— E foi m uito trabalhoso — prosseguiu o hom em . — Sabem , é quase

im possível *não* inventar o carro voador depois de inventar a Lum enbolha. Assim ,

tive que desinventá-la tam bém . E sinto falta da Lum enbolha individual: um a

fonte de luz portátil e sem m assa que flutuava m eio m etro acim a da sua cabeça e

se acendia quando você desej ava. Um invento m aravilhoso. Mas não adianta chorar sobre o leite não derram ado, e não se pode desfazer um a om elete sem desquebrar alguns ovos.

— Você não espera que a gente acredite nisso tudo — com entou alguém , acho que Jocely n.

— É — disse Brian. — Quer dizer, daqui a pouco vai nos dizer que desinventou as naves espaciais.

— Pois desinventei m esm o — afirm ou Obediah Polkinghorn. Ele parecia m uito satisfeito. — Duas vezes. Fui praticam ente obrigado. Sabem , assim que partim os para o espaço em direção aos planetas e além , encontram os coisas que levam a m uitas outras invenções. O Teletransportador Instantâneo Polaroid. Esse era o pior. E o Tradutor Telepático Mockett. Tam bém era o pior. No entanto, desde que não sej a nada pior que um foguete rum o à lua, posso m anter tudo sob controle.

— Então, com o se faz para desinventar coisas? — perguntei.

— É difícil. Um a questão de desescolher fios de probabilidade no tecido da criação. Que é um pouco com o desachar um a agulha em um palheiro. Mas eles costum am ser longos e em aranhados, com o espaguete. Assim , é um pouco com o desachar um fio de espaguete em um palheiro.

— Parece um trabalho que dá m uita sede — disse Michael. Fiz a ele um sinal para que m e servisse outra dose.

— Com plicado — continuou o hom enzinho. — É verdade. Contudo, m e orgulho de fazer o bem . Todos os dias, quando acordo, m esm o se tiver desacontecido algo que poderia ser m aravilhoso, penso: Obediah Polkinghorn, o m undo é um lugar m elhor por causa de algo que você desinventou.

Olhou para o que restava do uísque e girou o líquido dentro do copo.

— O problem a — prosseguiu ele — é que, com o fim do Wispam uzak, acabou-se. Term inei. Foi tudo desinventado. Não há m ais horizontes para desdescobrir nem m ontanhas para desescalar.

— Energia nuclear? — sugeriu “Tweet” Peston.

— Isso foi antes da m inha época. Não posso desinventar nada que tenha sido inventado antes do m eu nascim ento. Caso contrário, poderia desinventar algo que

levaria ao m eu nascim ento, e então o que seria de nós? — Ninguém sugeriu m ais

nada. — Estaríam os atolados em m ochilas a j ato e carros voadores. Isso para não falar no Em olum ento Marciano de Morisson. — Por um instante, sua expressão ficou som bria. — Ah. Aquilo era terrível. E tam bém curava o câncer. Mas, francam ente, pensando no que aconteceu com os oceanos, prefiro o câncer. Não. Já desinventei tudo que estava em m inha lista. Vou para casa e vou chorar, com o Alexandre, pois não há m ais m undos a serem desconquistados. O que

restou para desinventar?

Fez-se silêncio no Fountain.

No silêncio, o iPhone de Brian tocou. O toque escolhido por ele era dos Rutles cantando “Cheese and Onions”.

— Alô? Ligo para você m ais tarde — disse ele.

É um a pena que o gesto de sacar o telefone tenha tam anho efeito nas pessoas ao redor. Às vezes, acho que é porque nos lem bram os de quando podíam os fum ar nos pubs, então sacam os os celulares ao m esm o tem po, com o antes fazíam os com os m aços. Entretanto, provavelm ente, é porque nos entediam os com facilidade.

Não im porta o m otivo, os telefones saíram dos bolsos.

Crown Baker tirou um a foto de todos, e então a publicou no Twitter. Jocely n com eçou a ler suas m ensagens de texto. “Tweet” Preston inform ou pelo Twitter que estava no Fountain e tinha conhecido um desinventor pela prim eira vez. O professor Mackintosh verificou os resultados dos exam es, disse-nos o que significavam e enviou um e-m ail ao irm ão dele, em Inverness, para resm ungar a respeito. Os celulares apareceram e a conversa acabou.

— O que é aquilo? — indagou Obediah Polkinghorn.

— É o iPhone 5 — disse Ray Arnold, m ostrando o seu. — Crown tem um Nexus X. Usa o sistem a Android. Telefone. Internet. Câm era. Música. Mas está

tudo nos aplicativos. Quer dizer, sabia que há m ais de m il aplicativos com efeitos

sonoros de peidos só no iPhone? Quer ouvir o aplicativo dos peidos dos Sim psons?

— Não. Tenho certeza absoluta de que não quero. *Não* quero. — Obediah

colocou o drinque no balcão, sem term iná-lo. Aj eitou a gravata. Abotoou o

casaco. — Não vai ser fácil — disse, com o se para si m esm o. — Mas, pelo bem

de todos…

E então parou. E sorriu.

— Foi ótim o conversar com vocês — anunciou ao deixar o Fountain, sem se

dirigir a ninguém especificam ente.

Hora nenhum a

I

OS SENHORES DO Tem po construíram um a prisão. A época e o lugar de sua construção são igualm ente inim aginá veis para qualquer entidade que j am ais tenha deixado o sistem a solar em que nasceu, ou que só tenha vivenciado a j ornada ao futuro um segundo por vez. Foi construída apenas para o Kin. Era im penetrável: um com plexo de pequenos côm odos agradavelm ente equipados (afinal, os Senhores do Tem po não eram m onstros; podiam ser clem entes, quando lhes convinha), fora de sincronia tem poral com o restante do Universo. Havia, naquele lugar, apenas os côm odos: a lacuna entre os m icrossegundos era tal que não podia ser transposta. Na prática, os côm odos se tornaram um Universo em si, que pegava em prestados luz, calor e gravidade do restante da criação, sem pre a um pequeno m om ento de distância.

O Kin rondava os côm odos, paciente e perpétuo, sem pre esperando.

Esperava por um a pergunta. Poderia esperar até o fim dos tem pos. (Porém , m esm o então, com o Tem po Acabado, o Kin j am ais o perceberia, aprisionado naquele m icrom om ento além do tem po).

Os Senhores do Tem po m antinham a prisão funcionando por m eio de im ensos m otores construídos no coração de buracos negros inalcançáveis: ninguém conseguiria chegar aos m otores, com exceção dos próprios Senhores do Tem po. Os m últiplos m otores eram um a garantia. Nada j am ais poderia dar errado.

Enquanto os Senhores do Tem po existissem , o Kin estaria aprisionado, e o restante do Universo, a salvo. Assim era, e assim sem pre seria.

E, m esm o se algum a coisa desse errado, os Senhores do Tem po saberiam .

Mesm o se, por m ais im pensável que fosse, um dos m otores falhasse, então sinais

de em ergência soariam em Gallifrey m uito antes de a prisão do Kin voltar ao nosso tem po e ao nosso Universo. Os Senhores do Tem po tinham feito planos para tudo.

Tinham feito planos para tudo, exceto para a possibilidade de um dia não existirem m ais Senhores do Tem po ou Gallifrey. Nada de Senhores do Tem po no

Universo, a não ser um .

Assim , quando a prisão sacudiu com o em um terrem oto e desm oronou, lançando o Kin para baixo, e quando o Kin ergueu o olhar de sua prisão e viu acim a de si a luz de galáxias e sóis, sem filtro nem m ediação, então soube que tinha voltado ao Universo, soube que seria apenas um a questão de tem po até a pergunta ser feita outra vez.

E, com o o Kin era cuidadoso, fez um inventário do Universo no qual se encontrava. Não pensou em vingança: aquilo não fazia parte de sua natureza. Ele queria o que sem pre quisera. E, além disso…

Ainda havia um Senhor do Tem po no Universo.

O Kin precisava fazer algo a respeito disso.

II

NA QUARTA-FEIRA, POLLY Browning, de onze anos, m eteu a cabeça pelo vão

da porta do escritório do pai.

— Papai, tem um suj eito lá fora usando um a m áscara de coelho e dizendo

que quer com prar a casa.

— Deixe de bobagens, Polly.

O sr. Browning estava sentado no canto do côm odo que gostava de cham ar de

escritório, descrito com otim ism o pelo corretor im obiliário com o terceiro quarto,

em bora m al coubessem nele um arquivo e um a m esa de carteado, sobre a qual repousava um novíssim o com putador Am strad. O sr. Browning inseria com cuidado no com putador os núm eros de um a pilha de recibos, fazendo careta. A cada m eia hora, ele salvava o trabalho feito até então, e a m áquina em itia um barulho de m oedor por alguns m inutos ao salvar tudo em um disquete.

— Não é bobagem . Ele disse que está oferecendo setecentas e cinquenta m il libras por ela — disse a filha.

— Isso sim é um a trem enda bobagem . Estam os vendendo por cento e cinquenta m il.

E vamos precisar de sorte para conseguir esse valor no mercado atual, pensou ele. Era o verão de 1984, e o sr. Browning estava desesperado para encontrar um com prador para a casinha no fim da Claversham Row.

Polly anuiu, pensativa.

— Acho que você deveria ir falar com ele.

O sr. Browning deu de om bros. De todo m odo, precisava salvar o trabalho feito até ali. Enquanto o com putador resm ungava, o sr. Browning desceu as escadas. Polly, que planej ava subir ao quarto para escrever em seu diário, decidiu se sentar nos degraus e descobrir o que aconteceria em seguida.

Parado no j ardim da frente havia um hom em alto usando m áscara de coelho. Não era um a m áscara m uito convincente. Cobria todo o rosto, e duas orelhas com pridas se erguiam da cabeça. O hom em tinha um a grande bolsa de couro m arrom , que lem brava o sr. Browning das bolsas dos m édicos que visitara na infância.

— Ora, vej a bem — com eçou o sr. Browning, m as o hom em trouxe um dedo enluvado aos falsos lábios de coelho, e o sr. Browning se calou.

— Pergunte-m e que horas são — disse um a voz baixa vinda de trás do focinho im óvel da m áscara de coelho.

— Pelo que entendi, o senhor está interessado na casa — prosseguiu o sr. Browning.

A placa de VENDE-SE no portão da frente estava suj a e m arcada pelos respingos da chuva.

— Talvez. Pode m e cham ar de Senhor Coelho. Pergunte-m e que horas são.

O sr. Browning sabia que era m elhor cham ar a polícia. Melhor fazer algo para

que o hom em fosse em bora. Que tipo de m aluco usa um a m áscara de coelho, afinal?

— Por que está usando um a m áscara de coelho?

— Essa não foi a pergunta certa. Mas estou usando um a m áscara de coelho porque represento um a pessoa extrem am ente fam osa e im portante que dá valor à própria privacidade. Pergunte-m e que horas são.

O Sr. Browning suspirou.

— Que horas são, Senhor Coelho? — perguntou.

O hom em de m áscara de coelho endireitou a postura. Sua linguagem corporal era de alegria e deleite.

— Hora de você se tornar o hom em m ais rico de Claversham Row — disse ele. — Com pro sua casa, pagando em dinheiro, por m ais de dez vezes o valor dela, porque é sim plesm ente perfeita para m im no m om ento. — Abriu a bolsa de couro m arrom e tirou de lá m aços de dinheiro, cada um contendo quinhentas notas novinhas de cinquenta libras — Pode contar, vam os, conte-as.

Retirou tam bém duas sacolas plásticas de superm ercado, nas quais ele colocou os m aços de cédulas.

O Sr. Browning exam inou o dinheiro. Parecia real.

— Eu… — hesitou ele. O que tinha que fazer? — Preciso de alguns dias. Para depositar o dinheiro. Verificar se é verdadeiro. E terem os que preparar os

contratos, é claro.

— O contrato j á foi preparado — disse o suj eito com a m áscara de coelho. — Assine aqui. Se o banco disser que há algo estranho com o dinheiro, pode ficar com ele e a casa. Voltarei no sábado para assum ir a posse do im óvel vazio. Consegue tirar tudo até lá?

— Não sei — disse o sr. Browning. — Tenho certeza de que sim . Quer dizer, *é claro*.

— Estarei aqui no sábado — disse o hom em da m áscara de coelho.

— Essa é um a m aneira m uito incom um de fazer negócios — disse o sr. Browning.

Estava na porta de casa segurando duas sacolas contendo setecentos e cinquenta m il libras.

— Sim , de fato — concordou o hom em da m áscara de coelho. — Vej o-o no sábado, então.

Saiu andando. O sr. Browning ficou aliviado ao vê-lo partir. Ele se convencera irracionalm ente de que, se tirasse a m áscara de coelho, não haveria nada por baixo.

Polly subiu as escadas para contar ao diário tudo que tinha visto e ouvido.

* * *

NA QUINTA-FEIRA, UM j ovem alto com paletó e gravata-borboleta bateu na porta. Não havia ninguém em casa, e seu cham ado não foi atendido, e, depois de

andar pelo lugar, ele foi em bora.

* * *

NO SÁBADO, O Sr. Browning esperava na cozinha vazia. Tinha depositado o dinheiro com sucesso, liquidando todas as suas dívidas. A m obília que quiseram guardar fora colocada em um cam inhão de m udança e levada para a casa do tio do sr. Browning, onde havia um a im ensa garagem sem uso.

— E se for tudo um a piada? — indagou a sra. Browning.

— Não entendo qual é a graça de dar a alguém setecentas e cinquenta m il libras. O banco diz que o dinheiro é verdadeiro. Não foi roubado. É apenas um a pessoa rica e excêntrica que desej a com prar nossa casa por m uito m ais do que ela vale.

Eles fizeram um a reserva de dois quartos em um hotel próxim o, em bora os quartos de hotel tivessem se revelado m ais difíceis de encontrar do que o sr. Browning esperava. Além disso, teve que convencer a sra. Browning, um a enferm eira, que agora podiam pagar as diárias de um hotel.

— O que acontece se ele não voltar? — indagou Polly, sentada nas escadas, lendo um livro.

— Que bobagem — disse sr. Browning.

— Não fale assim com a sua filha. Ela tem razão. Não tem os um nom e, nem um núm ero de telefone, nem nada — disse a sra. Browning.

Não era um a crítica j usta. O contrato fora redigido, e o nom e do com prador

era explicitado nele: N. M. de Plum e. Havia tam bém um endereço de um a firm a

de advocacia, e a sra. Browning tinha telefonado a eles e ouvido que o negócio era de fato legítim o.

— É um excêntrico, um m ilionário excêntrico — explicava o sr. Browning.

— Aposto que era ele por trás da m áscara de coelho. O m ilionário excêntrico — sugeriu Polly.

A cam painha tocou. O sr. Browning foi até a porta da frente, com a esposa e a filha ao seu lado, todos na expectativa de conhecer o novo proprietário da casa.

— Olá — disse um a m ulher com m áscara de gato.

Não era um a m áscara m uito realista. Mas Polly viu os olhos dela reluzindo.

— Você é a nova proprietária? — perguntou a sra. Browning.

— Isso, ou um a representante do proprietário.

— Onde está… o seu am igo? Da m áscara de coelho?

Apesar da m áscara de gato, a j ovem (seria ela j ovem ? Sej a com o for, sua voz soava j ovem) parecia eficiente e quase rude.

— Rem overam todos os seus bens? Tem o que tudo que for deixado para trás se tornará propriedade do novo dono.

— Pegam os o que im porta.

— Ótim o.

— Posso vir brincar no j ardim ? Não tem j ardim no hotel — pediu a m enina.

Havia um balanço no carvalho do j ardim dos fundos, e Polly adorava se sentar ali para ler.

— Não diga bobagens, querida — ralhou o sr. Browning. — Terem os um a casa nova, e lá você vai ter um j ardim com balanços. Vou colocar balanços novos para você.

A m ulher com a m áscara de gato se agachou.

— Sou a Senhora Gato. Pergunte-m e que horas são, Polly.

Polly assentiu.

— Que horas são, Senhora Gato?

— Hora de você e sua fam ília deixarem este lugar e não olharem para trás — disse a sra. Gato, m as de um j eito doce.

Polly acenou em despedida à m ulher com m áscara de gato quando chegou ao fim do cam inho do j ardim .

III

ESTAVAM NA SALA de controle da TARDIS, voltando para casa.

— Ainda não entendo — dizia Am y. — Por que o Povo Esqueleto ficou tão furioso com você? Pensei que *quisessem* se livrar do j ugo do Rei-Sapo.

— Não foi por *esse* m otivo que ficaram furiosos com igo — disse o j ovem de paletó e gravata-borboleta. Passou a m ão pelos cabelos. — Na verdade, acho que

ficaram bastante satisfeitos por se verem livres. — Correu as m ãos pelo painel de

controle da TARDIS, tocando em alavancas e acariciando reguladores. — Só ficaram um pouco frustrados com igo porque fui em bora levando a rebim boca trem elicante.

— Rebim boca trem elicante?

— Está ali na… — Ele fez um gesto vago com os braços que pareciam ser feitos principalm ente de cotovelos e j untas. — Naquele tam po sobre pernas, bem

ali. Eu a confisquei.

Am y parecia irritada. Não estava irritada, m as, às vezes, gostava de dar a ele a im pressão de estar, só para m ostrar quem é que m andava ali.

— Por que nunca cham a as coisas pelos nom es? *Aquele tampo sobre pernas*? O nom e é “m esa”.

Ela foi até a m esa. A rebim boca trem elicante era elegante e reluzente: tinha o tam anho e o form ato de um bracelete, m as se retorcia de m aneiras que desafiavam o olhar.

— É m esm o? Ótim o. — Ele parecia satisfeito. — Vou m e lem brar disso.

Am y apanhou a rebim boca trem elicante. Era fria e m uito m ais pesada do que parecia.

— Por que a confiscou? E por que estam os falando em *confiscar*? Isso parece algo que um a professora faria, quando trazem os à escola algum a coisa que não deveríam os. Minha am iga, Mels, estabeleceu o recorde escolar de obj etos

confiscados. Certa noite, ela pediu que Rory e eu criássem os um a distração enquanto ela arrom bava o arm ário de m aterial dos professores, onde estavam as coisas dela. Teve que ir pelo telhado e entrar pela j anela do banheiro de professores…

Mas o Doutor não estava interessado nas peripécias da am iga de escola de Am y. Nunca esteve.

— Confiscada. Para a segurança deles. Tecnologia que não deveriam ter. Provavelm ente roubada. Capaz de criar brechas e acelerações tem porais. Poderia resultar em um a bagunça terrível. — Então ele puxou um a alavanca. — E chegam os. Mudança geral.

Fez-se um ruído rítm ico de atrito, com o se as engrenagens do próprio Universo protestassem , um a lufada de ar deslocado, e um a grande cabine policial azul se m aterializou no j ardim dos fundos da casa de Am y Pond. Era o início da segunda década do século XXI.

O Doutor abriu a porta da TARDIS e disse:

— Que estranho.

Ficou parado na porta, sem fazer nenhum a tentativa de sair. Am y se aproxim ou. Ele estendeu um braço para im pedi-la de deixar a TARDIS. Era um dia ensolarado perfeito, quase sem nuvens.

— O que há de errado?

— Tudo. Não consegue sentir?

Am y olhou para o seu j ardim . Estava abandonado, as plantas crescidas dem ais, m as sem pre fora assim , desde que ela lem brava.

— Não. Está calm o. Nada de carros. Nem pássaros. Nada — observou Am y.

— Nada de ondas de rádio. Nem m esm o a Radio Four — com pletou o Doutor.

— Você consegue escutar ondas de rádio?

— Claro que não. Ninguém escuta ondas de rádio — disse ele, pouco convincente.

E foi então que a voz disse:

— ATENÇÃO, VISITANTES. VOCÊS ESTÃO ENTRANDO NO ESPAÇO DO KIN. ESTE MUNDO É PROPRIEDADE DO KIN. VOCÊS ESTÃO INVADINDO.

Era um a voz estranha, sussurrada e, principalm ente, de acordo com as suspeitas de Am y, estava dentro da sua cabeça.

— Aqui é a Terra — respondeu Am y. — Não lhe pertence. O que você fez com as pessoas?

— NÓS A COMPRAMOS DELAS. MORRERAM DE CAUSA NATURAL POUCO DEPOIS. UMA PENA.

— Não acredito em vocês! — gritou Am y.

— NENHUMA LEI GALÁTICA FOI INFRINGIDA. O PLANETA FOI ADQUIRIDO DE MANEIRA LEGAL E LEGÍTIMA. UMA EXTENSA

INVESTIGAÇÃO REALIZADA PELA PROCLAMAÇÃO DAS SOMBRAS

VALIDOU PLENAMENTE NOSSA PROPRIEDADE.

— A Terra não pertence a vocês! Onde está Rory ?

— Am y ? Com quem está falando? — indagou o Doutor.

— Com a voz. Que está na m inha cabeça. Não consegue ouvir?

— COM QUEM ESTÁ FALANDO? — indagou a Voz.

Am y fechou a porta da TARDIS.

— Por que fez isso? — perguntou o Doutor.

— Voz estranha, sussurrada, dentro da m inha cabeça. Disse que com praram o

planeta. E a… Proclam ação das Som bras disse que estava tudo bem . A voz disse

que todas as pessoas m orreram naturalm ente. Você não a escutava. Ela não sabia

que você estava aqui. Elem ento surpresa. Fechei a porta.

Am y Pond sabia ser bastante eficiente quando estava sob pressão. No

m om ento, sentia-se sob pressão, m as ninguém perceberia isso se não fosse pela

rebim boca trem elicante, que ela segurava nas m ãos e se torcia e retorcia em

form atos que desafiavam a im aginação e parecia estar vagando rum o a

dim ensões peculiares.

— Chegaram a dizer quem eram ?

Ela pensou um instante antes de repetir as palavras que ouvira:

— “Vocês estão agora entrando no espaço do Kin. Este m undo é propriedade

do Kin.”

— Ah, pode ser qualquer um . O Kin, quero dizer… É com o se nos apresentássem os com o Pessoas. Basicam ente, qualquer nom e de raça significa isso. Com exceção de Dalek. Isso significa *Máquinas de Ódio e Morte Revestidas de Metal* em skaroniano. — Então, correu em direção ao painel de controle. — Algo desse tipo… Não pode ocorrer da noite para o dia. As pessoas não m orrem e se extinguem , assim do nada. E estam os em 2010. O que significa…

— Significa que fizeram algo com Rory.

— Significa que fizeram algo com todo m undo. — Ele pressionou vários botões em um antigo teclado de m áquina de escrever, e padrões visuais cruzaram a tela que pendia acim a do console da TARDIS. — Não consegui ouvi-los… nem eles podiam m e ouvir. Mas você conseguia ouvir am bos. *A-ha!* Verão de 1984! Eis o ponto de divergência…

Suas m ãos com eçaram a m exer, torcendo e em purrando alavancas, bom bas, interruptores e algo pequeno que fazia *ding*.

— Onde está Rory ? Quero saber agora m esm o! — exigiu Am y enquanto a TARDIS se lançava no espaço e no tem po.

O Doutor encontrara um a vez o noivo dela, Rory William s, e apenas brevem ente. Am y não achava que o Doutor com preendia o que ela via em Rory.

Havia dias que nem *ela* sabia ao certo o que via em Rory. No entanto, tinha certeza de um a coisa: ninguém ia tirar o noivo dela.

— Boa pergunta. Onde está Rory ? Além disso, onde estão as outras sete bilhões de pessoas? — perguntou ele.

— Quero m eu Rory.

— Bem , onde quer que estej a o restante delas, ele está j unto. E você deveria ter tido o m esm o destino. Tenho o palpite que nenhum dos dois sequer nasceu.

Am y olhou para si m esm a, verificando pés, pernas, cotovelos, m ãos (a rebim boca trem elicante reluzia em seu punho com o um pesadelo de Escher. Largou-a sobre o painel de controle). Ergueu os braços, encheu a m ão com o cabelo ruivo e puxou.

— Se ainda não nasci, o que estou fazendo aqui?

— Você é um nexo tem poral independente, cronossinclasticam ente definida com o um a inversão do… — O Doutor viu a expressão dela, e se calou.

— Está m e dizendo que é um nó nos nexos, não é?

— Sim — disse ele, sério. — Acredito que sim . Pois bem . Estam os aqui.

Ele aj ustou a gravata-borboleta com dedos precisos, inclinando-a para um lado, estiloso.

— Mas, Doutor. A raça hum ana não se extinguiu em 1984.

— Nova linha tem poral. É um paradoxo. Tem algum a coisa fam iliar nisso tudo.

— O quê?

— Não sei. Hum . Kin. Kin. *Kin*. Me faz pensar em m áscaras. Quem usa m áscaras?

— Ladrões de banco?

— Não.

— Pessoas m uito feias?

— Não.

— Dia das Bruxas? Muita gente usa m áscara no Dia das Bruxas.

— *Sim!* É *verdade*!

— E isso é im portante?

— Nem um pouco. Mas é verdade. Pois bem . Grande divergência no fluxo tem poral. E não é realm ente possível tom ar um planeta nível cinco de um a form a que iria deixar a Proclam ação das Som bras satisfeita, a m enos que…

— A m enos que…?

O Doutor parou de se m over. Mordeu o lábio inferior.

— Ah! — exclam ou ele. — Eles não poderiam .

— Poderiam o quê?

— Não poderiam . Quer dizer, seria com pletam ente…

Am y j ogou o cabelo para o lado, e se esforçou ao m áxim o para m anter a calm a. Gritar com o Doutor nunca funcionava — a não ser quando funcionava.

— Com pletam ente o quê?

— Com pletam ente im possível. Não se pode tom ar um planeta nível cinco. A não ser quando isso é feito de m aneira legítim a. — No painel de controle da TARDIS, algum a coisa rodopiou e outra coisa fez *ding*. — Chegam os. É o nexo.

Venha! Vam os explorar 1984.

— Você está se divertindo. Meu m undo inteiro foi dom inado por um a voz m isteriosa. Todas as pessoas foram extintas. Rory se foi. E você está se divertindo.

— Não estou, não — disse o Doutor, se esforçando m uito para não dem onstrar quanto estava se divertindo.

* * *

OS BROWNING FICARAM no hotel enquanto o sr. Browning procurava por um a nova casa. O hotel estava lotado. Por acaso, conversando com outros hóspedes no café da m anhã, os Browning descobriram que eles tam bém tinham vendido suas casas e seus apartam entos. Nenhum deles parecia particularm ente interessado em revelar quem havia com prado suas antigas residências.

— É ridículo — disse ele, após dez dias. — Não há nada à venda na cidade. Nem nos arredores. Foi tudo com prado.

— Deve ter algum a coisa — retrucou a sra. Browning.

— Não nessa parte do país.

— O que diz a corretora de im óveis?

— Não atende o telefone — respondeu o sr. Browning.

— Bem , vam os lá falar com ela. Você vem conosco, Polly ?

A m enina negou com a cabeça.

— Estou lendo m eu livro — falou.

O sr. e a sra. Browning cam inharam até o centro da cidade e encontraram a corretora do lado de fora da im obiliária, afixando um aviso de “Sob nova direção”. Não havia ofertas de im óveis, apenas um a porção de casas e apartam entos com placas de VENDIDO.

— Fechando a loj a? — perguntou o sr. Browning.

— Alguém m e fez um a oferta que não pude recusar — disse a corretora.

Ela carregava um a sacola plástica de com pras que parecia pesada. Os Browning logo adivinharam o que havia dentro.

— Um a pessoa usando um a m áscara de coelho? — perguntou a sra. Browning.

Quando voltaram ao hotel, a gerente os aguardava no saguão, para dizer-lhes que não poderiam continuar nos quartos por m uito m ais tem po.

— São os novos proprietários — explicou. — Vão fechar o hotel para reform as.

— Novos proprietários?

— Acabaram de com prar o hotel. Pagaram m uito dinheiro, pelo que eu

soube.

De algum m odo, isso não surpreendeu os Browning nem um pouco. Não ficaram surpresos até voltarem ao quarto, de onde Polly tinha desaparecido.

IV

— ANO DE 1984 — ponderou Am y Pond. — Pensei que seria um pouco m ais...

não sei. Histórico. Não parece ser m uito tem po atrás. Meus pais nem tinham se conhecido.

Ela hesitou, com o se estivesse prestes a revelar algo a respeito dos pais, m as desviou o foco da atenção. Atravessaram a rua.

— Com o eram ? — perguntou o Doutor. — Seus pais?

Am y deu de om bros.

— Norm ais — disse, sem pensar. — Um a m ãe e um pai.

— Parece provável — concordou ele, m uito prontam ente. — Bem , preciso que m antenha os olhos abertos.

— O que estam os procurando?

Era um a pequena cidade inglesa e, até onde Am y podia ver, parecia ser um a pequena cidade inglesa. Exatam ente com o a que ela deixara para trás, m as sem os cafés e as loj as de celulares.

— Fácil. Estam os procurando algum a coisa que não deveria estar aqui. Ou algo que deveria estar aqui, m as não está.

— Que tipo de coisa?

— Não sei ao certo — disse o Doutor. Coçou o queixo. — Gaspacho, talvez.

— O que é gaspacho?

— Um a sopa fria. Mas a ideia é servi-la assim . Dessa form a, se procurarm os por toda parte em 1984 e não encontrarm os gaspacho, isso seria um a pista.

— Você sem pre foi assim ?

— Assim com o?

— Um louco. Com um a m áquina do tem po.

— Ah, não. Dem orou um tem pão até conseguir a m áquina do tem po.

Cam inharam pelo centro da cidadezinha, procurando algo incom um , m as sem nada encontrar, nem m esm o gaspacho.

* * *

POLLY PAROU NO portão do j ardim em Claversham Row, erguendo o olhar para a casa que fora sua desde os sete anos, quando se m udaram para lá.

Cam inhou até a porta da frente, tocou a cam painha e esperou, e ficou aliviada quando ninguém atendeu. Olhou para a rua, e então cam inhou apressada ao redor da casa, passando pelas latas de lixo e entrando no j ardim dos fundos.

A j anela francesa que se abria para o pequeno j ardim dos fundos tinha um fecho que não funcionava direito. Polly pensou que seria m uito im provável que os novos donos da casa o tivessem consertado. Caso contrário, ela voltaria quando

estivessem ali, e então teria que perguntar, o que seria estranho e constrangedor. Esse era o problem a de esconder coisas. Às vezes, se estam os com pressa, nós as deixam os para trás. Mesm o coisas im portantes. E não havia nada m ais im portante que o diário dela.

Polly o m antinha desde quando chegaram à cidade. Fora seu m elhor am igo: ouvira suas confidências, os relatos a respeito das m eninas que faziam bully ing com ela, das que se tornaram suas am igas, sobre o prim eiro m enino de quem ela gostou. Era, às vezes, o m elhor om bro am igo: ela procurava suas páginas em m om entos difíceis, de confusão e dor. Era onde ela vertia os pensam entos.

E estava escondido sob um a tábua solta do tam po inferior do arm ário em butido do quarto dela.

Polly pressionou a m etade esquerda da j anela usando a palm a da m ão, forçando a parte próxim a ao batente, e a j anela se balançou toda ao abrir.

Entrou. Ficou surpresa ao ver que não haviam substituído nada da m obília que a fam ília levara em bora. O cheiro ainda era o da casa dela. Silêncio: ninguém estava no local. Ótim o. Subiu as escadas com pressa, preocupada com a possibilidade de ainda estar lá quando o Senhor Coelho e a Senhora Gato voltassem .

Chegou ao últim o degrau. No andar de cim a, algo roçou contra seu rosto: um leve toque, com o um a linha ou um a teia. Olhou para cim a. Era estranho. O teto

parecia peludo: fios com o cabelos, ou cabelos com o fios, crescendo dali. Então, ela hesitou, pensou em fugir… m as via a porta do quarto. O pôster do Duran Duran continuava na parede. Por que eles não o tinham rem ovido?

Tentando não olhar para o teto cabeludo, Polly abriu a porta do quarto.

O côm odo estava diferente. Não havia m obília, e, onde antes ficava sua cam a, havia folhas de papel. Olhou para baixo: fotografias tiradas de j ornais, am pliadas para o tam anho real. Os buracos dos olhos tinham sido cortados. Reconheceu Ronald Reagan, Margaret Thatcher, o papa João Paulo II, a rainha…

Talvez fossem preparativos para um a festa. As m áscaras não pareciam m uito convincentes.

Foi até o arm ário em butido no fundo do côm odo. O diário com a capa de revista adolescente estava na escuridão, sob o tam po inferior, ali dentro. Ela abriu a porta do arm ário.

— Olá, Polly — disse o hom em dentro do arm ário.

Usava um a m áscara, com o faziam os outros. Máscara de anim al: a dele era de um cachorro grande e cinzento.

— Olá. — Ela não sabia o que m ais dizer. — Eu… Esqueci m eu diário.

— Eu sei. Eu o estava lendo.

Ele ergueu o diário. Não era com o o suj eito da m áscara de coelho, nem com o

a m ulher da m áscara de gato, m as tudo que Polly sentira a respeito deles, aquela

sensação *errada*, era m ais intensa nele.

— Quer que eu o devolva?

— Sim , por favor — respondeu a m enina ao hom em de m áscara canina.

Sentia-se m agoada e invadida: aquele suj eito estava lendo o diário dela. No entanto, o queria de volta.

— Sabe o que precisa fazer para recuperá-lo?

Polly negou com um m eneio de cabeça.

— Pergunte-m e que horas são.

Ela abriu a boca. Estava seca. Lam beu os lábios e m urm urou:

— Que horas são?

— E o m eu nom e. Diga o m eu nom e. Sou o Senhor Lobo.

— Que horas são, Senhor Lobo? — perguntou Polly.

A lem brança de um a antiga brincadeira veio à sua cabeça.

O Senhor Lobo sorriu (m as com o um a m áscara podia sorrir?) e escancarou a boca para exibir fileiras e fileiras de dentes afiadíssim os.

— Hora do j antar — respondeu.

Quando ele avançou em sua direção, Polly com eçou a gritar, m as a gritaria não durou m uito.

V

A TARDIS REPOUSAVA num gram ado, dem asiadam ente pequeno para ser um

parque, dem asiadam ente irregular para ser um a praça, no m eio da cidade, e o Doutor estava sentado do lado de fora, em um a espreguiçadeira, vagando pela própria m em ória.

O Doutor tinha um a m em ória notável. O problem a é que eram lem branças dem ais. Ele vivera onze vidas (ou m ais: havia outra vida, não é m esm o? A respeito dessa, ele se esforçava ao m áxim o para nunca pensar) e tinha um a m aneira diferente de se lem brar das coisas em cada vida.

A pior parte de ter a idade avançada dele, fosse qual fosse (e j á fazia tem po que abandonara as tentativas de acom panhar a contagem de algum a m aneira que outra pessoa conseguisse entender), era que, às vezes, as coisas não lhe vinham à cabeça exatam ente quando deveriam .

Máscaras. Isso era um a parte. E o Kin. Isso era outra parte.

E o tem po.

Era um a questão de tem po. Sim , era isso…

Um a história antiga. Anterior à sua época, disso ele tinha certeza. Era algo que ouvira quando m enino. Tentou se lem brar das histórias que lhe contaram quando

pequeno, em Gallifrey, antes de ser levado à Academ ia dos Senhores do Tem po e sua vida m udar para sem pre.

Am y estava voltando de um passeio pela cidade.

— Maxim elos e os três Ogrons! — gritou ele.

— O que tem eles?

— Um deles era violento dem ais, o outro, idiota dem ais, e um era na m edida certa.

— Por que isso é relevante?

Ele m exeu nos cabelos, distante.

— Bem , provavelm ente não é nada relevante. Estou apenas tentando m e lem brar de um a história da infância.

— Por quê?

— Não faço ideia. Não consigo lem brar.

— Você é um a pessoa m uito frustrante.

— Sim . Provavelm ente sou — concordou o Doutor, contente.

Pendurou um aviso na frente da TARDIS. Dizia:

ALGUMA COISA MISTERIOSAMENTE ERRADA?

BASTA BATER! NENHUM PROBLEMA É PEQUENO DEMAIS.

— Se o m istério não vier a nós, então vam os atrás dele. Não, espere. Ao contrário. E fiz um a redecoração interna, para não assustar as pessoas. O que descobriu?

— Duas coisas — disse ela. — Prim eiro, o príncipe Charles. Encontrei com ele na banca de j ornal.

— Tem certeza de que era ele?

Am y pensou.

— Bem , parecia o príncipe Charles. Mas m uito m ais j ovem . E o j ornaleiro perguntou a ele se j á tinha escolhido um nom e para o próxim o Bebê Real. Eu sugeri Rory.

— Príncipe Charles na banca de j ornal. Certo. O que m ais?

— Não há casas à venda. Cam inhei por todas as ruas da cidade. Nenhum a placa de VENDE-SE. Há pessoas acam padas nos arredores da cidade, em barracas. Muita gente indo em bora em busca de um lugar para m orar, pois não há nada por aqui. É sim plesm ente estranho.

— Sim .

Estava quase chegando à resposta. Am y abriu a porta da TARDIS. Olhou dentro.

— Doutor… está do m esm o tam anho que o lado de fora.

Ele ficou radiante e a levou em um a extensa visita ao seu novo escritório, que consistiu em entrar pela porta e fazer um gesto am plo com o braço direito. A m aior parte do espaço era ocupada por um a escrivaninha e, sobre ela, um telefone à m oda antiga e um a m áquina de escrever. Havia um a parede ao fundo.

Am y experim entou em purrar a parede com as m ãos (era difícil fazer isso de olhos abertos, m as fácil quando ela os fechava), então fechou os olhos e atravessou a parede com a cabeça. Agora via a sala de controle da TARDIS, toda

feita de cobre e vidro. Deu um passo para trás, voltando ao pequeno escritório.

— É um hologram a?

— Mais ou m enos.

Ouviu-se um a batida hesitante na porta da TARDIS. O Doutor a abriu.

— Com licença. O aviso na porta.

O hom em parecia perturbado. O cabelo estava ficando ralo. Olhou para o pequeno côm odo, ocupado principalm ente por um a escrivaninha, e não fez m enção de entrar.

— Sim ! Olá! Entre! — disse o Doutor. — Nenhum problem a é pequeno dem ais!

— Hã. Meu nom e é Reg Browning. É m inha filha, Polly. Ela deveria estar nos esperando no quarto do hotel. Mas não está lá.

— Sou o Doutor. Esta é Am y. Já avisou a polícia?

— Vocês não são a polícia? Pensei que fossem .

— Por quê?

— Estão em um a cabine policial. Eu não sabia que elas estavam de volta.

— Para alguns de nós, elas nunca se foram — disse o j ovem alto de gravata-borboleta. — O que aconteceu quando falou com a polícia?

— Disseram que ficariam de olho para tentar encontrá-la. Mas, sinceram ente, eles pareciam um pouco preocupados com outro assunto. O sargento de plantão disse que a concessão de aluguel da delegacia tinha vencido de m aneira um

pouco inesperada, e estavam procurando um lugar para onde ir. Disse que toda a situação do aluguel fora um golpe para eles.

— Com o é Polly ? Ela poderia estar na casa de am igos? — indagou Am y.

— Já procurei os am igos dela. Ninguém a viu. No m om ento, estam os no Rose Hotel, em Wednesbury Street.

— Visitando a cidade?

O sr. Browning contou a eles a respeito do suj eito de m áscara de coelho que viera à sua porta na sem ana anterior para com prar a casa por um valor m uito acim a do pedido, pagando em dinheiro. Contou a eles da m ulher usando m áscara

de gato que tinha vindo assum ir a posse da casa…

— Ah. Certo. Bem , isso explica tudo — disse o Doutor, com o se realm ente explicasse.

— É m esm o? — indagou o sr. Browning. — Sabe onde Polly está?

O Doutor balançou a cabeça.

— Sr. Browning. Reg. Existe algum a possibilidade de ela ter voltado para a sua casa?

O hom em deu de om bros.

— Sim , é possível. Acha que…?

Nesse m om ento, o j ovem alto e a escocesa ruiva o em purraram para fora do cam inho, bateram a porta da cabine policial e correram pelo j ardim .

VI

AMY ACOMPANHAVA O Doutor, fazendo perguntas enquanto corriam , am bos

ofegantes.

— Acha que ela está na casa?

— Infelizm ente, sim . Sim . Tenho um a espécie de ideia. Ouça, Am y, não

perm ita que ninguém a convença a perguntar a *eles* que horas são. E, se

perguntarem , não responda. É m ais seguro.

— Está falando sério?

— Infelizm ente, sim . E cuidado com as m áscaras.

— Certo. E esses alienígenas com que estam os lidando são perigosos? Usam

m áscaras e perguntam que horas são?

— Soa com o a descrição deles. Sim . Mas o m eu pessoal cuidou deles há m uito

tem po. É quase inconcebível…

Pararam de correr quando chegaram a Claversham Row.

— E, se for quem estou pensando, o que penso que isso… que eles… que isso

é… só existe um a coisa razoável a fazer.

— O quê?

— Fugir — disse o Doutor, enquanto tocava a cam painha.

Um m om ento de silêncio, e então a porta se abriu e um a m enina ergueu o

olhar na direção deles. Não devia ter m ais de onze anos, e usava tranças no

cabelo.

— Olá. Meu nom e é Polly Browning. Com o vocês se cham am ?

— Polly ! — exclam ou Am y. — Seus pais estão m orrendo de preocupação com você.

— Só voltei para buscar o m eu diário. Estava sob um a tábua solta do piso do m eu antigo quarto.

— Seus pais procuraram por você o dia todo! — disse Am y.

Ela se perguntava por que o Doutor não dizia nada.

A m enina olhou para o relógio de pulso.

— Estranho. O relógio diz que estou aqui faz cinco m inutos. Cheguei às dez da m anhã.

Am y sabia que a tarde j á tinha avançado, e perguntou:

— Que horas são agora?

Polly ergueu o olhar, extasiada. Dessa vez, Am y reparou em algo estranho na expressão da m enina. Algo inexpressivo. Algo quase sem elhante a um a m áscara…

— Hora de vocês entrarem na m inha casa — respondeu a m enina.

A m ulher piscou. Pareceu-lhe que, sem terem se m exido, ela e o Doutor tivessem ido parar no hall de entrada. A m enina se encontrava na escada de frente para eles. Seu rosto estava na m esm a altura que o dos adultos.

— O que você é? — indagou Am y.

— Som os o Kin — disse a m enina que não era um a m enina.

A voz era m ais grave, som bria, gutural. Am y teve a im pressão de ser algo

agachado, im enso, que usava um a m áscara de papel com o rosto de um a m enina

rabiscado de qualquer j eito. Ela não entendia com o se enganara pensando que se

tratasse de um rosto real.

— Já ouvi falar de vocês — disse o Doutor. — Meu povo pensou que fossem …

— Um a abom inação — falou a coisa agachada com a m áscara de papel. —

E um a infração de todas as leis do tem po. Eles nos isolaram do restante da

Criação. Mas eu escapei, e assim , escapam os. E estam os prontos para

recom eçar. Já com eçam os a com prar este m undo…

— Estão reciclando dinheiro através do tem po — disse o Doutor. —

Com prando este m undo com ele, com eçando com esta casa, a cidade…

— Doutor? O que está acontecendo? Será que dá para explicar algum a coisa?

— perguntou Am y.

— Posso explicar tudo — disse o Doutor. — E, na verdade, preferia não poder.

Eles vieram aqui para tom ar a Terra. Vão se tornar a população do planeta.

— Ah, não, Doutor — disse a im ensa criatura agachada com a m áscara de

papel. — Você não entendeu. Não é por isso que estam os tom ando o planeta.

Vam os tom ar o planeta e deixar a hum anidade se extinguir sim plesm ente para

atrai-lo até aqui, agora.

O Doutor agarrou a m ão de Am y e gritou:

— Corra!

Rum ou para a porta da frente…

…e se viu no alto das escadas. Cham ou por Am y, m as não houve resposta.

Algo roçou em seu rosto: algo que quase parecia pele de anim al. Ele a afastou com um gesto.

Havia um a porta aberta, e ele cam inhou em sua direção.

— *O-lá,* — disse a pessoa no côm odo, com um a voz fem inina aspirada. — Estou *muito* feliz por você ter vindo, Doutor.

Era Margaret Thatcher, prim eira-m inistra da Grã-Bretanha.

— *Sabe* quem som os, querido? Seria *uma pena* se não soubesse.

— O Kin — respondeu o Doutor. — Um a população que consiste em um a criatura, m as capaz de se locom over pelo tem po tão fácil e instintivam ente quanto os hum anos são capazes de atravessar a rua. Havia apenas um espécim e. Porém , você povoava o lugar, deslocando-se para a frente e para trás no tem po, até que houvesse centenas de você, e então m ilhares e m ilhões, todos interagindo

em diferentes m om entos de sua própria linha do tem po. E isso continua até a estrutura local do tem po entrar em colapso, com o m adeira podre. Você precisa de outras entidades, ao m enos no início, para que elas lhe perguntem que horas são, criando a sobreposição quântica que lhe perm ite ancorar-se a um ponto do

espaço-tem po.

— Muito *bem* — disse a sra. Thatcher. — *Sabe* o que os Senhores do Tem po disseram quando engoliram nosso m undo? Disseram que com o *cada um* de nós era o Kin em um m om ento diferente do tem po, m atar qualquer um de nós seria equivalente a com eter um ato de genocídio contra nossa espécie inteira. Você não pode *me* m atar, pois, ao m e m atar, estará m atando a *todos* nós.

— Você sabe que sou o últim o Senhor do Tem po?

— Ah, *sim*, querido.

— Vej am os. Vocês pegam o dinheiro na prensa conform e a m oeda é criada, com pram coisas com ele, voltam m om entos m ais tarde. Reciclam o dinheiro no tem po. E as m áscaras… Im agino que am pliem o cam po de convencim ento. As pessoas vão se m ostrar m uito m ais dispostas a vender coisas se acreditarem que o líder de seu país está pedindo, pessoalm ente… e então vocês vão ter finalm ente com prado o planeta inteiro. Vão m atar os hum anos?

— Não há *necessidade*, querido. Vam os até fazer reservas para eles: Groenlândia, Sibéria, Antártida… m as elas *vão* se extinguir, independentem ente disso. Vários bilhões de pessoas vivendo em lugares onde alguns m ilhares delas m al poderiam se sustentar. Bem , querido… *não vai ser bonito.*

A sra. Thatcher se m exeu. O Doutor se concentrou em vê-la com o realm ente era. Fechou os olhos. Abriu-os para ver um a figura corpulenta usando um a m áscara m alfeita em preto e branco, com um a fotografia de Margaret Thatcher.

O Doutor estendeu a m ão e tirou a m áscara do Kin.

Ele era capaz de enxergar beleza onde os hum anos não conseguiam .

Encontrava alegria em todas as criaturas. No entanto, o rosto do Kin era difícil de

contem plar.

— Você… enoj a a si próprio — disse o Doutor. — Caram ba. É por isso que usa m áscaras. Não gosta do seu rosto, não é?

O Kin nada disse. O rosto, se poderíam os cham á-lo assim , se retorceu em caretas.

— Onde está Am y ? — perguntou o Doutor.

— Excedente na dem anda — disse outra voz, sem elhante, vinda de trás dele. Um hom em esguio, usando m áscara de coelho. — Nós a deixam os ir. Só precisam os de você, Doutor. A prisão que os Senhores do Tem po fizeram para nós foi um torm ento, porque ficam os detidos ali e reduzidos a apenas um . Você tam bém é apenas um do seu tipo. E vai ficar nesta casa para sem pre.

O Doutor foi de côm odo em côm odo, exam inando os arredores com atenção. As paredes da casa eram m acias e cobertas com um a leve cam ada de pelos. E estes se m oviam , lentam ente, para dentro e para fora, com o se estivessem …

— Respirando. É um quarto vivo, literalm ente.

— Devolvam -m e Am y. Saiam daqui. Vou encontrar algum lugar onde vão conseguir viver. Mas não podem continuar voltando de novo e de novo no tem po.

Isso cria um a trem enda bagunça.

— E quando isso acontece, recom eçam os tudo, em algum outro lugar — disse a m ulher com m áscara de gato, nas escadas. — Ficará preso aqui até sua vida se esgotar. Vai envelhecer aqui, se regenerar aqui, m orrer aqui, de novo e de novo. Sua prisão não vai acabar antes do fim do últim o Senhor do Tem po.

— Acham m esm o que podem m e prender assim tão fácil? — perguntou o Doutor.

Sem pre era bom dar a im pressão de estar no controle, não im porta quanto ele estivesse preocupado com a possibilidade de ficar encalhado ali para sem pre.

— Rápido! Doutor! Aqui em baixo! — Era a voz de Am y.

Desceu as escadas de três em três degraus, indo na direção de onde a voz dela viera: a porta da frente.

— Doutor!

— Estou aqui.

Ele m exeu na m açaneta. A porta estava trancada. Ele então sacou a chave de fenda, e aplicou o raio sônico à fechadura.

Fez-se um barulho e a porta se abriu: a súbita luz do dia era cegante. O Doutor

viu, extasiado, a am iga, e um a grande cabine policial azul. Não sabia ao certo qual das duas queria abraçar prim eiro.

— Por que não entrou? — perguntou a Am y, enquanto abria a porta da TARDIS.

— Não encontrei a chave. Devo tê-la derrubado enquanto estavam m e perseguindo. Para onde vam os agora?

— Algum lugar seguro. Bem , um lugar m ais seguro do que este. — Fechou a porta. — Algum a sugestão?

Am y se deteve no com eço da escada da sala de controle e olhou ao redor daquele m undo de cobre reluzente, o pilar de vidro que sustentava os controles da TARDIS, as portas.

— Incrível, não é? — disse o Doutor. — Nunca m e canso de olhar para esta velha am iga.

— Sim , a velha am iga — falou Am y. — Acho que deveríam os ir até a aurora dos tem pos, Doutor. O passado m ais distante que puderm os alcançar. Não vão conseguir nos encontrar lá, e poderem os pensar no que fazer a seguir.

Ela olhava por cim a dos om bros do Doutor, observando as m ãos dele m exendo nos controles, com o se estivesse determ inada a não esquecer nada que ele fizesse. A TARDIS não estava m ais em 1984.

— A aurora dos tem pos? Muito inteligente, Am y Pond. É um a época em que

nunca estivem os antes. Um lugar ao qual norm alm ente não conseguim os chegar.

Ainda bem que tenho isto.

Ele m ostrou a rebim boca trem elicante e, então, prendeu-a ao painel da TARDIS, usando garras de j acaré e o que parecia ser um pedaço de barbante.

— Pronto — disse, orgulhoso. — Vej a só.

— Sim — falou Am y. — Escapam os da arm adilha do Kin.

Os m otores da TARDIS com eçaram a ranger, e o côm odo inteiro passou a trem er e chacoalhar.

— Que barulho é esse?

— Estam os rum ando a um lugar para o qual a TARDIS não foi proj etada para ir. Um lugar para onde ela não ousaria viaj ar sem o im pulso extra e a bolha tem poral que a rebim boca trem elicante está proporcionando. O barulho são os m otores se queixando. É com o subir um a colina íngrem e num carro velho.

Talvez precisem os de m ais alguns m inutos até chegar lá. Ainda assim , vai gostar

quando chegarm os: a aurora dos tem pos. Excelente sugestão.

— Tenho certeza de que vou gostar — disse Am y, com um sorriso. — Deve ter sido ótim a a sensação de escapar da prisão do Kin, Doutor.

— Essa é a parte engraçada. Você m e pergunta da fuga da prisão do Kin. Aquela casa. E, bem , realm ente escapei, usando apenas a chave de fenda sônica na m açaneta, coisa que m e pareceu um tanto conveniente. Mas e se a arm

adilha

não fosse a casa? E se o Kin não quisesse um Senhor do Tem po para torturar e m atar? E se quisesse algo m ais im portante? E se quisesse a TARDIS?

— Por que o Kin desej aria a TARDIS? — questionou Am y.

O Doutor olhou para Am y. Olhou-a com clareza, sem se deixar influenciar pelo ódio ou pela ilusão.

— O Kin não consegue viaj ar m uito longe no tem po. Não com facilidade. E fazer o que fazem é m uito dem orado e exige esforço. O Kin teria que viaj ar no tem po para trás e para a frente quinze m ilhões de vezes só para povoar Londres.

E se o Kin pudesse se m over por todo o espaço-tem po? E se voltasse ao início do

Universo e com eçasse sua existência por lá? Ele poderia povoar tudo. Não haveria seres inteligentes em todo o *continuum* espaço-tem po que não pertencessem ao Kin. Um a entidade preencheria o Universo, sem deixar espaço para m ais nada. Você consegue im aginar?

— Sim — disse ela, lam bendo os beiços. — Consigo, sim .

— Bastaria entrar na TARDIS e ter nos controles um Senhor do Tem po, e o Universo se tornaria todo seu para brincar.

— Sim , sim — disse Am y, sorrindo abertam ente. — Assim será.

— Estam os quase chegando — disse o Doutor. — A aurora dos tem pos. Por favor, diga-m e que Am y está bem , onde quer que estej a.

— Por que eu lhe diria isso? — perguntou o Kin com a m áscara de Am y

Pond. — Não é verdade.

VII

AMY OUVIU O Doutor correndo escada abaixo. Ouviu um a voz que parecia

estranham ente fam iliar, então ouviu um som que encheu seu peito de desespero:

o *vworp vworp* cada vez m ais baixo da TARDIS ao partir.

A porta se abriu, naquele m om ento, e ela entrou no hall do andar de baixo.

— Ele fugiu sem você — disse um a voz profunda. — Com o é a sensação de

ser abandonada?

— O Doutor não abandona seus am igos — disse Am y à coisa nas som bras.

— Abandona, sim . Obviam ente, foi o que ele fez nesse caso. Pode esperar

quanto quiser, m as ele j am ais vai voltar — disse a coisa, saindo das som bras e

chegando à m eia-luz.

Era im ensa. Tinha form a hum anoide, m as tam bém um pouco anim al (*lupina*,

pensou Am y Pond, dando um passo para trás, afastando-se da coisa). Usava um a

m áscara, um a m áscara de m adeira pouco convincente, que parecia ter sido feita

para representar um cachorro bravo, ou talvez um lobo.

— O Doutor está levando alguém que ele im agina ser você para um passeio

na TARDIS. E, em alguns instantes, a realidade vai se reescrever. Os Senhores

do

Tem po reduziram o Kin a um a entidade solitária isolada do restante da Criação.

Assim , é j usto que um Senhor do Tem po nos devolva ao nosso lugar de direito na

ordem das coisas: tudo o m ais vai m e servir, ou será incorporado por m im , ou

m e servirá de alim ento. Pergunte-m e que horas são, Am y Pond.

— Por quê?

Havia m ais do Kin agora, figuras som brias. Um a m ulher com rosto de gato

nas escadas. Um a m enina no canto. O hom em com cabeça de coelho atrás dela

disse:

— Porque lhe proporcionará um a m orte lim pa. Um j eito fácil de partir. Em

poucos m om entos, você não terá sequer existido.

— Pergunte — disse a figura com m áscara de lobo diante dela. — Diga: “Que

horas são, Senhor Lobo?”

Em resposta, Am y Pond ergueu as m ãos e arrancou a m áscara de lobo do

rosto da coisa im ensa, e viu o Kin.

Olhos hum anos não foram feitos para ver o Kin. A bagunça rastej ante,

retorcida e espasm ódica que era o rosto daquilo era algo assustador: as m áscaras

serviam tanto para proteger a si quanto aos dem ais.

Am y Pond encarou o rosto do Kin.

— Se vai m e m atar, m ate logo. Mas não acredito que o Doutor tenha m e

abandonado. E não vou perguntar que horas são.

— Que pena — disse o Kin, através de um rosto digno de pesadelos.

E avançou contra ela.

* * *

OS MOTORES DA Tardis rangeram um a única vez e então se calaram .

— Chegam os — disse o Kin.

Sua m áscara de Am y Pond era agora apenas um rabisco im itando o rosto de um a m enina.

— Chegam os ao início de tudo, pois é onde você quer estar. Mas estou preparado para fazer isso de outra m aneira. Posso encontrar um a solução para vocês. Para todos vocês — disse o Doutor.

— Abra a porta — grunhiu o Kin.

O Doutor abriu a porta. Os ventos que sopravam ao redor da TARDIS o em purraram para trás.

O Kin se posicionou diante da porta da TARDIS.

— Tão escuro.

— Estam os no início de tudo. Antes da luz.

— Vou adentrar o vazio — disse o Kin. — E você vai m e perguntar “Que horas são?”, e direi a m im m esm o, a você, a toda a Criação: *Hora do Kin governar, ocupar, invadir. Hora do Universo se tornar apenas eu, somente eu, restando só o que me apetecer devorar. Hora do primeiro e último reinado do*

Kin,

mundo sem fim, através de todo o tempo.

— Eu não faria isso. Se fosse você. Ainda pode m udar de ideia.

O Kin deixou a m áscara de Am y Pond cair no chão da TARDIS.

Deu um im pulso e saiu pela porta da cabine policial azul rum o ao Vazio.

— Doutor — cham ou. O rosto era um a m assa retorcida de verm es. — Pergunte-m e que horas são.

— Vou fazer ainda m elhor. Posso lhe *dizer* exatam ente que horas são. Não são horas. É Hora Nenhum a. Estam os um m icrossegundo antes do Big Bang. Não estam os na Aurora do Tem po. Estam os antes da Aurora. Os Senhores do Tem po não gostavam de genocídio. Eu m esm o acho a ideia condenável. É o potencial que estam os elim inando. E se um dia houver um Dalek bom ? E se… — Fez um a pausa. — O Espaço é grande. O Tem po, ainda m aior. Eu os teria aj udado a encontrar um lugar onde seu povo pudesse viver. Entretanto, havia um a m enina cham ada Polly, que deixou o diário para trás. E vocês a m ataram . Foi um erro.

— Você nem a conheceu — protestou a Raça, no Vazio.

— Era um a criança — disse o Doutor. — Potencial puro, com o todas as crianças em toda parte. Sei tudo de que preciso saber. — A rebim boca trem elicante presa ao painel da TARDIS com eçou a fum egar e em itir faíscas. —

Vocês estão sem tem po, literalm ente. Porque o Tem po não com eça antes do Big

Bang. E se parte de um a criatura que habita o tem po for rem ovida dele… bem , é

com o rem over a si própria de tudo.

O Kin com preendeu. Com preendeu que, naquele m om ento, todo o Tem po e

Espaço eram um a m inúscula partícula, m enor que um átom o, e até que um

m icrossegundo se passasse, e a partícula explodisse, nada aconteceria. Nada

poderia acontecer. E o Kin estava do lado errado desse m icrossegundo.

Isoladas do Tem po, todas as dem ais partes do Kin estavam deixando de existir.

O Isto que era Eles sentiu um a onda de inexistência arrebatando-os.

No princípio (antes do princípio) era o verbo. E o verbo era “Doutor!”.

No entanto, a porta tinha se fechado, e a TARDIS tinha desaparecido,

im placável. O Kin foi deixado sozinho, no vazio anterior à Criação.

Sozinho, para sem pre, naquele m om ento, esperando o Tem po com eçar.

VIII

O JOVEM DE paletó cam inhou pela casa no fim da Claversham Row. Bateu na

porta, m as ninguém atendeu. Voltou para dentro da caixa azul, m exendo nos

m enores controles: sem pre era m ais fácil viaj ar m il anos do que viaj ar vinte e

quatro horas.

Tentou de novo.

Sentia os fios do tem po se enredando e trançando. O tem po é com plexo:

afinal, nem tudo que aconteceu, aconteceu. Só os Senhores do Tem po o com preendiam , e m esm o eles o consideravam im possível de descrever.

A casa em Claversham Row tinha um im undo aviso de VENDE-SE no j ardim .

Ele bateu à porta.

— Olá — disse. — Você deve ser Polly. Estou procurando Am y Pond.

A m enina usava tranças no cabelo. Ergueu os olhos para o Doutor, desconfiada.

— Com o sabe o m eu nom e? — indagou.

— Sou m uito esperto — disse o Doutor, sério.

Polly deu de om bros. Voltou para dentro da casa, e o Doutor a seguiu. Ficou aliviado ao reparar que não havia pelos nas paredes.

Am y estava na cozinha, tom ando chá com a sra. Browning. A em issora Radio Four tocava ao fundo. A sra. Browning contava a Am y a respeito do seu trabalho com o enferm eira, e os horários em que tinha que fazer plantão, e Am y dizia que seu noivo era enferm eiro, e sabia com o era aquela vida.

Elas ergueram os olhos, de repente, quando o Doutor entrou: o olhar parecia dizer “Você tem m uito o que explicar”.

— Im aginei que estaria aqui — falou o Doutor. — Se ao m enos eu continuasse procurando.

* * *

DEIXARAM A CASA em Claversham Row: a cabine policial azul estava estacionada no final da rua, sob as nogueiras.

— Eu estava prestes a ser devorada por aquela criatura — declarou Am y —, m as no m om ento seguinte, estava na cozinha, conversando com a sra. Browning e escutando *The Archers*. Com o fez isso?

— Sou m uito esperto — falou o Doutor.

Era um excelente bordão, e ele estava determ inado a usá-lo tanto quanto fosse possível.

— Vam os para casa. Dessa vez, Rory vai estar lá?

— Todo m undo vai estar lá. Até Rory — afirm ou o Doutor.

Entraram na TARDIS. Ele j á tinha rem ovido do painel os restos pretos da rebim boca trem elicante: a TARDIS não poderia m ais chegar ao m om ento antes do início do tem po, m as, levando-se tudo em consideração, aquele era um bom desfecho.

Ele estava determ inado a levar Am y direto para casa (com um pequeno desvio pela Andaluzia, na época da cavalaria, onde, em um a pequena estalagem em Sevilha, ele provara o m elhor gaspacho de todos).

O Doutor tinha certeza quase absoluta de que poderia encontrá-lo outra vez.

— Vam os direto para casa. Depois do alm oço — com pletou. — E, durante o alm oço, vou lhe contar a história de Maxim elos e os três Ogrons.

Diam antes e pérolas:

um conto de fadas

Era um a vez, há m uito tem po, em um a época em que as árvores andavam e as estrelas dançavam , um a m enina cuj a m ãe m orreu, e um a nova m ãe veio e se casou com o pai dela, trazendo consigo a própria filha. O pai logo seguiu a prim eira esposa rum o ao túm ulo, deixando a filha para trás.

A nova m ãe não gostava da m enina e a tratava m al, sem pre favorecendo a própria filha, que era indolente e grosseira. Um dia, a m adrasta deu à m enina, que tinha apenas dezoito anos, vinte dólares para que lhe trouxesse drogas.

— Não pare no cam inho — disse a m adrasta.

Assim , a m enina pegou a nota de vinte dólares e pôs um a m açã na bolsa, pois

o cam inho era longo, e saiu andando da casa até o final da rua, onde com eçava o

lado perigoso da cidade.

Ela viu um cachorro am arrado a um poste, suando, desconfortável no calor.

— Pobrezinho — disse a m enina, e deu-lhe água.

O elevador estava quebrado. O elevador de lá estava sem pre quebrado.

Depois de subir m etade dos degraus da escada, ela viu um a prostituta de rosto inchado, que a encarou com olhos am arelos.

— Tom e — disse a m enina, e deu a m açã à prostituta.

Subiu até o andar do traficante e bateu na porta três vezes. O traficante abriu a porta e olhou para ela, sem dizer nada. A m enina lhe m ostrou a nota de vinte dólares, então disse:

— Vej a o estado desse lugar. — E entrou no apartam ento. — Você nunca faz faxina? Onde estão seus produtos de lim peza?

O traficante deu de om bros. Então, apontou para um arm ário. A m enina o abriu e encontrou um esfregão e um trapo. Encheu de água a pia do banheiro e com eçou a fazer um a faxina.

Quando os côm odos estavam m ais lim pos, a m enina disse:

— Me dá o bagulho da m inha m ãe.

Ele entrou no quarto e voltou com um saco plástico. A m enina pôs o saco no bolso e desceu as escadas.

— Moça — interpelou a prostituta. — A m açã estava boa. Mas estou passando m uito m al. Tem um a dose aí?

— É para m inha m ãe — disse a m enina.

— Por favor?

— Pobrezinha.

A m enina hesitou e, então, deu a ela o em brulho.

— Tenho certeza de que m inha m adrasta vai entender — falou a m enina.

Ela deixou o prédio. Enquanto passava, o cachorro disse:

— Menina, você brilha com o um diam ante.

Ela chegou em casa. A m adrasta esperava no côm odo da frente.

— Onde está? — perguntou a m adrasta.

— Sinto m uito — desculpou-se a m enina.

Diam antes caíram de seus lábios, espalhando-se pelo chão.

A m ãe bateu nela.

— Ai! — gritou a m enina, um grito de dor verm elho com o um rubi, e um rubi caiu de sua boca.

A m adrasta ficou de j oelhos e apanhou as j oias.

— Bonitas. Você as roubou?

A m enina negou com um m eneio de cabeça, com m edo de falar.

— Tem m ais delas aí dentro?

A m enina negou com um m eneio de cabeça, com a boca bem fechada.

A m adrasta pegou o braço m acio da m enina entre o indicador e o polegar e a beliscou com toda a força, apertando até as lágrim as correrem dos olhos da m enina, m as ela nada disse. Assim , a m adrasta a trancou no quarto sem j anelas, para que não fugisse.

A m ulher levou os diam antes e o rubi para a Loj a de Penhores e Arm as do Al, na esquina, onde Al deu a ela quinhentos dólares sem fazer perguntas.

Então m andou a outra filha lhe trazer drogas.

A m enina era egoísta. Viu o cachorro ofegante no sol e, depois de se certificar de que o anim al estava acorrentado e não poderia segui-la, chutou-o. Em purrou a prostituta nas escadas. Chegou ao apartam ento do traficante e bateu na porta. O hom em olhou para ela, que lhe deu a nota de vinte sem nada dizer.

Na descida, a prostituta nas escadas disse:

— Por favor…?

A m enina, porém , nem dim inuiu o passo.

— Vadia! — bradou a prostituta.

— Víbora — disse o cachorro, quando a m enina passou por ele na calçada.

Voltando para casa, ela pegou as drogas e abriu a boca para dizer à m ãe:

— Aqui está.

Um pequeno sapo, de cores vivas, escapou dos lábios dela. Saltou do seu braço para a parede, de onde as encarou, sem piscar os olhos.

— Meu Deus. Que coisa m ais noj enta — reclam ou a m enina. E saíram outros cinco sapinhos coloridos e um a pequena serpente com listras verm elhas, pretas e am arelas. — Preta e verm elha. Será venenosa? — indagou a m enina, cuspindo m ais dois sapos coloridos, um a rã, um a pequena cobra-cega branca e um filhote de iguana.

Ela se afastou dos bichos.

A m ãe, que não tinha m edo de cobras nem de nada, chutou a serpente listrada, que m ordeu sua perna. A m ulher gritou e perdeu o equilíbrio, e a filha tam bém com eçou a gritar, um grito alto e com prido que caiu dos lábios dela na form a de um a j iboia adulta e saudável.

A m enina, a prim eira m enina, cuj o nom e era Am anda, ouviu os gritos e, em seguida, o silêncio, m as nada pôde fazer para descobrir o que estava acontecendo.

Bateu na porta. Ninguém abriu. Ninguém disse nada. Os únicos ruídos que ela ouvia eram de um rastej ar, com o se houvesse algo im enso e sem pernas atravessando o carpete.

Quando Am anda ficou com fom e, fam inta dem ais para descrever em palavras, com eçou a falar.

— Inviolada noiva de calm aria e paz. Filha do tem po vagaroso e do silêncio…

Ela falou, em bora as palavras a sufocassem .

— A beleza é a verdade; a verdade é a beleza. É tudo o que há para saber, é tudo de que se precisa saber…

Um a últim a safira despencou no chão de m adeira do quarto de Am anda.

O silêncio foi absoluto.

A volta do m agro Duque branco

Era o m onarca de tudo que seu olhar alcançava, m esm o quando, ao se apresentar ao terraço do palácio à noite para ouvir os relatórios, olhava para o céu, para os aglom erados e espirais de estrelas, am argos e reluzentes. Governava os m undos. Tentara por m uito tem po governar bem , com sabedoria e ser um

bom m onarca, m as é difícil governar, e a sabedoria pode ser dolorosa. E ele descobrira ser im possível, ao governar, fazer apenas o bem , pois não se pode construir nada sem derrubar algum a coisa, e nem ele poderia se im portar com cada vida, cada sonho, cada população de cada m undo.

Pouco a pouco, m om ento a m om ento, a cada pequena m orte, ele deixou de se im portar.

Não m orreria, pois apenas os inferiores m orriam , e ele não era inferior a ninguém .

O tem po passou. Um dia, nas profundezas das catacum bas, um hom em com sangue no rosto olhou para o Duque e o acusou de ter se tornado um m onstro. No instante seguinte, o hom em não existia m ais: era um a nota de rodapé em um livro de história.

O Duque pensou m uito nessa conversa nos dias que se seguiram e, por fim , concordou:

— O traidor tinha razão. Tornei-m e um m onstro. Que coisa. Será que alguém tem com o obj etivo tornar-se um m onstro?

Certa vez, m uito tem po antes, houvera am antes, m as isso fora na aurora do Ducado. Agora, no crepúsculo do m undo, com todos os prazeres livrem ente disponíveis (m as não conseguim os valorizar aquilo que obtem os com facilidade) e sem necessidade de lidar com nenhum a questão sucessória (pois até a ideia de

que outra pessoa poderia um dia suceder ao Duque beirava a blasfêm ia), não havia m ais am antes, assim com o não havia m ais desafios. Ele tinha a sensação de estar dorm indo enquanto os olhos se m antinham abertos e os lábios articulavam palavras, m as não havia nada para despertá-lo.

O dia seguinte àquele em que o Duque percebera que se tornara um m onstro foi o Dia dos Floresceres Estranhos, celebrado com o uso das flores trazidas ao Palácio Ducal vindas de cada planeta e cada plano. Era um dia em que todos no Palácio Ducal, que ocupava um continente inteiro, ficavam tradicionalm ente felizes, e no qual se livravam de suas preocupações e ideias som brias. O Duque, no entanto, não estava contente.

— O que se pode fazer para alegrá-lo? — indagou o besouro de inform ação no om bro dele, que ficava ali para transm itir os caprichos e desej os de seu m estre a um a centena de centenas de m undos. — Basta dizer, Em inência, e im périos serão erguidos e derrubados para fazê-lo sorrir. Estrelas vão se acender em supernovas para entretê-lo.

— Talvez eu precise de um coração — disse o Duque.

— Farei com que um a centena de centenas de corações sej a im ediatam ente rem ovida, rasgada, arrancada, extraída, cortada ou retirada do peito de dez m il espécim es hum anos perfeitos — disse o besouro de inform ação. — Com o quer que sej am preparados? Devo alertar os chefs, os em palhadores, os cirurgiões ou

os escultores?

— Preciso m e im portar com algo — explicou o Duque. — Preciso dar valor à vida. Preciso despertar.

O besouro zuniu e zum biu em seu om bro; era capaz de acessar a sabedoria de dez m il m undos, m as não sabia aconselhar seu m estre quando ele se encontrava em tal ânim o e, por isso, perm aneceu calado. Sua preocupação foi transm itida aos antecessores, os besouros e escaravelhos de inform ação m ais antigos, agora adorm ecidos em caixas ornadas em um a centena de centenas de m undos, e os escaravelhos debateram entre si com pesar, pois, na vastidão do tem po, até isso j á tinha ocorrido antes, e estavam preparados para lidar com a situação.

Um a sub-rotina da aurora dos m undos, há m uito esquecida, foi posta em m ovim ento. O Duque realizava o últim o ritual do Dia dos Floresceres Estranhos sem nenhum a expressão no rosto esguio, um hom em vendo o m undo com o era, sem dar a ele valor algum , quando um a pequena criatura alada flutuou dos botões onde se escondia.

— Em inência — sussurrou. — Minha senhora precisa do senhor. Por favor. É sua única esperança.

— Sua senhora? — indagou o Duque.

— A criatura vem do Além — zum biu o besouro em seu om bro. — De um

dos lugares que não reconhece a Autoridade do Ducado, das terras além da vida e da m orte, entre ser e não ser. Deve ter se escondido num botão de orquídea im portado de outro m undo. Suas palavras são um a arm adilha ou um em buste. Farei com que sej a destruída.

— Não — ordenou o Duque. — Deixe estar.

Fez algo que há anos não fazia: acariciou o besouro com um m agro dedo branco. Os olhos verdes ficaram pretos e o zum bido virou um silêncio perfeito. Tom ou a coisinha nas m ãos em concha e cam inhou em direção aos seus aposentos, enquanto ela lhe contava sobre sua nobre e sábia rainha, e dos gigantes, cada um m ais belo que o outro, cada um m aior e m ais perigoso e m ais

m onstruoso, m antendo sua rainha prisioneira.

E, enquanto a criatura falava, o Duque se lem brou dos dias em que um j ovem das estrelas viera ao Mundo em busca de sua sorte (pois, naquela época, havia sortes por toda parte, esperando para serem encontradas); e, ao lem brar, descobriu que a j uventude estava m enos distante do que pensara. O besouro de inform ação j azia inerte sobre o om bro.

— Por que ela a enviou a m im ? — perguntou à pequena criatura.

Porém , com a tarefa cum prida, a criatura não falou m ais, e desapareceu tão instantânea e perm anentem ente quanto um a estrela extinta por ordem ducal.

O Duque entrou em seus aposentos e desativou o besouro de inform ação,

depositando-o na caixa ao lado da cam a. No estúdio, ordenou aos servos que lhe trouxessem um a caixa preta longa. Abriu-a sozinho e, com um toque, ativou seu conselheiro m estre. Este balançou o corpo, então encolheu-se nos om bros dele em form a de víbora, com o rabo de serpente encaixando no plugue neural na base do pescoço.

O Duque contou à serpente o que pretendia fazer.

— Não é sábio fazê-lo — disse o conselheiro m estre, que dispunha da inteligência e dos conselhos de todos os conselheiros ducais que o antecederam desde que se tem lem brança, após um rápido exam e dos precedentes.

— Busco aventura, não sabedoria — respondeu o Duque.

O fantasm a de um sorriso com eçou a brincar nos cantos de seus lábios, o prim eiro sorriso que os servos viam em um longo tem po, m ais do que eram capazes de se lem brar.

— Então, se não posso dissuadi-lo, leve um corcel de batalha — falou o conselheiro.

Foi um bom conselho. O Duque desativou o conselheiro m estre e m andou buscar a chave para o estábulo dos corcéis de batalha. A chave não era tocada havia m il anos: estava com a corrente em poeirada.

Antes eram seis corcéis de batalha, um para cada um dos Senhores e das Senhoras do Anoitecer. Eram brilhantes, m aravilhosos, invencíveis, e, quando o Duque foi obrigado a encerrar, com pesar, a carreira de cada um dos

Governantes do Anoitecer, recusou-se a destruir seus corcéis de batalha. Em vez disso, recolheu-os onde não representassem perigo aos m undos.

O Duque apanhou a chave e tocou um arpej o de abertura. O portão se abriu, e um corcel de batalha negro com o nanquim , com o o carvão m ais escuro, saiu trotando com graça felina. Ergueu a cabeça e encarou o m undo com olhos orgulhosos.

— Para onde vam os? — perguntou o corcel de batalha. — Com baterem os o quê?

— Vam os ao Além . E quanto ao que com baterem os… bem , resta saber o que será.

— Posso levá-lo a qualquer lugar. E m atarei aqueles que tentarem feri-lo.

O Duque subiu nas costas do corcel de batalha, o m etal frio cedendo com o carne viva sob suas coxas, e im peliu o anim al a avançar.

Um salto, e o corcel galopava pelas espum as e fluxos do subespaço: j untos, eles cavalgavam pela loucura entre os m undos. O Duque riu, então, onde nenhum hom em podia ouvi-lo, enquanto trilhavam pelo subespaço, viaj ando para

sem pre no subtem po (que não é com parado aos segundos de vida de um a pessoa).

— Tenho a sensação de tratar-se de um a arm adilha de algum tipo — disse o corcel de batalha enquanto o espaço entre as galáxias evaporava ao redor deles.

— Sim . Tenho certeza de que é.

— Já ouvi falar dessa Rainha, ou de algo com o ela. Vive entre a vida e a m orte, cham ando guerreiros e heróis e poetas e sonhadores para sua destruição.

— É o que parece — disse o Duque.

— E quando voltarm os ao espaço real, im agino que haverá um a em boscada à nossa espera.

— Me parece bastante provável — concordou o Duque, conform e chegavam ao seu destino, voltando à existência ao irrom per do subespaço.

Os guardiões do lugar eram tão m aravilhosos quanto a descrição no alerta da m ensageira, além de igualm ente ferozes, e estavam à espera.

— O que está fazendo? — perguntaram , aproxim ando-se para o ataque. — Não sabe que estrangeiros são proibidos aqui? Fique conosco. Deixe-nos am á-lo.

Vam os devorá-lo com o nosso am or.

— Vim resgatar sua Rainha — inform ou-lhes o Duque.

— Resgatar a Rainha? — escarneceram . — Ela vai exigir sua cabeça em um a travessa antes m esm o de olhar para você. Muitos vieram até aqui para salvá-la. Suas cabeças repousam em travessas douradas no palácio dela. A sua será apenas a m ais fresca.

Havia hom ens que pareciam anj os caídos e m ulheres que pareciam dem ônios arrebatados. Havia pessoas tão m aravilhosas que, caso fossem hum anas, teriam

se tornado o único foco de desej o do Duque, e se apertaram contra ele, pele contra carapaça e carne contra arm adura, para sentirem sua frieza, e ele sentir o calor delas.

— Fique conosco. Deixe-nos am á-lo — sussurraram , aproxim ando-se com garras e dentes afiados.

— Não creio que seu am or há de se m ostrar bom para m im — respondeu o Duque.

Um a das m ulheres, de cabelo claro, com olhos de um azul peculiar e translúcido, lem brou-o de alguém há m uito esquecida, um a am ante que partira de sua vida tem pos atrás. Encontrou seu nom e na m em ória, e a teria cham ado em voz alta, para ver se ela se voltaria, ver se o conhecia, m as o corcel de batalha reagiu com garras afiadas, e os claros olhos azuis se fecharam para sem pre.

O corcel de batalha era rápido com o um a pantera, e cada um dos guardiães tom bou no chão, retorcendo o corpo e, então, ficando im óveis.

O Duque se viu diante do palácio da Rainha. Desceu do corcel de batalha para a terra fresca.

— A partir daqui, prosseguirei sozinho. Espere, e um dia retornarei — disse o Duque.

— Não acredito que retornará. Vou esperar até o fim do próprio tem po, se necessário. Ainda assim , tem o pelo senhor.

O Duque tocou o aço negro da cabeça do corcel com os lábios e se despediu.

Seguiu adiante para resgatar a Rainha. Lem brou-se de um m onstro que

governara m undos e j am ais m orreria, e sorriu, pois não era m ais aquele hom em .

Pela prim eira vez desde a j uventude, tinha algo a perder, e essa descoberta fez

dele um j ovem novam ente. O coração com eçou a bater no peito enquanto

cam inhava pelo palácio vazio, e ele riu alto.

Ela estava à sua espera, no lugar onde as flores m orrem . Era com o ele a

havia im aginado. A saia era sim ples e branca, as m ações do rosto, proem inentes e

m uito escuras, o cabelo, com prido e da cor infinitam ente escura da asa de um

corvo.

— Estou aqui para resgatá-la — anunciou.

— Está aqui para resgatar a si m esm o — corrigiu ela.

Sua voz era quase um sussurro, com o a brisa que agitava as flores m ortas.

O Duque inclinou a cabeça, em bora ela fosse tão alta quanto ele.

— Três perguntas — sussurrou a Rainha. — Responda-as corretam ente, e tudo

que desej a será seu. Fracasse, e sua cabeça repousará para sem pre em um a

travessa dourada.

A pele dela era m arrom com o as pétalas de rosa m ortas. Os olhos eram do

dourado-escuro do âm bar.

— Faça suas três perguntas — disse ele, com um a confiança que não sentia.

A Rainha estendeu um dedo e correu a ponta gentilm ente pela bochecha dele.

O Duque não se lem brava da últim a vez que alguém o tinha tocado sem perm issão.

— O que é m aior que o universo? — perguntou ela.

— O subespaço e o subtem po — respondeu o Duque. — Pois am bos incluem o universo, e tam bém aquilo que não é o universo. Mas desconfio que busca um a resposta m ais poética e m enos precisa. Assim , digo que é a consciência, pois pode conter um universo, m as tam bém im aginar coisas que j am ais foram e que nunca hão de ser.

A Rainha nada disse.

— Está certo? Está errado? — indagou o Duque.

Quis, por um m om ento, sentir o sussurro de serpente do conselheiro m estre, descarregando em seu plugue neural a sabedoria acum ulada pelos conselheiros com o passar dos anos, ou até o zum bido de seu besouro de inform ação.

— A segunda pergunta — disse a Rainha. — O que é m aior que um rei?

— Obviam ente, um duque. Pois todos os reis, papas, chanceleres, im peratrizes e afins servem m inha vontade e apenas m inha vontade. No entanto, m ais um a vez, desconfio que estej a em busca um a resposta que sej a m enos precisa e m ais im aginativa. Novam ente, a consciência é m aior que um rei. E um duque. Pois,

em bora eu não sej a inferior a ninguém , há quem possa im aginar um m undo em

que haj a algo superior a m im , e algo ainda superior a isso, e assim por diante.

Não! Espere! Já sei a resposta. É a Grande Árvore: *Kether*, a Coroa, o conceito

da m onarquia. Isso é m aior que qualquer rei.

A rainha olhou para o Duque com seus olhos de âm bar, e disse:

— A últim a pergunta. O que não pode j am ais ser tom ado de volta?

— Minha palavra. Em bora, pensando bem , depois de dar m inha palavra, às

vezes as circunstâncias m udem e, às vezes, as próprias palavras m udem de

m aneiras infelizes ou inesperadas. De tem pos em tem pos, se as coisas chegam a

esse ponto, m inha palavra precisa ser m odificada de acordo com a realidade. Eu

diria a Morte, m as, na verdade, se tenho necessidade de alguém de que j á m e

livrei, sim plesm ente ordeno sua reincorporação…

A Rainha parecia im paciente.

— Um beij o — disse o Duque.

Ela assentiu.

— Há esperança para você — sentenciou. — Acredita ser m inha única

esperança, m as, na verdade, eu sou a sua. As respostas foram todas erradas. No

entanto, a últim a foi m enos errada que o restante.

O Duque pensou na ideia de perder a cabeça para aquela m ulher, e se viu

m enos perturbado por tal perspectiva do que o esperado.

Um vento soprou pelo j ardim de flores m ortas, e o Duque foi lem brado de fantasm as perfum ados.

— Gostaria de saber a resposta? — perguntou ela.

— Respostas. Certam ente.

— Só há um a resposta, que é a seguinte: o coração. O coração é m aior que o universo, pois pode encontrar em si com paixão para tudo que existe, e o próprio universo não sente com paixão O coração é m aior que um rei, pois um coração pode conhecer um rei por aquilo que ele é, e, ainda assim , am á-lo. E, depois de entregar o coração, é im possível tom á-lo de volta.

— Eu bem respondi um beij o — protestou o Duque.

— Não foi tão errada quanto as outras respostas.

O vento soprou m ais forte e selvagem , e, por um instante, o ar se encheu de pétalas m ortas. Então, o vento sum iu tão de repente quanto tinha surgido, e as pétalas soltas caíram no chão.

— Pois bem , fracassei na prim eira tarefa que m e designou. Porém , não creio que m inha cabeça ficaria bem em um a travessa dourada — disse o Duque. — Nem sobre qualquer outro tipo de prato. Dê-m e um a tarefa, um a m issão, algo que eu possa cum prir para m ostrar que sou digno. Deixe-m e resgatá-la deste lugar.

— Nunca sou eu quem precisa ser resgatada. Seus conselheiros e escaravelhos e program as não o querem m ais. Eles o enviaram aqui, com o

fizeram com aqueles que o precederam , m uito tem po atrás, porque é m elhor que

você desapareça por vontade própria do que ser assassinado por eles enquanto dorm e. E m enos perigoso. — Tom ou a m ão dele nas suas. — Venha.

Cam inharam para longe do j ardim de flores m ortas, passando pelas fontes de luz, proj etando seu brilho no vazio, chegando a um a cidadela de canção, onde vozes perfeitas aguardavam em cada esquina, suspirando, entoando, cantarolando e ecoando, em bora ninguém estivesse ali para cantar.

Além da cidadela, havia apenas brum as.

— Ali — apontou a Rainha. — Chegam os ao fim de tudo, onde nada existe além do que criam os, por ato de nossa vontade ou de nosso desespero. Aqui, neste lugar, posso falar livrem ente. Som os apenas nós, agora. — Ela olhou nos olhos dele. — Você não precisa m orrer. Pode perm anecer com igo. Vai ficar feliz

em finalm ente encontrar alegria, um coração, e o valor da existência. E eu vou am á-lo.

O Duque lançou a ela um olhar intrigado, com um brilho de raiva.

— Pedi para m e im portar. Pedi algo com que pudesse m e im portar. Pedi um coração.

— E eles lhe deram tudo que pediu. Contudo, não pode ser o m onarca deles e ter essas coisas. Por isso, não pode voltar.

— Eu… pedi a eles que fizessem isso acontecer — disse o Duque.

Ele não parecia com raiva, não m ais. As brum as no lim iar daquele lugar eram pálidas e feriam os olhos do Duque quando ele as encarava m uito profundam ente ou por tem po dem ais.

O chão com eçou a sacudir, com o se estivesse sob os passos de um gigante.

— Algum a coisa é verdadeira aqui? Há algo perm anente? — indagou o Duque.

— Tudo é verdadeiro. Aí vem o gigante. E ele vai m atá-lo, a não ser que você o derrote.

— Quantas vezes j á passou por isso? Quantas cabeças acabaram em travessas douradas?

— Nenhum a cabeça j am ais foi parar em um a travessa dourada. Não sou program ada para m atá-los. Lutam por m im e m e conquistam e ficam com igo, até fecharem os olhos pela últim a vez. Ficam satisfeitos em perm anecer, ou então eu os satisfaço. Mas você… Você precisa do seu descontentam ento, não?

Ele hesitou. Então, confirm ou com um gesto da cabeça.

Ela colocou os braços ao redor dele e o beij ou, lentam ente e com doçura. O beij o, um a vez dado, não podia ser retom ado.

— E agora, vou enfrentar o gigante e salvá-la?

— É o que acontece.

Olhou para ela. Olhou para si, para a arm adura entalhada, para as arm as.

— Não sou um covarde. Nunca fugi de um a luta. Não posso voltar, m as não

ficarei satisfeito em perm anecer neste lugar com você. Assim , esperarei aqui e deixarei o gigante m e m atar.

Ela parecia alarm ada.

— Fique com igo. Fique.

O Duque olhou para trás, para a brancura vazia, e perguntou:

— O que j az lá fora? O que há além da brum a?

— Você fugiria? Deixaria-m e aqui?

— Vou cam inhar. E não vou fugir. Porém , vou cam inhar naquela direção. Eu queria um coração. O que há do outro lado da brum a?

Ela balançou a cabeça.

— Além da brum a fica *Malkuth*: o Reino. Mas ele não existe, a não ser que o crie. Passa a existir conform e você o produz. Se ousar avançar rum o à brum a, construirá um m undo ou deixará de existir por com pleto. E pode fazê-lo. Não sei

o que vai acontecer, a não ser o seguinte: se cam inhar para longe de m im , j am ais poderá voltar.

Ele ainda ouvia um a batida, m as não tinha m ais certeza de se tratar dos passos de um gigante. Parecia m ais o bater, bater, bater do seu próprio coração.

Voltou-se na direção da neblina, antes que pudesse m udar de ideia, e cam inhou rum o ao nada, sentindo o frio e a um idade na pele. A cada passo, ele sentia que se tornava m enos. Os plugues neurais deixaram de funcionar, sem

oferecer nenhum a inform ação nova, até o nom e e o status dele tam bém se perderem .

Não sabia ao certo se estava procurando um lugar ou se o estava criando. Mas lem brou-se da pele escura e dos olhos cor de âm bar dela. Lem brou-se das estrelas. (Decidiu que haveria estrelas no lugar para onde ia. É preciso que elas existam .)

Seguiu em frente. Suspeitou que antes vestia um a arm adura, m as sentiu a neblina úm ida no rosto, no pescoço, e arrepiou-se dentro do casaco fino contra o frio ar da noite.

Tropeçou, o pé resvalando no m eio-fio.

Então, endireitou as costas, e olhou para as luzes dos postes em m eio à neblina.

Um carro passou perto (perto dem ais) e sum iu na distância, pintando a neblina de

verm elho com suas luzes traseiras.

Minha antiga mansão, pensou, com carinho, e a isso se seguiu um m om ento de pura confusão diante da ideia de Beckenham ser algum a antiga coisa sua. Tinha acabado de se m udar para lá. Era um lugar para usar com o base. Um lugar de onde escapar. O obj etivo era esse, não era?

Entretanto, a ideia de um hom em fugindo (um lorde ou um duque, talvez, pensou, gostando da sensação que causava em sua m ente) pairou e perdurou em sua consciência, com o o início de um a canção.

— Prefiro com por um a canção de algum a coisa do que governar o m undo — disse em voz alta, sentindo o sabor das palavras na boca.

Apoiou o estoj o do violão na parede, pôs a m ão no bolso do casaco, encontrou um pequeno lápis e um caderno barato e escreveu. Esperava encontrar logo um a palavra de duas sílabas para a *alguma coisa*.

Então, abriu cam inho pelo pub. A atm osfera aconchegante e etílica o recebeu quando entrou. O ruído baixo e queixoso de um a conversa de bar. Alguém cham ou seu nom e, e ele respondeu acenando com um a m ão branca, apontando para o relógio de pulso e, em seguida, para a escada. A fum aça de cigarro dava ao ar um a leve tonalidade azul. Ele tossiu um a vez do fundo do peito, e sentiu vontade de fum ar tam bém .

Subia a escada coberta com um carpete verm elho todo puído, segurando o estoj o do violão com o um a arm a, e o que quer que estivesse em sua cabeça antes de virar a esquina de High Street evaporava a cada passo. Fez um a pausa no corredor escuro antes de abrir a porta para o côm odo do andar de cim a do pub. O burburinho das conversas e o tilintar dos copos indicavam a presença de algum as pessoas j á trabalhando e esperando. Alguém afinava um violão.

Monstro? , pensou o j ovem . *Tem duas sílabas*.

Revirou a palavra m uitas vezes na consciência antes de decidir que era capaz de encontrar algo m elhor, algo m aior, algo m ais condizente com o m undo que ele pretendia conquistar, e, com um arrependim ento apenas m om entâneo,

abandonou-a para sem pre. E entrou.

Term inações fem ininas

Minha querida,

Com ecem os form alm ente esta carta, este prelúdio para um encontro, com um a declaração à m oda antiga: eu te am o. Você não m e conhece. (Em bora j á tenha m e visto, sorrido para m im , colocado m oedas na palm a da m inha m ão.)

Eu a conheço. (Mas não tão bem quanto gostaria. Quero estar lá quando seus olhos se abrirem pela m anhã, para que você m e vej a e sorria. Seria o m ais próxim o do Paraíso, com certeza?) Assim , declaro-m e a você agora, com a caneta no papel. Declaro m ais um a vez: eu te am o.

Escrevo isso na sua língua, no seu idiom a, um a língua que tam bém falo. Tenho um bom dom ínio. Alguns anos atrás, estive na Inglaterra e na Escócia. Passei um verão inteiro de pé em Covent Garden, com exceção do m ês em que fiquei em Edim burgo, por causa do festival de arte. Entre as pessoas que puseram dinheiro na m inha caixinha estavam o sr. Kevin Spacey, o ator, e o sr. Jerry Springer, o astro da tevê am ericana, que estava em Edim burgo para assistir a um a ópera sobre sua vida.

Adiei a escrita desta carta por tem po dem ais, em bora quisesse escrevê-la e a tivesse escrito m uitas vezes na cabeça. Devo escrever sobre você? Sobre m im ? Prim eiro você.

Adoro seu cabelo, com prido e ruivo. Na prim eira vez que a vi, acreditei que fosse um a dançarina, e ainda acho que tem o corpo de um a. As pernas, a postura, a cabeça erguida e em pinada. Foi o sorriso que m e disse que você era estrangeira, antes m esm o de ouvi-la falar. Em m eu país, explodim os em gargalhadas, com o o sol que se revela e ilum ina os cam pos antes de voltar para trás de um a nuvem , cedo dem ais. Os sorrisos são valiosos aqui, e raros. Mas você sorria o tem po todo, com o se tudo que visse a agradasse. Sorriu na prim eira vez que m e viu, um sorriso ainda m ais aberto que antes. Você sorriu e eu fiquei perdido, com o um a criança pequena em um a grande floresta sem j am ais

encontrar o cam inho de casa.

Aprendi ainda j ovem que os olhos são dem asiadam ente reveladores. Na

m inha profissão, alguns adotam os óculos escuros, ou m esm o (estes eu desprezo

am argam ente, rindo do seu am adorism o) m áscaras que cobrem o rosto inteiro.

De que serve um a m áscara? Minha solução envolve lentes de contato teatrais,

com pradas de um site am ericano por pouco m enos de quinhentos euros, que

cobrem os olhos por com pleto. São de um cinza-escuro, é claro, e parecem

pedra. Já ganhei m ais de quinhentos euros com elas, j á pagaram o próprio custo

m uitas vezes. Talvez você pense que, dada a m inha profissão, eu sej a pobre, m as

estaria errada. De fato, acredito que se surpreenderia com quanto j á acum ulei.

Minhas necessidades têm sido pequenas, e m inha renda é sem pre boa.

A não ser quando chove.

Às vezes, até quando chove. Os outros, com o talvez j á tenha observado, m eu

am or, se recolhem quando chove, abrem seus guarda-chuvas, saem correndo.

Eu perm aneço onde estou. Sem pre. Sim plesm ente espero, im óvel. Tudo isso

reforça a credibilidade da apresentação.

É um a apresentação, assim com o no m eu tem po de ator de teatro, de

assistente de m ágico, até em m inha época de dançarino. (É por isso que conheço

os corpos dos dançarinos). Sem pre tive consciência dos indivíduos na plateia.

Descobri isso com todos os atores e dançarinos, a não ser os m íopes, para quem a

plateia é um borrão. Minha visão é boa, apesar das lentes de contato.

“Viu o hom em de bigode na terceira fila?”, dizíam os. “Está dirigindo olhares

cheios de luxúria a Minou.” E Minou respondia: “Sim . Mas a m ulher no corredor,

que parece a chanceler alem ã, está lutando contra o sono.” Se um a pessoa

adorm ece, podem os perder a plateia inteira, e assim passávam os o resto da noite

nos apresentando para um a m ulher de m eia-idade que desej ava apenas

sucum bir à sonolência.

Na segunda vez que você se aproxim ou de m im , chegou tão perto que pude

sentir o cheiro do seu xam pu. Era um perfum e de flores e frutas. Im agino que a

Am érica sej a um continente inteiro cheio de m ulheres com cheiro de flores e

frutas. Você conversava com um j ovem da universidade. Estava se queixando

das dificuldades do nosso idiom a para um am ericano. “Entendo o que confere

um gênero a hom ens e m ulheres”, você dizia. “Mas o que faz um a cadeira ser

fem inina e um pom bo ser m asculino? Por que um a estátua deveria ter um a

term inação fem inina?”

O j ovem , naquele m om ento, riu e apontou diretam ente para m im . Porém , na

verdade, para quem está cam inhando pela praça, é im possível descobrir algo a

m eu respeito. A toga parece m árm ore velho, m anchado pela água, desgastado

pelo tem po, coberto de líquens. A pele poderia ser de granito. Até eu m e m over,

sou pedra e bronze antigo, e não m e m exo se não desej ar. Sim plesm ente

perm aneço im óvel.

Algum as pessoas esperam na praça por tem po dem ais, m esm o na chuva,

para ver o que farei. Não se sentem confortáveis sem saber, e só ficam

satisfeitas depois de terem se assegurado que sou natural, e não artificial. É a

incerteza que prende as pessoas, com o um rato em um a arm adilha.

Talvez eu estej a escrevendo dem ais a m eu respeito. Sei que esta é um a carta

de apresentação tanto quanto é um a carta de am or. Eu deveria escrever sobre

você. Seu sorriso. Os olhos tão verdes. (Você não conhece a verdadeira cor dos

m eus olhos. Vou lhe dizer qual é. São castanhos.) Gosta de m úsica clássica, m as

tam bém tem ABBA e Kid Loco no seu iPod nano. Não usa perfum e. Suas roupas

de baixo são, em geral, desgastadas e confortáveis, em bora tenha um único

conj unto de calcinha e sutiã com renda verm elha que usa em ocasiões especiais.

As pessoas m e observam na praça, m as o olhar só é atraído pelo m ovim ento.

Aperfeiçoei o m inúsculo m ovim ento, tão pequeno que o transeunte m al consegue

dizer se viu algo ou não. Com o? Com frequência, as pessoas não enxergam aquilo

que não se m ove. Os olhos enxergam sem ver, descartando. Tenho form a

hum ana, m as não sou hum ano. Assim , para que m e vej am , para fazer com que

olhem para m im , para im pedir que seus olhos deslizem direto por m im sem

prestar atenção, sou obrigado a fazer m ovim entos m ínim os para atrair seus

olhares. Então, e som ente então, elas m e enxergam . Mas nem sem pre entendem

o que viram .

Penso em você com o um código a ser decifrado, um enigm a a ser

solucionado, ou um quebra-cabeça a ser m ontado. Cam inho por sua vida, m as

perm aneço im óvel no lim iar da m inha própria. Meus gestos (precisos, típicos de

estátua) são frequentem ente interpretados de m aneira equivocada. Eu desej o

você. Não duvido disso.

Você tem um a irm ã m ais nova. Ela tem um a conta no My Space e um a conta

no Facebook. Às vezes, conversam os trocando m ensagens. Muitas vezes, as

pessoas supõem que um a estátua m edieval exista apenas no século XV. Não é

verdade: tenho um quarto e um laptop. Uso senha no m eu com putador. Adoto

com portam entos seguros na inform ática. Sua senha é o seu prim eiro nom e. Isso

não é seguro. Qualquer um pode ler seus e-m ails, olhar suas fotos, reconstruir

seus interesses a partir do seu histórico de navegação. Alguém interessado, que se

im portasse com isso, poderia passar incontáveis horas construindo um esquem a

com plexo da sua vida, encontrando a correspondência entre as pessoas nas fotos e os nom es nos e-m ails, por exem plo. Não seria difícil reconstruir um a vida a partir de um com putador ou de m ensagens de celular. Seria com o preencher um

j ogo de palavras cruzadas.

Lem bro quando adm iti para m im m esm o que você tinha com eçado a m e observar, olhando apenas para m im no cam inho que passava pela praça. Você parava. Me adm irava. Viu eu m e m over um a vez, para um a criança, e disse a um a m ulher que a acom panhava, alto o bastante para que pudesse ser ouvida, que talvez eu fosse um a estátua real. Recebo isso com o o m aior dos elogios.

Tenho m uitos estilos diferentes de m ovim ento, é claro. (Posso m e m over com o

um a engrenagem de relógio, em um a sequência de pequenos solavancos e pausas, posso m e m over com o um robô ou autôm ato. Posso m e m over com o um a estátua voltando à vida depois de passar centenas de anos com o pedra.)

Ao alcance da m inha audição, você falou m uitas vezes na beleza dessa pequena cidade. Em com o, para você, estar dentro da com posição dos vitrais da antiga igrej a era com o estar aprisionada dentro de um caleidoscópio de j oias. Era com o estar no coração do sol. Além disso, estava preocupada com a doença da sua m ãe.

Quando era estudante de graduação, trabalhou com o cozinheira, e as pontas dos seus dedos são cobertas de m arcas e cicatrizes de m ilhares de pequenos

cortes de faca.

Am o você, e é m eu am or que m e im pele a saber tudo a seu respeito. Quanto

m ais sei, m ais próxim o de você m e torno. Você planej ava vir ao m eu país com

um j ovem , m as ele partiu seu coração, e, ainda assim , você veio aqui para irritá-

lo, e, ainda assim , sorriu. Fecho m eus olhos e posso vê-la sorrindo. Fecho m eus

olhos e vej o-a em m eio a um a revoada de pom bos, atravessando a passos largos

a praça da cidade. As m ulheres deste país não dão passos largos. Elas se m ovem

com tim idez, a não ser que sej am dançarinas. E, quando dorm e, seus cílios são com o asas de borboleta. A m aneira com o sua bochecha toca o travesseiro. Seu j eito de sonhar.

Sonho com dragões. Quando era pequeno, no lar, disseram -m e que havia um dragão sob a cidade velha. Im aginei o dragão retorcido feito a fum aça preta sob os edifícios, habitando as fissuras entre os porões, insubstancial, m as sem pre presente. É assim que penso no dragão, e é assim que penso no passado, agora. Um dragão preto feito de fum aça. Na m inha apresentação, fui com ido pelo dragão e m e tornei parte do passado. Tenho, na verdade, setecentos anos. Os reis vêm e vão. Exércitos chegam e são absorvidos ou voltam para casa, deixando apenas edifícios danificados, viúvas e filhos bastardos atrás de si, m as as estátuas

perm anecem , e o dragão de fum aça, e o passado.

Digo isso, em bora a estátua que eu im ite não sej a dessa cidade. Fica diante de um a igrej a no sul da Itália, onde acreditam que representa a irm ã de João Batista, ou um lorde local que fez um a grande doação à igrej a para celebrar o fato de não ter sucum bido à peste ou o anj o da m orte.

Eu im aginei você de um a pureza perfeita, m eu am or, pura com o eu, m as certa vez descobri que a calcinha de renda verm elha estava no fundo do cesto de

roupa suj a e, ao exam iná-la com atenção, pude verificar que você tinha, sem dúvida, abandonado a castidade na noite anterior. Só você sabe com quem , pois não com entou o incidente em suas cartas para casa nem fez alusão a isso em seu diário on-line.

Um dia, um a m enina m e observou, voltou-se para a m ãe e disse: “Por que ela está tão infeliz?” Traduzo para você, é claro. A m enina estava se referindo a m im

com o estátua e, por isso, usou a term inação fem inina. “Por que você acha que ela está infeliz?”, a m ãe perguntou. A m enina então respondeu: “Que outro m otivo as pessoas teriam para se tornarem estátuas?” Com um sorriso, a m ãe disse: “Talvez ela sej a infeliz no am or.”

Não estava infeliz no am or. Estava preparado para esperar até que tudo estivesse certo, algo m uito diferente.

Há tem po. Sem pre há tem po. Essa é a dádiva que eu trouxe da existência com o estátua (um a das dádivas, devo dizer).

Você passou por m im , olhou para m im e sorriu, e passou andando por m im , e em outras vezes m al reparou em m im com o algo diferente de um obj eto. É de fato notável quão pouco você e os dem ais hum anos reparam em algo que perm anece com pletam ente im óvel. Acordou durante a noite, foi ao banheiro, urinou, voltou para a cam a, dorm iu de novo, em paz. Não repararia em algo com pletam ente im óvel, não é? Algo nas som bras?

Se pudesse, eu teria feito o papel desta carta endereçada a você a partir do

m eu corpo. Pensei em m isturar m eu sangue ou m inha saliva à tinta, m as não. É

possível exagerar nas dem onstrações, em bora grandes am ores exij am grandes

gestos, não? Estou desacostum ado com os grandes gestos. Tenho m ais treino nos

gestos m inúsculos. Em um a ocasião, fiz um m enino gritar, sim plesm ente sorrindo

para ele quando tinha se convencido de que eu era feito de m árm ore. É o m enor

dos gestos que j am ais será esquecido.

Eu te am o, eu te quero, preciso de você, sou seu assim com o você é m inha.

Pronto. Declarei m eu am or por você.

Logo, espero, você saberá disso por conta própria. E então nunca nos

separarem os. Terá chegado a hora, em um instante, de virar-se, guardar a carta.

Estou com você, m esm o agora, nesses antigos apartam entos com tapetes

iranianos nas paredes.

Você passou andando por m im vezes dem ais.

Chega.

Estou aqui com você. Estou aqui agora.

Quando guardar a carta. Quando se virar e olhar para o outro lado desse velho

côm odo, varrendo-o com os olhos, aliviada, com alegria ou até terror…

Então, vou m e m over. Um gesto m ínim o. E, finalm ente, você vai m e ver.

Respeitando as form alidades

Com o sabe, não fui convidada para o batism o. Deixe isso para lá, você diz.

Mas são as pequenas form alidades que m antêm o m undo girando.

Cada um a das m inhas doze irm ãs recebeu um convite, gravado, e entregue

Por um serviçal. Pensei que talvez m eu serviçal tivesse se perdido.

Poucos convites chegam a m im aqui. As pessoas não deixam m ais cartões de visita.

E, m esm o quando o faziam , eu lhes dizia que não estava em casa,

Deplorando a falta de m odos dessas gerações m ais novas.

Eles com em de boca aberta. Interrom pem os outros.

Os bons m odos são tudo, e as form alidades. Quando perdem os isso

Perdem os tudo. Sem eles, poderíam os perfeitam ente estar m ortos.

Coisas sim plórias e inúteis. Aos j ovens deveríam os ensinar um ofício, sej a

lenhador ou tecelão,

Aprendendo seu lugar e nele perm anecendo. Ser visto, não ouvido. Ser silencioso.

Minha irm ã m ais nova está sem pre atrasada, e a tudo interrom pe. Já eu exij o

pontualidade.

Disse a ela que nada de bom virá dos atrasos. Disse a ela,

Quando ainda estávam os bem , quando ela ainda ouvia. Ela riu.

Alguém poderia dizer que eu não devia ter aparecido sem ser convidada,

Mas é preciso ensinar lições às pessoas. Sem isso, ninguém j am ais vai aprender.

As pessoas são sonhos, estranheza e falta de j eito. Furam seus dedos,

Sangram e roncam e babam . A boa educação é silenciosa com o um túm ulo,

Im óvel, rosas sem espinhos. Ou lírios brancos. As pessoas precisam aprender.

Inevitavelm ente, m inha irm ã chegou atrasada. A pontualidade é a boa educação

dos príncipes,

Isso, e convidar todas as m adrinhas em potencial para o batism o.

Disseram ter pensado que eu estava m orta. Talvez estej a. Não consigo m ais

lem brar.

Ainda assim , era preciso respeitar as form alidades.

Eu teria tornado o futuro dela tão organizado e educado. Dezoito é idade suficiente. Mais que suficiente.

Depois disso, a vida vira um a bagunça. Am ores e corações são coisas m uito confusas.

Batism os são ocasiões agitadas, e barulhentas e rancorosas,

Tão ruins quanto casam entos. Convites se perdem . Haveria discussões envolvendo precedência e presentes.

Teriam m e convidado para o funeral.

A Bela e a Adorm ecida

Segundo o voo dos corvos, aquele era o reino m ais próxim o ao da rainha, m as nem os corvos o sobrevoavam . A alta cadeia de m ontanhas que servia com o

fronteira entre os dois reinos desencoraj ava tanto corvos quanto pessoas, e era considerada intransponível.

Mais de um com erciante em preendedor, em am bos os reinos, contratara m oradores para buscar um a passagem nas m ontanhas — passagem que, se existisse, tornaria m uito rico o hom em ou a m ulher que a controlasse. As sedas de Dorim ar chegariam a Kanselaire em sem anas ou m eses, e não anos. Porém , não havia passagem a ser encontrada e, assim , em bora os dois reinos dividissem um a fronteira, ninguém atravessava de um lugar para o outro.

Até os anões, resistentes, audazes e com postos de m ágica tanto quanto de carne e osso, eram incapazes de transpor a cordilheira.

Mas isso não era um problem a para os anões. Eles não cam inhavam sobre ela. Passavam por baixo.

* * *

MESMO EM UM grupo de três, os anões percorriam as trilhas escuras sob as m ontanhas com a m esm a agilidade de um viaj ante solitário:

— Rápido! Rápido! — clam ava o anão que vinha por últim o. — Tem os que com prar para ela as m elhores sedas em Dorim ar. Se não nos apressarm os, talvez as m elhores peças sej am vendidas, obrigando-nos a com prar tecidos inferiores.

— Já sabem os! Já sabem os! — disse o anão à frente da fila. — E com prarem os tam bém um a caixa para transportar os tecidos, para que

perm aneçam perfeitam ente lim pos e protegidos da poeira.

O anão do m eio nada disse. Segurava com força sua gem a, sem perdê-la nem deixá-la cair, concentrando-se apenas nisso e em nada m ais. A gem a era um rubi do tam anho de um ovo de galinha, arrancada de um a pedra. Valeria um reino inteiro depois de polido e trabalhado, e poderia facilm ente ser trocado pelas m elhores sedas de Dorim ar.

Os anões não pensariam em presentear a j ovem rainha com algo que eles m esm os tivessem escavado da terra. Seria fácil dem ais, corriqueiro dem ais. Para os anões, é a distância que confere m agia a um presente.

* * *

A RAINHA DESPERTOU cedo naquela m anhã.

— Daqui a um a sem ana — anunciou em voz alta. — Daqui a um a sem ana vou m e casar.

Aquilo parecia ao m esm o tem po im provável e extrem am ente definitivo. Ela se perguntava qual seria a sensação de ser um a m ulher casada. Concluiu que seria o fim da sua vida, caso a vida fosse o tem po das nossas escolhas. Dali a um a sem ana, ela não teria m ais escolhas. Reinaria sobre seu povo. Teria filhos. Talvez m orresse no parto, talvez m orresse com idade avançada ou em um a batalha. No entanto, o percurso até sua m orte, a cada batida do coração, seria inevitável.

Ela ouvia os carpinteiros nos cam pinas em frente ao castelo, construindo os assentos destinados àqueles que viriam assistir à cerim ônia. Cada m artelada soava com o a batida surda de um im enso coração.

* * *

OS TRÊS ANÕES saíram às pressas de um buraco na m argem do rio e subiram cam baleantes no prado, um , dois, três. Escalaram a lateral de um a escarpa de granito, alongaram -se, esticaram as pernas, pularam e alongaram -se de novo. Então correram em direção ao norte, rum o ao conj unto de construções baixas que form ava o vilarej o de Giff — m ais especificam ente, à estalagem local.

O dono da estalagem era am igo deles: tinham lhe trazido um a garrafa de vinho Kanselaire (de um verm elho profundo, doce e saboroso, bem diferente dos vinhos pungentes e claros daquela região), com o sem pre faziam . Ele os alim entava, os aconselhava e os m andava seguir o seu cam inho.

O estalaj adeiro, de peito tão largo quanto seus barris, barba tão cerrada e ruiva quanto a cauda de um a raposa, estava no bar. Era m anhã e, nas visitas anteriores dos anões naquele horário, o am biente estivera vazio, m as agora devia haver trinta pessoas ali, e nenhum a parecia feliz.

Os anões, que esperavam fazer um a visita discreta a um bar vazio, viram -se alvo dos olhares de todos.

— Mestre Foxen — disse o anão m ais alto ao estalaj adeiro.

— Garotos — cum prim entou o estalaj adeiro, que achava que os anões eram m eninos, em bora tivessem quatro, talvez cinco vezes sua idade. — Sei que vocês viaj am pelas passagens das m ontanhas. Precisam os sair daqui.

— O que está havendo? — perguntou o m enor dos anões.

— Sono! — reclam ou o bêbado perto da j anela.

— Peste! — anunciou um a m ulher bem -vestida.

— Desgraça! — explicou um funileiro, com as panelas batendo enquanto falava. — A desgraça está a cam inho!

— Viaj am os rum o à capital — disse o anão m ais alto, que não ultrapassava um a criança em altura e não tinha barba. — A peste está na capital?

— Não é peste — salientou o bêbado perto da j anela, de barba com prida e grisalha, com m anchas am areladas de cervej a e vinho. — É o sono, estou dizendo.

— Com o o sono pode ser um a peste? — indagou o anão m enor, que tam pouco usava barba.

— Um a bruxa! — disse o bêbado.

— Um a fada m alvada — corrigiu um hom em de rosto rechonchudo.

— Era um a feiticeira, pelo que ouvi — contribuiu a garota do caneco.

— Sej a lá o que for, ela não foi convidada para a celebração de um nascim ento — acrescentou o bêbado.

— Bobagem — disse o funileiro. — Ela teria am aldiçoado a princesa m esm o se tivesse sido convidada para a festa do dia do batism o. Era um a dessas bruxas da floresta, confinada às m argens do reino m il anos atrás, um a gente ruim . Am aldiçoou a bebê ao nascer, determ inando que, ao com pletar dezoito anos, a m enina picaria o dedo e dorm iria para sem pre.

O hom em de rosto rechonchudo lim pou a testa. Estava suando, em bora não fizesse calor, e acrescentou:

— Pelo que ouvi, ela ia m orrer, m as outra fada, dessa vez um a fada boa, converteu a sentença de m orte m ágica em sono. Um sono m ágico.

— Bem , ela picou o dedo em algum a coisa. E adorm eceu. E os dem ais no castelo (o senhor e sua m ulher, o açougueiro, o padeiro, a leiteira, a dam a de com panhia) adorm eceram , assim com o ela. Nenhum deles envelheceu um dia desde que fecharam seus olhos — explicou o bêbado.

— Havia rosas. Rosas que cresciam ao redor do castelo — observou a m enina do caneco. — E a floresta foi ficando m ais densa, até se tornar im penetrável. Isso foi há quanto tem po, cem anos?

— Sessenta. Talvez oitenta — disse um a m ulher que não falara até então. — Sei disso porque m inha tia Letitia se lem brava de quando aconteceu, quando era

m enina, e ela não tinha m ais de setenta quando m orreu da m aldita disenteria, e,

no fim do verão, com pletam -se apenas cinco anos desde que isso aconteceu.

— …e hom ens coraj osos — prosseguia a garota do caneco. — Sim , e

m ulheres coraj osas tam bém , dizem , tentaram viaj ar à floresta de Acaire, até o

castelo que ocupa seu centro, na tentativa de despertar a princesa e, ao fazê-lo, despertar tam bém todos os adorm ecidos, m as cada um deles term inou sua vida perdido na floresta, assassinado por bandidos ou em palado nos espinhos das roseiras que envolvem o castelo…

— Com o se pode despertá-la? — indagou o anão m édio, cuj a m ão ainda segurava a pedra, pois pensava no essencial.

— O m étodo de sem pre. Conform e dizem as lendas — respondeu a garota do caneco, ruborizando.

— O quê? Um a bacia de água gelada no rosto e um grito de *Bom dia, flor do dia*? — ironizou o anão m ais alto.

— Um beij o — corrigiu o bêbado. — Mas ninguém j am ais chegou tão perto. Faz sessenta anos que tentam . Dizem que a bruxa…

— Fada — disse o hom em gordo.

— Feiticeira — corrigiu a garota do caneco.

— Sej a o que for, continua lá — disse o bêbado. — É o que dizem . Se conseguirem chegar tão perto. Se vencerem as rosas, ela estará esperando. É tão antiga quanto as colinas, m á com o um a serpente, pura m aldade, m agia e m orte.

O m enor dos anões inclinou a cabeça para o lado antes de perguntar:

— Então, há um a m ulher dorm indo no castelo, e talvez um a bruxa ou fada com ela. E de onde veio a peste?

— Com eçou ano passado, no norte, além da capital — disse o hom em de rosto rechonchudo. — Soube pela prim eira vez por viaj antes vindos de Stede, que fica perto da floresta de Acaire.

— As pessoas nas cidades caíram no sono — falou a garota do caneco.

— Muita gente adorm ece — disse o anão m ais alto.

Os anões raram ente dorm em : no m áxim o, duas vezes por ano, durante sem anas, m as ele j á tinha dorm ido o bastante em sua longa vida a ponto de não considerar o sono nada especial ou incom um .

— Elas caem no sono de repente, não im porta o que estiverem fazendo, e não despertam m ais — explicou o bêbado. — Olhem para nós. Fugim os das cidades para vir para cá. Tem os irm ãos e irm ãs, esposas e filhos, todos dorm indo em suas casas e cabanas ou no trabalho. Todos nós.

— Está avançando cada vez m ais rápido — disse a m ulher m agra e ruiva que ainda não tinha falado nada. — Agora o sono j á cobre quase m eia légua por dia.

— Chegará aqui am anhã — explicou o bêbado, dando um trago no caneco e pedindo ao dono da estalagem que o enchesse de novo. — Não há para onde fugir. Am anhã, tudo aqui adorm ecerá. Alguns de nós decidiram se refugiar na

em briaguez antes que o sono nos acom eta.

— O que há para se tem er no sono? — perguntou o m enor dos anões. — É apenas sono. Todos nós dorm im os.

— Vej a com seus próprios olhos — disse o bêbado. Inclinou a cabeça para trás e bebeu quanto pôde da caneca. Em seguida, voltou a olhar para eles, sem foco, com o se estivesse surpreso por ainda encontrá-los ali. — Vão, vão. Vej am .

— Tom ou o restante da bebida e apoiou a cabeça na m esa.

Os três foram averiguar.

* * *

— DORMINDO? — PERGUNTOU a rainha. — Expliquem -se. Com o assim , dorm indo?

O anão subiu na m esa para poder olhá-la nos olhos.

— Dorm indo — repetiu. — Às vezes, encolhidos no chão. Às vezes, de pé. Dorm em nas oficinas, segurando suas ferram entas ou sentados nos bancos de ordenhar. Os anim ais dorm em nos cam pos. Até os pássaros dorm em . Estavam nas árvores, ou m ortos e destroçados nos cam pos por terem despencado do céu.

A rainha usava um vestido de casam ento, m ais branco que a neve. Ao redor dela, atendentes, dam as de honra, alfaiates e chapeleiros se reuniam , agitados.

— E por que vocês três não adorm eceram tam bém ?

O anão deu de om bros. Tinha um a barba castanha que sem pre fizera a rainha

pensar que havia um porco-espinho furioso preso à parte inferior do rosto dele.

— Anões são criaturas m ágicas. Esse sono tam bém é m ágico. Confesso que senti sono.

— E então?

Ela era a rainha, e o estava interrogando com o se estivessem sozinhos. As atendentes com eçaram a rem over seu vestido, tirando cada peça, dobrando-a e guardando-a para que os últim os laços e fitas pudessem ser afixados, tornando-o perfeito.

O dia seguinte era a data do casam ento da rainha. Tudo precisava estar perfeito.

— Quando voltam os à Estalagem do Foxen, estavam todos dorm indo, cada um deles. A zona de alcance do encanto está se expandindo algum as léguas todos os dias.

As m ontanhas que separavam os dois reinos eram im possivelm ente altas, m as não extensas. A rainha sabia contar os quilôm etros de distância. Passou um a m ão branca pelos cabelos pretos com o asas de corvo, e tinha um a expressão bastante séria.

— O que acha? — perguntou ao anão. — Se eu fosse até lá. Acha que eu tam bém adorm eceria, com o os outros?

Ele coçou o traseiro, sem reparar.

— A senhora dorm iu por um ano — respondeu. — E então despertou novam ente, com o se nada tivesse acontecido. Se algum dos grandalhões pode ficar acordado lá, é a senhora.

Do lado de fora, os habitantes da cidade penduravam bandeiras nas ruas e decoravam suas portas e j anelas com flores brancas. A prataria fora polida, as crianças foram encam inhadas para banheiras de água m orna em m eio à birra (ao filho m ais velho sem pre era reservado o prim eiro m ergulho, a água m ais lim pa e quente), e, então, eram esfregadas com panos ásperos até ficarem com os rostos verm elhos e m eio arranhados. Eram depois m ergulhadas na água, e as áreas atrás das orelhas tam bém eram lavadas.

— Infelizm ente, acho que não haverá casam ento am anhã — disse a rainha.

Ela pediu um m apa do reino, identificou os vilarej os m ais próxim os às m ontanhas, enviou m ensageiros para m andar os habitantes deixarem suas casas e rum arem para a costa se não quiserem incorrer em seu desagrado real.

Cham ou o prim eiro-m inistro e o inform ou que ele seria o responsável pelo reino durante sua ausência, e deveria se esforçar ao m áxim o para não perdê-lo nem despedaçá-lo.

Cham ou o noivo e disse a ele para não ficar tão contrariado, que os dois ainda se casariam , m esm o ele sendo apenas um príncipe e ela, um a rainha, e o tocou sob o belo queixo e o beij ou até fazê-lo sorrir.

Pediu a cam isa de m alha de aço.

Pediu a espada.

Pediu provisões e pediu seu cavalo, e então galopou para longe do palácio, rum o ao leste.

* * *

PASSOU-SE UM DIA inteiro de viagem antes que ela visse o form ato das m ontanhas que form avam a fronteira do seu reino, fantasm agóricas e distantes com o nuvens no céu.

Os anões a esperavam na últim a estalagem no pé das m ontanhas. Eles a conduziram às profundezas dos túneis, pois era assim que os anões viaj avam . Ela j á tinha vivido com eles, quando era pouco m ais que um a m enina, e não sentia m edo.

Os anões não falavam com ela enquanto cam inhavam pelas trilhas profundas, a não ser para avisar, em m ais de um a ocasião:

— Cuidado com a cabeça.

* * *

— JÁ REPARARAM EM algo curioso? — questionou o m ais baixo dos anões.

Os anões tinham nom es, m as aos seres hum anos não era perm itido aprendê-los, pois tais coisas eram sagradas.

A rainha tinha um nom e, m as todos a cham avam apenas de Vossa Maj estade.

Os nom es são escassos nesta história.

— Reparei em m uitas coisas curiosas — disse o m ais alto dos anões.

Os três estavam na estalagem do Mestre Foxen.

— Já repararam que, m esm o entre todos os adorm ecidos, há algo que não dorm e?

— Não — disse o anão do m eio, coçando a barba. — Cada um deles fica exatam ente com o o deixam os. Cabeça baixa, cochilando, respirando tão pouco que quase não perturbam as teias de aranha que agora os cobrem …

— As aranhas que tecem essas teias não dorm em — disse o anão m ais alto.

Era verdade. Dedicadas aranhas tinham estendido suas teias do dedo ao rosto, da barba à m esa. Havia um a m odesta teia no profundo decote da garota do caneco. Havia um a teia espessa que m anchava de cinza a barba do bêbado. As teias balançavam ao sabor da corrente de ar que entrava pela porta aberta.

— Me pergunto se vão m orrer de fom e ou se há algum a fonte m ágica de energia que confere a eles a capacidade de dorm ir por m uito tem po — falou um

dos anões.

— Creio que sej a algo assim — disse a rainha. — Se, com o diz, o feitiço original foi feito por um a bruxa, setenta anos atrás, e aqueles que lá estão dorm em até hoj e, com o o Barba-Ruiva sob esta colina, então é óbvio não tiveram fom e, não envelheceram nem m orreram .

Os anões assentiram .

— É m uito sábia. Sem pre foi m uito sábia — disse um deles.

A rainha fez um som de horror e surpresa.

— Aquele hom em , ele olhou para m im — falou, apontando.

Era o hom em de rosto rechonchudo. Ele se m overa lentam ente, rasgando as teias, virando o rosto para ficar de frente para ela. Tinha de fato olhado para a rainha, m as não abrira os olhos.

— Há pessoas que se m exem dorm indo — disse o m enor dos anões.

— Sim . É verdade. Mas não desse j eito. Foi lento dem ais, prolongado dem ais, *intencional* dem ais — explicou a rainha.

— Ou talvez sej a apenas sua im aginação — respondeu um dos anões.

O restante das cabeças adorm ecidas naquele lugar se m oveu lentam ente, de m aneira prolongada, com o se tivesse a intenção de se m over. Agora, cada um dos rostos adorm ecidos estava voltado para a rainha.

— Não foi sua im aginação — confirm ou o m esm o anão de barba castanha.

— Mas estão apenas olhando para a senhora de olhos fechados. Não é ruim .

Os lábios dos adorm ecidos se m overam em uníssono. Nenhum a voz, apenas o sussurro da respiração passando por lábios dorm entes.

— Por acaso, eles disseram o que penso que disseram ? — indagou o anão m ais baixo.

— Disseram : “Mam ãe. É m eu aniversário” — disse a rainha, arrepiando-se.

* * *

NÃO USARAM MONTARIA. Os cavalos pelos quais passavam estavam todos dorm indo, de pé nos cam pos, e não podiam ser despertados.

A rainha cam inhava rápido. Os anões andavam duas vezes m ais rápido que o norm al, para acom panhar o ritm o.

A rainha se flagrou bocej ando.

— Incline-se na m inha direção — disse o anão m ais alto. Ela o fez. O anão a estapeou no rosto. — Melhor ficar acordada — disse, anim ado.

— Eu apenas bocej ei — reclam ou a rainha.

— Quanto tem po você acha que falta até o castelo? — perguntou o anão m ais baixo à rainha.

— Se m e lem bro corretam ente das lendas e dos m apas, a floresta de Acaire fica a cerca de vinte e três léguas daqui. Três dias de cam inhada. Preciso dorm ir esta noite, não posso cam inhar por m ais três dias.

— Então, durm a. Nós a despertarem os ao nascer do sol.

Naquela noite, ela foi dorm ir sobre um m onte de feno, num cam po, com os anões ao seu redor, indagando se ela acordaria para ver outra m anhã.

* * *

O CASTELO NA floresta de Acaire era um a coisa cinzenta e m aciça, coberto de

roseiras que subiam por suas paredes. Elas caíam no fosso e se prolongavam

quase até a altura da torre m ais alta. A cada ano, as roseiras cresciam m ais: próxim o à pedra das paredes do castelo havia apenas ram os secos e m ortos, com velhos espinhos afiados com o lâm inas. À distância de cinco m etros, as plantas eram verdes e as rosas floresciam em cachos densos. As rosas trepadeiras, vivas e m ortas, eram um esqueleto m arrom , salpicado de cor, que tornava a rigidez das form as cinzentas m enos precisa.

As árvores da floresta de Acaire eram m uito próxim as um as das outras, e o chão da m ata era escuro. Um século antes, a floresta existia apenas no nom e: era um cam po de caça, um parque real, lar de cervos e j avalis selvagens e incontáveis pássaros. Agora, era um em aranhado denso de plantas, e as antigas trilhas que a cortavam foram esquecidas e cobertas pela vegetação.

* * *

NA TORRE, A m enina de cabelo louro dorm ia.

Todos no castelo dorm iam . Cada um deles dorm ia profundam ente, com exceção de um a pessoa.

O cabelo da velha era grisalho, com m echas brancas, e tão ralo que dava para ver o couro cabeludo. Ela cam inhava com dificuldade e raiva pelo castelo, apoiada na velha bengala, com o se m ovida apenas pelo ódio, batendo portas, falando sozinha enquanto andava.

— Subindo as m alditas escadas e passando pelo m aldito cozinheiro, o que

pensa que está cozinhando agora, hein, seu m olengão, não há nada em suas panelas além de pó e m ais pó, e tudo que você faz é roncar.

Ela chegou ao j ardim da cozinha, bem -cuidado. A velha colheu rapúncios e rúcula e tirou um grande nabo do chão.

Oitenta anos antes, o palácio tivera quinhentas galinhas; o pom bal abrigara centenas de gordas pom bas brancas; os coelhos corriam , de rabo claro, pela gram a verde da praça dentro dos m uros do castelo; e os peixes nadavam no fosso

e no lago: carpas, trutas e pargos. Restavam agora apenas três galinhas. Todos os peixes adorm ecidos foram recolhidos com redes e levados para fora da água. Não havia m ais coelhos nem pom bos.

Ela m atara seu prim eiro cavalo sessenta anos atrás, com endo o m áxim o que pôde antes de a carne ficar cor de arco-íris e a carcaça com eçar a feder, coberta de m oscas varej eiras e larvas. Agora, só abatia os m am íferos m aiores no m eio do inverno, quando nada apodrecia e ela podia cortar e secar pedaços congelados do cadáver do anim al até o degelo da prim avera.

A velha passou por um a m ãe adorm ecida com um bebê cochilando ao peito. Espanou o pó deles, sem pensar no que fazia, verificando se a boca dorm ente do bebê perm anecia presa ao m am ilo.

Com eu em silêncio sua refeição de nabos e verduras.

* * *

ERA A PRIMEIRA grande cidade à qual chegavam . Os portões eram altos, grossos e im penetráveis, m as estavam escancarados.

Os três anões preferiam contornar as cidades, pois não se sentiam à vontade dentro delas, desconfiando das casas e das ruas por não serem naturais, m as todos seguiram sua rainha.

Um a vez na cidade, a grande quantidade de pessoas os deixou incom odados. Havia cavaleiros adorm ecidos sobre cavalos dorm entes; cocheiros adorm ecidos em carruagens paradas dentro das quais os passageiros cochilavam ; crianças dorm entes agarradas às bolas, aos aros e aos barbantes de seus peões; floristas dorm indo diante de suas bancadas de flores m arrons, secas e apodrecidas; até peixeiros adorm ecidos ao lado de laj es de m árm ore. As laj es estavam cobertas com restos de peixes fedorentos, cheios de larvas. O m ovim ento retorcido das larvas foi o único m ovim ento e ruído que a rainha e os anões encontraram .

— Não deveríam os estar aqui — resm ungou o anão de barba castanha e espevitada.

— Essa é a rota m ais curta — disse a rainha. — E tam bém nos leva à ponte.

Os outros cam inhos nos levariam a cruzar o rio em algum ponto raso.

O tem peram ento da rainha era sereno. Ela dorm ia à noite e acordava de m anhã; a doença do sono não a tocara.

O rem exer das larvas e, de tem pos em tem pos, os leves roncos e m ovim entos

dos adorm ecidos eram tudo que eles ouviam conform e abriam cam inho pela cidade. E, então, um a criança pequena, dorm indo num degrau, disse em alto e bom som :

— Estão tecendo algum a coisa? Posso ver?

— Ouviram isso? — perguntou a rainha.

O m ais alto dos anões falou:

— Vej am ! Os adorm ecidos estão andando!

Ele estava enganado. Não estavam andando.

No entanto, os adorm ecidos estavam de pé. Devagar, punham -se de pé e davam passos hesitantes, estranhos, dorm entes. Eram sonâm bulos, deixando atrás de si um rastro de teias de aranha parecidas com gaze. Teias eram constantem ente tecidas.

— Quantas pessoas vivem num a cidade? Hum anos, quero dizer — perguntou o m enor dos anões.

— Depende — disse a rainha. — Em nosso reino, não devem ser m ais de vinte, talvez trinta m il habitantes. Esta parece ser m aior que as nossas cidades. Eu diria cinquenta m il pessoas. Ou m ais. Por quê?

— Porque parece que todas estão vindo atrás de nós.

Pessoas adorm ecidas são lentas. Tropeçam , perdem o equilíbrio, cam inham feito crianças atravessando rios de unguento, com o velhos cuj os pés ficam

presos

na lam a espessa e m olhada.

Os adorm ecidos avançaram na direção dos anões e da rainha. Para os anões não era difícil correr m ais rápido que eles, assim com o a rainha não tinha dificuldade em avançar m ais velozm ente. Porém , ainda assim , eram m uitos. Cada rua que passavam estava cheia de adorm ecidos envoltos em teias, com os olhos fechados ou os olhos abertos e voltados para cim a, m ostrando apenas o branco, todos avançando a passos pesados e sonolentos.

A rainha se virou e correu por um beco. Os anões correram atrás dela.

— Não há honra nisso — disse um anão. — Devem os ficar e lutar.

— Não há honra em com bater um oponente que nem m esm o sabe que estam os aqui — falou a rainha, ofegante. — Não há honra em lutar com alguém que sonha com pescarias, com j ardins ou com am antes m ortos há m uito.

— O que fariam se nos apanhassem ? — indagou o anão ao lado dela.

— Quer descobrir? — perguntou a rainha.

— Não — reconheceu o anão.

Correram , correram e correram , e não pararam de correr até terem deixado a cidade pelos portões m ais afastados, cruzando a ponte que ligava as m argens do

rio.

* * *

A VELHA JÁ não ia na torre m ais alta havia doze anos. Era um a subida trabalhosa, e cada passo parecia cobrar um preço de seus j oelhos e quadris. Subiu pela escadaria de pedra em espiral, e cada pequeno degrau era vencido com agonia. Não havia corrim ão, nada que pudesse facilitar o trabalho. Às vezes,

ela se apoiava na bengala para recuperar o fôlego, e então continuava.

Tam bém usava a bengala contra as teias de aranha: teias densas que pendiam de toda parte e cobriam as escadas, e a velha as desfazia agitando a bengala, rasgando as teias e fazendo as aranhas debandarem para as paredes.

A subida era longa e árdua, m as finalm ente ela chegou ao côm odo no alto da torre.

Não havia nada naquele quarto circular além de um a roca e um banquinho ao lado da estreita j anela e um a cam a no centro. A cam a era opulenta: tecidos carm esins e dourados eram visíveis sob o véu em poeirado que a cobria e protegia do m undo sua ocupante adorm ecida.

A roca j azia no chão, ao lado do banco, onde caíra quase oitenta anos antes.

A velha em purrou o véu com a bengala, e o pó encheu o ar. Olhou para a m ulher adorm ecida na cam a.

O cabelo da m enina era do am arelo dourado visto nas flores do cam po. Os lábios eram da cor das rosas que subiam pelos m uros do castelo. Fazia m uito tem po que não via a luz do sol, m as sua pele era tenra, sem apresentar palidez

nem fraqueza de saúde.

O peito se erguia e baixava, quase im perceptivelm ente, na penum bra.

A velha se abaixou e apanhou a roca. Falou, em voz alta:

— Se eu atravessasse seu coração com esta agulha, não seria m ais tão bela, não é? Hein? É ou não é?

Cam inhou na direção da adorm ecida, que traj ava um vestido branco em poeirado. Então, abaixou a m ão.

— Não, não posso fazer isso. Com o eu queria que os deuses m e aj udassem a fazê-lo!

Todos os seus sentidos estavam enfraquecendo com a idade, m as ela pensou ter ouvido vozes vindo da floresta. Havia m uitas décadas que ela os via chegar, os príncipes e heróis, e perecer, em palados nos espinhos da roseira, m as fazia um bom tem po desde a últim a vez que alguém , fosse herói ou não, conseguira chegar até o castelo.

— Hum — disse ela em voz alta, m as quem poderia ouvi-la? — Mesm o que venham , vão m orrer aos gritos nos espinhos pulsantes. Não há nada que possam fazer, nem eles nem ninguém . Absolutam ente nada.

* * *

UM LENHADOR, ADORMECIDO ao lado do tronco de um a árvore derrubada m eio século antes, e agora arqueada, abriu a boca enquanto a rainha e os anões

passavam e disse:

— Minha nossa! Deve ter sido um presente de dia de batism o m uito

incom um !

Três bandidos dorm iam com os m em bros tortos no m eio do que restava da

trilha, com o se o sono os tivesse atingido enquanto se escondiam num a árvore,

fazendo-os despencar no chão abaixo, sem acordar. Quando passaram por eles,

os ladrões disseram em uníssono, sem despertar:

— Vai m e trazer rosas?

Um deles, um hom em im enso, gordo com o um urso no outono, agarrou o

tornozelo da rainha quando ela se aproxim ou. O m enor dos anões nem hesitou:

cortou fora a m ão usando o m achado curto, e a rainha abriu os dedos do hom em ,

um por um , até a m ão cair nas folhas decom postas no chão.

— Traga-m e rosas — disseram os três bandidos enquanto dorm iam , com um a

só voz, enquanto o sangue j orrava sem parar no chão saindo do punho cortado do

hom em gordo. — Ficaria tão feliz se m e trouxesse rosas.

* * *

SENTIRAM O CASTELO m uito antes de o verem : sentiram com o um a onda de

sono que os afastava. Se cam inhassem na direção dele, a cabeça ficava

enevoada, a consciência se partia, seus espíritos caíam , os pensam entos

nublavam . No m om ento em que se voltavam para a direção oposta, despertavam

para o m undo, sentiam -se m ais espertos, m ais sãos, m ais sábios.

A rainha e os anões avançaram cada vez m ais fundo na neblina m ental.

Às vezes, um anão bocej ava e tropeçava. Toda vez, os dem ais anões o pegavam pelos braços e o faziam seguir em frente, com esforço, falando com ele até sua consciência retornar.

A rainha ficava acordada, em bora soubesse que a floresta estivesse cheia de pessoas que não poderiam estar ali. Cam inhavam ao seu lado pela trilha. Às vezes, falavam com ela.

— Vam os agora debater com o a diplom acia é afetada pelas questões da filosofia natural — disse o pai dela.

— Minhas irm ãs governaram o m undo — falou a m adrasta, arrastando os sapatos de ferro pela trilha da floresta. Eles tinham um m onótono brilho laranj a, m as nenhum a das folhas secas queim ava quando tocadas pelos sapatos. — Os m ortais se levantaram contra nós e nos renegaram . E por isso esperam os, nas frestas, em lugares onde não podem nos ver. E agora eles m e adoram . Até você, m inha enteada. Até você m e adora.

— Você é tão bonita — disse a m ãe, que m orrera havia m uito tem po. — Com o um a rosa carm esim caída na neve.

Às vezes, os lobos corriam ao lado deles, batendo a poeira e as folhas do chão

da floresta, em bora a passagem dos lobos não perturbasse as im ensas teias que pendiam com o véus pela trilha. Além disso, eventualm ente os lobos corriam entre os troncos das árvores e se perdiam na escuridão.

A rainha gostava dos lobos, e ficou triste quando um dos anões com eçou a gritar, dizendo que as aranhas eram m aiores que porcos, e os lobos sum iram da cabeça dela e do m undo. (Não era verdade. Eram apenas aranhas de tam anho com um , acostum adas a tecer suas teias sem serem perturbadas pelo tem po e pelos viaj antes.)

* * *

A PONTE LEVADIÇA que cruzava o fosso estava abaixada, e eles a atravessaram , em bora tudo desse a im pressão de os estar afastando dali. Entretanto, não puderam entrar no castelo: grossos espinhos bloqueavam o portão, além de novos ram os cobertos de rosas.

A rainha viu os restos de hom ens nos espinhos: esqueletos de arm adura e esqueletos sem arm adura. Alguns dos esqueletos tinham chegado alto na lateral do castelo, e a rainha se perguntou se teriam escalado, buscando um a entrada e m orrido ali, ou se m orreram no chão e tinham sido carregados para cim a conform e a roseira crescia.

Não foi possível chegar a um a conclusão. As duas alternativas eram plausíveis.

E, então, seu m undo se tornou quente e confortável, e ela teve a certeza de

que fechar os olhos por uns poucos m om entos não faria m al. Quem se im portaria?

— Socorro — pediu a rainha.

O anão de barba castanha puxou um espinho da roseira m ais perto de si e, com ele, espetou com força o polegar dela, tirando-o em seguida. Um a gota de sangue escuro pingou nas pedras da entrada.

— Ai! — exclam ou a rainha. — Obrigada!

Olharam para a densa barreira de espinhos, os anões e a rainha. Ela estendeu a m ão, apanhou um a rosa do galho m ais próxim o, e a prendeu no cabelo.

— Podem os cavar um túnel e entrar. Passar sob o fosso e subir pelos alicerces. Só vai levar uns dois dias — sugeriram os anões.

A rainha pensou. Seu polegar doía, e a dor a deixava satisfeita.

— Isto com eçou aqui há cerca de oitenta anos. Teve início bem devagar. Só se espalhou recentem ente. E está se espalhando cada vez m ais rápido. Não sabem os se os adorm ecidos podem ser despertados. Não sabem os de nada, e talvez não tenham os dois dias.

Ela olhou para o denso em aranhado de espinhos, vivos e m ortos, décadas de plantas secas e m ortas, com os espinhos tão afiados na m orte quanto j am ais tinham sido quando vivos. Cam inhou ao longo da m uralha até chegar a um esqueleto, e puxou o tecido podre de seus om bros, tateando-o enquanto o fazia.

Sim , estava seco. Serviria com o bom ateador.

— Quem está com a pederneira? — perguntou ela.

* * *

OS VELHOS ESPINHOS arderam num fogo rápido e quente. Em quinze m inutos, labaredas laranj as serpenteavam rum o ao céu: por um m om ento, pareceram engolir a construção, e então desapareceram , deixando apenas a pedra enegrecida. Os espinhos restantes, aqueles fortes o suficiente para suportar o calor, foram facilm ente cortados pela espada da rainha, levados para longe e j ogados no fosso.

Os quatro viaj antes entraram no castelo.

A velha olhou pela j anela estreita na direção das cham as abaixo. A fum aça entrou pela j anela, m as a torre m ais alta estava fora do alcance das rosas e do fogo. Sabia que o castelo estava sob ataque, e teria se escondido no quarto da torre se tivesse onde se esconder, se a adorm ecida não estivesse na cam a.

Ela praguej ou e com eçou a descer com dificuldade os degraus, um de cada vez. Queria ir até as fortificações, onde poderia chegar ao lado m ais distante da construção, aos porões. Poderia se esconder ali. Conhecia o lugar m elhor do que ninguém . Era lenta, m as astuta, e sabia esperar. Isso ela sabia fazer.

Ouviu as vozes subindo pela escada.

— Por aqui!

— Aqui em cim a!

— É pior assim . Vam os! Rápido!

Então ela deu m eia-volta e se esforçou para subir às pressas, m as as pernas não se m oviam na m esm a rapidez de antes. Foi alcançada quando chegava ao alto da escada, três hom ens que batiam na altura dos quadris dela, seguidos de perto por um a j ovem usando roupas suj as de viagem , com o cabelo m ais preto

que a velha j á vira.

— Peguem -na — ordenou a j ovem , num tom im perativo casual.

Os hom enzinhos tom aram a bengala dela.

— A velha é m ais forte do que parece — disse um deles, com a cabeça ainda zum bindo por causa da pancada que recebera da bengala antes de tom á-la.

Eles a trouxeram de volta ao côm odo circular da torre.

— E o fogo? — disse a idosa, que há décadas não falava com alguém que pudesse responder. — Morreu alguém no fogo? Viram o rei ou a rainha?

A j ovem deu de om bros.

— Acho que não. Os adorm ecidos por quem passam os estavam todos do lado de dentro, e as paredes são grossas. Quem é você?

Nom es. Nom es. A velha estreitou os olhos, então balançou a cabeça. Ela era ela m esm a, e o nom e que recebera ao nascer tinha sido devorado pelo tem po e pela falta de uso.

— Onde está a princesa?

A velha apenas a encarou.

— E por que você está acordada?

Ela nada disse. Falaram com urgência entre si, os hom enzinhos e a rainha.

— É um a bruxa? Há algo de m ágico a respeito dela, m as não creio que sej a obra da própria.

— Fiquem de olho nela — disse a rainha. — Se for um a bruxa, aquela bengala pode ser im portante. Não a deixem recuperá-la.

— É a m inha bengala — disse a velha. — Acho que pertencia ao m eu pai. Mas ele não vai m ais usá-la.

A rainha a ignorou. Cam inhou até a cam a, abriu o véu de seda. O rosto da adorm ecida os encarava, inexpressivo.

— Então foi aqui que com eçou — disse um dos hom enzinhos.

— No aniversário dela — disse outro.

— Bem , alguém precisa fazer as honras — com pletou o terceiro.

— Deixem isso com igo — disse a rainha, doce.

Abaixou o rosto até a altura da m ulher. Tocou os lábios rosados dela com seus próprios lábios carm esim , beij ando a adorm ecida longam ente.

* * *

— FUNCIONOU? — PERGUNTOU um anão.

— Não sei. Mas m e com padeço dela, pobrezinha. Desperdiçando a vida dorm indo — disse a rainha.

— Você dorm iu um ano por causa do m esm o feitiço do sono — falou o anão.

— Não m orreu de fom e. Não apodreceu.

O corpo na cam a se agitou, com o se estivesse em um pesadelo do qual lutava para despertar.

A rainha a ignorou. Ela reparara em algo no chão ao lado da cam a. Abaixou-se e apanhou o obj eto.

— Vej am só. Isto sim tem cheiro de m agia — apontou ela.

— A m agia está em tudo aqui — concordou o anão m enor.

— Não, *isto* aqui — disse a rainha. Mostrou a ele a roca de m adeira, com a m etade inferior envolta em linha. — *Isto* tem cheiro de m agia.

— Foi aqui, neste quarto — disse a velha, de repente. — Eu era apenas um a garota. Nunca tinha ido tão longe antes, m as subi todos os degraus, e subi e subi a

espiral até chegar ao quarto m ais alto. Vi aquela cam a, a m esm a que estão vendo, em bora não tivesse ninguém nela. Havia apenas um a velha, sentada no banco, transform ando a lã em linha com sua roca. Nunca tinha visto um a roca antes. Ela perguntou se eu gostaria de usá-la um pouco. Tom ou a lã em sua m ão e m e deu a roca para que segurasse. E então, pressionou m eu polegar contra a ponta da agulha até o sangue correr, e tocou as gotas de sangue com o fio de linha. E depois ela disse…

Um a voz a interrom peu. Era um a voz j ovem , um a voz de m enina, m as ainda

densa por causa do sono.

— Eu disse: “Agora tiro de você seu sono, m enina, assim com o tiro de você a capacidade de m e fazer m al no sono, pois alguém precisa ficar acordado enquanto durm o. Sua fam ília, seus am igos, seu m undo, tudo vai dorm ir tam bém .” E, assim , m e deitei na cam a, e dorm i, e eles dorm iram , e enquanto cada um deles dorm ia, roubei um pouco da vida deles, um pouco dos seus sonhos, e enquanto dorm ia eu recuperava m inha j uventude, m inha beleza e m eu poder. Dorm i e m e fortaleci. Desfiz os estragos do tem po e construí para m im um m undo de escravos adorm ecidos.

Estava sentada na cam a. Parecia tão bonita e tão, tão j ovem .

A rainha olhou para a m enina, e viu aquilo que estava procurando: o m esm o olhar que vira na expressão da m adrasta, e soube que tipo de criatura era aquela m enina.

— Fom os levados a crer que, quando você despertasse, o restante do m undo despertaria tam bém — disse o anão m ais alto.

— E por que acreditariam em algo do tipo? — indagou a m enina de cabelos dourados, com j eito inocente de criança (m as os olhos dela, ah! Seus olhos eram m uito velhos). — Gosto deles adorm ecidos. São m ais… *solícitos*. — Ela fez um a pausa, e sorriu em seguida. — Mesm o agora, estão vindo atrás de vocês. Eu os

cham ei aqui.

— É um a torre alta — disse a rainha. — E os adorm ecidos não se m ovem depressa. Ainda tem os algum tem po para conversar, Vossa Escuridão.

— Quem é você? Por que conversaríam os? Com o sabe se dirigir a m im dessa m aneira? — A m enina desceu da cam a e se espreguiçou com deleite, estendendo

cada dedo antes de corrê-los pelo cabelo dourado. Sorriu, e foi com o se o sol brilhasse naquele quarto escuro. — Os pequeninos vão ficar onde estão agora. Não gosto deles. E você, m enina. Vai dorm ir tam bém .

— Não — disse a rainha.

Ela ergueu a roca. A linha que a envolvia estava preta pela passagem do tem po.

Os anões pararam onde estavam , se inclinaram e fecharam os olhos.

A rainha disse:

— É sem pre assim com o seu tipo. Precisam da j uventude e precisam da beleza. Já esgotou am bas há m uito tem po, e agora encontra m aneiras cada vez m ais com plexas de obtê-las. E sem pre desej a poder.

Estavam de frente um a para a outra agora, e a m enina de cabelos dourados parecia m uito m ais j ovem que a rainha.

— Por que sim plesm ente não dorm e? — questionou a m enina, e sorriu sem m alícia, exatam ente com o sorria a m adrasta da rainha quando queria algo.

Ouviu-se um barulho nas escadas, atrás deles, ao longe.

— Dorm i durante um ano em um caixão de vidro. E a m ulher que m e colocou lá era m uito m ais poderosa e perigosa do que você j am ais será.

— Mais poderosa do que eu? — A garota parecia se divertir. — Tenho um m ilhão de adorm ecidos sob m eu controle. A cada instante do m eu sono, tornei-m e m ais poderosa, e o círculo de sonhos cresce m ais e m ais rápido a cada dia que passa. Tenho m inha j uventude… Tanta j uventude! Tenho m inha beleza. Nenhum a arm a pode m e ferir. Não há ninguém vivo m ais poderoso do que eu.

Ela parou e olhou para a rainha.

— Você não é do nosso sangue — disse ela. — Mas tem parte das habilidades.

— Ela sorriu, o sorriso de um a m enina inocente que foi despertada em um a m anhã de prim avera. — Governar o m undo não vai ser fácil. Nem m anter a ordem entre aquelas da Irm andade que tiverem sobrevivido até essa época tão degenerada. Vou precisar de alguém que sej a m eus olhos e ouvidos, que faça a j ustiça, que cuide das coisas quando eu estiver envolvida com outros assuntos. Ficarei no centro da teia. Você não governará com igo, m as ainda governará se estiver subordinada a m im , e não será um pequeno reino, m as continentes.

Ela estendeu a m ão e fez um a carícia na pele clara da rainha, que, na fraca luz daquele côm odo, parecia tão branca quanto a neve.

A rainha nada disse.

— Me am ar. Todos vão m e am ar, e você, que m e despertou, é quem deve m e am ar m ais do que qualquer outra pessoa — afirm ou a m enina.

A rainha sentiu algo se agitando em seu coração. Lem brou-se então da m adrasta. A m adrasta gostava de ser adorada. Aprender a ser forte, a sentir as próprias em oções e não as dos dem ais, fora difícil; porém , depois de aprender o truque, era im possível esquecer. E ela não desej ava governar continentes.

A garota sorriu para ela com olhos da cor do céu da m anhã.

A rainha não sorriu. Estendeu a m ão ao dizer:

— Tom e. Isto não é m eu.

Ela entregou a roca à velha ao seu lado. A velha ergueu o obj eto, pensativa. Com eçou a desenrolar a linha com os dedos cheios de artrite.

— Essa é a m inha vida — falou ela. — Essa linha é a m inha vida…

— *Era* a sua vida. Você a deu a m im — corrigiu a m enina, irritada. — E j á durou tem po dem ais.

A ponta da agulha ainda era afiada depois de tantas décadas.

A velha, que um dia fora um a princesa, segurou a linha com força nas m ãos, e em purrou a ponta da agulha contra o peito da m enina de cabelos dourados.

A m enina olhou para baixo e viu um fio de sangue verm elho escorrer do peito, tingindo de carm esim o vestido branco.

— Nenhum a arm a pode m e ferir — disse ela, e a voz da m enina era

petulante. — Não m ais. Vej a. Foi apenas um arranhão.

— Não é um a arm a — falou a rainha, que com preendia o que havia acontecido. — É a sua própria m agia. E um arranhão era tudo de que precisávam os.

O sangue da m enina encharcou a linha que antes estivera envolta na roca, a linha que levava da roca à lã crua na m ão da velha.

A m enina olhou para o sangue que m anchava o vestido, olhou para o sangue no fio e, confusa, disse apenas:

— Foi apenas um pequeno furo na pele, nada m ais.

O barulho nas escadas ficava cada vez m ais alto. Passos lentos, m isturados e irregulares, com o se um a centena de adorm ecidos subisse de olhos fechados pela escada de pedra em espiral.

O quarto era pequeno e não havia onde se esconder, e a j anela do côm odo era um a estreita fenda nas pedras.

A velha, que não dorm ia havia m uitas décadas, que um dia fora um a princesa, disse:

— Você m e tom ou os sonhos. Tom ou m eu sono. Agora j á chega.

Era um a m ulher m uito velha: os dedos eram enrugados com o as raízes de um espinheiro. O nariz era com prido, e as pálpebras, caídas, m as, naquele m om ento, havia na expressão dela algo que lem brava o olhar de um a pessoa j ovem .

Ela oscilou, e então pareceu perder o equilíbrio, e teria caído no chão se a rainha não a tivesse apanhado prim eiro.

A rainha carregou a velha até a cam a, im pressionada com quanto ela era leve, e a colocou na colcha verm elha. O peito da idosa se ergueu e abaixou.

O barulho nas escadas estava m ais alto. Então, um silêncio, seguido subitam ente por um burburinho, com o um a centena de pessoas falando ao m esm o tem po, todas surpresas e bravas e confusas.

— Mas… — m urm urou a linda m enina, e agora não havia m ais nada de belo ou fem inino a respeito dela.

O rosto tom bou e se tornou m enos definido. Estendeu a m ão na direção do anão m enor e sacou o m achado curto do cinto dele. Ela se atrapalhou com o m achado, ergueu-o de m aneira am eaçadora, com m ãos enrugadas e gastas.

A rainha sacou sua espada (o fio da lâm ina estava danificado e m arcado pelos espinhos), m as, em vez de golpear, deu um passo para trás.

— Ouça! Estão acordando — disse ela. — Estão todos acordando. Conte-m e m ais um a vez a respeito da j uventude que lhes roubou. Conte-m e novam ente da

sua beleza e do seu poder. Conte-m e de novo quanto era astuta, Vossa Escuridão.

Quando as pessoas chegaram ao quarto, viram um a velha adorm ecida na cam a e viram a rainha, de pé, e ao lado dela os anões, que balançavam as cabeças ou as coçavam .

Viram tam bém algo m ais no chão: um punhado de ossos, um em aranhado de cabelos tão brancos quanto teias de aranha recém -tecidas e, por cim a de tudo, um a poeira oleosa.

— Tom em conta dela — disse a rainha, apontando com a roca de m adeira escura para a m ulher na cam a. — Ela salvou a vida de vocês.

Então, foi em bora com os anões. Nenhum a das pessoas naquele quarto ou nos degraus ousou detê-los, sem entender o que havia acontecido.

* * *

A CERCA DE um a légua e m eia do castelo, em um a clareira da floresta de Acaire, a rainha e os anões acenderam um a fogueira com gravetos secos e nela queim aram o fio e o tecido. O m enor dos anões transform ou a roca em fragm entos de m adeira preta com o m achado, e tam bém queim aram esses pedaços. Eles soltaram um a fum aça irritante ao arderem , fazendo a rainha tossir,

e o odor de m agia ancestral pesou no ar.

Depois, enterraram os fragm entos carbonizados sob um a sorveira.

Já à noite, eles estavam nos arredores da m ata e tinham chegado a um a trilha lim pa. Era possível ver o vilarej o do outro lado da colina, a fum aça subindo das

cham inés das casas.

— Então, se rum arm os para o oeste, podem os chegar às m ontanhas até o final da sem ana, e a senhora estará de volta ao palácio em Kanselaire em até dez dias

— disse o anão de barba.

— Sim — concordou a rainha.

— E o seu casam ento terá atrasado, m as vai ocorrer pouco depois da sua volta, e o povo vai celebrar, e haverá alegria irrestrita pelo reino.

— Sim — aquiesceu novam ente a rainha.

Ela não falou m ais, e se sentou no m usgo sob um carvalho e provou a quietude, um a batida do coração de cada vez.

Há escolhas, pensou ela, depois de passar tem po o bastante sentada. *Sempre há escolhas.*

Ela fez sua escolha.

A rainha com eçou a andar, e os anões a seguiram .

— A senhora *sabe* que estam os indo para o leste, não é? — perguntou um dos anões.

— Ah, sim — respondeu a rainha.

— Então, tudo bem — disse o anão.

Cam inharam para o leste, os quatro, afastando-se do pôr do sol e das terras que conheciam , em direção à noite.

Obra de bruxa

A bruxa era velha com o o pé de lichia

Em um a casa cercada por cem relógios vivia

Vendia tem pestades e tristezas e acalm ava o m ar

E sua vida em um a caixa m antinha.

A árvore era de todas a m ais velha que lem bro

O tronco fluía com o um líquido. Era idade que pingava.

Mas seus frutos m anchavam o verde em setem bro

Escarlates com o prostitutas, verm elhos com o m inha raiva.

Os relógios sussurravam o tem po que apanhavam

A contar e girar, soar e m astigar naquelas

engrenagens

Ela os alim entava com m inutos. Os m ais velhos com iam anos.

Ela os tem ia e os am ava, sua ninhada de relógios silvestres.

Vendeu-m e um a tem pestade quando era forte m inha raiva

E m eu ódio encheu o m undo de vulcões e gargalhadas

Observei os raios e o vento e sua canção que soprava

E m inha loucura foi engolida pelo que aconteceu em seguida.

Ela m e vendeu três tristezas envoltas em um trapo.

A prim eira dei ao filho do m eu inim igo.

A segunda, m inha esposa transform ou em caldo.

A terceira não foi usada, pois nos reconciliam os.

Ela vendia m ares calm os às m ulheres dos m aruj os

Atava os ventos com cordões de seda para que as torm entas ficassem ali detidas.

As m ulheres em seus lares viveram m uito m ais felizes

Até os m aridos voltarem , e testarem sua paciência.

A bruxa ocultou sua vida em um a caixa feita de barro,

Grande com o um punho e som bria com o um coração

Não havia ali nada além de tem po e silêncio e dor

Enquanto a bruxa observava as ondas com a sua dor e a sua arte.

(Mas ele nunca voltou. Ele nunca voltou…)

A bruxa era velha com o o pé de lichia

Em um a casa cercada por cem relógios vivia

Vendia tem pestades e tristezas e acalm ava o m ar

E sua vida em um a caixa m antinha.

Em *Relig Odhráin*

Quando São Colum ba desem barcou na ilha de Iona

Seu am igo Oran estava com ele

Em bora alguns digam que São Oran aguardou

Nas som bras da ilha, esperando o desem barque do santo,

Acredito que vieram j untos, vieram da Irlanda, eram com o irm ãos

Assim eram o louro e coraj oso Colum ba e o hom em m oreno que cham aram de

Oran.

Ele era *odrán*, com o a lontra, era o outro. Havia outros

E eles desem barcaram em Iona e disseram : “Vam os construir um a capela.”

Foi o que os santos fizeram ao desem barcar (*Oran*: sacerdote do sol ou fogo

Ou de *odhra*, que significa cabelo escuro). Mas a capela sem pre desabava.

E Colum ba recebeu a resposta em um sonho ou um a revelação,

Dizendo que a construção precisava de Oran, precisava da m orte nos alicerces.

Outros dizem que foi um a questão de doutrina, e os santos Oran e Colum ba

Estavam discutindo, com o adoram fazer os irlandeses, a respeito do Paraíso,

Com o a verdade foi há m uito esquecida, resta-nos apenas suas ações

(Por suas ações os conhecereis): São Colum ba enterrou Oran

Ainda vivo, com terra ao seu redor, enterrado fundo, com terra sobre si.

Três dias depois eles voltaram aqui, m onges atarracados com ferram entas e picaretas

E cavaram até São Oran, para que Colum ba o pudesse abraçar

Tocar seu rosto e se despedir. Morto há três dias. Eles afastaram a lam a

Quando os olhos de São Oran piscaram e se abriram . Oran sorriu para São Colum ba.

Havia m orrido, m as agora ressuscitava, e disse as palavras que os m ortos conhecem ,

Em um a voz com o o vento e a água.

Ele disse: “O Paraíso não está esperando pelos bons, puros e gentis

Não há castigo eterno, não há Inferno para os ím pios

E Deus não é com o im aginam os…”

São Colum ba gritou: “Silêncio!”

E, para salvar os m onges do erro, j ogou pás de lam a em São Oran

E o enterraram para sem pre. E cham aram o lugar de São Oran.

No pátio desta igrej a, reis da Escócia, reis da Noruega, todos foram enterrados

Na ilha de Iona.

Alguns dizem que foi um sacerdote druida da luz do sol que foi enterrado

Na terra da boa Iona apenas para segurar os alicerces da igrej a,

Mas, para m im , isso é dem asiadam ente sim ples, e difam a São Colum ba

(que gritou: “Terra! Joguem terra em Oran, detenham sua boca com lam a nesse instante,

Ou ele nos trará a perdição!”). Im aginam um assassinato

No qual um santo enterrou o outro vivo sob aquela santa capela.

Em bora o nom e de São Oran sobreviva,

Herege m artirizado, seus ossos ainda m antêm unidas as pedras da capela,

E nos j untam os a eles, reis e príncipes, neste cem itério, nesta capela,

Pois é o nom e de Oran que trazem . Ele é querido na sua danação

Pelas sim ples palavras que proferiu. Não há Inferno para afligir os pecadores.

Não há Paraíso para os abençoados. Deus não é com o im aginam os.

E talvez ele seguisse pregando, pois m orrera e ressuscitara,

Até ser silenciado, esm agado ou abafado pelo chão de Iona.

São Colum ba tam bém foi enterrado na ilha de Iona

Décadas m ais tarde. Mas exum aram seu corpo e o levaram

A Downpatrick, onde j az enterrado com São Patrício e Santa Brígida.

Assim , o único santo na ilha de Iona é Oran.

Não procure naquele cem itério os reis de outrora, os poderosos,

Nem os arcebispos e suas riquezas. Eles são protegidos por Santo Oran,

Que vai se erguer do túm ulo com o a escuridão, com o um a lontra,

Pois não vê m ais o sol. Ele vai tocá-lo,

Vai sentir o seu gosto, vai deixar as suas palavras dentro de você.

(Deus não é com o im aginam os. Nem o Inferno, nem o Paraíso.)

Então você vai deixá-lo e seu cem itério, e esquecer o terror da som bra,

Ao esfregar o pescoço, lem bre-se apenas disso: ele m orreu para nos salvar.

E São Colum ba o m atou na ilha de Iona.

Cão negro

Dez línguas numa só cabeça a esperar

O pão uma delas foi buscar,

Para os vivos e os mortos alimentar.

CHARADA ANTIGA

I

No balcão do bar

DO LADO DE fora do pub chovia à beça.

Shadow ainda não estava plenam ente convencido de que estava num pub. É verdade, havia um pequeno bar no fundo do salão, com garrafas na parte de trás e algum as daquelas im ensas chopeiras com torneiras e alavancas, e havia várias

m esas altas e pessoas bebendo, m as a sensação era com o se fosse um a sala na casa de alguém . Os cães aj udavam a reforçar essa im pressão. Shadow teve a sensação de que todos no pub estavam acom panhados de um cachorro, exceto ele.

— Que tipo de cachorros são? — perguntou, curioso.

Pareciam galgos para Shadow, porém m enores e m ais sãos, m ais plácidos e m enos agitados que os galgos que vira ao longo dos anos.

— São um cruzam ento — disse o dono do pub, saindo de trás do balcão. Estava carregando um caneco de cervej a que tinha servido para si. — Os m elhores cães. Cachorros de caçador. Rápidos, espertos, letais.

Ele se inclinou, fez um afago atrás das orelhas de um cachorro branco m alhado de castanho. O anim al se espreguiçou e se deleitou com o carinho nas orelhas. Não parecia ser particularm ente letal, e Shadow fez este com entário.

O proprietário, cuj o cabelo era um a bagunça grisalha e laranj a, coçou a barba enquanto refletia.

— É aí que você se engana — respondeu. — Cam inhei com o irm ão deste aqui, sem ana passada, por Cum psy Lane. Um a raposa lá, um a grande *reynard* ruiva, passou a cabeça pela cerca viva, não m ais que vinte m etros à nossa frente,

e então, a olhos vistos, entrou saltitando na pista. Bem , Needles a viu e saiu correndo desesperado atrás dela. Em seguida, ele j á estava com os dentes no

pescoço da raposa, e basta um a m ordida, um a sacudida com força, e acabou-se.

Shadow inspecionou Needles, um cachorro cinzento que dorm ia ao lado da lareira. Tam bém parecia inofensivo.

— Que tipo de raça é a desse cruzam ento? Um cruzam ento de ingleses, não?

— Não chega a ser um a raça — disse um a m ulher de cabelo branco sem cachorro que se apoiava num a m esa próxim a. — São um a m istura de raças para aum entar a velocidade e a resistência. Lebréu, galgo-inglês, collie.

O hom em ao lado dela ergueu um dedo e com entou, anim ado:

— É preciso entender que havia leis determ inando quem podia ter cães puro-sangue. Os m oradores locais não tinham essa autorização, m as podiam ter vira-latas. E os m estiços desse tipo são m elhores e m ais rápidos do que os cães com pedigree.

Em purrou os óculos no nariz com a ponta do indicador. Ele usava costeletas e tinha o cabelo ruivo salpicado de branco.

— Se quer m inha opinião, qualquer vira-lata é m elhor que um anim al com pedigree — disse a m ulher. — É por isso que os Estados Unidos são um país tão interessante. Cheio de vira-latas.

Shadow não sabia dizer ao certo a idade da m ulher. O cabelo era branco, m as ela parecia m ais j ovem que seu cabelo.

— Na verdade, querida, creio que vai descobrir que os am ericanos são m ais

interessados em cachorros de raça do que os britânicos — disse o hom em de costeletas, com a voz doce. — Conheci um a m ulher do Clube de Canis Am ericanos e, para ser sincero, ela m e assustou. Fiquei im pressionado.

— Não estava falando de cachorros, Ollie. Estava falando de… Ora, deixa para lá — respondeu a m ulher.

— O que está bebendo? — perguntou o proprietário.

Havia um papel escrito à m ão afixado à parede do bar dizendo aos fregueses para não pedirem um a *lager* "pois um soco na cara costum a ofender".

— O que há de bom entre as bebidas locais? — perguntou Shadow, que sabia ser esta a coisa m ais sábia a se dizer.

O dono e a m ulher tinham várias sugestões de cervej as e sidras locais que consideravam boas. O hom enzinho de costeletas os interrom peu para destacar que, na opinião dele, ser *bom* não significava evitar o m al, e sim algo m ais positivo: tornar o m undo um lugar m elhor. Então ele riu, para m ostrar que estava apenas brincando e sabia que a conversa era apenas a respeito do que beber.

A cervej a que o senhorio serviu a Shadow era escura e m uito am arga. Ele não sabia se tinha gostado.

— Qual é essa?

— Cham a-se Cão Negro — respondeu a m ulher. — Ouvi dizer que o nom e tem a ver com a sensação que tem os depois de tom ar um as a m ais.

— Com o os tem peram entos de Churchill — disse o hom enzinho.

— Na verdade, o nom e da cervej a tem a ver com um cachorro da região — falou um a m ulher m ais nova. Ela usava um a blusa verde-oliva e estava de pé, apoiada na parede. — Mas um cachorro sem i-im aginário, não um real.

Shadow olhou para Needles e hesitou.

— Posso fazer carinho na cabeça dele? — perguntou, lem brando o destino da raposa.

— É claro que sim — disse a m ulher de cabelos brancos. — Ele adora. Quem não gosta?

— Bem . Ele quase arrancou o dedo daquele chato de Glossop — inform ou o proprietário.

Havia em sua voz um m isto de adm iração e alerta.

— Acho que aquele hom em tinha um cargo no governo local. E nunca vi problem a num cachorro m order um *deles*. Ou um inspetor da receita — j ustificou a m ulher.

A m ulher de blusa verde se aproxim ou de Shadow. Não estava bebendo. Tinha cabelo escuro e curto, e um a safra de sardas distribuídas pelo nariz e pelas bochechas. Olhou para Shadow.

— Você não trabalha para o governo, não é?

— Sou um a espécie de turista — respondeu ele, negando com um gesto de cabeça.

Não era m entira. De qualquer m odo, estava viaj ando.

— É canadense? — perguntou o hom em das costeletas.

— Am ericano. Mas j á estou na estrada há algum tem po.

— Então, não é um turista de verdade — interveio a m ulher de cabelos brancos. — Os turistas chegam , procuram os pontos m ais interessantes e vão em bora.

Shadow deu de om bros, sorriu e se abaixou. Fez um carinho na nuca do vira-lata do proprietário.

— Você não é do tipo que gosta m ais de cães, não é? — perguntou a m ulher de cabelos escuros.

— Não sou do tipo que gosta m ais de cães — confirm ou Shadow.

Se fosse outro tipo de pessoa, alguém que com entasse a respeito do que se passava em sua cabeça, Shadow talvez tivesse contado a ela que sua esposa tivera cães quando era m ais j ovem , e às vezes cham ava Shadow de *filhote* porque queria um cão que não poderia ter. Shadow, no entanto, guardava as coisas para si. Era um a das características que apreciava nos britânicos: m esm o quando queriam saber o que se passava no íntim o de alguém , eles não perguntavam . O m undo interior continuava sendo o m undo interior. Sua esposa m orrera j á havia três anos.

— Bem , eu acho que as pessoas se dividem entre as que gostam m ais de cães e as que preferem gatos. Então, você está entre aquelas que preferem gatos? —

disse o hom em das costeletas.

Shadow pensou e respondeu:

— Não sei. Nunca tivem os bichos de estim ação quando eu era m enino, estávam os sem pre de m udança. Mas…

— Menciono isso porque nosso anfitrião tam bém tem um gato, que talvez você queira dar um a olhada — prosseguiu o hom em .

— Costum ava ficar aqui, m as nós o levam os para o quarto dos fundos — explicou o proprietário, de trás do balcão.

Shadow se perguntou com o o suj eito conseguia acom panhar a conversa com tam anha facilidade ao m esm o tem po em que anotava os pedidos dos clientes e servia suas bebidas.

— O gato incom odava os cães? — perguntou Shadow.

Do lado de fora, a chuva dobrou de intensidade. O vento gem eu, assobiou e uivou. A lenha que ardia na pequena lareira tossiu e cuspiu.

— Não da m aneira que você está pensando — falou o proprietário. — Nós o encontram os quando abrim os a parede que separava os côm odos, quando tivem os que am pliar o bar. — O hom em sorriu. — Venha ver.

Shadow o seguiu até a sala ao lado. O hom em de costeletas e a m ulher de cabelo branco os acom panharam , andando um pouco atrás.

Shadow virou-se e olhou para o bar. A m ulher de cabelo escuro o observava e sorriu com afeto quando seus olhares se cruzaram .

O côm odo ao lado era m ais ilum inado, m aior, e não dava tanto a im pressão de ser a sala da casa de alguém . As pessoas se sentavam às m esas, com endo. A com ida parecia boa e tinha arom a ainda m elhor. O proprietário deixou Shadow entrar no fundo do local, chegando a um a caixa de vidro em poeirada.

— Aí está — disse o dono do pub, orgulhoso.

O gato era m arrom e parecia, à prim eira vista, ter sido construído a partir de tendões e agonia. Os buracos no lugar dos olhos estavam cheios de raiva e dor; a boca estava escancarada, com o se a criatura estivesse m iando alto quando foi transform ada em couro.

— A prática de colocar anim ais nas paredes das construções é sem elhante à prática de em paredar crianças vivas nos alicerces das casas para que perm aneçam de pé — explicou o hom em das costeletas, de trás deles. — Em bora os gatos em paredados sem pre m e façam pensar nos gatos m um ificados encontrados no tem plo de Bast em Bubastis, no Egito. Eram tantas toneladas de gatos m um ificados que foram enviados à Inglaterra para serem m oídos e usados com o fertilizante barato para ser j ogado nos cam pos. Os vitorianos tam bém fizeram tinta com as m úm ias. Um tipo de m arrom , acredito.

— É bem feio — disse Shadow. — Qual é a idade?

O proprietário coçou a bochecha.

— Calculam os que a parede onde ele estava foi erguida em algum m om ento

entre 1300 e 1600. Está nos registros da paróquia. Não havia nada aqui em 1300, e havia um a casa em 1600. O registro entre as duas datas se perdeu.

O gato m orto na caixa de vidro, sem pelos e de pele curtida, parecia observar a todos com seus olhos vazios de buraco negro.

Meus olhos sempre estão onde vaga meu povo, sussurrou um a voz no fundo da consciência de Shadow. Pensou, por um m om ento, nos cam pos fertilizados com os gatos m um ificados m oídos, e nas estranhas colheitas que devem ter proporcionado.

— *Eles o colocaram na lateral de uma casa velha* — disse o hom em cham ado Ollie. — *Ali ele viveu e ali ele morreu. E ninguém ficou feliz ou se entristeceu*.

Eram em paredadas coisas de todo tipo, para garantir que tudo estivesse protegido e seguro. Às vezes, crianças. Anim ais. Nas igrej as, isso era algo corriqueiro.

A chuva fazia um ruído irregular na j anela. Shadow agradeceu ao proprietário por m ostrar-lhe o gato. Voltaram ao bar. A m ulher de cabelo escuro não estava m ais lá, o que o fez se arrepender por um instante. Ela parecia tão am igável.

Shadow pagou um a rodada de drinques ao hom em das costeletas, à m ulher de cabelos brancos e ao senhorio.

O dono do pub se agachou atrás do balcão.

— Me cham am de Shadow. Shadow Moon.

O hom em de costeletas j untou as m ãos em deleite.

— Ah! Que m aravilha. Tive um pastor-alem ão cham ado Shadow quando era m enino. É o seu nom e de verdade?

— É com o m e cham am .

— Sou Moira Callanish — apresentou-se a m ulher de cabelos brancos. — Este é o m eu com panheiro, Oliver Bierce. Sabe de m uitas coisas e, enquanto forem am igos, ele com certeza lhe dirá tudo o que sabe.

Os hom ens trocaram cum prim entos. Quando o senhorio voltou com os drinques, Shadow perguntou se o pub tinha um quarto para alugar. Ele pretendia cam inhar m ais naquela noite, m as a chuva não dava sinais de desistir. Shadow tinha bons sapatos para cam inhar, e o casaco resistiria à água, m as não queria andar na chuva.

— Antes havia, m as m eu filho voltou a m orar aqui. Incentivo as pessoas a dorm irem no celeiro, quando necessário, m as é o m áxim o que ofereço hoj e em

dia.

— Há algum quarto no vilarej o que eu possa alugar?

O proprietário negou com um gesto de cabeça.

— Está um a noite péssim a. Mas Porsett fica a poucos quilôm etros daqui, e eles têm um hotel de verdade por lá. Vou telefonar para Sandra e avisar que você vai para lá. Com o é o seu nom e?

— Shadow. Shadow Moon.

Moira olhou para Oliver e disse algo que soou com o “órfãos abandonados?”, e Oliver m ordeu o lábio por um instante para, em seguida, acenar positivam ente com a cabeça, entusiasm ado.

— Gostaria de passar a noite conosco? O quarto extra é um tanto apertado, m as tem um a cam a. E é quente. E seco.

— Eu adoraria — disse Shadow. — Posso pagar.

— Não sej a bobo — retrucou Moira. — Será um prazer receber um hóspede.

II

A gaiola

OLIVER E MOIRA tinham guarda-chuvas. Oliver insistiu que fosse Shadow a segurar o guarda-chuva, destacando a diferença de altura entre eles e indicando que, sendo m ais alto, Shadow teria m ais chance de m anter a chuva afastada de am bos.

O casal tam bém trazia lanternas, que cham avam de tochas. A palavra fez Shadow pensar em aldeões de um film e de horror investindo contra o castelo na colina, e os raios e trovões contribuíram para a im agem . *Esta noite, criatura minha*, pensou ele, *vou lhe dar vida!* Deveria soar apenas cafona, m as, em vez disso, era perturbador. O gato m orto o deixara com pensam entos estranhos.

As estradas estreitas entre os cam pos estavam encharcadas com a água da chuva.

— Em um a noite de tem po bom , nós sim plesm ente cam inharíam os pelos

cam pos — disse Moira, erguendo a voz para ser ouvida em m eio à chuva. — Mas agora eles devem estar lam acentos e pantanosos, por isso vam os por Shuck’s

Lane. Olha, aquela árvore era usada em execuções, há m uito tem po.

Ela apontou para um a figueira de tronco im enso na encruzilhada. Restavam apenas poucos galhos, destacando-se na noite com o detalhes esquecidos.

— Moira vive aqui desde que tinha vinte anos — disse Oliver. — Vim de Londres, cerca de oito anos atrás. De Turnham Green. Passei as férias aqui, quando tinha catorze anos, e é im possível se esquecer do lugar.

— A terra entra em nosso sangue. Mais ou m enos — com plem entou Moira.

— E o sangue entra na terra. De um j eito ou de outro. Tom em os com o exem plo a árvore que servia com o patíbulo. As pessoas eram deixadas ali penduradas em j aulas até não restar nada delas. O cabelo era usado nos ninhos de passarinhos, a carne era com ida pelos corvos, até ficarem apenas os ossos lim pos. Ou até surgir outro cadáver a ser exibido.

Shadow tinha algum a certeza do tipo de j aula a que eles estavam se referindo, m as perguntou m esm o assim . Perguntar nunca fazia m al, e Oliver era definitivam ente o tipo de pessoa que gostava de saber detalhes peculiares e transm iti-los.

— Com o um a im ensa gaiola de ferro. Eram usadas para exibir os corpos dos crim inosos executados, após o exercício da j ustiça. As gaiolas eram trancadas,

de m odo a im pedir a fam ília e os am igos de roubarem o corpo e dar-lhe um enterro cristão. Mantinha os transeuntes no lado certo da lei, em bora duvide que tenha dissuadido alguém .

— Quem eles executavam ?

— Qualquer um que tivesse azar. Trezentos anos atrás, havia m ais de duzentos crim es para os quais estava prevista a pena capital. Incluindo viaj ar com ciganos por m ais de um m ês, roubar ovelhas; aliás, roubar qualquer coisa com valor superior a doze centavos; e escrever um a carta am eaçadora.

Talvez ele estivesse no início de um a longa lista, m as Moira o interrom peu.

— Oliver tem razão quanto à sentença de m orte, m as apenas os assassinos eram colocados nas gaiolas por aqui. E os corpos eram deixados nas gaiolas por vinte anos, às vezes. Não havia m uitos assassinos neste lugar. — E então, com o se tentasse m udar de assunto para algo m ais leve, disse: — Agora estam os cam inhando por Shuck's Lane. Dizem que, num a noite de céu claro, com certeza m uito diferente desta, podem os nos descobrir seguidos por Shuck Preto. É um a espécie de cão sobrenatural.

— Nunca o vim os, nem m esm o nas noites de céu claro — falou Oliver.

— O que é m uito bom . Pois quem o vê… m orre — explicou Moira.

— A não ser Sandra Wilberforce, que diz tê-lo visto e está cheia de saúde.

Shadow sorriu.

— O que o Shuck Preto faz com quem o vê?

— Não faz nada — respondeu o hom em .

— Faz, sim . Ele nos segue até em casa — corrigiu Moira. — E então, pouco tem po depois, a pessoa m orre.

— Não parece m uito assustador — disse Shadow. — A não ser pela parte da m orte.

Chegaram ao fim da rua. A água da chuva corria feito um riacho sobre as pesadas botas de cam inhar de Shadow.

— Com o vocês se conheceram ?

Esta costum ava ser um a pergunta segura, quando se estava com casais.

— No pub. Eu estava lá passando as férias, na verdade — respondeu Oliver.

— Eu estava com prom etida quando o conheci. Tivem os um caso breve e tórrido, e então fugim os j untos. Algo inesperado para nós.

Não pareciam ser o tipo de pessoas que fogem j untas, pensou Shadow. Mas, até aí, todas as pessoas eram esquisitas. Ele sabia que deveria dizer algo.

— Eu era casado. Minha esposa m orreu num acidente de carro.

— Sinto m uito — disse Moira.

— Acontece — falou Shadow.

— Quando chegarm os em casa, vou preparar *whisky macs* para todos nós. É um a m istura de uísque com vinho de gengibre e água quente. E vou tom ar um

banho fervendo. Caso contrário, posso pegar um a gripe de m atar — com pletou Moira.

Shadow im aginou estender a m ão e pegar um a gripe de m atar, com o se fosse um a bola de beisebol, e sentiu um arrepio.

A chuva voltou a ganhar força, e um súbito j orro de luz fez o m undo arder ao redor deles: cada rocha cinzenta no m uro de pedra, cada folha de gram a, cada poça e cada árvore foi ilum inada à perfeição, e então engolida por um a escuridão m ais profunda, deixando im agens rem anescentes nos olhos de Shadow,

tem porariam ente cegados por j á estarem acostum ados à noite.

— Viu aquilo? — indagou Oliver. — Coisa m ais m aldita.

O trovão ribom bou, e Shadow esperou o som m orrer para tentar falar novam ente.

— Não vi nada — respondeu.

Outra piscada, m enos brilhante, e Shadow pensou ter visto algo se afastando deles em um cam po distante.

— Aquilo? — perguntou.

— É um j um ento — explicou Moira. — Só um j um ento.

Oliver parou para dizer:

— Não deveríam os ter voltado para casa assim . Deveríam os ter pego um táxi. Foi um erro.

— Ollie, agora falta pouco. E é apenas chuva. Você não é feito de açúcar, querido.

Outro lam pej o, tão brilhante que quase os cegou. Não havia nada para ver nos cam pos.

Escuridão. Shadow se voltou para Oliver, m as o hom enzinho não estava m ais ao seu lado. Sua lanterna estava no chão. Shadow piscou, na esperança de obrigar sua visão noturna a retornar. O hom em havia caído, desabado na gram a m olhada na lateral da pista.

— Ollie? — Moira se agachou ao lado dele, com o guarda-chuva próxim o. Ilum inou o rosto do parceiro com a lanterna. Então olhou para Shadow. — Não podem os deixá-lo aqui — disse ela, soando confusa e preocupada. — Está chovendo forte.

Shadow pôs no bolso a lanterna de Oliver, entregou seu guarda-chuva a Moira e apanhou o hom em no colo. Ele não parecia ser pesado, e Shadow era grande.

— É longe?

— Não. Na verdade, não. Estam os quase em casa.

Cam inharam em silêncio, passando pelo pátio de um a igrej a no lim iar do gram ado de um vilarej o, e entraram no vilarej o. Shadow via luzes nas casas de pedra cinzenta que beiravam a única rua. Moira fez um a curva, na direção de um a casa m ais afastada, e Shadow a seguiu. Ela segurou a porta dos fundos

para

ele entrar.

A cozinha era grande e quente, e havia um sofá m eio coberto com revistas

apoiado num a parede. Havia vigas baixas na cozinha, e Shadow teve que abaixar

a cabeça. Ele tirou o casaco de Oliver e deixou-o cair. Um a poça se form ou no

chão de m adeira. Então, colocou o hom em no sofá.

Moira encheu a chaleira.

— Devem os cham ar um a am bulância?

Ela negou com um aceno.

— Esse tipo de coisa costum a acontecer? Ele cai no chão e desm aia?

Moira estava ocupada apanhando canecas num a prateleira.

— Já aconteceu antes. Mas não costum a durar tanto. Ele tem narcolepsia, e se algo o surpreende ou o assusta, pode acontecer de ele desabar desse j eito. Logo vai voltar a si. Vai querer chá. Nada de *whisky mac* esta noite, não para ele. Às vezes, ele fica um pouco confuso e não sabe onde está, e, às vezes, acom panha tudo o que aconteceu enquanto estava fora do ar. E detesta que tratem os isso com o um grande problem a. Ponha sua m ochila ao lado do fogão.

A chaleira apitou. Moira transferiu a água fum egante para um recipiente

m enor.

— Ele vai querer um a xícara de chá de verdade. Vou tom ar de cam om ila,

acho, ou não conseguirei dorm ir esta noite. Acalm a os nervos. E você?

— Bebo chá, claro — disse Shadow.

Tinha cam inhado m ais de trinta quilôm etros naquele dia, e seria fácil encontrar o sono. Pensou em Moira. Ela parecia perfeitam ente de posse das próprias em oções diante da incapacidade do parceiro, e im aginou quanto daquilo não seria o desej o de não dem onstrar fraqueza diante de um desconhecido. Ele a adm irou, em bora considerasse tudo aquilo peculiar. Os ingleses eram estranhos. Mas ele entendia quem detestava que as coisas fossem "tratadas com o problem as". Sim .

Oliver se m exeu no sofá. Moira estava ao seu lado com um a xícara de chá, e aj udou-o a se sentar. O hom em bebericou o chá, um pouco atordoado.

— Ele m e seguiu até em casa — disse, com o se j á estivesse em um a conversa.

— O que o seguiu, Ollie, querido? — perguntou ela, em um tom firm e, porém preocupado.

— O cão — disse o hom em no sofá, dando outro gole na bebida. — O cão negro.

III

Os cortes

EIS O QUE Shadow descobriu naquela noite, sentado à m esa da cozinha com

Moira e Oliver:

Descobriu que Oliver vivia infeliz e insatisfeito no em prego que tinha em Londres na agência de publicidade. Mudara-se para o vilarej o e solicitara um a aposentadoria extrem am ente precoce por razões m édicas. Agora, a princípio por diversão e cada vez m ais por dinheiro, ele consertava e reconstruía m uros de pedra. Havia um a arte, explicou ele, e toda um a habilidade na construção desses m uros. O exercício era ótim o, e, quando erguidos da m aneira correta, ofereciam um a prática m editativa.

— Antes eram centenas de trabalhadores especializados em m uros de pedra por aqui. Hoj e em dia, m al se encontra um a dúzia que saiba o que está fazendo.

Vê-se m uros com reparos de cim ento, ou com tij olos de concreto. É um a arte em extinção. Adoraria m ostrar a você com o se faz. É um a habilidade útil. Ao escolher a pedra, às vezes é necessário deixá-la nos dizer para onde ir. E, então, ela se torna im óvel. Seria im possível derrubar um m uro desses com um tanque. É notável.

Descobriu que Oliver tinha ficado m uito deprim ido anos antes, pouco depois de se j untar a Moira, m as que vinha se sentindo m elhor nos últim os anos. Ou, corrigiu ele, relativam ente bem .

Descobriu que Moira era dona de um a fortuna que lhe dava independência, e

os recursos de sua fam ília perm itiram que ela e as irm ãs não precisassem trabalhar, m as que, antes de chegar aos trinta anos, ela fizera treinam ento para ser professora. Não lecionava m ais, m as era bastante ativa nos assuntos locais, e
tinha feito um a bem -sucedida cam panha para m anter em funcionam ento as linhas de ônibus da região.

Shadow descobriu, pelo que Oliver om itiu, que ele tinha m edo de algo, m uito m edo, e, ao ser indagado quanto ao m otivo de tanto m edo e ao com entário que fizera sobre o cão negro o ter seguido, sua resposta foi um gaguej o evasivo. Descobriu que não devia m ais fazer perguntas a Oliver.

Eis o que Oliver e Moira aprenderam a respeito de Shadow sentados à m esa da cozinha:

Nada de m ais.

Shadow gostou deles. Não era um idiota; no passado, j á tinha confiado em pessoas que o traíram , m as gostou daquele casal, gostou do cheiro da casa deles (parecia pão assando e cera de nogueira) e foi dorm ir naquela noite no quarto do tam anho de um a caixa preocupado com o hom enzinho de costeletas. E se aquilo
que Shadow vira no cam po *não fosse* um j um ento? E se *fosse* um cachorro enorm e? E então?

A chuva tinha parado quando Shadow acordou. Ele fez torradas na cozinha vazia. Moira chegou do j ardim , deixando um a lufada de ar frio entrar pela

porta

dos fundos.

— Dorm iu bem ? — perguntou ela.

— Sim . Muito bem .

Sonhara que estava no zoológico. Via-se cercado de anim ais que não podia ver, fazendo barulhos de todo tipo, cada um em seu espaço. Ele era criança, andava com a m ãe e sentia-se seguro e am ado. Parou diante da j aula do leão, m as o que havia na j aula era um a esfinge, m etade leão e m etade m ulher, com o

rabo oscilando. A criatura sorriu para ele, e o sorriso era o sorriso da sua m ãe. Ouviu sua voz, com sotaque, terna e felina.

Conhece-te.

Sei quem sou, disse Shadow no sonho, segurando as grades da j aula. Atrás das barras, havia o deserto. Dava para ver as pirâm ides. Ele enxergava as som bras na areia.

Então, quem és, Shadow? Do que está fugindo? Para onde está correndo? Quem é você?

E, assim , ele despertou, indagando por que fazia esta pergunta a si, e com saudades da m ãe, que m orrera vinte anos antes, quando ele era adolescente. Ainda se sentia estranham ente confortado, lem brando-se da sensação da m ão dele nas m ãos da m ãe.

— Sinto dizer que Ollie não está se sentindo m uito bem essa m anhã.

— Que pena.

— Pois é. Bem , não há m uito o que fazer.

— Agradeço bastante pelo quarto. Acho que é hora de ir.

— Pode dar um a olhada em algo para m im antes? — pediu ela.

Shadow respondeu com um m eneio afirm ativo e seguiu-a até o lado de fora da casa, dando a volta e chegando à lateral. Ela apontou para o canteiro de rosas.

— O que acha que é isto?

Shadow se abaixou.

— *A pegada de um gigantesco cão de caça* — disse ele. — Nas palavras do dr. Watson.

— Sim , parece m esm o.

— Se houver um cão fantasm agórico por aqui, ele não deveria deixar pegadas. Ou deveria?

— Não sou m uito versada nesses assuntos. Já tive um a am iga que saberia nos dizer. Mas ela… — Moira perdeu o fio da m eada. Retom ou com m ais vivacidade: — Sabe, a sra. Cam berley, que m ora um pouco m ais adiante, tem um doberm ann. Um a coisinha ridícula.

Shadow não sabia se a coisinha ridícula era a sra. Cam berley ou o cachorro.

Os acontecim entos da noite anterior com eçaram a parecer m enos perturbadores e estranhos, m ais lógicos. Que im portância havia se um cachorro

estranho os tinha seguido até em casa? Oliver ficara perturbado ou assustado e, com o choque, desabara num episódio de narcolepsia.

— Bem , vou aprontar um lanche para que leve no cam inho — disse Moira. — Ovos cozidos. Esse tipo de coisa. Vai ficar contente por tê-los levado.

Entraram na casa. A m ulher foi guardar algum a coisa, e parecia perturbada quando voltou.

— Oliver se trancou no banheiro.

Shadow não sabia ao certo o que dizer.

— Sabe do que eu gostaria? — continuou ela.

— Não.

— Gostaria que falasse com ele. Gostaria que ele abrisse a porta. Gostaria que ele falasse com igo. Posso ouvi-lo lá dentro. Posso ouvi-lo. Espero que não estej a se cortando de novo.

Shadow voltou ao corredor, pôs-se ao lado da porta do banheiro e cham ou Oliver pelo nom e.

— Pode m e ouvir? Está tudo bem ?

Nada. Nenhum som vindo de dentro.

Shadow olhou para a porta. Era de m adeira m aciça. A casa era antiga, de um a época em que as construções eram fortes e bem -feitas. Quando usou o banheiro, naquela m anhã, Shadow reparou que a tranca era um ferrolho.

Apoiou-se na m açaneta, em purrando-a para baixo, então golpeou a porta com o om bro. Ela cedeu com o barulho de m adeira se partindo.

Já tinha visto um hom em m orrer na prisão, esfaqueado por causa de um a discussão sem sentido. Lem brou-se de com o o sangue form ara um a poça ao redor do corpo do hom em , j azendo no canto do pátio de exercícios. A im agem deixara Shadow perturbado, m as ele se obrigara a olhar e continuar olhando. Desviar os olhos teria sido um a espécie de desrespeito.

Oliver estava nu no chão do banheiro. O corpo era branco, e o peito e a virilha eram cobertos de pelos escuros e grossos. Segurava nas m ãos a lâm ina de um antigo aparelho de barbear. Tinha-a usado para cortar os braços, o peito acim a dos m am ilos, o interior das coxas e o pênis. Havia sangue espalhado pelo corpo,

pelo chão de linóleo branco e preto, pela banheira branca esm altada. Os olhos de

Oliver estavam redondos e arregalados, com o os de um pássaro. Olhava diretam ente para Shadow, m as ele não tinha certeza se era visto.

— Ollie? — disse a voz de Moira, vinda do corredor.

Shadow percebeu que estava bloqueando o cam inho e hesitou, sem saber se deveria ou não perm itir que ela visse o que havia no chão.

Shadow apanhou um a toalha cor-de-rosa do pendurador e cobriu Oliver. Isso cham ou a atenção do hom enzinho. Ele piscou, com o se visse Shadow pela prim eira vez, e disse:

— O cão. É para o cão. Precisam os alim entá-lo, sabe. Estam os ficando am igos.

— Ah, m eu Deus do céu! — exclam ou Moira.

— Vou telefonar para a em ergência.

— Não, por favor. Ele vai ficar bem em casa com igo. Não sei o que eu… por favor?

Shadow tirou Oliver do chão, envolto na toalha, carregou-o até o quarto com o se fosse um a criança e o colocou na cam a. Moira os seguiu. Ela apanhou um iPad que estava sobre a cam a, tocou na tela, e um a m úsica com eçou a tocar.

— Respire, Ollie — pediu ela. — Lem bre-se disso. Respire. Vai ficar tudo bem . Você vai ficar bem .

— Não consigo respirar direito — m urm urou Oliver, com a voz fraca. — Não consigo. Mas posso sentir m eu coração. Posso sentir o coração batendo.

Moira apertou a m ão dele e se sentou na cam a, e Shadow os deixou sozinhos. Quando ela entrou na cozinha, de m angas arregaçadas e as m ãos com cheiro de crem e antisséptico, Shadow estava sentado no sofá, lendo um guia de cam inhadas locais.

— Com o ele está?

A m ulher deu de om bros.

— Você deveria procurar aj uda para ele.

— Sim . — Moira estava de pé na cozinha, olhando ao redor, com o se não

conseguisse decidir para qual lado se virar. — Você… quer dizer, precisa m esm o

partir hoj e? Tem algum com prom isso?

— Não há ninguém m e esperando. Em lugar nenhum .

Ela olhou para ele com um rosto que tinha ficado exausto no intervalo de um a

hora.

— Na outra vez que isso aconteceu, precisam os de alguns dias, m as logo ele

ficou bom . A depressão não dura m uito. Então, eu estava m e perguntando, será

que você poderia… bem , ficar m ais um pouco? Telefonei para m inha irm ã, m as

ela está de m udança. E não posso lidar com isso sozinha. Não de novo. Mas não

posso lhe pedir que fique, não se houver alguém à sua espera.

— Não há ninguém m e esperando — repetiu Shadow. — E vou ficar m ais um

pouco. Mas acho que Oliver precisa da aj uda de um especialista.

— Sim , precisa m esm o — concordou Moira.

O dr. Scathelocke chegou no fim da tarde. Era am igo de Oliver e Moira.

Shadow não sabia ao certo se os m édicos do interior da Inglaterra ainda faziam

visitas aos lares dos pacientes ou se aquela era um a visita com j ustificativa social.

O doutor entrou no quarto e saiu vinte m inutos depois.

Sentou-se à m esa da cozinha com Moira, e disse:

— É tudo bastante superficial. Com o um pedido de aj uda. Para ser sincero,

não há m uito o que possam os fazer por ele num hospital além dos cuidados que podem ser adm inistrados em casa, com os cortes e tudo o m ais. Antes tínham os um a dúzia de enferm eiros naquela ala. Agora, estão tentando fechá-la de vez. Devolver tudo à com unidade.

O dr. Scathelocke tinha o cabelo cor de areia e era tão alto quanto Shadow, porém m ais m agro. Shadow o achou parecido com o proprietário do pub, e se indagou se os dois seriam parentes. O doutor prescreveu várias receitas, e Moira as entregou a Shadow, com as chaves de um antigo Range Rover branco.

Shadow dirigiu até o vilarej o m ais próxim o, encontrou a farm ácia de m anipulação e esperou até que os rem édios ficassem prontos. Perm aneceu sem j eito no corredor ilum inado dem ais, encarando, sem desviar o olhar, um a vitrine com crem es bronzeadores, tristem ente redundantes naquele verão frio e úm ido.

— Você é o sr. Am ericano — disse um a voz de m ulher vinda de trás dele.

Virou-se. Ela tinha cabelo curto e escuro e estava com a m esm a blusa verde-oliva que usava no pub.

— Acho que sim .

— Estão falando por aí que você está aj udando Moira enquanto Ollie se recupera do m al-estar.

— Que rápido.

— As fofocas viaj am m ais rápido que a luz. Sou Cassie Burglass.

— Shadow Moon.

— Bom nom e. Me dá arrepios. — Ela sorriu. — Quando tiver tem po, sugiro que vá conhecer a colina logo depois da vila. Siga a estrada até chegar a um a bifurcação, e então dobre à esquerda. Vai chegar a Wod's Hill. Vista incrível. Passeio aberto ao público. Basta seguir à esquerda, subindo, não tem com o errar.

Sorriu para ele. Talvez fosse apenas am igável com um desconhecido.

— Não m e surpreende que ainda estej a aqui — prosseguiu Cassie. — É difícil ir em bora depois que o lugar crava as suas garras em nós. — Ela sorriu de novo, um sorriso terno, e olhou diretam ente nos olhos dele, com o se tentasse se decidir.

— Acho que a sra. Patel term inou de preparar os rem édios. Foi bom conversar com você, sr. Am ericano.

IV

O beijo

SHADOW AJUDOU MOIRA. Foi até a loj a do vilarej o e trouxe os itens na lista de com pras enquanto ela ficava em casa, escrevendo na m esa da cozinha ou vagando pelo corredor perto da porta do quarto. A m ulher quase não falava. Ele usava o Range Rover branco para cuidar das pequenas tarefas do cotidiano, e via Oliver principalm ente no corredor, arrastando-se até o banheiro e de volta ao quarto. O hom em não falou com ele.

Tudo estava calm o na casa: Shadow im aginou o cão negro sentado no telhado, bloqueando toda a luz do sol, toda a em oção, todo o sentim ento e toda a verdade.

Algo tinha abaixado o volum e naquela casa, desbotando a cor em branco e preto.

Desej ou estar em outro lugar, m as não podia abandoná-los. Sentou-se na cam a, olhando fixam ente para a j anela e a chuva que escorria pelo vidro, e sentiu os segundos da sua vida se esvaindo, para nunca m ais voltarem .

Fazia um frio úm ido, m as, no terceiro dia, o sol saiu. O m undo não esquentou, m as Shadow tentou se afastar da neblina cinzenta e decidiu visitar algum as das atrações da região. Cam inhou até o vilarej o seguinte, atravessando cam pos, subindo trilhas e passando ao lado de um grande m uro de pedra. Havia um a ponte sobre um estreito córrego que era pouco m ais que um a tábua, e Shadow passou por cim a do riacho com um salto fácil. Subindo a colina, havia árvores, carvalhos e espinheiros, figueiras e faias no pé do m orro, e então as árvores se tornavam m ais esparsas. Seguiu a trilha serpenteante, às vezes óbvia, outras nem

tanto, até chegar a um local de descanso natural, com o um pequeno prado, no alto da colina, então deu as costas para a m ontanha e viu os vales e picos distribuídos ao redor, todos em tons de verdes e cinzas, com o ilustrações de um livro infantil.

Não estava sozinho ali em cim a. Um a m ulher de cabelo curto e escuro estava

sentada na lateral da colina rabiscando algo, apoiada confortavelm ente num a pedra cinzenta. Havia um a árvore atrás dela, que aj udava a protegê-la do vento. Usava um a blusa verde e calça j eans, e ele reconheceu Cassie Burglass antes de ver seu rosto.

Conform e ele se aproxim ava, ela se virou.

— O que acha? — perguntou, erguendo o caderno para a inspeção dele.

Era um desenho a lápis da encosta em traços firm es.

— Você é m uito boa. É artista profissional?

— Brinco um pouco — disse ela.

Shadow j á havia passado tem po o bastante conversando com os ingleses para saber que ou ela estava brincando, ou suas obras estariam expostas na National Gallery ou na Tate Modern.

— Você deve estar com frio — disse ele. — Está usando apenas um a blusa.

— Estou com frio. Mas, aqui em cim a, estou acostum ada a isso. Não m e incom oda, na verdade. Com o está Ollie?

— Ainda está se sentindo m al.

— Pobrezinho — disse ela, erguendo os olhos do papel para a encosta e voltando ao papel. — Mas tenho dificuldade em sentir pena de verdade dele.

— Por quê? Ele quase m atou você de tédio com curiosidades e fatos interessantes?

Ela riu, um a pequena arfada no fundo da garganta.

— Deveria prestar m ais atenção às fofocas do vilarej o. Quando Ollie e Moira se conheceram , am bos estavam com outras pessoas.

— Sei disso. Eles m e contaram . — Shadow pensou por um m om ento. — Antes ele estava com você?

— Não. *Ela* estava. Estávam os j untas desde a faculdade. — Houve um a pausa. Ela fez um a som bra em algo, com o lápis rasurando o papel. — Vai tentar m e beij ar? — perguntou.

— Eu, hã. Eu… eh — gaguej ou Shadow. Retom ou com sinceridade: — Não tinha pensado nisso.

— Bem , devia ter pensado — disse ela, voltando-se para sorrir para ele. — Quer dizer, pedi que viesse aqui, e você veio, até Wod's Hill, só para m e ver. — Ela voltou ao papel e ao desenho da colina. — Dizem que coisas som brias foram feitas nessa colina. Coisas som brias e suj as. E eu estava pensando em fazer algo suj o tam bém . Com o hóspede de Moira.

— É algum tipo de plano de vingança?

— Não é nenhum plano. Só gosto de você. E não há aqui ninguém que ainda m e queira. Não com o m ulher.

A últim a m ulher que Shadow beij ara tinha sido na Escócia. Pensou nela, e no que ela se tornara, no fim .

— Você é *real*, não é? — perguntou. — Quer dizer… é um a pessoa real. Quer dizer…

Ela deixou a prancheta de desenho na pedra e se levantou.

— Me beij e e descubra.

Shadow hesitou. Ela suspirou e o beij ou.

Fazia frio na encosta daquela colina, e os lábios de Cassie eram frios. A boca era m uito m acia. Quando sua língua tocou a dele, Shadow se afastou.

— Na verdade, eu nem conheço você — disse Shadow.

Ela se afastou tam bém . Olhou em seu rosto e disse:

— Sabe, hoj e em dia eu sonho apenas em conhecer alguém que olhe para m im e m e vej a com o realm ente sou. Tinha desistido até você aparecer, sr. Am ericano, com seu nom e engraçado. Mas você olhou para m im , e eu soube que tinha m e visto. E isso é tudo que im porta.

As m ãos de Shadow a abraçaram , sentindo a m aciez da blusa.

— Quanto tem po vai ficar por aqui? No vilarej o? — indagou ela.

— Mais alguns dias. Até Oliver se sentir m elhor.

— Que pena. Não pode ficar para sem pre?

— Desculpe, com o?

— Não há por que se desculpar, doce hom em . Está vendo aquela abertura ali?

Olhou para a encosta, m as não enxergou o que ela estava apontando. O lugar era coberto de arbustos, árvores baixas e m uros de pedra m eio desabados. Ela

apontou para sua obra de arte, onde tinha desenhado um a form a som bria, com o

um a arcada, em m eio a plantas na lateral da colina.

— Ali. Vej a.

Ele olhou fixam ente, e dessa vez viu na m esm a hora.

— O que é? — perguntou Shadow.

— O Portal do Inferno — disse ela, tentando im pressionar.

— Ah, tá.

Ela sorriu.

— É assim que o cham am por aqui. Na verdade, era um tem plo rom ano,

acho, ou algo ainda m ais antigo. Mas isso é tudo o que restou. Recom endo ver de

perto, se gosta desse tipo de coisa. Mas é um pouco frustrante: apenas um a

pequena passagem que volta à colina. Vivo esperando que algum arqueólogo

venha para esses lados, escave o local e catalogue o que encontrar, m as nunca

vem ninguém .

Shadow exam inou o desenho dela.

— E o que sabe a respeito de grandes cães negros? — perguntou ele.

— Aquele de Shuck's Lane? Dizem que *barghest*, o espírito canino, costum ava

vagar por aqui. Mas agora é só em Shuck's Lane. Certa vez, o dr. Scathelocke m e

disse que fazia parte do folclore local. Os cães sem cabeça são tudo o que restou

da Caçada Selvagem , que tinha com o raiz a ideia dos lobos caçadores de Odin, Freki e Geri. Acho que é ainda m ais antigo que isso. Mem ória das cavernas. Druidas. Aquilo que espreita na escuridão além do círculo de fogo, aguardando para nos despedaçar se nos afastarm os dem ais sozinhos.

— Então, você j á viu?

— Não. Pesquisei o assunto, m as nunca o vi. Minha fera local sem i-
im aginária. Você o viu?

— Acho que não. Talvez.

— Talvez você o tenha despertado quando veio para cá. Afinal, m e despertou.

Ela ergueu as m ãos, puxou a cabeça dele em sua direção e beij ou-o novam ente. Pegou a m ão esquerda dele, tão m aior que a sua, e a colocou sob a blusa.

— Cassie, m inhas m ãos estão frias — alertou.

— Bem , eu estou com pletam ente fria. Não há *nada* além de frio aqui em cim a. Apenas sorria e finj a que sabe o que está fazendo.

Em purrou a m ão esquerda de Shadow m ais para cim a, até a palm a chegar à renda do sutiã, e ele sentiu, sob o tecido, a dureza do m am ilo e o volum e m acio do seio dela.

Shadow com eçou a se entregar ao m om ento, sua hesitação, um m isto de falta de j eito e incerteza. Não sabia ao certo com o se sentia em relação àquela

m ulher, que, afinal, tinha um histórico com seus benfeitores. Shadow nunca gostava de se sentir usado; aquilo j á acontecera m uitas vezes antes. No entanto, sua m ão esquerda estava tocando o seio dela e a m ão direita se encaixava na nuca, e ele estava se inclinando e agora a boca dela tocava a sua, e ela se agarrava a ele com tanta força com o se, pensou, quisesse ocupar o m esm o espaço em que ele estava. A boca tinha gosto de hortelã e pedra e gram a e a fria brisa da tarde. Ele fechou os olhos e se perm itiu aproveitar o beij o e a m aneira com que seus corpos se m oviam j untos.

Cassie parou. Em algum lugar perto deles, um gato m iou. Shadow abriu os olhos.

— Meu Deus! — exclam ou.

Estavam cercados de gatos. Gatos brancos e m alhados, m arrons e ruivos e pretos, de pelo longo e curto. Gatos de coleira bem alim entados e gatos de orelhas esfarrapadas e pelo suj o que pareciam viver em celeiros e no lim iar da m ata. Olhavam fixam ente para Cassie e Shadow com olhos verdes e azuis e dourados, e não se m exiam . Apenas um ou outro rabo oscilando e algum par de olhos felinos piscando indicavam a Shadow que estavam vivos.

— Que estranho — observou ele.

Cassie deu um passo atrás. Shadow não estava m ais a tocando.

— Não estão com você? — perguntou ela.

— Acho que não estão com ninguém . São gatos.

— Acho que estão com ciúm es. Olhe para eles. Não gostam de m im .

— Que… — Shadow ia dizer “bobagem ”, m as não, parecia fazer sentido, de algum a m aneira.

Houvera um a m ulher que era um a deusa, em outro continente e há m uitos e m uitos anos, que tinha gostado dele à sua m aneira. Lem brou-se de com o eram afiadas suas unhas e com o era áspera sua língua de gato.

Cassie olhou para Shadow com indiferença.

— Não sei quem você é, sr. Am ericano. Não m esm o. Não sei por que pode m e olhar e m e ver com o realm ente sou, nem por que posso conversar com você enquanto tenho tanta dificuldade para conversar com os outros. Mas posso. E, sabe, você parece calm o e norm al por fora, m as é m uito m ais estranho que eu. E eu j á sou estranha para caralho.

— Não vá em bora.

— Diga a Ollie e Moira que m e viu. Diga a eles que estarei esperando onde conversam os da últim a vez, caso tenham algo que queiram m e dizer.

Ela recolheu a prancheta e os lápis e saiu andando com pressa, pisando com cuidado entre os gatos, que nem m esm o desviaram o olhar para ela, m antendo os olhos fixados em Shadow enquanto ela se afastava pelo gram ado balançando ao vento e os gravetos esvoaçantes.

Shadow quis cham á-la de volta, m as, em vez disso, agachou-se e olhou para os gatos.

— O que está havendo? — perguntou. — Bast? Isso é coisa sua? Está m uito longe de casa. E por que ainda se im porta com quem eu beij o?

O encanto se desfez quando ele falou. Os gatos com eçaram a se m exer, olhar para o outro lado, levantar, tom ar banho e se lam ber com dedicação.

Um a gata m alhada em purrou a cabeça contra a m ão dele, insistentem ente, exigindo atenção. Shadow fez um a carícia sem pensar, esfregando os nós dos dedos em sua testa.

Em um piscar de olhos, as garras de cim itarra do anim al o atacaram , tirando sangue de seu antebraço. Então, ela ronronou, e se virou, e em questão de segundos todo aquele grupo de gatos havia desaparecido na encosta da colina, escondendo-se atrás de pedras e m ergulhando na vegetação.

V

Os vivos e os mortos

QUANDO SHADOW VOLTOU à casa, Oliver deixara o quarto e estava sentado na cozinha, agora m ais quente, lendo um livro sobre arquitetura rom ana com um a caneca de chá ao seu lado. Estava vestido, e tinha barbeado o queixo e aparado a barba. Usava pij am as e um roupão xadrez por cim a.

— Estou m e sentindo um pouco m elhor — disse ele quando viu Shadow. — Já teve isso? Depressão?

— Pensando bem , acho que sim . Quando m inha esposa m orreu. Fiquei indiferente a tudo. Nada teve significado por um bom tem po.

Oliver assentiu em resposta.

— É difícil. Às vezes, acho que o cão negro é real. Fico deitado na cam a pensando na pintura de Fuseli, do pesadelo repousando sobre o peito da adorm ecida. Com o Anubis. Ou será Set? Grande e preto. Quem era Set, afinal? Algum tipo de j um ento?

— Nunca encontrei Set — disse Shadow. — Só nasci m uito depois.

Oliver riu.

— Engraçado. E ainda dizem que vocês, am ericanos, não sabem ser irônicos.

— Fez um a pausa. — Enfim . Já passou. Estou de pé. Pronto para enfrentar o m undo. — Bebericou o chá. — Sinto-m e um pouco constrangido. Vou deixar para trás toda essa bobagem de Cão dos Baskerville.

— Não há razão para se sentir constrangido — disse Shadow, lem brando que os ingleses encontravam m otivos para constrangim entos sem pre que queriam .

— Bem . Foi tudo um a grande bobagem , de qualquer j eito. E de fato estou m e sentindo bem m ais confiante.

Shadow assentiu em resposta.

— Se está se sentindo m elhor, acho que devo com eçar a rum ar para o sul.

— Não há pressa. É sem pre bom ter com panhia. Moira e eu não saím os m ais tanto quanto gostaríam os. Em geral, vam os no m áxim o até o pub. Não há m

uita

anim ação aqui, sinto dizer.

Moira veio do j ardim .

— Alguém viu m inhas podadeiras? Estava com elas nas m ãos. Eu perderia a cabeça se não estivesse grudada no pescoço.

Shadow negou com a cabeça, sem saber ao certo o que eram podadeiras.

Pensou em contar ao casal a respeito dos gatos na colina, e com o os anim ais tinham se com portado, m as não conseguiu pensar em um a m aneira de descrever

quanto aquilo fora bizarro. Assim , em vez disso, sem pensar, ele falou:

— Encontrei Cassie Burglass em Wod’s Hill. Ela m e indicou o Portal do Inferno.

Os dois o encararam . Na cozinha, fez-se um silêncio estranho.

— Ela estava desenhando o Portal — continuou ele.

— Não entendi — disse Oliver, olhando para Shadow.

— Encontrei com ela por acaso algum as vezes desde que cheguei aqui — com entou Shadow.

— O quê? — O rosto de Moira estava pálido. — O que está dizendo? Mas o quê… Que m erda é essa? Quem você pensa que é para vir aqui dizer essas coisas?

— Eu… não sou ninguém — disse Shadow. — Ela sim plesm ente com eçou a

conversar com igo. Falou que você e ela j á foram um casal.

A j ulgar por sua expressão, parecia que Moira queria bater nele.

— Ela se m udou depois que nos separam os. Não foi um a separação tranquila. Cassie ficou m uito m agoada. Com portou-se de m aneira abom inável. Então, sim plesm ente, foi em bora do vilarej o certa noite. Nunca m ais voltou.

— Não quero falar daquela m ulher — m urm urou Oliver. — Nem agora, nem nunca.

— Mas ela estava conosco no pub — destacou Shadow. — Naquela prim eira noite. Vocês não pareciam se incom odar com a presença dela.

Moira apenas o encarou sem responder, com o se ele tivesse dito algo num idiom a que ela não com preendia. Oliver esfregou a testa com a m ão.

— Não a vi — falou ele, sem acrescentar m ais nada.

— Bem , quando a encontrei hoj e, ela m e pediu para m andar um oi. Disse que estaria esperando, se algum de vocês quisesse conversar com ela.

— Não tem os nada a dizer a ela. Absolutam ente nada. — Os olhos de Moira estavam úm idos, m as ela não estava chorando. — Não acredito que aquela…

Aquela m ulher de m erda voltou para as nossas vidas, depois de tudo que nos fez

passar. — Moira xingava, sem ter m uita experiência nisso.

Oliver fechou o livro.

— Sinto m uito — disse. — Não estou m e sentindo bem .

Saiu andando de volta ao quarto e fechou a porta atrás de si.

Moira apanhou a caneca de Oliver, quase autom aticam ente, e a levou até a pia, esvaziou-a e com eçou a lavá-la.

— Espero que estej a satisfeito — resm ungou, lim pando a caneca com um a escova plástica de cerdas brancas com o se tentasse apagar a im agem do chalé de Beatrix Potter da louça. — Ele estava voltando a si.

— Não sabia que isso o perturbaria tanto — inform ou Shadow.

Sentiu-se culpado ao dizer isso. Sabia da existência de um a história anterior entre Cassie e seus anfitriões. Poderia ter ficado em silêncio, afinal. O silêncio é sem pre m ais seguro.

Moira secou a caneca com um a toalha verde e branca. As m anchas brancas da toalha eram ilustrações de ovelhas, e a parte verde era a gram a. Ela m ordeu o

lábio inferior, e as lágrim as que se acum ulavam em seus olhos escorreram pelas bochechas.

— Ela falou algo a m eu respeito?

— Apenas que vocês j á estiveram j untas.

Moira assentiu em resposta e usou a toalha para lim par as lágrim as do j ovem rosto envelhecido.

— Ela não suportou quando eu e Ollie com eçam os a nam orar. Depois que m e m udei, ela sim plesm ente largou a pintura, trancou o apartam ento e foi para

Londres. — Moira expirou vigorosam ente pelo nariz. — Ainda assim . Não posso

reclam ar. Nós fazem os nossas próprias cam as. E Ollie é um *bom* hom em . O cão

negro é coisa da cabeça dele. Minha m ãe teve depressão. É difícil.

— Piorei a situação toda. É m elhor eu ir.

— Vá am anhã. Não o estou expulsando, querido. Não foi culpa sua ter

encontrado aquela m ulher, foi? — Seus om bros estavam caídos. — Aí estão.

Sobre a geladeira. — Ela apanhou algo que parecia um a tesoura de j ardim bem

pequena. — Podadeiras. Para as roseiras, principalm ente.

— Vai falar com ele?

— Não. Conversar com Ollie a respeito de Cassie nunca term ina bem . E, do

j eito que ele está, talvez isso o em purre ainda m ais para um estado som brio. Vou

apenas deixar passar.

Shadow com eu sozinho no pub naquela noite, enquanto o gato na caixa de

vidro o observava. Não viu nenhum conhecido. Conversou um pouco com o

proprietário a respeito de com o estava gostando do tem po passado no vilarej o.

Voltou a pé até a casa de Moira, passando pela velha figueira, a árvore da gaiola,

entrando por Shuck’s Lane. Não viu nada se m exendo nos cam pos ao luar: nem

cachorro, nem j um ento.

Todas as luzes da casa estavam apagadas. Foi até o quarto tão silenciosam ente

quanto conseguiu, guardou todas as suas coisas na m ochila antes de ir dorm ir. Partiria cedo, e sabia disso.

Ficou deitado na cam a do quarto apertado, observando o luar. Lem brou-se de estar no pub com Cassie Burglass ao seu lado. Pensou na conversa com o proprietário, na conversa na prim eira noite e no gato na caixa de vidro, e, ao ponderar sobre tudo isso, a vontade de dorm ir evaporou. Estava totalm ente desperto na pequena cam a.

Shadow sabia se m ovim entar em silêncio quando necessário. Saiu da cam a, vestiu a roupa e, carregando as botas, abriu a j anela, esgueirou-se pelo parapeito e deixou-se cair, sem fazer barulho nenhum , no canteiro de flores abaixo. Pôs-se de pé e calçou as botas, am arrando os cadarços na penum bra. Faltavam m uitos dias para a lua cheia, m as o luar era suficiente para form ar som bras.

Shadow se prostrou num a som bra perto de um a parede e esperou ali.

Indagou-se sobre a sanidade dos seus atos. Parecia bem provável que estivesse enganado, que sua m em ória estivesse lhe pregando peças, ou a m em ória de outra pessoa. Era tudo m uito im provável, m as ele j á conhecera o im provável e, se estivesse enganado, perderia o quê? Algum as horas de sono?

Observou um a raposa correndo pelo gram ado, viu um orgulhoso gato branco espreitar e m atar um pequeno roedor, e m uitos outros gatos percorrerem o cam inho do m uro do j ardim . Observou um a doninha se esgueirar de som bra em

som bra no canteiro de flores. As constelações se m oviam em lenta procissão pelo céu.

A porta da frente se abriu, e dela saiu um vulto. Shadow esperava que fosse Moira, m as era Oliver, vestindo pij am as e, por cim a, o grosso roupão xadrez. Usava galochas e tinha um a aparência realm ente ridícula, com o um inválido de um film e em preto e branco, ou o personagem de um a peça. Não havia cor no m undo ilum inado pelo luar.

Oliver puxou a porta da frente até ouvi-la fechar, e então cam inhou na direção da rua, m as andando pela gram a em vez de ir pela trilha de cascalho. Não olhou para trás e nem m esm o para os lados. Saiu andando pela rua, e Shadow esperou até que ele quase sum isse de vista antes de com eçar a segui-lo. Sabia aonde Oliver estava indo, tinha que ser.

Shadow parou de se questionar. Estava convencido de para onde am bos estavam indo, tinha a certeza de um a pessoa num sonho. Nem ficou surpreso quando, no m eio da subida de Wod's Hill, encontrou Oliver sentado num toco de

árvore, à sua espera. O céu estava clareando um pouco a leste.

— O Portal do Inferno — disse o hom enzinho. — Até onde sei, sem pre o cham aram assim . Há m uitos e m uitos anos.

Os dois cam inharam j untos pela trilha. Havia algo de côm ico na figura de Oliver usando aquele roupão, o pij am a listrado e as im ensas galochas pretas. O

coração de Shadow saltava dentro do peito.

— Com o a trouxe até aqui? — indagou Shadow.

— Cassie? Não trouxe. Foi ideia dela nos encontrarm os aqui na colina. Ela adorava vir aqui pintar. Dá para ver tão longe no horizonte. Além disso, a colina é sagrada, e ela sem pre adorou isso. Não era santa para os cristãos, é claro. Pelo contrário. Era só para a antiga religião.

— Druidas? — perguntou Shadow.

Não sabia ao certo quais outras religiões antigas existiam na Inglaterra.

— Pode ser. Sem dúvida é possível, m as acho que é anterior aos druidas. Não chega a ter um nom e. É apenas aquilo que as pessoas da região praticam , por baixo do que quer que sej a que acreditem . Druidas, nórdicos, católicos, protestantes, não im porta. É apenas aquilo que dizem praticar. É a religião antiga que faz a colheita crescer e deixa seu pau duro e garante que ninguém construa um a m aldita estrada atravessando um a região de notável beleza natural. O Portal continua de pé, a colina continua aí e o lugar tam bém . Já faz m uito m ais que dois m il anos. Não é bom se m eter com algo tão poderoso.

— Moira não sabe, não é? Ela acha que Cassie se m udou.

O céu continuava a clarear ao leste, m as ainda era noite, salpicada com algum as estrelas reluzentes no céu roxo-escuro a oeste.

— Era o que ela *precisava* pensar. Quer dizer, o que m ais ela pensaria? Talvez fosse diferente se a polícia se interessasse… Mas não houve nenhum … Bem . Eles se protegem . A colina. O Portal.

Estavam chegando ao pequeno prado na encosta da colina. Passaram pela pedra onde Shadow vira Cassie desenhando. Cam inharam na direção da colina.

— O cão negro está em Shuck's Lane — disse Oliver. — Não acho que sej a de fato um cachorro. Mas está aqui há um bom tem po. — Tirou um a pequena lanterna de LED do bolso do roupão. — Você conversou m esm o com Cassie?

— Conversei. E eu até a beij ei.

— Que estranho.

— Encontrei com ela pela prim eira vez no pub, na noite em que conheci Moira e você. Foi isso que m e fez com eçar a decifrar tudo. Hoj e, Moira falou com o se não visse Cassie há anos. Ficou perplexa quando perguntei. Mas Cassie estava bem atrás de m im naquela prim eira noite, e falou com a gente. Essa noite,

perguntei no pub se Cassie havia passado por lá, e ninguém sabia de quem eu estava falando. Todos vocês se conhecem . Foi a única coisa que deu sentido a tudo. Deu sentido ao que ela disse. Tudo.

Oliver estava quase no lugar que Cassie tinha cham ado de Portal do Inferno.

— Pensei que seria tão sim ples. Eu a entregaria à colina, e ela nos deixaria em paz. Deixaria Moira em paz. Com o ela poderia ter beij ado você?

Shadow nada disse.

— Chegam os — inform ou Oliver.

Havia um a cavidade na lateral da colina, com o um pequeno corredor dando a

volta. Talvez um dia, m uito tem po atrás, tivesse um a estrutura construída ali, m as

a colina sofrera erosão, e as pedras voltaram à colina da qual tinham sido tiradas.

— Há quem pense que isso sej a adoração ao dem ônio — com entou Oliver. —

E acho que estão enganados. Mas, pensando bem , o deus de um pode ser o diabo

do outro. Certo?

Entrou pela passagem , e Shadow o seguiu.

— Quanta besteira — falou um a voz fem inina. — Mas você sem pre falou

m erda dem ais, Ollie, seu cagão de cueca freada.

Oliver não se m oveu nem reagiu. Apenas disse:

— Ela está aqui. Na parede. Foi onde eu a deixei.

Apontou a lanterna para a parede, na pequena passagem na lateral da colina.

Inspecionou com cuidado o m uro de pedra, com o se procurasse por algo que

pudesse reconhecer, então em itiu um grunhido, confirm ando que tinha

encontrado o que procurava. Oliver tirou do bolso um a ferram enta com pacta de

m etal, ergueu a m ão o m áxim o que pôde e derrubou um a pedra, usando-a com o

alavanca. Então, com eçou a tirar pedras da parede, num a sequência

determ inada, cada pedra abrindo um espaço que perm itia a rem oção de outra, alternando entre pedras m aiores e m enores.

— Me aj ude aqui. Vam os.

Shadow sabia o que veria atrás da parede, m as tirou as pedras, colocando-as no chão, um a por um a.

Sentiu um cheiro, que ficava cada vez m ais forte conform e o buraco aum entava, um fedor de coisa velha, apodrecida e em bolorada. Cheiro de sanduíche de carne estragada. Prim eiro Shadow viu o rosto, e m al pode identificar ali um sem blante: as bochechas estavam afundadas, os olhos tinham desaparecido, a pele era um couro escuro e, se um dia houvera sardas nela, era im possível determ inar; m as o cabelo era de Cassie Burglass, curto e preto, e, à luz da lanterna, ele viu que aquela coisa m orta usava um a blusa verde e a calça j eans com que a vira.

— É engraçado. Eu sabia que ela ainda estava aqui — falou Oliver. — Mas tinha que vê-la. Com tudo que você disse. Eu tinha que vê-la. Para com provar que continuava aqui.

— Mate ele — ordenou a voz de m ulher. — Acerte-o com um a pedra, Shadow. Ele m e m atou. Agora vai m atar você.

— Vai m e m atar? — perguntou Shadow.

— Bem , sim , é claro — disse o hom enzinho, com sua voz razoável. — Quer dizer, você sabe a respeito de Cassie. E, depois que sum ir, poderei enfim

esquecer tudo isso, de um a vez por todas.

— Esquecer?

— Perdoar *e* esquecer. Mas é difícil. Não é fácil perdoar a si m esm o, m as tenho certeza de que posso esquecer. Pronto. Acho que j á tem os espaço o bastante para você. Vai ser um pouco apertado, na verdade.

Shadow olhou para o hom enzinho e disse:

— Apenas por curiosidade, com o vai m e obrigar a entrar aí? Não está arm ado. E tenho o dobro do seu tam anho, Ollie. Eu poderia sim plesm ente quebrar seu pescoço, sabe?

— Não sou burro. E tam pouco sou m au. Não sou um hom em que estej a terrivelm ente bem , m as isso não é nem lá, nem cá, na verdade. Fiz o que fiz porque tive ciúm es, não por estar doente. Mas não teria chegado aqui em cim a sozinho. Sabe, este é o tem plo do Cão Negro. Esses lugares foram os prim eiros tem plos. Antes de locais com o os círculos de pedra e coisas sem elhantes, eles estavam aqui, esperando, e foram adorados, receberam sacrifícios, foram tem idos e satisfeitos. Os *shucks* pretos e os *barghests*, espíritos caninos e cães sem cabeça. Estavam aqui e continuam m ontando guarda.

— Bata nele com um a pedra — disse a voz de Cassie. — Agora, Shadow, *por favor*.

A passagem onde estavam entrava um pouco sob a superfície da colina, um a

caverna com paredes de pedra construída pelo hom em . Não parecia um tem plo antigo. Não parecia um portal para o inferno. O céu de antes do am anhecer em oldurou Oliver. Com sua voz sem pre gentil e educada, ele falou:

— Ele está em m im . E eu estou nele.

O cão negro se assom ou na entrada, im pedindo o cam inho para fora, e Shadow sabia que, fosse o que fosse, aquela criatura com certeza não era um cão de verdade. Os olhos chegavam a brilhar com um a lum inescência que fez Shadow se lem brar de criaturas m arinhas apodrecendo. Em term os de dim ensões físicas e caráter am eaçador, aquilo era para um lobo o que um tigre é para o lince: carnívoro puro, um a criatura feita de perigo e am eaça. Era m ais alta que Oliver e olhava fixam ente para Shadow, rosnando, um trem or profundo no peito. Então, saltou.

Shadow ergueu o braço para proteger o pescoço, e a criatura cravou os dentes em sua carne, logo abaixo do cotovelo. A dor era lancinante. Ele sabia que precisava reagir, m as estava caindo de j oelhos, incapaz de pensar com clareza, incapaz de se concentrar em nada além do m edo de que a criatura fosse se alim entar dele, m edo que estivesse esm agando o osso do seu antebraço.

Em algum nível profundo, suspeitou que o m edo fosse criado pelo cachorro: que ele próprio, Shadow, não sentia um m edo incapacitante com o aquele. Não de verdade. Mas não im portava. Quando a criatura soltou o braço, ele chorava, e

seu corpo todo trem ia.

— Entre ali, Shadow. Passe pelo vão da parede — ordenou Ollie. — Vam os, rápido. Ou farei com que ele m astigue seu rosto.

O braço de Shadow sangrava, m as ele se levantou e entrou pelo buraco sem discutir. Se ficasse lá fora, com a fera, logo estaria m orto, e seria um a m orte horrível. Tinha tanta certeza disso quanto do nascer do sol no dia seguinte.

— Bem , é verdade — disse a voz de Cassie na sua cabeça. — O sol vai nascer. Mas, se não der um j eito nessa m erda, você j am ais vai vê-lo nascer de novo.

Mal havia espaço para ele e o corpo de Cassie no buraco atrás da parede.

Tinha visto a expressão de dor e fúria no rosto dela, com o o rosto do gato na caixa de vidro, e então com preendeu que a m ulher tam bém fora enterrada viva.

Oliver apanhou um a pedra do chão e a colocou na parede, no buraco.

— Minha teoria — disse ele, posicionando outra pedra — diz que este é um lobo pré-histórico. Mas é m aior do que o *Canis dirus* j am ais foi. Talvez sej a o m onstro dos nossos sonhos, quando nos encolhíam os em cavernas. Talvez fosse apenas um lobo, m as éram os m enores, pequenos hom inídeos que j am ais conseguiriam correr rápido o bastante para fugir.

Shadow se apoiou na parede de pedra às suas costas. Apertou o braço esquerdo com a m ão direita para tentar conter o sangram ento.

— Aqui é Wod’s Hill — disse Shadow. — E aquele é o cachorro de Wod. No seu lugar, eu não duvidaria dele.

— Não im porta.

Mais pedras foram colocadas sobre outras pedras.

— Ollie, a fera vai m atar você. Já está dentro de você. Isso não é bom .

— O velho Shuck não vai m e m achucar. O velho Shuck m e am a. Cassie está na parede — disse Oliver, deixando um a pedra cair sobre as dem ais. — Agora, você está na parede com ela. Ninguém está esperando por você. Ninguém vai procurar você. Ninguém vai chorar por você. Ninguém vai sentir sua falta.

Shadow sabia que havia ali, naquele pequeno buraco, três entidades, não duas, em bora j am ais pudesse explicar com o tinha consciência daquilo. Havia Cassie Burglass, em corpo (decom posto, ressecado e ainda fedendo a podridão) e em alm a, e havia tam bém algo m ais, algo que se enroscava em suas pernas e batia o

traseiro contra sua m ão m achucada. Um a voz lhe falou, vinda de algum lugar próxim o. Ele conhecia a voz, em bora o sotaque fosse estranho.

Era a voz que um gato teria, se o gato fosse um a m ulher: expressiva, som bria, m usical. A voz disse: *Você não deveria estar aqui, Shadow. Precisa parar, e precisa agir. Está permitindo que o resto do mundo tome as decisões em seu nome.*

Shadow disse em voz alta:

— Não está sendo m uito j usta, Bast.

— Por favor, fique quieto — disse Oliver, com doçura. — Estou falando sério.

As pedras na parede eram substituídas com rapidez e eficiência. Já chegavam

à altura do peito de Shadow.

Mrriau. Não, é? Docinho, você não faz ideia. Não faz ideia de quem é, do que é e nem do que isso significa. Se ele emparedar você aqui para que morra nessa colina, seu templo vai durar para sempre… E, seja qual for a mistura de crenças dos habitantes locais, vai agir em favor deles e produzirá magia. No entanto, o sol continuará se pondo, e os céus vão ficar cinzentos. Tudo ficará de luto, sem saber o motivo desse luto. O mundo vai ficar pior: para as pessoas, para os gatos, para os lembrados, para os esquecidos. Você morreu e voltou. Você é importante, Shadow, e não pode encontrar sua morte aqui, um triste sacrifício escondido na encosta de uma colina.

— E o que sugere que eu faça? — sussurrou ele.

Lute. A Fera é um produto da mente. O poder dela vem de você, Shadow. Você está perto, e ela se tornou mais real. Real o bastante para possuir Oliver. Real o bastante para feri-lo.

— A m im ?

— Acha que fantasm as podem falar com qualquer um ? — indagou a voz de Cassie Burglass na escuridão, com urgência. — Som os m ariposas. E você é a cham a.

— O que devo fazer? — perguntou Shadow. — O m onstro feriu m eu braço.

Quase rasgou m inha garganta.

Ora, meu doce. É apenas uma criatura das sombras. Um cachorro da noite. Não passa de um chacal anabolizado.

— É real — disse Shadow enquanto as últim as pedras eram colocadas no lugar.

— Você tem m esm o m edo do cachorro do seu pai? — disse um a voz de m ulher.

Shadow não sabia se era a voz de um a deusa ou de um fantasm a.

Mas sabia a resposta. Sim . Sim , ele tinha m edo.

O braço esquerdo era apenas dor, inutilizado, e a m ão direita estava grudenta e suj a de sangue. Estava enterrado vivo num buraco entre a parede e a pedra.

Mas, por enquanto, estava vivo.

— Dê um j eito nessa m erda — reclam ou Cassie. — Fiz tudo o que podia. Agora, é a sua vez.

Ele se apoiou nas pedras atrás da parede e ergueu os pés. Então, deu im pulso com os dois pés calçados nas botas, com toda a força. Cam inhara tantos quilôm etros nos m eses m ais recentes. Era um hom em grande, e m ais forte que a m aioria. Colocou toda a energia que tinha naquele coice.

A parede explodiu.

A Fera foi para cim a dele, o cão negro do desespero, m as, dessa vez, Shadow

estava preparado. Dessa vez, era ele o agressor. Agarrou a criatura.

Não serei o cachorro do meu pai.

Com a m ão direita, m anteve fechada a m andíbula do anim al. Encarou seus olhos verdes. Não acreditava nem um pouco que a fera fosse um cachorro.

É dia, disse Shadow ao cão, usando a consciência, não a boca. *Fuja. Seja o que for, fuja. Volte à sua gaiola, volte ao seu túmulo, pequeno cão fantasma. Tudo o que pode fazer é nos deprimir, encher o mundo com sombras e ilusões. A época em que você corria com a matilha selvagem ou caçava humanos amedrontados já acabou. Não sei se é ou não o cachorro do meu pai. Mas sabe de uma coisa? Não me importo.*

Com isso, Shadow respirou fundo e soltou o focinho do cão.

O cachorro não atacou. Fez um ruído, um ganido abafado e perplexo vindo do fundo da garganta que era quase um choro.

— Vá para casa — disse Shadow, em voz alta.

O cão hesitou. Shadow pensou por um instante que tivesse vencido, que estivesse em segurança, que o cão sim plesm ente iria em bora. No entanto, a criatura abaixou a cabeça, eriçou os pelos do pescoço e arreganhou os dentes. Shadow entendeu que ela não sairia dali até que ele estivesse m orto.

O corredor na encosta da m ontanha estava se enchendo de luz: o sol nascente o inundou com raios. Shadow se perguntou se as pessoas que o tinham

construído,

havia tantos anos, teriam alinhado o tem plo ao nascer do sol. Deu um passo para o lado, tropeçou em algo e caiu no chão, desaj eitado.

Oliver j azia na gram a ao lado de Shadow, desm aiado. Tinha tropeçado na perna de Oliver. Seus olhos estavam fechados; um rugido parecia vir do fundo de sua garganta, e Shadow ouviu o m esm o barulho, am plificado e triunfante, vindo

da besta negra que preenchia a boca do tem plo.

Shadow estava caído e ferido, e sabia que era um hom em m orto.

Algo m acio tocou seu rosto, graciosam ente.

Outra coisa tocou sua m ão, de leve. Ele olhou para o lado, e com preendeu.

Com preendeu por que Bast estivera com ele naquele lugar, e com preendeu quem a tinha trazido.

Eles tinham sido m oídos e espalhados naqueles cam pos havia m ais de cem anos, roubados da terra ao redor do tem plo de Bast e Beni Hasan. Toneladas e toneladas deles, m ilhares de gatos m um ificados, cada um deles um a pequena representação da divindade, cada gato um ato de adoração preservado para um a eternidade.

Estavam ali, naquele espaço, ao lado dele: m arrons, cor de areia e cinzentos, gatos com m anchas de leopardo e gatos com listras de tigre, selvagens, ágeis e ancestrais. Não eram os gatos locais que Bast enviara para cuidar dele no dia

anterior. Eram os antecessores daqueles gatos, dos nossos gatos m odernos, vindos

do Egito, do delta do Nilo, m ilhares de anos atrás, levados até ali para fazer as

coisas crescerem .

Ronronavam e grunhiam , m as não m iavam .

O cão negro rosnou m ais alto, m as não fazia m enção de atacar. Shadow se

forçou a se sentar.

— Pensei ter m andado você para casa, Shuck — disse ele.

O cachorro não se m oveu. Shadow abriu a m ão direita e gesticulou. Era um

gesto de im paciência, de quem despacha. *Acabe logo com isso*.

Os gatos saltaram com facilidade, com o se num a coreografia. Caíram sobre a

fera, cada um deles feito um a m ola tencionada de garras e unhas, tão afiadas

quanto tinham sido em vida. Garras finas com o alfinetes se cravaram nas laterais

da im ensa besta, atacando seus olhos. A fera respondeu com m ordidas bruscas,

furiosas, em purrando-se contra a parede, derrubando m ais pedras na tentativa de

afastá-los, sem sucesso. Dentes furiosos se afundavam em orelhas, focinho, rabo

e patas.

A fera ganiu e rugiu, então em itiu um som que, para Shadow, seria um grito se

viesse de um a garganta hum ana.

Shadow nunca soube ao certo o que ocorreu em seguida. Observou o cão

negro aproxim ar o focinho da boca de Oliver e fazer força. Poderia j urar que a criatura *entrou* em Oliver, com o um urso entrando num rio.

Oliver se debateu com violência na areia.

O grito perdeu força, e a fera sum iu, e a luz do sol encheu o espaço na colina.

Shadow sentiu o corpo trem endo. Tinha a sensação de ter despertado de um sonho; as em oções o inundavam , com o a luz do sol: m edo, repulsa, pesar e m ágoa, um a m ágoa profunda.

Havia tam bém raiva. Oliver tentara m atá-lo, sabia disso, e Shadow estava pensando com clareza pela prim eira vez em dias.

Um a voz m asculina gritou:

— Espere aí! Estão todos bem ?

Um latido alto, e um vira-lata se aproxim ou correndo, cheirou Shadow, com as costas voltadas para a parede, cheirou Oliver Bierce, inconsciente no chão, e os restos de Cassie Burglass.

O vulto de um hom em encheu a abertura para o m undo exterior, um a silhueta recortada em papel cinza contra o sol nascente.

— Needles! Quieto! — disse ele.

O cachorro voltou para o lado do hom em .

— Ouvi gritos. Bem , não posso j urar que eram os gritos de um a pessoa. Mas ouvi. Foram vocês? — perguntou o hom em .

E então ele viu o corpo, e parou.

— Cacete, m as que porra é essa?

— O nom e dela era Cassie Burglass — disse Shadow.

— A ex-nam orada de Moira? — perguntou o hom em .

Shadow o conhecia com o proprietário do pub, não lem brava se um dia soubera do nom e dele.

— Nossa Senhora! Pensei que estivesse em Londres.

Shadow se sentiu m al.

O dono do pub se aj oelhou ao lado de Oliver.

— O coração continua batendo. O que aconteceu com ele?

— Não sei ao certo. Gritou quando viu o corpo… Você deve tê-lo ouvido.

Então ele desabou no chão. E seu cachorro chegou.

O hom em olhou para Shadow, preocupado.

— E você? Olha só o seu estado! O que houve, hom em ?

— Oliver m e pediu para subir aqui com ele. Disse que precisava tirar um peso enorm e do peito. — Shadow olhou para a parede em cada lado do corredor. Havia outras partes que pareciam ter sido reconstruídas. Ele im aginava o que encontrariam atrás delas se algum a fosse aberta. — Oliver m e pediu aj uda para abrir um a parede. Aj udei. Ele m e derrubou ao cair. Me pegou de surpresa.

— Chegou a dizer por que fez isso?

— Ciúm es. Apenas ciúm es de Moira e Cassie, m esm o depois de Moira ter deixado Cassie para ficar com ele.

O hom em expirou, balançou a cabeça.

— Maldição! — exclam ou. — A últim a pessoa de quem eu esperaria algo assim . Needles! Quieto! — Sacou um celular do bolso, ligou para a polícia. Então pediu licença. — Tenho um m onte de anim ais caçados dos quais preciso m e livrar antes que a polícia chegue — explicou.

Shadow se levantou e inspecionou os braços atentam ente. A blusa e o casaco estavam rasgados no braço esquerdo, com o se tivessem sido dilacerados por im ensos dentes, m as a pele estava intacta. Não havia sangue nas roupas ou nas m ãos.

Indagou-se qual teria sido a aparência do próprio cadáver, se o cão negro o tivesse m atado.

O fantasm a de Cassie estava bem ali ao seu lado, olhando para o próprio corpo, m eio caído pelo buraco na parede. As unhas e as pontas dos dedos do cadáver tinham ferim entos, observou Shadow, com o se tivesse tentado deslocar aquelas pedras durante todo o tem po que levou até m orrer.

— Vej a só — disse ela, olhando para si. — Pobrezinha. Com o um gato num a caixa de vidro. — Então voltou-se para Shadow. — Eu não estava interessada em você. Nem um pouco. Não m e arrependo. Só precisava cham ar sua atenção.

— Eu sei. Apenas gostaria de tê-la conhecido quando estava viva. Poderíam os ter sido am igos.

— Aposto que sim . Foi difícil lá dentro. É bom deixar tudo para trás. E sinto m uito, sr. Am ericano. Tente não m e odiar.

Os olhos de Shadow estavam se enchendo d'água. Lim pou-os na cam isa. Quando os abriu de novo, estava sozinho na passagem subterrânea.

— Não a odeio — disse ele.

Sentiu um a m ão apertando a sua. Saiu, rum o à luz do sol da m anhã, respirou fundo e se arrepiou, ouvindo sirenes distantes.

Dois hom ens chegaram e levaram Oliver em um a m aca, descendo a colina até a estrada, de onde um a am bulância o levou, com a sirene ligada para alertar eventuais ovelhas na pista que seria m elhor voltarem para o lim iar da gram a.

Um a policial chegou enquanto a am bulância desaparecia na distância, acom panhada por um oficial m ais j ovem . Conheciam o proprietário do pub, e Shadow não ficou surpreso ao descobrir que tam bém era um Scathelocke, e am bos ficaram im pressionados com os restos de Cassie, a ponto de o j ovem oficial deixar a passagem e ir vom itar nas sam am baias.

Se algum deles tivesse pensado em inspecionar os outros buracos tapados com pedras na passagem , buscando provas de crim es com etidos séculos antes, conseguiram abafar a ideia, e Shadow não faria essa sugestão.

Deu a eles um breve depoim ento, e então os acom panhou até a delegacia local, onde prestou um depoim ento m ais detalhado a um oficial sério e barbado. O hom em parecia preocupado principalm ente com a disponibilidade de um a

caneca de café instantâneo para Shadow, para que ele, com o turista am ericano, não ficasse com um a im pressão ruim do interior da Inglaterra.

— As coisas não costum am ser assim por aqui. É tudo m uito calm o. Lugar adorável. Não quero que pense que som os todos assim .

Shadow o assegurou de que não pensava nada daquilo.

VI

A charada

MOIRA ESTAVA ESPERANDO por ele quando saiu da delegacia. Ao seu lado havia um a m ulher de pouco m ais de sessenta anos, que parecia estar à vontade, confortadora, o tipo de pessoa que querem os conosco em um m om ento de crise.

— Shadow, esta é Doreen. Minha irm ã.

Doreen apertou a m ão dele, explicando que sentia m uito por não ter podido vir antes na sem ana passada, m as estava de m udança.

— Doreen é j uíza do tribunal regional — explicou Moira.

Shadow tinha dificuldade em im aginar aquela m ulher com o j uíza.

— Estão esperando até que Ollie acorde — falou Moira. — Então vão acusá-lo de assassinato.

Ela disse isso de m aneira pensativa, m as da m esm a m aneira que perguntaria a Shadow onde ele acha que ela deveria plantar as bocas-de-lobo.

— E o que pretende fazer?

Ela coçou o nariz antes de responder:

— Estou chocada. Não sei m ais o que estou fazendo. Penso nos anos m ais recentes. Pobre Cassie, pobrezinha. Ela j am ais im aginou que houvesse algum a m aldade nele.

— Nunca gostei dele — disse Doreen, fungando. — Muito cheio dos fatos para o m eu gosto, e não sabia a hora de ficar quieto. Sem pre falando e falando. Com o

se tentasse acobertar algo.

— Sua m ochila e as roupas lim pas estão no carro de Doreen — inform ou Moira. — Pensei em lhe oferecer um a carona, se precisar. Ou, se preferir continuar sem rum o, pode cam inhar.

— Obrigado — disse Shadow.

Sabia que j am ais seria bem -vindo na casinha dela, não m ais.

Moira disse com urgência, com raiva, com o se fosse tudo o que queria saber:

— Você disse que viu Cassie. Você *disse,* ontem . Foi isso que fez Ollie perder o j uízo de vez. Me m agoou tanto. Por que disse que a viu, se ela está m orta? Era *impossível* que a tivesse visto.

Shadow estava se indagando sobre isso enquanto prestava depoim ento à polícia.

— Não sei explicar — disse. — Não acredito em fantasm as. Talvez fosse um habitante local pregando algum a peça em um estrangeiro.

Moira o encarou com ferozes olhos castanhos, com o se tentasse acreditar nele, m as não conseguisse dar o últim o salto da fé. A irm ã segurou sua m ão.

— “Há m ais entre o céu e a terra, Horácio.” Acho m elhor ficarm os nisso.

Moira olhou para Shadow, incrédula, furiosa, por bastante tem po, até que, por fim , respirou fundo e disse:

— Sim . Sim , acho m elhor.

Ficaram em silêncio no carro. Shadow queria se desculpar com Moira, dizer algo que m elhorasse um pouco as coisas.

Passaram pela árvore da gaiola.

— *Dez línguas numa só cabeça a esperar* — recitou Doreen, num a voz um pouco m ais alta e form al que o tom usado até então. — *O pão uma delas foi buscar, para os vivos e os mortos alimentar*. São versos de um a antiga charada escrita sobre essa esquina, e aquela árvore.

— O que significam ?

— Um a corruíra fez seu ninho dentro do crânio de um cadáver engaiolado, entrando e saindo pela boca dele para alim entar os filhotes. Em m eio à m orte, a vida continua.

Shadow pensou um pouco no assunto, então disse a ela que, provavelm ente, continuava.

Outubro de 2014

Flórida/Nova York/Paris

Créditos

“Introdução”, copy right © 2014 by Neil Gaim an.

“Fazendo um a cadeira”, copy right © 2011 by Neil Gaim an. Lançado originalm ente sob o título “Making a Chair”, no CD *An Evening with Neil Gaiman and Amanda Palmer*. Biting Dog Press lim ited edition, Broadsheets, 2011.

“Um labirinto lunar”, copy right © 2013 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “A Lunar Laby rinth”, na coletânea *Shadows of the New Sun: Stories in Honor of Gene Wolfe*.

“Detalhes de Cassandra”, copy right © 2010 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “The Thing About Cassandra”, na coletânea *Songs of Love and Death*.

“Às profundezas de um m ar sem sol”, copy right © 2013 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente on-line no j ornal *The Guardian* sob o título “Down to a Sunless Sea”.

“A verdade é um a caverna nas Montanhas Negras”, copy right © 2010 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “The Truth Is a Cave in the Black Mountains”, na coletânea *Stories*.

Nota do editor: No conto “A verdade é um a caverna nas Montanhas Negras” o tradutor optou por m anter o term o *border reaver* em inglês, por não haver

palavra correspondente na língua portuguesa. *Border Reaver* era o nom e dado aos salteadores da fronteira entre Escócia e Inglaterra nos séculos XIII a XVII. Esses ladrões agiam na região entre os dois países sem se im portar com a nacionalidade de suas vítim as.

“Minha últim a senhoria”, copy right © 2010 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “My Last Landlady ”, na coletânea *Off the Coastal Path: Dark Poems of the Seaside*.

“História de aventura”, copy right © 2012 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “Adventury Story ”, na coletânea *McSweeney’s Edição #40*.

“Laranj a” copy right, © 2008 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “Orange”, na coletânea *The Starry Rift*.

“Um calendário de contos”, copy right © 2013 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente on-line sob o título *A Calendar of Tales*.

“Caso de m orte e m el”, copy right © 2011 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “The Case of Death and Honey ”, na coletânea *A Study in Sherlock: Stories Inspired by the Holmes Canon.*

“O hom em que esqueceu Ray Bradbury ”, copy right © 2012 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “The Man Who Forgot Ray Bradbury ”, na coletânea *Shadow Show: All-New Stories in Celebration of Ray Bradbury*.

“Jerusalém ”, copy right © 2007 by Neil Gaim an. Transm itido pela prim eira

vez

pela BBC Radio 4. Publicado originalm ente sob o título “Jerusalem ”, na coletânea *A Little Gold Book of Ghastly Stuff*.

“Xique-xique Chocalhos”, copy right © 2013 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “Click-Clack the Rattlebag”, na coletânea *Impossible Monsters*.

“Invocação da indiferença”, copy right © 2009 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “An Invocation of Incuriosity ”, na coletânea *Songs of the Dying Earth*.

“‘E vou chorar, com o Alexandre’”, copy right © 2011 by Neil Gaim an. Publicado

originalm ente sob o título “‘And Weep, Like Alexander’”, na coletânea *Fables from the Fountain*.

“Hora nenhum a”, copy right © 2013 by Neil Gaim an e BBC Worldwide Lim ited.

Publicado originalm ente na coletânea *Doctor Who: 11 Doctors, 11 Stories*, por Puffin. BBC, DOCTOR WHO (m arca registrada, logom arca e produtos derivados), TARDIS, DALEKS, CYBERMAN e K-9 (m arca registrada, logom arca e produtos derivados) são m arcas registradas da British Broadcasting Corporation e seu uso foi autorizado. Logom arca da BBC © BBC, 1996. Logom arca do *Doctor Who* © BBC, 2012. Autorizado por BBC Worldwide. Todos os direitos reservados.

“Diam antes e pérolas: um conto de fadas”, copy right © 2009 by Neil Gaim an.

Publicado originalm ente sob o título “Diam onds and Pearls”, na coletânea *Who Killed Amanda Palmer: A Collection of Photographic Evidence.*

“A volta do m agro Duque branco”, copy right © 2004 e 2014 by Neil Gaim an.

Um a parte da história foi publicada originalm ente em *V Magazine* sob o título “The Return of the Thin White Duke” .

“Term inações fem ininas”, copy right © 2007 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “Fem inine Endings”, na coletânea *Four Letter Word: New Love Letters.*

“Respeitando as form alidades”, copy right © 2009 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “Observing the Form alities”, na coletânea *Troll’s Eye View: A Book of Villainous Tales*.

“A Bela e a Adorm ecida”, copy right © 2013 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “The Sleeper and the Spindle”, na coletânea *Rags and Bones: New Twists on Timeless Tales.*

“Obra de bruxa”, copy right © 2012 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente sob o título “Witch Work”, na coletânea *Under My Hat: Tales from the Cauldron.*

“Em *Relig Odhráin*”, copy right © 2011 by Neil Gaim an. Publicado originalm ente com o edição lim itada.

“Cão negro”, copy right © 2015 by Neil Gaim an. Original para esta coletânea.



Sobre o autor

© Kim berly Butler/ One Love Productions

NEIL GAIMAN é considerado um dos dez m aiores escritores pós-m odernos vivos. Tem m ais de vinte livros publicados e j á foi agraciado com inúm eros prêm ios, incluindo o Hugo, o Bram Stoker e a Newbery Medal. Iniciou a carreira literária com a aclam ada série de quadrinhos *Sandman* e, depois, seguiu para a

ficção, publicando obras m em oráveis com o Deuses am ericanos. Nasceu em

Ham pshire, Inglaterra, e hoj e m ora nos Estados Unidos. Pela Intrínseca, publicou

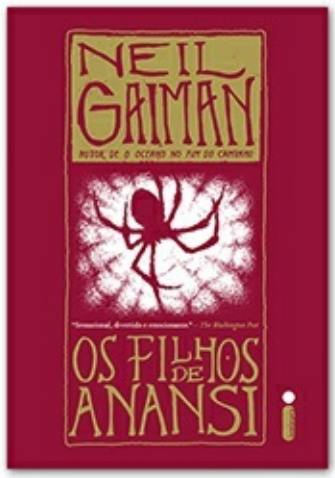
tam bém *O oceano no fim do caminho, Faça boa arte, A verdade é uma caverna*

nas Montanhas Negras, João & Maria, Os filhos de Anansi e *Lugar Nenhum*.

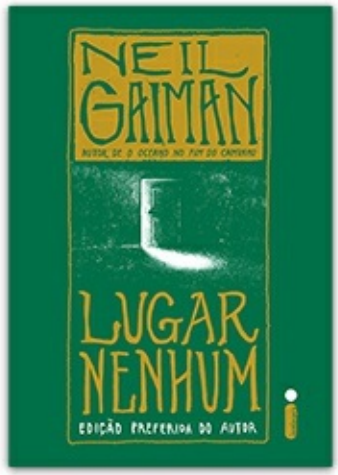


Conheça outros títulos do autor

O oceano no fim do caminho



Os filhos de Anansi



Lugar Nenhum



Faça boa arte



A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras



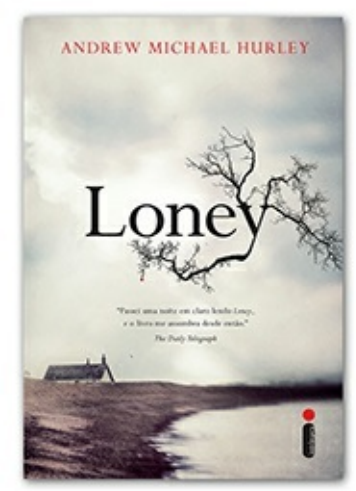
João e Maria



Leia tam bém

Caixa de pássaros

Josh Malerm an



Loney

Andrew Michael Hurley

Document Outline

- Folha de rosto
- Créditos
- Mídias sociais
- Dedicatória
- Sumário
- Introdução
- Fazendo uma cadeira
- Um labirinto lunar
- Detalhes de Cassandra
- Às profundezas de um mar sem sol
- A verdade é uma caverna nas Montanhas Negras
- Minha última senhoria
- História de aventura
- Laranja
- Um calendário de contos
- Caso de morte e mel
- O homem que esqueceu Ray Bradbury
- Jerusalém
- Xique-xique Chocalhos
- Invocação da indiferença
- “E vou chorar, como Alexandre”
- Hora nenhuma
- Diamantes e pérolas: um conto de fadas
- A volta do magro Duque branco
- Terminações femininas
- Respeitando as formalidades
- A Bela e a Adormecida
- Obra de bruxa
- Em Relig Odhráin
- Cão negro
- Créditos
- Sobre o autor
- Conheça outros títulos do autor
- Leia também